



Publicação co-financiada pelo Estado Português e pelo Fundo Social Europeu

# Manual de Boas Práticas



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Social Europeu



PROJECTO APOIADO PELO  
PROGRAMA OPERACIONAL DE ASSISTÊNCIA  
TÉCNICA AO QCAIII - EIXO FSE



SEGURANÇA SOCIAL  
INSTITUTO DA SEGURANÇA SOCIAL, I.P.

CID

Crianças, Idosos e Deficientes

Cidadania, Instituições e Direitos



# Manual de Boas Práticas

Um guia para o acolhimento residencial das crianças e jovens

*Para dirigentes, profissionais, crianças, jovens e familiares*

## FICHA TÉCNICA

### *Edição*

Instituto da Segurança Social, I.P.

Rua Rosa Araújo, 43 — 1250-194 Lisboa

iss@seg-social.pt

### *Autores*

Grupo de Coordenação do Plano de Auditoria Social

CID - Crianças, Idosos e Deficientes - Cidadania, Instituições e Direitos

### *Grupo de Trabalho*

Armando Leandro — Juiz Conselheiro Jubilado - Presidente do Grupo CID

Dora Lameirão Alvarez — Psicóloga - Grupo CID

Mário Cordeiro — Pediatra - Grupo CID

Ricardo Carvalho — Jurista - Grupo CID

### *Com a colaboração de:*

Margarida César

### *Autor do “Diário do André”*

Mário Cordeiro

### *Capa e Separadores*

José Maria Carrelhas Vilarinho Pereira

Capa - Título: “Fracos”. Técnica Mista s\ papel, 2003

### *Design e Paginação*

RPVP designers

### *Reprodução Gráfica*

CEM - Artes Gráficas

Parque Ind. ACIB - Pavilhão 38

BARCELOS

### *Tiragem*

10.000

### *ISBN*

972-99152-8-8

## AGRADECIMENTOS

A todas as Instituições que com a sua participação contribuíram para a elaboração deste Manual.

Aos elementos que realizaram o estudo qualitativo relativo às estruturas residenciais para crianças e jovens - no âmbito do plano de auditoria social e acompanhamento da protecção de menores, idosos e deficientes da Segurança Social, pela relevância dos resultados do seu trabalho, determinantes para a concepção das Boas Práticas contidas neste Manual.

Ao José Maria Carrelhas Vilarinho Pereira de 7 anos de idade, pelas excelentes pinturas que nos facultou.

À Ana Perdigão, pelo seu excelente e comovente testemunho com que se inicia este livro.

Agradece-se a Álvaro Ferreira, Ana Vicente, Bárbara Catanho de Menezes, Elsa Cochinho, Isabel Guerra, João Carlos Arga e Lima, José Diaz Huertas, Laura Vaz, Margarida César, Maria José Bento, Maria José Lobo Fernandes a Pedro Cordeiro, pelos seus contributos e sugestões.

À Rita Almeida, por toda a colaboração e o apoio prestado, na concretização deste trabalho.

Todos os nomes e histórias constantes deste Manual são fictícias, qualquer semelhança com a realidade é pura coincidência.

## APRESENTAÇÃO

*Mary Ellen era uma menina americana, vítima de abandono e maus-tratos por parte dos pais.*

*Tinha apenas 9 anos de idade quando, por acaso, foi encontrada amarrada com correntes aos pés da cama, por uma voluntária da Sociedade Americana para a Prevenção da Crueldade com os Animais.*

*Não havia qualquer norma que acautelasse tal situação, e garantisse a protecção da menor.*

*Perante a impunibilidade do facto, em Tribunal foi argumentado que a criança merecia pelo menos a mesma protecção que um cão!*

*Foi, pois, através da reivindicação para uma criança dos direitos de um cão, que se obteve o reconhecimento judicial da existência de maus-tratos infantis.*

*O João com 12 anos de idade, acompanhava a sua mãe, quando esta se prostituía. Uma noite, ficou esquecido num jardim da nossa cidade. Sozinho, dirigiu-se a uma Esquadra, onde pernitoou.*

*Na manhã seguinte, a Polícia veio trazê-lo à Comissão de Protecção de Crianças e Jovens, ficando assim sinalizado como criança em perigo.*

*Foi-lhe explicado a natureza desta entidade, o modo do seu funcionamento, e as medidas que a mesma pode aplicar.*

*O João foi ouvido contou-nos a sua história de vida, e não se opôs à nossa eventual intervenção, conforme a lei assim o exige.*

*Localizada a Mãe, também ela prestou o seu consentimento para o processo correr na Comissão, assumindo não ter condições naquele momento, para ter consigo o filho.*

*Na ausência de outras pessoas da família mais alargada que pudessem assumir o João, não foi possível concretizar o Princípio da Prevalência da Família, e foi deliberada a medida de promoção/protecção a favor do menor que naquele instante melhor servia o seu superior interesse: o Acolhimento em Instituição.*

*No acordo assinado pela sua Mãe e a Comissão, ficou desde logo estipulado um regime de visitas daquela ao João, e o compromisso em reorganizar a sua vida para voltar a ter a guarda do filho, cumprindo-se desta forma o princípio da responsabilidade parental.*

*Já integrado no Instituição, o João começou a frequentar a escola, e a auferir de apoio psicológico.*

*Um dia, encontrei-o na minha rua. Reconheceu-me como “aquela que me foi levar ao Centro”.*

*O João estava institucionalizado num Centro de Acolhimento próximo da minha casa, e no seu trajecto para a Escola, passava pela minha rua.*

*Encontrá-lo de manhã, começou a fazer parte das minhas rotinas, assim como das rotinas do meu marido e dos meus filhos, que muitas vezes já me avisavam:  
“Vem ali o João!”...*

*E era de facto comovente, vê-lo de sorriso aberto, correr rua abaixo sempre que me avistava, só para receber um beijo!*

*Aquele beijo, com que os pais acordam os filhos, mas que nos Centros de Acolhimento, nem sempre existe!*

*Ao longo dos 6 meses que durou a institucionalização do João, foram muitas as vezes que me cruzei com ele a passar de manhã na minha rua.*

*Enquanto o processo corria na Comissão de Protecção, e a evolução da mãe do João era positiva, eu partilhava a sua alegria e ouvi-lo contar os fins de semana com a Mãe, e as novidades da Escola, sempre que me encontrava na rua.*

*Um dia disse-me que já faltava pouco para voltar a viver com a Mãe...*

*E eu sabia que assim era!*

*Em nova avaliação do caso do João, a Comissão de Protecção decidiu a sua reintegração familiar, atendendo de novo ao seu superior interesse:*

*A mãe do João deixou a prostituição;*

*Arranjou uma casa para o receber;*

*Tem um contrato de trabalho;*

*E, sobretudo, demonstrou sempre a sua disponibilidade materna para voltar a assumir o filho.*

*O João voltou para a Mãe. Esse facto foi comunicado ao Tribunal, e o seu processo foi arquivado na Comissão de Protecção.*

*No entanto, a minha rua ficou mais vazia... pois já por lá não passa todas as manhãs, quem para mim corria, para apenas, e tão somente, receber um beijo!*

*A Mary Ellen nasceu em 1865.*

*O João nasceu em 1992.*

*Os 127 anos que separam o nascimento de Mary Ellen do nascimento do João, demarcam bem a distância, essencialmente jurídica, entre a ausência total de qualquer direito reconhecido à criança nascida no séc. XIX, e a existência actual de um vasto cenário legal, que não só encarou a criança como um verdadeiro sujeito titular de direitos, mas que também permitiu o seu regresso para junto da mãe.*

*No entanto – e quem trabalha nesta área sabe bem – ainda hoje, infelizmente para muitas crianças, os direitos pouco lhes valem em vida, afinal tão curta...*

## PREÂMBULO

A institucionalização de crianças e adolescentes, por prazos mais ou menos longos, mesmo quando necessária e inevitável, tem efeitos comprovadamente negativos para os próprios e para a sociedade. Estas consequências nefastas podem ser evitadas através da implementação de estratégias e políticas nacionais para apoio à criança e à família, do desenvolvimento dos vários tipos de solidariedade e apoio comunitário, da redução do uso da institucionalização como recurso primário, do estabelecimento de boas práticas e linhas orientadoras para os cuidados institucionais e da definição de projectos de vida, constantemente actualizados e revistos, que permitam às crianças e adolescentes olhar para o futuro com uma perspectiva dinâmica, positiva e integrada. A avaliação da qualidade, através de uma constante revisão dos achados científicos, da sua aplicação prática e da monitorização e supervisão, faz parte integrante e essencial deste processo.

O Estado Português, tendo ratificado, através de todos os seus órgãos de soberania, a Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, assumiu responsabilidades particulares neste domínio, incluindo uma compromisso directo e primário, relativamente às crianças e adolescentes desprovidos de meio familiar adequado. Estas obrigações são extensíveis a todas as acções, pessoas e organizações que actuam neste domínio, exigindo políticas integradas para a infância e para a família, de modo a que:

- se incremente a sua protecção, o que resultará imediatamente numa diminuição do número de casos de pobreza, orfandade, abandono, maus-tratos e violência doméstica, factores major na génese das situações que exigem retirada da criança à família ou saída desta do seu meio familiar;
- se previnam as situações de institucionalização, fomentando alternativas dentro da família alargada, da vizinhança e da comunidade em geral;
- se diminua o tempo de institucionalização, agilizando os processos burocráticos, sociais e judiciais, e transformando o internamento num último recurso de duração temporária;
- se defina o que deve ser “um meio familiar alternativo”, designadamente com base nas necessidades da criança, quer relativamente aos cuidados de que necessita, quer ao afecto e condições para um desenvolvimento físico, psicológico, intelectual, cultural e social harmonioso e adequado;
- se exija o cumprimento de regras e normas que consagrem as boas práticas, como um dos elementos de garantia de qualidade para as instituições, de modo a que os que lá se encontram, e suas famílias, bem como os que lá trabalham, se sintam realizados e satisfeitos;
- se ouçam as crianças e adolescentes, numa cidadania participativa e efectiva, de modo a que as instituições possam também responder aos anseios e expectativas dos próprios.

Torna-se, assim, evidente a necessidade de avaliar as práticas das instituições, definir boas práticas e as condições para o sucesso e, sempre que necessário, re-estruturar profundamente as instituições, atendendo ao que deve ser exigido em termos de provimento de “um meio familiar alternativo adequado”. São exemplos a dimensão das instituições, o número máximo de crianças e adolescentes admitidos, comunicação com a família, garantia de permanência conjunta de irmãos, ligação à comunidade, representação legal e efectiva, condições de espaço, higiene, segurança, alimentação, cuidados de saúde, garantia da frequência do ensino, com a promoção efectiva e activa do sucesso educativo (com a garantia de todos os apoios académicos, pedagógicos, psicológicos e terapêuticos necessários para cada criança), tempos livres, desenvolvimento de assertividade e das competências pessoal, cultural, social e profissional, bem como efectivação da participação e das condições para o exercício de uma cidadania activa, afectiva e eficaz.

Impõe-se, também, lutar contra toda e qualquer discriminação de género, religião, etnia ou condição de saúde, bem como proceder à monitorização, fiscalização e avaliação de todas as instituições, sejam privadas ou públicas.

Concorre igualmente para a implementação de boas práticas, como condição *sine qua non*, a formação e competência humana e profissional de todos os que trabalham nas instituições ou com elas lidam, sejam funcionários fixos, transitórios, estudantes, estagiários ou voluntários.

É assim que o Grupo CID – “Crianças, Idosos, Deficientes – Cidadania, Instituições e Direitos” –, divulga este Manual de Boas Práticas, com o desejo que ele seja lido por todos os interessados, profissionais e crianças, jovens e famílias, leigos e interessados, população em geral.

Muitas das medidas e princípios aqui enunciados ou descritos não requerem investimentos financeiros de monta, pelo contrário, passam pela rentabilização de recursos e por atitudes adequadas nas relações interpessoais. Contudo, haverá obviamente que proceder, em muitos casos, a transformações dos espaços e dos equipamentos, segundo um plano a definir conjuntamente pelos responsáveis das instituições e as autoridades regulamentadoras, com os apoios que possam ser dados, mas com um enorme grau de exigência.

Por outro lado, torna-se necessário estudar o impacto das medidas adoptadas, bem como estabelecer indicadores de execução e de qualidade, num processo dinâmico e construtivo de constante monitorização e aperfeiçoamento.

As crianças e adolescentes desprovidos de meio familiar merecem o mesmo do que quaisquer outras crianças. Vítimas de erros, actos e omissões dos adultos por eles responsáveis, dos pais aos restantes elementos da família e da sociedade, têm percursos de vida difíceis, traumáticos e negativos. Só por isso, quanto mais não fosse, são merecedores de todos os cuidados e carinhos que possam contribuir para que o presente não se torne obrigatoriamente futuro, e para que consigam inverter a tendência destrutiva do seu percurso de vida, transformando-a em projectos de sucesso, de integração e de tranquilidade.

Só assim, também, poderemos levar à prática o que a Convenção sobre os Direitos da Criança consagra e o que a Constituição da República garante.

O sistema de protecção de crianças e jovens fundamenta-se nos princípios consagrados nos documentos, leis e declarações nacionais e internacionais. O centro do sistema é, sem quaisquer dúvidas, a Criança e o seu superior interesse. Obviamente que a análise e avaliação deste interesse tem que ser feita de modo alargado, tendo em conta a família, a sociedade e os diversos eco-sistemas em que a criança se insere.

O objectivo do sistema é promover os direitos e a protecção das crianças e jovens em perigo, quando esse perigo resulta de actos ou omissões dos pais ou dos representantes legais ou curadores, devendo garantir o superior interesse da criança e do jovem, a sua privacidade, os princípios da intervenção mínima e precoce, a proporcionalidade da actuação, a responsabilidade parental e a prevalência da família quando possível, a obrigatoriedade de um correcto circuito de informação e a audição obrigatória e a participação dos interessados. Também se deve referir o princípio da subsidiariedade, que prevê níveis integrados de intervenção, em “escada”, tentando resolver a nível local e comunitário (mais próximo da vida “real” da criança), o que puder encontrar aí uma resposta eficaz, eficiente e segura.

A intervenção do Ministério Público e dos Tribunais justificar-se-á, sempre que não for possível a intervenção adequada das entidades com competência em matéria de Infância e Juventude ou das Comissões de Protecção de Crianças e Jovens.







# O DIÁRIO

José Maria Carrelhas Vilarinho Pereira - Pormenor "Floresta Azul" . Técnica Mista s\ papel, 2001

An abstract painting with a complex, layered texture. The dominant colors are various shades of blue and teal, with some areas of green and red. The brushstrokes are thick and expressive, creating a sense of depth and movement. The overall composition is dense and somewhat chaotic, with no clear focal point.

# DO ANDRÉ

Excertos de um Diário de um rapaz de 14 anos

2 de Janeiro

Não sei bem porque é que decidi escrever este Diário. Se calhar por nenhuma razão especial, mas porque sinto a necessidade de partilhar o que sinto e o que sou. Se alguém ler este diário, claro, mas tenho a esperança que sim, embora espero que não seja já.

Chamo-me André. Tenho 14 anos. E estou desde há perto de seis meses a viver num Lar. Porquê? É a pergunta que de certeza está nas vossas cabeças... porque um belo dia a minha Mãe não recuperou bem da ressaca do que tinha bebido na véspera, e ficou desmaiada durante uma data de horas. Quando eu cheguei da escola ela ainda estava caída no chão e eu assustei-me. Liguei logo para o 112 e chamei os vizinhos.

A ambulância chegou em menos de dez minutos e levaram a minha Mãe para o hospital. O zum-zum foi mais que muito. As vizinhas, que habitualmente não ligavam muito a estas coisas, ou seja, ligavam para dizer que a minha Mãe era uma incapaz, uma bêbeda e uma mulher de má vida, vieram logo proteger-me a dizer que eu era um “coitadinho” e que alguém iria tomar conta de mim. “*E a minha Mãe?*” – perguntei eu, sem saber muito bem o que se passava. Percebi pelo olhar delas que os tempos iam mudar e que alguma coisa nova me iria acontecer.

Não tenho pai. Quero dizer, tenho, porque toda a gente tem um, a não ser agora estas coisas dos clones e não é o meu caso, mas nunca o conheci. Sei que viveu com a minha Mãe, pelo menos o tempo suficiente para me fazerem, e que depois a abandonou, ao que dizem corrido pelo meu tio, depois de o apanhar a dar uma sova de criar bicho à minha Mãe, o que não era propriamente uma raridade. Bebia, ficava furioso quando o clube dele perdia, ficava doido de alegria quando o clube dele ganhava, andava de emprego em emprego, ou de desemprego em desemprego, rosnava com toda a gente e parece que tinha um feitio impossível.

Nunca tentou saber de mim nem eu dele, diga-se de passagem. Um dia, uma senhora da segurança social, muito simpaticamente, tentou aligeirar as nossas relações dizendo que “vivíamos de costas um para o outro”. Coitada. Entendo a intenção dela, mas de costas não era porque eu nem sequer sei onde ele pára. Nunca soube. Nem costas nem frente. Desapareceu da minha vida onde, aliás, nunca chegou verdadeiramente a aparecer. A minha Mãe sempre evitou falar dele e, por exemplo, sei vagamente que tenho uns avós lá para o Norte, mas também são para mim desconhecidos, como toda a família do lado do meu Pai. Já ouvi dizer que está preso, que emigrou, que tem um bom emprego e família... sei lá. Basou da minha vida e é o que chega.

Mas voltando ao assunto: quando levaram a minha Mãe para o hospital ouvi várias conversas entre as pessoas que entravam e saíam, telefonemas. Embora ninguém me desse cavaco sabia que estavam a falar de mim. Assim, por sussurros, estilo “pois, e agora é preciso dar uma solução, sabe, ao problema... Pois... Hum... é... sabe a quem me refiro... não pode... não, sozinho, não... duvido que ela... pois...”.

Não era preciso ser um génio para perceber o que eles estavam a pensar. E o que eu pensava confirmou-se. Depois de um bom par de horas à espera, sentado no sofá e esburacado da minha casa, lá me deram uma coca-cola e umas bolachas – perceberam que eu não andava propriamente a abarrotar de comida -, e tive tempo para ouvir alguns comentários menos simpáticos para com a minha Mãe e para com a desarrumação e confusão que a nossa casa era. Não é que não tivessem razão – até tinham. A nossa casa era um esterco, uma porcaria pegada - o único sítio onde me sentia razoavelmente bem era no meu mini-quarto, sempre tinha um cantinho para mim e fazia a

cama todos os dias -, mas irritou-me ouvir aquelas pessoas, algumas das quais nunca me tinham visto mais gordo, outras que já nos conhecem há muito tempo mas que nunca se lembraram de nos perguntarem se precisávamos de ajuda. Críticas, críticas, críticas, mas o que é certo é que a minha Mãe, com todos os seus defeitos, muito álcool e a viver de expedientes com os homens que metia lá em casa, tentou criar-me e acho que consegui. Pelo menos aprendi que é feio roubar, matar e sacanear os outros. E o que ela fazia era com ela. Pelo menos dava para me pagar as coisas da escola e até para me trazer um livro de vez em quando. Fui das primeiras pessoas a ter o Harry Potter em Portugal, porque a minha Mãe o tinha reservado numa livraria que há ao pé de nós, do Senhor Gomes, de maneira que tive-o logo no primeiro dia. Ora toma! Quantos se podem gabar disso?

Eram aí umas sete quando uma senhora dos serviços sociais me disse que iam tomar conta de mim porque a minha Mãe estava internada e ia ter que ficar no hospital uns dias, e que o meu tio – o tal um bocado abrutalhado que tinha corrido com o meu Pai -, não estava disponível para me ter, porque já tem três filhos que só lhe dão dores de cabeça, ainda por cima está doente com “rumbago” ou lumbago, ou lá o como é que se chama o que ele tem. Cá para mim, ele é mas é um preguiçoso a toda a linha e aproveita ter um médico conhecido na Caixa que lhe passa baixas sobre baixas, que ele depois paga no Natal oferecendo umas caixas de vinhos finos que consegue sabe-se lá onde. Para trabalhar doem-lhe as costas, mas para ir gritar e saltar no estádio do clube dele já está são que nem um pêro.

Pelas oito da noite – lembro-me porque estava a começar o telejornal -, a senhora disse que me tinha arranjado um sítio onde me acolheriam, mas adiantou logo que talvez não fosse por muito tempo, porque não sabia se eu sabia que havia um grande problema de vagas. “Vagas para quê?” – pensei eu, que não tinha ainda bem percebido o que me ia acontecer. “É um sítio muito bom, vais ter muitos meninos para brincar, e vais ter uma vida melhor do que a que tens aqui!”.

Na altura o que eu queria era saber como é que a minha Mãe estava, porque sei que ela precisava de mim e que gostava de me ter a seu lado, mesmo sabendo que me ligava pouco quando eu estava em casa. Eu ia para a escola estava ela ainda a dormir, e chegava da escola estava ela a dormir, ou então tinha saído e nem sabia onde andava. À noite era o corrupio habitual dos clientes e eu ficava no meu quarto, onde ela tinha posto uma televisão para eu me entreter. Ouvia o movimento e o resto, mas não me apetece nada agora estar a escrever sobre isso. Ao fim de semana às vezes saíamos e íamos ao café do senhor Frederico, íamos dar comer aos pombos e até tomar um sumo ao pé do rio. E volta não volta ela trazia-me um livro, como foi da vez do Harry Potter. E naquela altura eu só queria estar ao pé dela e saber dela, e que ela melhorasse rapidamente, pouco me interessava saber para onde ia. “Meninos para brincar”? Não era a minha preocupação principal. E o que é que aquela senhora sabia da minha vida, para saber se eu ia ter uma vida melhor ou pior? Só não respondi torto porque estava preocupado com a minha Mãe e queria que ela me desse informações.

Lá fiquei a saber que a minha Mãe estava em coma e muito mal, e que teria que ficar no hospital durante muito tempo. E que depois se veria... como se viu...

Mas hoje já não me apetece escrever mais. Perdi a pica, não sei porquê...

3 de Janeiro

Agora que me meti nisto não posso deixar. Estive a reler o que escrevi ontem e jurei para mim mesmo que não mudo uma vírgula do que escrevi, mesmo que depois venha a pensar que não era isso mesmo que queria dizer. Quando for assim, corrijo e emendo no momento em que escrever.

Dormi bem, hoje. Tenho um quarto com um amigo meu, o Carlos, que tem menos um ano do que eu. Ele está cá há menos tempo – chegou há coisa de quatro meses. Veio do Algarve mas foi porque foi abusado pelo padrasto. Eu não devia se calhar estar a escrever isto aqui, mas o nome dele também não é “Carlos” e pronto, e assim ficam a saber as coisas como elas são. O padrasto do Carlos era um espanhol que vivia cá há não sei quantos anos, e era contrabandista. A mãe dele trabalhava num hotel, a fazer camas e aquelas coisas que precisam, lá nos hotéis, o *room-service* ou lá o que é, e quem lhe fez a cama foi o tipo, porque aproveitava quando ela tinha turnos de noite para abusar do Carlos. Estupor! Um brutamontes, parvalhão.

O que vale é que uma professora do Carlos reparou que ele estava muito calado e “cosido com as paredes”, e um dia pediu-lhe para ele ficar lá depois dos outros saírem e perguntou-lhe se ele queria falar de alguma coisa, se tinha alguma coisa que o entristecesse. Ele disse que não, a princípio, depois começou a falar que andava chateado porque um amigo dele, lá do bairro, parece que estava a ser forçado por um velho a ter relações sexuais, mas como a professora era muito amiga dele e disse que ele tinha todo o tempo do mundo para falar, ele acabou por contar a verdade e disse que era o padrasto dele e que era tudo com ele. Não voltou a casa nesse dia, e a polícia foi lá e prendeu logo o homem. A mãe ficou quase louca e a princípio atirou as culpas para cima do Carlos, chamou-lhe aldrabão e disse que o que ele tinha era ciúmes dela por causa de ela ter um homem que gostava dela, imagine-se! O Carlos ficou muito triste e, cá para mim, acho que ela já sabia de tudo e que o encobria para não o perder. Ora. Já vi muita coisa nestes seis meses. E tenho lido livros e visto televisão. Sei como as coisas são. “Não sabia”, o caraças. Mais que sabia. E calava-se. Ou então, se não sabia porque é que foi logo para cima do Carlos, como se a culpa fosse dele?

Depois começou a faltar ao emprego e foi posta na rua pelo patrão. Ainda por cima não tinha contrato, andava a recibos, olha. Tramou-se. O Carlos foi lá para casa, mas ela estava sempre a culpá-lo, e disse-lhe que mal o espanhol saísse da gaiola ela o recebia de volta, e que o Carlos que se arranjasse. Os outros dois irmãos dele são mais novos, uma rapariga de cinco anos e um rapaz de três, e estes são os dois do espanhol. O Carlos é de outro pai, que morreu num desastre de moto.

O Carlos contou à professora amiga dele o que a mãe lhe tinha dito, e a professora resolveu ajudá-lo e foi falar com uma coisa que se chama Comissão para Proteger Miúdos ou assim no género. Resultado, cá veio parar o Carlos, directamente para o meu quarto, para o lugar que tinha ficado vago porque o Nelson, que estava cá antes, tinha saído para ir para uma família adoptiva. O Nelson já era um crónico, um tipo impecável, que me ajudou muito quando para cá entrei. Acho que sem ele não tinha conseguido passar por isto tudo. Um tipo impecável. Felizmente arranjam-lhe uma família e ele está bom, veio cá visitar-nos há dias e está contente, estuda, está com ganas de ser médico ou piloto de aviões.

O Nelson foi retirado aos pais quando era pequeno porque eles batiam-lhe e torturavam-no. Era Verdadeira tortura, como na guerra. Quando achavam que ele fazia uma asneira ou quando ele

chorava, metiam-no num quarto às escuras, e deixavam-no ali, a fazer as necessidades pelas pernas abaixo. Depois ainda lhe batiam mais por “ser porco”. Foi um vizinho que acabou com aquilo, mas ainda ia levando uma facada do pai do Nelson. Coitado do Nelson. Aliás, agora que penso nisso é que percebo melhor a frase da senhora da segurança social, quando me disse que eu ia ter aqui uma vida provavelmente melhor do que tinha em casa. Comigo é e não é, ao mesmo tempo, porque tenho muitas saudades da minha Mãe. Mas para o Nelson foi de certeza melhor.

Tenho que ir jantar. Amanhã escrevo mais.

4 de Janeiro

Estou entusiasmado com esta coisa do Diário e só me apetece escrever. Ontem jantámos “rancho melhorado”. Aqui nesta casa (e digo “nesta” casa porque sei de outras, onde estão amigos meus, que não são exactamente a mesma coisa), come-se muito bem. Ou então eu é que não sou esquisito. Realmente, lá em casa a comida nunca abundou, nem era propriamente a de um restaurante finório. Nisso a minha Mãe era um desastre – detestava cozinhar, e quase só comia pão com queijo ou um arroz mal amanhado. O que valia é que na escola davam refeições quentes e sempre mataba um bocado a fome.

Aqui é diferente. Uma coisa que gosto é não termos de comer tudo, quero dizer, não temos que comer sempre as mesmas quantidades. A Senhora Glória, que é a cozinheira-chefe (nós chamamos-lhe assim, Chefe, porque ela é uma senhora gorda, aí dos seus quarenta e cinco anos, toda energética, e que tanto nos ameaça de nos dar com a escumadeira – a brincar, está claro, mas às vezes até merecíamos -, como nos chama quando vamos a passar para nos meter um croquete ou uma colherada de doce pela boca abaixo), mas eu estava a escrever que a Senhora Glória é quem manda na ementa. O director confia nela, ela é quem sabe e ponto final.

Quando era nova saiu de casa dos pais, porque já não aturava o que lhe faziam e fez-se à vida. Foi trabalhar para um restaurante e aprendeu a cozinhar. Chegou a ser chefe de cozinha num restaurante da baixa, e é por nos estar sempre a contar essa história que toda a gente lhe chama “a Chefe”.

Ao domingo ela avisa sempre: “Meninos!” – e lá vamos nós, perfilarmo-nos na cozinha – “Meninos! Vamos lá a fazer o programa das festas!”. Já sabemos o que ela quer dizer. Cada um sugere o que gostava de comer durante a semana e ela vai acertando a ementa, conforme o que cada um gosta, tentando que todos tenham a sua refeição preferida, e ao mesmo tempo, ninguém tem pratos que deteste. Corre sempre bem. Ela, aliás, é sabida e matreira, e quando chega um novo, como foi o meu caso há seis meses, arranja maneira de saber, com perguntas enviesadas, quais são os nossos gostos. “Amanhã vou fazer iscas” – disse-me, mal cheguei. Até vi a vida a andar para trás, porque detesto iscas. Ela viu a minha cara e disse-me “Tens toda a pinta de quem gosta de iscas!”. O meu esgar deve ter aumentado, mas evitei fazer uma peixeirada, porque tinha chegado há pouco tempo e ainda me sentia demasiado infeliz para arranjar discussões, com os consequentes castigos, pensava eu. “Pode ser iscas?” – insistiu ela. “Se tem que ser!” – disse eu. E ela, então, deu uma gargalhada, com aquelas bochechas encarnadas a brilhar, e disse-me: “Pois fazes mal. Devias dizer-me quando não gostas de uma coisa. Não é a fazer fitas ou com modos malcriados, mas se não gostas deves dizer, mesmo que não pudéssemos mudar e não te servisse de nada. Mas deves falar, ouviste, ó menino.”. Aproveitei a deixa, e exclamei com voz sumida: “detesto iscas!”. “Eu sei. Vi logo. Sabes que eu pergunto sempre coisas como iscas, couve-flor, bacalhau, feijoada e outras coisas assim. Quando vejo a cara que fazem, pesco-vos logo. E agora, que já sei que não gostas de iscas, diz lá de que é que não gostas mais, para eu ficar a saber!”.

Disse-lhe. E a partir daí, a mulher parece uma máquina – decorou e tenta sempre evitar fazer o que eu não gosto. Agora multipliquem isto por doze, que ainda por cima mudam, mais o resto das pessoas e ela própria, e vejam aquela cabeçorra! Só uma vez ou outra é que saíram coisas de que gosto menos, mas até essas comi com relativo agrado – relativo, disse eu -, porque sei que ela faz o melhor que pode. E o melhor dela é mesmo muito bom. O que é engraçado é que não sabemos de que é que ela não gosta. Já tentámos o método dela, mas ela ri-se sempre, nós rimo-nos também e acaba toda a gente à gargalhada. “Sopa de osgas!” – é a sua única resposta.

Mas estava a contar que jantámos bem e que cada um só se serve da quantidade que quer. A regra é simples: tirar um bocadinho de tudo, mas em doses maiores ou menores conforme os gostos. As miúdas estão sempre preocupadas com a linha e com as dietas, mas a Dona Idália, que é a auxiliar que nos apoia nas refeições, de vez em quando não está com meias medidas e diz: *“Este teu pratinho está a precisar de ficar um bocadinho mais compostinho”* – ela fala tudo em “inhos” –, e, “trau”, põe mais uma carrada de arroz ou de batatas. Mas até se compreende, e elas acabam por comer. É as dietas, o que é que querem, a mania de que engordam e que têm celulóide, celulose, celulite, não sei, uma coisa qualquer que dá nas mulheres e que ficam com banhas nas coxas. Até a Luisinha, que tem só 6 anos, já anda preocupada com o tamanho do rabo! Mas a Idália, que até nem é parva, diz sempre que as regras para não engordar é comer muitas vezes, servir-se pouco de cada vez e um pouco de tudo, mastigar devagar e quinze vezes cada garfada, e beber litros de água. Parece fácil... em teoria... porque depois lá a vemos a trincar um “chocolatinho” ou um “croissantinho”...

Cá em casa é assim, e nós habituámo-nos a ir às compras com a Chefe Glória, à vez, porque ela se acarreta muito peso começa a arfar, a arfar, e qualquer dia dava-lhe um patatú. Mas é bom ir às compras com ela e escolher as coisas, embora tenhamos que ouvir centenas de vezes ela dizer: *“Está tudo pela hora da morte. Os preços estão sempre a subir. Ainda na semana passada este frango estava a menos três cêntimos”*. A nossa missão é descobrir os produtos que estão em saldo ou que são mais baratos, mas é ela que às vezes diz: *“Isto é barato mas não me cheira a grande coisa, e os meus meninos merecem do melhor”*. Nós somos os “meninos” dela. E nessas alturas lembro-me da minha Mãe e só me apetece dar-lhe um beijo naquelas bochechas gordas. O pior é que ela ficava toda encavacada – um dia o Xico Luvás fez isso, e ela disse-lhe que nunca tinha tido namorado nem era agora que tencionava ter.

Sáímos da casa de jantar e fomos ver televisão. Estava a dar um programa sobre maus-tratos a crianças e ficámos a ver. Temos muitas histórias, aqui na casa, cada um que vem traz uma experiência diferente. Mas conseguimos ver aquilo como se fosse uma reportagem qualquer sobre futebol ou música.

Cá na casa moram várias pessoas – vou tentar explicar, mas se calhar é muito chato e fica para amanhã, porque o que eu queria era dizer que depois da reportagem fomos, eu e o Carlos, para o quarto, porque ele estava cheio de sono. Começámos a conversar e foi aí que ele me contou que ainda sentia medo, à noite, quando acordava e ouvia barulhos – imaginava sempre que era o espanhol que vinha aí. Tentei dizer-lhe que o homem estava na cadeia, embora daqui a dois anos esteja cá fora outra vez, se não o puserem na rua por bom comportamento (isto não disse eu a ele), e ele respondeu-me que sabia isso mas não podia evitar sonhar com o gajo.

O Carlos anda num psicólogo daqui, o Dr. Rui, mas acho que ele já percebeu tudo o que o psicólogo tinha para lhe dizer. Ele sabe que o espanhol não vem aqui a Lisboa, mas não consegue deixar de ter medo. Eu também tinha, garanto.

*“Achas que eu vou ficar maricas?”* – perguntou-me ele. Confesso que não percebi bem a pergunta, e devo ter mostrado isso porque antes de dizer alguma coisa ele voltou a perguntar: *“Achas que eu vou ficar maricas?”*. *“Mas por quê?”* – perguntei eu. *“Por o tipo me ter feito aquelas coisas, sabes...”* – Sei! – *“... achas que a malta aqui acha que eu sou maricas?”*. Por acaso acho que a malta nem sequer se dá ao trabalho de pensar nisso. Por acaso acho que a malta tem toda um passado tão mauzinho (com isto dos “inhos” até pareço a Dona Idália), que se fôssemos ficar com ele dentro de nós, a mandar em nós, eu dava em alcoólico e prostituto, o Nelson tinha dado em brutamontes e a Clara, por exemplo, haveria de queimar os filhos com isqueiros.

*“Acho que não vais ficar nada disso, a menos que já o sejas. E se fosses não tinhas que ter vergonha. Eras assim e pronto!”.* Ele ficou pasmado a olhar, e eu tive que lhe explicar: *“Não te estou a chamar maricas, estou a dizer que vi na televisão um tipo que é médico do sexo a dizer que as pessoas já nascem gays ou então não o são, percebes, é depois quando começam a ter vida sexual e paixões, e coisas assim, que descobrem o que são, Portanto, se não nasceste gay não ficas gay só porque um tarado de um espanhol abusou de ti!”.* Ele não estava à espera que eu reagisse assim, mas acho que a minha certeza o fez perceber que eu estava a falar a sério. Aproveitei para continuar: *“Tu foste abusado, percebes, como a Carla foi, como o Marcos foi (passou por cá há dois meses), como o Xico Luvás (chama-se assim porque joga a guarda-redes) foi. Sabes que todos os que estão nesta casa têm uma história. Os nossos pais e alguns adultos trataram-nos como merda, mas há pais e adultos que nos tiraram dessa merda e nos puseram aqui. Sabes que o Fermento (que é o Director e se chama Farinha, mas a gente chama-lhe, entre nós, Fermento) me disse um dia que nós somos vítimas, mas que não podemos ser vítimas do facto de sermos vítimas”.*

Vi a cara dele e acrescentei: *“se não percebeste faz como eu, na altura, que disse que sim, mas que só percebi o que ele queria dizer umas semanas depois. Mas é mesmo assim, Carlos. Nós somos vítimas dos outros mas não podemos ser vítimas de nós próprios. Aqui na casa não nos podemos queixar de ter um pai ou uma mãe que nos tratam mal ou que não querem saber de nós! Temos gente que gosta de nós!”.* Lembrei-me da minha Mãe e achei que estava a ser injusto com ela, e disse: *“É claro que os nossos pais também gostam de nós, mas a vida é assim, olha, gostam de nós à maneira deles...”.* “E o espanhol?” . perguntou ele. *“Eh, pá, manda o gajo para a puta que o pariu!”.*

Não conversámos mais sobre o assunto mas sei que um dia destes isto vem à baila outra vez. *“Já leste alguma vez o Harry Potter?”* – perguntei-lhe. Quando me disse que não, fui buscar o primeiro volume e pespeguei-lho nas mãos. *“Ganda calhamaço! Queres que eu leia esta coisa toda?”.* *“Não quero nada, pá, lê se quiseres, mas vai por mim, vai por mim”.* E agradei, cá dentro, à minha Mãe ter-me dado.

O que será feito do Senhor Gomes, da livraria?

5 de Janeiro

Hoje é sábado e felizmente pudemos dormir até mais tarde.

Já basta os dias em que temos que nos levantar cedo, por causa das aulas. Eu, quando vivia com a minha Mãe, ia às aulas mas andava um bocado a fazer que ia, devo confessar. Quero dizer, muitos dias houve em que acabava por dar comigo a jogar à bola ou no café do Alves, que tem uma mesa de *snooker*, e o tipo deixava-nos jogar de borla, porque àquela hora não estava ninguém no café e a gente divertia-o, como ele dizia. Por acaso acho que ele tinha um bocado de medo do Zé Lampreia e do Zé Martelo, os “Zés”, como a gente os tratava, e que eram uns putos completamente diferentes um do outro, mais velhos do que eu – um a atirar para o gordo, o outro magricelas “trinca-espinhas” -, mas com uma coisa comum: quando se chateavam “ia tudo raso”.

Acho que o Alves sabia isso muito bem e não se atrevia a cobrar o *snooker*. Quando os via entrar, todos gingões, com uns blusões a armar ao couro e umas botas com pregos, era capaz de jurar que o Alves até se borrava atrás do balcão. “Podemos jogar?” – perguntavam sempre os Zés, não havia dia que não o fizessem, uns autênticos exemplos de “boa educação”... “Claro, já estava com saudades vossas!” – respondia o Alves, com um sorriso amarelo, e lá sacava as bolas da caixa e nos deixava estar ali o tempo que fosse. Volta não volta, os Zés cravavam-lhe uma cerveja, mas havia dias em que até pagavam. Devia ser para o homem também não ter prejuízo a mais, e não os bufar à bófia. E atrás deles vínhamos sempre nós, os outros, eu mais dois ou três da minha aula e duas raparigas do 7.º ano. Estávamos o dia naquilo, até serem horas de voltar para casa, que uma coisa era fazer cara de mau e assustar o Alves, outra era ter que enfrentar os pais de cada um dos Zés, que de sova de cinto a pontapés no traseiro valia tudo. No meu caso tanto fazia, porque dá-me ideia que a minha Mãe pouco se importaria – andava a trabalhar e não daria muito pela minha falta.

Outras vezes, quando o tempo estava bom, íamos jogar à bola para um terreno baldio que havia ao pé do bairro. Aí, desafiávamos mais malta, e havia às vezes uns latagões que também queriam jogar. Quando se dividiam pelas duas equipas, dava pica. Quando se juntavam e faziam uma equipa só deles, era um massacre completo. Uma vez levei tanta sarrafada que fiquei com as pernas todas roxas de pancada. Eles davam como gente grande, e quando nos atiravam para o chão gritavam sempre “carga de ombros é legal, carga de ombros é legal”. Legal, o caraças, mas aí de quem protestasse. Tudo era “carga de ombros”, portanto legal, desde rasteiras, caneladas e pontapés nas partes. Mesmo quando algum fazia de árbitro, ele que se atrevesse a marcar faltas. De vez em quando lá se repar-tiam e o jogo ficava melhor, porque davam menos porrada e as coisas equilibravam-se. O que tem graça é que, mesmo levando à grande, eu adorava aqueles jogos. Aprendiam-se coisas, desde palavrões a histórias que os matulões contavam nos intervalos. Histórias da vida, já todos tinham ido curtir com gajas e ensinaram-nos uma data de coisas sobre sexo. Nunca tentaram nada com ninguém, nisso tinham um respeito enorme. Davam-nos porrada mas não abusavam de nós, nem das raparigas que iam assistir. Eram uns, como é que se diz, uns cavalheiros.

As coisas acabaram para mim no dia em que um deles, um calmeirão novo por aqueles lados, mas que era colega do Bernardo Narigudo na oficina de automóveis, ficou furioso por eu ter-lhe metido um golo por debaixo das pernas e começou a insultar-me e a dizer que a minha Mãe era isto e aquilo, e que já tinha ido para a cama com ela. Fiquei lixado, mas pensei que era tanga e atirei-lhe à cara que ele era tão franguero quanto mentiroso. Estava toda a gente do meu lado quando o sacana, com um sorriso de parvo, descreveu a minha sala de estar e o quarto da minha Mãe. Até falou da fotografia de mim, com quatro anos, a andar num cavalo de pau, que ela tinha na mesa de cabeceira. Parei e comecei a chorar, quer dizer, não foi assim a chorar, chorar, mas eles repararam que

eu estava a deitar lágrimas e alguns começaram a rir, e a perguntar se podiam também ir ver a fotografia.

Desatei a correr e nunca mais me viram no jogo. Mas pude ver quem era e quem não era meu amigo, e quando cheguei a casa a minha Mãe tinha-me feito rissóis de peixe e arroz de tomate, e deixado gelatina no frigorífico, com um bilhete a dizer: “É por teres boas notas”. Acho que foi isso, ou então era “Para teres boas notas”. Já não me lembro bem, mas também não me interessa. Acho que foi aí que entendi que ela fazia tudo aquilo por mim, e que era tão vítima como outros – vítima daqueles parvalhões todos, como aquele palerma amigo do Bernardo. E passei a ter mais respeito por ela e a gostar mais dela – devo isso àquela besta de um mecânico de automóveis da merda.

Isto tudo para dizer que, quando vim para aqui, apesar de ter treze anos ainda andava no 6.º ano. Com boas notas, mas chumbei dois anos por faltas – o que, na realidade, não fazia grande diferença porque lá no bairro o normal era demorar-se o dobro do tempo a fazer a escola. Até se ficava mal visto, se se fosse marrão e se passasse sempre. A malta desconfiava sempre desses tipos e tipas que não andavam a aprender a vida e que só encornavam os livros. Mas havia-os, e entre eles até havia boa gente. Lembro-me de uma miúda, a Teresa, que era filha de uma sueca, e nunca percebi porque raio ela andava naquela escola, quando de certeza os pais tinham dinheiro para a pôr a estudar numa privada qualquer. Mas a Teresa – acho que teve uma paixão por mim -, andava sempre a querer ajudar-me e a dizer que eu tinha que sair daquele “percurso de vida”. A princípio não percebia o que ela queria dizer, e até gozava a perguntar se ela estava a falar sueco. A mãe trabalhava na paróquia e numa associação qualquer de apoio aos tipos que não têm casa e vivem na rua. Mas eu, que na altura preferia alinhar com os durões, não fossem eles dar-me cabo do canastro por “alta traição”, disse-lhe para ir pentear macacos e que eu até tinha casa e gostava muito do meu “percurso de vida”. E até gostava. Ou não gostava. Sei lá. Sim e não ao mesmo tempo.

Se fosse agora, tenho a impressão que tinha mesmo ido estudar com a Teresa, que até era loira e tinha os olhos azuis, mas como estava mais virado para a bola e para o *snooker* do Alves, deixei-me atrasar, e num instante a Teresa já tinha feito o 6.º e já estava no 3.º ciclo, noutra escola, comigo a ver “a banda passar”. Que será feito dela? Tenho que saber um dia destes, mas acho que se mudaram.

Não tive coragem de voltar ao bairro, depois do que aconteceu à minha Mãe. Mas agora não me apetece nada falar disso. Mesmo nada...

Hoje é sábado e são duas da tarde. Acordámos às dez e meia (o Fermento deixa-nos estar na cama até essa hora, aos sábados e domingos), tomámos o pequeno almoço e estivemos a fazer o que deu na real gana de cada um. Eu estive a ler o jornal – a Dona Idália traz todos os dias o “Diário de Notícias” e “A Bola” - e a ver televisão, e o Carlos já começou a ler o Harry Potter e parece que está entusiasmado.

Almoçámos há bocado. Iscas. Não, estou a gozar, não foram iscas, nem nunca seriam, porque a Chefe Glória haveria de as fazer parecer lagosta, só para me agradar. Foi peixe cozido com batatas e grão. E feijão verde, que nem é muito do meu estilo mas que estava relativamente bom, com azeite e vinagre.

Hoje à noite vamos ao cinema, eu, o Carlos, o António e mais uns quantos daqui. Mas quando acabar, tudo de volta a casa, que nisso o Fermento é muito rígido, e o Borges, que fica cá aos fins de semana, à noite, não é para graças. Estilo *rotweiller* a puxar para *pitbull*.

6 de Janeiro

Dia de Reis. O nosso dia, já que somos tratados como reis, aqui na casa. Foi dia de visita, também, e estiveram cá os pais de uns, os tios de outros, mas por acaso para mim não houve nada. Quero dizer, não foi por acaso, é que não tenho mesmo ninguém de família que pudesse vir até cá. E nestes dias prefiro não dar muito nas vistas e não me pôr a especar a ver os outros. Só me fazia mal a mim e os embaraçava. Mas é engraçado ver a cara de contentamento dos que recebem visitas da família, especialmente dos pais. Cada dia que passa vou aprendendo o valor e a importância que os nossos pais, tios e avós têm na nossa vida. E como alguns dos meus amigos aqui, apesar de terem sido tão mal tratados por eles, ainda têm uma ligação grande e os amam. E acho que os pais os amam à sua maneira. É uma maneira muito esquisita, às vezes, mas as pessoas são esquisitas e complicadas, e eu já não sei se isso é bom ou se é mau...

Resolvi lagartear o dia todo e a meio da tarde o Carlos veio ter comigo a dizer que estava a gostar de ler o Harry Potter e que tinha ficado a pensar naquilo que eu lhe tinha dito. “*Se o espanhol aparecesse aí, dava-lhe um enxurro de porrada!*” – mas eu aconselhei-o a não ir tão depressa e a ter algum receio desse cabrão, porque foi o depoimento do Carlos que o meteu na cadeia. Quando o caso foi a tribunal, a mãe do Carlos disse que não sabia de nada, que nunca tinha visto e que duvidava que um homem tão meigo e tão bom como o Manolo pudesse ter feito uma coisa dessas ao filho dela. Pois, era o filho dela, porque nos filhos deles, pelos vistos, não tocava, e o Carlos é que era o bombo da festa do “querido Manolo”. Mas o Carlos esteve impecável, ao que dizem – a Mariana, que trabalha aqui, a limpar os quartos e as casas de banho, e que veio de Cabo Verde e já conseguiu um visto para cá ficar, fala de vez em quando de coisas que vai ouvindo a este e àquele, e contou-nos.

Parece que no Tribunal o Carlos teve de entrar na mesma sala onde estava o padrasto, e foi posto frente a frente com ele. Mas o Carlos não teve medo – o que mostra que ele já estava na altura a reagir e a não deixar-se fazer de vítima dele próprio -, e contou tudo. E os médicos vieram dizer que ele tinha sinais de ter sido abusado, e que as crianças geralmente não mentem. Eu acho estúpido amedrontar o Carlos pondo-o à frente daquele estupor. Imaginem se ele era solto e voltava para casa do Carlos? Havia de ser o bom e o bonito. Levou quatro anos, mas se calhar sai antes, porque a mãe do Carlos pintou-o como uma pessoa “tão boa”...

Esta história das polícias, tribunais, depoimentos, etc, é uma coisa tramada. Quando a gente quer esquecer as coisas más que nos aconteceram, volta-se a falar delas quinhentas vezes, temos que repetir o mesmo como se fôssemos papagaios, ninguém usa o que já dissemos aos outros – começa-se sempre do princípio -, e temos que estar para ali a dizer coisas que são verdade, mas que nos magoam, como a mim, que me perguntaram centenas de vezes se a minha Mãe fazia isto ou aquilo, se eu via, se ela me dava comida, quanto bebia e de quê, se eu era infeliz, até me perguntaram – uma senhora qualquer – se eu “apesar de tudo” gostava dela. E eu, furioso, disse que, “apesar de tudo”, detestava era a ela, à senhora. Ficou irritada e escreveu no relatório, que eu vim a saber, que eu era um miúdo de risco por me tornar agressivo à mínima coisa. O que vale é que as outras pessoas não levaram as palavras dela muito à séria.

Tudo isto aconteceu quando a minha Mãe ainda estava no hospital, e não me deixavam ir vê-la, porque diziam que ela estava doente e lhe fazia mal ver-me. Não acredito, mas também não sei. Sei que a mim me teria feito muito bem ir vê-la, mas ainda não estava aqui, nesta casa, e o director da outra era um tipo um bocado “nhurras” que andava sempre a dizer que fazia tudo “no nosso melhor interesse”. Mas não nos perguntava qual era o nosso melhor interesse. Devia ser adivinho, o tipo.

Logo vamos ter um bolo-rei enorme para a sobremesa.

7 de Janeiro

Hoje está um frio de rachar, mas com céu azul e sol. Acordei cedo e estive sentado a apanhar sol, na janela da sala, e a ver as pessoas a passar, até serem horas de sair para as aulas. Saio sempre à mesma hora e “apanho” a Rita, que mora dois quarteirões mais abaixo e assim vamos a pé à conversa. A Rita tem menos um mês do que eu e é uma miúda impecável. O pai é economista e a mãe trabalha na TAP, é hospedeira. Tem dois irmãos mais novos, de oito anos, gémeos, que lhe dão volta à cabeça – são dois rapazes, e já várias vezes a Rita me pediu conselhos em como lidar com eles. Como se eu tivesse uma grande experiência, mas enfim, quem aguentou com os “Zés” também pode dar umas bocas sobre dois gémeos de oito anos.

No dia em que cheguei aqui estava um calor dos diabos. Era Junho. Depois da cena de me levarem de casa, no dia em que a minha Mãe foi internada, fiquei numa coisa que acho que chamam “atendimento de urgência”. Era um sítio escuro e triste, fazia lembrar os filmes que via na televisão quando estava sozinho no quarto e a minha Mãe com um ciente, no quarto ao lado. Eu punha o som aos berros para não ouvir o barulho deles e lembro-me de um filme que era sobre um orfanato e os gritos, às tantas, já se confundiam e eu tive que meter a cabeça numa almofada para não gritar também.

Fiquei nesse centro, instituição, lar, sei lá como lhe chamam, durante uma semana, porque andavam a ver quem é que tinha vaga para mim. Se fosse um hotel em época alta, ainda se percebia esta coisa das vagas, mas para meter um miúdo que tinha ficado sem a mãe, nunca percebi porque é que demorou tanto tempo. Enfim. De qualquer maneira, esse sítio era muito escuro – é disso que me lembro mais -, ou eu é que estava com uma tal disposição que via tudo escuro.

Fiquei num quarto com mais cinco, dois vindos do Alentejo, abandonados pelos pais, outro da Guiné cujo pai tinha morrido com SIDA e a mãe dado à sola com outro tipo qualquer, um daqui que tinha sido salvo das mãos de um tio, com quem vivia, e que abusava dele, e um outro que não se sabia muito bem se era vítima ou não – a mãe dizia que sim, o pai que não, e os pais estavam divorciados e andavam em guerras entre eles, e então, ou o miúdo tinha um pai abusador ou uma mãe doida, e fosse como fosse tinha que ficar à guarda do tal centro. Tínhamos idades muito diferentes, dos quatro aos catorze, e como estávamos todos tristes e desconfiados, ninguém falou muito com ninguém.

As pessoas até procuravam ser simpáticas, mas não me apetecia nada conversas. Cheguei aí pelas nove da noite, e quando entrei, com a tal assistente social, levaram-me para uma sala que era o escritório do director. Percebi que, no corredor, o pessoal estava todo a ver o bicho que entrava. O director estava lá e até tentou sorrir, mas tinha uma cara de urso com que embirrei desde o primeiro minuto. Dizia sempre “o meu menino sabe”, “o meu menino isto e aquilo”, mas soava-me tudo a falso. Aposto que, nos sete dias em que lá estive, nunca procurou saber o meu nome – pelo menos nunca o ouvi pronunciar -, e “meu menino” não é o meu nome.

Sentei-me e ouvi-os falar. Disseram tudo e até coisas que, não sendo mentiras, também não eram verdade. Especialmente sobre a minha Mãe, que podia ser muita coisa mas dava-me comida e cama. E a prova é que eu não estava propriamente esfomeado – naquele dia, por acaso, estava, mas era porque já era tarde. Nem andava nu... “Porque é que esta gente tem filhos?” – perguntou às tantas um tipo que estava lá, e que presumi ser o guarda da noite. Pararam de falar e olharam todos para mim, se calhar para ver se valeria a pena, realmente, “esta gente” ter filhos.

Depois da conversa levaram-me à cozinha e deram-me um copo de leite e um pão com manteiga, e depois mostraram-me o quarto e a casa de banho, que cheirava a porcaria porque tinha lá estado um deles e, cuidado, devia ter comido feijões de certezinha. Quando entrei no quarto, era quase ou já passava mesmo da meia noite, estavam lá os outros cinco “dos quatro aos catorze”, e o director disse: *“este é um colega novo”*. Não dizer “um meu menino novo” foi uma sorte. Eu grunhi um “boa noite” e ninguém disse nada. Vi uma cama vazia e achei que seria a minha. Pousei o saco com a roupa que tinha trazido – o pijama, roupa interior, umas calças e T-shirt, e pouco mais, e fiquei a pensar se me ia despir em frente daqueles macacos todos que não conhecia de lado nenhum.

Como tive receio do que pudesse suceder, até porque no tal filme que vi as coisas aconteciam quando alguém se distraía, nem que fosse por um minuto, saí de mansinho com o pijama, fui à casa de banho, que não tinha chave mas pus um banco inclinado a fazer pressão na porta, e voltei já vestido, com os dentes lavados e meti-me na cama. Um deles apagou a luz e fiquei acordado, a vigiar, não fosse alguém vir com falinhas mansas ou gestos brutos, e calculei que eles também deviam estar a pensar que gajo era aquele que entrava ali sem mais nem menos. Só adormeci um bocadão depois, e às tantas tive saudades da minha Mãe e reparei que ninguém me tinha dado notícias frescas dela. Procurei não chorar, porque se não aquela malta ainda ia pensar que eu era um franganote qualquer, e tentei pensar em coisas boas, como no café do Alves e nas *snookaradas* que fazíamos com os Zés, ao som da MegaFM.

Uma semana, foi o tempo que lá fiquei, à espera sei lá de quê, ou pelo menos na altura não sabia de quê.

No dia a seguir à entrada, as coisas começaram a parecer diferentes. A senhora que estava lá de manhã era muito engraçada, e ria por tudo e por nada. Mesmo sem assunto. Mas ajudava a passar o tempo e a digerir a vontade de ir embora. Quando fui à casa de jantar para tomar o pequeno almoço, deviam ser aí umas nove, perguntei-lhe se podia saber alguma coisa da minha Mãe e ela voltou com notícias mais ou menos frescas: a minha Mãe estava internada e não dava ainda acordo de si, mas os médicos estavam esperançados. Disse que tinha falado com uma enfermeira, e que a minha Mãe, a determinada altura, a meio da noite, tinha acordado por breves segundos e chamado por mim. Fiquei muito triste e muito contente, ao mesmo tempo, e ela disse: *“E qualquer dia já a tens outra vez!”*.

Agora sei que foi tudo um engano, e que ela não fez qualquer telefonema, mas ainda bem que me mentiu e que me disse aquilo. E acredito que a minha Mãe tenha pensado em mim durante todo o tempo que esteve inconsciente, porque mesmo agora eu também estou sempre a pensar nela, e tenho tanta coisa que fazer e em que pensar.

Os dias passaram e fui conhecendo os meus “colegas de profissão”, mas o rodopio era grande e, logo naquele dia, dois foram embora e entrou um, depois saiu mais um e não sei mais quê, resultado, quando cheguei a minha vez de ir embora já não estava lá ninguém do primeiro dia. Era tudo assim um bocadão coiso, um entra-e-sai constante, crianças e assistentes sociais, polícias, uma coisa que não sei descrever. E tudo sempre muito calado, todos desconfiados, a única pessoa que estava sempre a rir era essa tal senhora, que dizia que era preciso era curtirmos cada dia como se fosse o único, e eu só pensava que se eram assim os meus únicos dias, mais valia era estar morto.

Bolas. Queria escrever mais, mas o Carlos está com sono e pediu-me para fechar a luz. E já é tarde, e amanhã temos aulas outra vez. Mas está tudo a correr bem e aconteceu uma coisa extraordinária, que foi começar a gostar de ir às aulas e a ficar chateado se por alguma razão não posso ir. Não sei se é de pensar na companhia da Rita ou se é das aulas mesmo, mas gosto de ir.

Mesmo que houvesse um Alves e um *snooker* aqui, não me apanhavam lá.

10 de Janeiro

Estive dois dias sem escrever porque os testes já vão começar e o estudo é mais. E não quero voltar a distrair-me. É que agora começo a perceber que não basta só ir às aulas, coisa que nem sequer eu fazia no bairro.

Cheguei aqui, como escrevi, num dia de sol e de calor, e acho que isso também me deu logo uma visão boa da casa.

Receberam-me de uma maneira muito diferente. A primeira coisa que vi foi o Director, o Dr. Farinha, que já posso dizer ser o meu amigo “Fermento”, e que foi lá baixo à rua esperar-me. O director à minha espera, como se eu fosse algum ministro! Cumprimentou-me e disse-me: “*Então, bem vindo, André!*”. Logo assim, sabendo o meu nome – confesso que me causou muito boa impressão, e se era essa a figada dele, consegui -, e ainda me perguntou: “*preferes que te chame André ou tens outro nome de guerra?*”. Respondi-lhe que era sempre o André, e que só a minha Mãe é que de vez em quando me chamava Androcas. Ele disse-me que não era a minha mãe, pelo que me chamaria, então, André.

Subimos no elevador e entrámos na sala, onde estavam alguns dos meus companheiros. Quando entrei estava um bocado aflito, com a lembrança do que tinha vivido na casa onde tinha estado antes, e acho que ele percebeu isso. “*Se preferires ir ao quarto primeiro...*”. Mas eu sabia que tinha que passar por aquilo e por conhecer as pessoas, e respondi-lhe que ia entrar mesmo e que fosse o que fosse. “*O Presidente da República não está cá!*” – disse-me ele, com ar meio de gozo – “*é tudo malta da tua e da minha idade...*”.

Quando entrámos na sala estavam lá uns dez miúdos e miúdas. E ainda a Chefe Glória, a Dona Idália, o Sr. Arcanjo (que já não trabalha cá) e uma outra pessoa que não me lembro muito bem, mas que era tipo secretário da organização que tem esta casa, ou qualquer coisa parecida.

O Fermento chamou o Nelson e disse-lhe: “*este é o André. Nelson, se não te importas, como mais antigo apresentas o André aos nossos amigos e eles ao André*”. E foi assim que, depois de apertar a mão ao Nelson, lá fui percorrendo todos, com os nomes a varrerem-se-me da cabeça, mas as caras não. E durante uns dias ainda troquei a Gina pela Carla, o António pelo Xico e outras coisas assim. Mas eles riram-se e até começavam a trocar, eles próprios, os nomes, dizendo que se chamavam André.

Depois de estar ali um bocado, com umas galhofas ditas por alguns: “*Se és do meu clube aceito-te como igual, se não vais ser meu escravo!*” – disse-me o António, a rir. E foi em tom de brincadeira que entrei naquela casa.

O Fermento esteve pacientemente à espera, mas a determinada altura disse que tínhamos que ir: “*Deixa aqui esta bicharada, que agora temos que tratar dos nossos negócios!*”. “*Ó Director, que malcriado!*” – exclamou a Gina. Ele riu-se e respondeu “*Nasci assim, e vocês já sabem que burro velho não aprende línguas. Só burro novo, como vocês!*”, e eu pensei que nunca na minha vida tinha visto um adulto, ainda por cima director, estar no gozo com a malta da minha idade daquela forma. Mas percebi que todos gostavam dele e que ele gostava de todos. E assim sendo, vi também aumentarem as probabilidades de gostarem de mim e eu deles, o que me agradou.

Quando chegámos ao gabinete do Fermento, sentámo-nos, ele ficou mais sério, e explicou-me porque é que eu estava ali e o que se iria passar nos tempos mais próximos:

*“Em primeiro lugar, quero dar-te notícias da tua mãe. Não são muito boas, mas não quero que percas a esperança e logo que os médicos autorizem, tenciono ir contigo visitá-la, se tu quiseres.”. Viu o meu ar e entendeu. “Já vi que queres. Mas ela agora está ainda bastante mal. Sabes que estava muito fraca, e o que se passou baixou-lhe muito o açúcar no sangue e o cérebro dela ficou um bocadinho traumatizado, mas os médicos esperam que as coisas possam evoluir para melhor.”.*

Não soube o que responder, se lhe agradecer por ter sido franco, ou se chorar por saber que a minha Mãe estava realmente muito doente.

*“Percebes também, André, que não podes ficar em casa sozinho. Além disso, e apesar de a tua mãe fazer tudo o que pôde por ti, também precisas de ter mais estabilidade, de poder estudar, de ter amigos que não te façam perder tempo e energia sem dar nada em troca, ou que te metam em algazarras ou problemas. Sabemos que és um miúdo com muitas capacidades e vamos ajudar-vos, a ti e à tua mãe, a ter um futuro que seja melhor e mais ao jeito do que vocês merecem.”*

Continuou a falar e eu gostei de o ouvir. Nunca disse mal de ninguém, directamente. Mas percebi que estava decidido a ter-me ali o tempo que julgassem necessário. Explicou-me que não ia ser fácil adaptar-me, que era diferente de estar em minha casa com as minhas coisas (mas garantiu-me que em breve se veria a melhor solução para trazer o que me interessasse da minha casa), e que às vezes surgiam discussões e problemas com os outros, mas também me garantiu que se eu tivesse irmãos seria a mesma coisa. Falou-me das regras da casa, mas fez-me perceber porque é que elas existiam. Afinal, até nas “cargas de ombro” das futeboladas do bairro havia regras. E pôs-me à vontade para lhe dizer tudo o que achasse e fazer as sugestões que quisesse.

*“Não te garanto que as ponha em prática, porque sabes que tenho que coordenar muita coisa, e o que para ti pode parecer uma grande ideia, para os outros pode chocar com qualquer coisa, mas uma coisa te garanto, é que se fizeres sugestões bem pensadas e fundamentadas, tenho todo o prazer de as debater contigo, e de as aplicar se for possível”.*

Depois de continuarmos a conversar, disse-me quem eram os adultos que estavam ou vinham à casa, quais as suas funções, e até um pormenor ou outro do feitio deles, e terminou: *“Estou por cá e vamo-nos vendo. Só queremos que sejas mais feliz do que eras, que tenhas mais hipóteses do que tinhas, e que a tua vida corra como tu queres, mas até seres autónomo temos a obrigação de te proteger. Estamos do teu lado e ao teu lado.”* Gostei do Fermento e à saída, um bocado desajeitadamente, apertei-lhe a mão com muita força e sacudindo-a muito, dizendo vezes sem conta “obrigado, obrigado”. Ele riu-se e disse: *“Cava daqui e vai arrumar a tua mala...”*.

Quando saí estava à minha espera a Dona Idália que me disse: *“Vamos fazer-te uma visita guiada, como nos museus!”*. *“Não comprei bilhete...”* – disse eu. *“Hoje é de borla porque é feriado. Sempre que chega alguém decretamos feriado e só não veio o Primeiro-Ministro porque estava ocupado. Mas vamos ter um bolo ao jantar!”*.

11 de Janeiro

Sexta-feira. E amanhã, sábado.

Fui às aulas e estivemos a dar coisas giras. A s'tora de matemática é que nos avisou que vai ficar em casa a partir da semana que vem porque está grávida e parece que tem que fazer repouso. É pena, porque ela é baril, e espero que não venha nenhum cota substituí-la.

Uma data de colegas meus estavam a pensar em organizar uma equipa de futebol, porque vai haver um torneio escolar. E vieram-me perguntar se eu queria alinhar. Disse que sim, mas agora estou com um bocado de medo porque tenho estado com a sensação de voltar para as futeboladas com a malta do bairro. Nunca me hei-de esquecer do amigo do Bernardo Narigudo, e do que ele me contou sobre a minha Mãe. Se fosse hoje, acho que não me ficava e dava-lhe um enxugo – pelo menos a primeira trancada dava-lhe, porque acho que a seguir ele me desfazia. Mas limpava a honra da minha Mãe.

E os Zés, o Lampreia e o Martelo, que será feito deles? Será que continuam a cravar o Alves e a passar as tardes no *snooker*? Hoje, à volta da escola, quando me pus a pensar nestas coisas todas, deu-me de repente umas saudades enormes de voltar ao bairro e aparecer no Alves. O que diria ele? Mas quase vomitei a pensar no que me iam perguntar, e depois aquela malta ia achar que eu estou a transformar-me num betinho. Se dissesse que vou todos os dias às aulas e que até gosto de estudar, riam-se de mim até estoirarem as barrigas.

Foi por isso que me senti um bocado coiso por voltar a jogar futebol e nem sei onde é que eles foram saber que eu jogava. Será que andaram a vasculhar o meu passado?

Hoje a Rita não pôde ir de manhã – teve que ir ao dentista. Fiquei com pena, porque aquele passeio com ela, todas as manhãs, faz-me sentir bem. Só a vi no intervalo do almoço, mas de relance, porque ela tinha um teste e estava a estudar com as amigas. Ela sabe o que se passou comigo, porque eu lhe contei tudo. Foi das poucas pessoas a quem contei e estava à espera que ela me voltasse as costas, sei lá, filha de gente civilizada, e eu um gandulo acabado de chegar da selva. Mas não. A Rita foi sempre igual. Nunca mudou nada comigo, mesmo depois de saber que eu não era boa rês, enfim, que não era uma rês muito boa. Mas tive pena que ela hoje tivesse que ir ao dentista.

Sinto-me um bocado triste, deve ser do frio. Ao jantar praticamente não disse nada e fui-me deitar cedo. O Carlos continua a ler, a ler, a ler, e não pára de ler. Tentei fechar os olhos mas a luz do candeeiro dele sentia-se muito. Não tive coragem de lhe dizer nada, porque ele tem sido um grande amigo. Fingi que dormia, mas pus-me a pensar na vida e nas voltas que a vida dá. Se eu não tivesse este “percurso de vida”, como dizia o outro lá na outra casa, não estava aqui a pensar, andava na rua no gamanço ou estava instalado aí numa vivenda qualquer, com um pai cheio de bago e um carrão à porta para me levar à escola. E perdia a companhia da Rita todas as manhãs... menos hoje...

Não sou de igrejas e de coisas dessas, mas começo a pensar que tudo tem uma razão qualquer, só que as pessoas passam ao lado e não percebem o que lhes está a acontecer.

A única coisa que eu não entendo é o que aconteceu à minha Mãe. Mas hei-de perceber um dia, espero.

E agora vou tentar dormir porque estou um bocado seca, hoje.

12 de Janeiro

Aconteceu uma coisa muito chata, aqui. Uma cena mesmo chata.

Por ser sábado, houve visitas e apareceu o pai do João Paris, a gente chama-lhe assim porque ele foi uma vez a Paris, diz ele, acho que é tanga, e passa a vida a dizer que viu a Torre Eiffel, acho que ele viu foi um filme passado em Paris e sonhou que tinha ido lá, e então baptizámo-lo de João Paris, o verdadeiro apelido é Sousa.

O pai do João Paris veio visitá-lo – ele tem dez anos. E vinha podre de bêbado. Por acaso passei por ele, quando ele estava no *hall* de entrada, e o bafo a álcool fez-me lembrar muitas coisas. Não sentia aquele cheiro desde que saí do bairro.

O Fermento não está aos sábados, e quem estava a substituí-lo era o Sr. Lopes, que não é muito de sorrisos. O João tinha ido à casa de banho e não estava na sala.

Acho que o Lopes disse ao pai do João que era melhor ir embora porque estava bêbado e não queria que o João o visse assim. “*Não basta o que lhe fez?*” – disse ele, ao pai do João, depois de estarem para ali a discutir. Segundo me contaram - porque o João não abre a boca sobre o assunto -, o pai obrigava-o a trabalhar na padaria dele, desde madrugada, e tratava-o mal, sempre com pontapés e murros, a dizer que ele era um tipo imprestável, que não servia para nada e que ia ter uma vida infeliz. Vida infeliz já ele tinha com aquele mastodonte. A mãe estava presa, porque andava na droga, e o pai tinha mais uma porrada de miúdos em casa – ao todo eram para aí uns quatro.

O pai do João ficou ofendido com o Lopes e disse que entrava, e entrava mesmo. “*Desculpe, mas não entra! Quem decide estas coisas aqui sou eu!*”. Bom, o sururu foi de tal tamanho que às tantas estavam os dois a gritar e o pessoal começou a juntar-se, para ver a cena. A Chefe Glória tentou acalmá-los, mas nem um nem outro já estavam em estado disso. Foi então que o pai do João deu um encontrão no Lopes e ele estatelou-se no chão, e o homem avançou por ali até ao quarto do João, deu um pontapé na porta e disse ao João, que tinha entretanto saído da casa de banho, que ele ia com ele porque não ficava aqui nem mais um minuto. O João ficou sem saber o que fazer, mas o pai apertou com ele, e ele vestiu o casaco, passou por nós, o pai ainda deu um encontrão ao Lopes que estava a tentar ligar para a polícia, e desapareceu com o João pela escada abaixo, aos berros.

Foi uma cena que só vista. Acho que ficámos todos com muito pouca vontade de falar, mas daí a bocado estávamos todos reunidos na sala, a comentar e a tentar perceber o que é que devíamos fazer. A polícia apareceu e prometeu fazer alguma coisa, mas ninguém sabia para onde eles tinham ido.

São quase oito da noite e do João, népias. Provavelmente o pai meteu-se nalgum combóio e só o apanham sei lá quando. Se calhar é desta que vai mesmo para Paris.

Esta cena chateou toda a gente, e dei por mim a pensar se isso acontecesse com a minha Mãe. Será que o Lopes também a mandava embora?

Acho que às vezes as pessoas estão completamente dessintonizadas umas das outras, parece que umas estão no canal um e outras no canal dois. Já acontecia isso lá no bairro. Quando a malta se punha toda a discutir por causa de uma coisa qualquer, fosse uma bola que parecia que tinha entrado na baliza ou uma tacada que tinha sido dada em falta, muitas vezes a discussão ficava brava porque perdíamos a calma e nem sequer ouvíamos o que os outros tinham para dizer. Até chegava ao ridículo de estarmos a dizer mais ou menos o mesmo e nem sequer repararmos nisso.

Um dia, o Dr. Rui, o psicólogo cá da casa, disse-me que as pessoas tinham que aprender a escutar mais do que a ouvir. Na altura não percebi qual era a diferença, e ele riu-se e perguntou-me uma coisa que parecia que não tinha nada a ver com o caso: *“André. Como é o ditado: quando um burro fala os outros...”*. *“... baixam as orelhas!”* – respondi eu logo, com ar sabichão. *“Enganas-te”* – disse ele. *“Quando um burro fala, os outros levantam as orelhas, para poderem escutar melhor!”* -e continuou: *“Sabes que, às vezes, as pessoas até não se entendem porque adivinham intenções e tons de vozes onde não os há. Imagina: tu dizes uma coisa, e a outra pessoa, como te vê como um adversário, leva as tuas palavras e a maneira como tu dizes logo para o pior, imagina agressões, treslê o que dizes, retira palavras ou frases isoladas, e tu, que estás se calhar stressado, chateado, desconfiado, que não percebes a intenção do outro e que estás na retranca, também preferes ir por um caminho de agressividade crescente em vez de pensares que talvez ele não esteja exactamente com as intenções que lhe atribuis, ou que até possa ter razão em algumas coisas do que diz, não é?”*.

De repente foi como se estivesse em “n” cenas da minha vida, em discussões no bairro, aqui em casa. E também reparei numa coisa: quando há muito barulho, um ambiente confuso, quando não se tem tempo ou estão outras pessoas presentes, é difícil tentar entender as razões das outras pessoas. *“Mesmo que não concordes com elas, tem que as escutar”* – disse o Dr. Rui. Acho que foi isso um pouco o que se passou entre o pai do João Paris e o Lopes. Viram-se como inimigos naturais, quando são, afinal, aliados relativamente ao João.

Agora que estou a escrever isto, aqui no quarto – o Carlos foi hoje aos anos de um colega da escola e ainda não voltou -, penso no assunto cada vez mais e não sei se o Lopes fez bem. O pai do João é um bruto, isso está fora de questão, mas tenho a impressão de que ele não vinha cá para o tirar da casa – já cá veio muitas vezes e até estava bem com ele e o João gostava de o ver, embora quando o pai saía ficasse sempre um bocado embelezado, não falava com ninguém e metia-se no quarto. Não sei se não faria o mesmo. Mas o que é certo é que o homem parecia-me que vinha a bem. Estava bêbado que nem um cacho, é verdade, mas se o Lopes o tivesse deixado entrar, talvez as coisas se tivessem composto e, para todos os efeitos, o João já sabe que o pai é assim. Se sabe. Não é, aliás, por acaso que o João veio aqui parar. Claro que o Lopes sabe o que faz, e deve ter ordens para agir como agiu, mas não sei se poderia ter falado com ele, na calma, tentado que ele esperasse um bocadinho para cozer a bebedeira, sei lá, avisar o João que o pai hoje estava um bocadinho passado, enfim, acho que havia mais soluções do que o mandar embora.

Uma coisa para que o Dr. Rui me chamou a atenção, na tal conversa, foi o facto de a comunicação entre as pessoas fazer-se muito, também, pelos gestos e pelo corpo. Lá no bairro era assim. Quando as coisas azedavam ou quando o ambiente estava cada vez melhor, nós usávamos o corpo cada vez mais, fosse para crescer para o outro, e inclusivamente dar-lhe uma lambada, fosse para abrir os braços e dar um abraço. Naquele dia, quando o Dr. Rui me falou, pus-me ao espelho, depois, a fazer caretas e a perceber que sorrir, franzir o sobrolho, fazer cara de espanto, rir com um ar contente ou rir com um ar de gozo ou arrogante, são coisas que podem influenciar extraordinariamente a conversa. O pior foi quando o Carlos entrou na casa de banho e me viu “a falar comigo próprio”. Ia-lhe dando a pataleta de tanto rir, e então resolveu falar com a minha imagem no espelho e dizer *“Eh, pá. Não liguês ao André. O gajo é esturrado da moína, o que é que queres, mas até é um tipo porreiro. Não liguês ao gajo mas dá-lhe umas abébias de vez em quando, que ele merece”*. Rimos os dois e, segundo o que o Dr. Rui me ensinou, percebi que tínhamos tido um excelente momento de comunicação. Imaginem que eu tinha achado que o Carlos me estava a gozar ou a tentar diminuir: tinha-lhe logo ido aos fagotes...

Conhecendo a história do João e o pai dele, é claro que o tipo não ia dizer “Sim, senhor. Volto quando estiver na boa!”. É claro que não. Mas até se tem esforçado para vir cá de quinze em quinze dias. Não deve ser fácil ser assim. Não o quero desculpar, porque basicamente é um brutamontes, mas ter a mulher presa e quatro filhos deve ser muito complicado. Ainda por cima, cada filho está num lar diferente, porque nem sequer tomaram isso em consideração. Sei lá, se calhar as coisas são mais complicadas do que um puto da minha idade percebe, e bem vi comigo como foi, para arranjar vaga, e era só um, mas esta coisa de separar irmãos dá-me um galo do caraças. Como é que o pai do João pode ir visitar os filhos todos? Arranja carro e motorista, como se fosse um ministro?

E depois o raio do álcool dá-lhe a volta à cabeça – eu sei o que é que essa merda faz. Vi muito lá no bairro. A putos e a adultos. Fica tudo virado com a porcaria do álcool. No dia que o Zé Martelo deu um coça num gajo que tinha entrado no café para comprar tabaco, mas que tinha tido o galo de lhe dar um encontrão, foi por causa de ter bebido mais do que a conta, porque estava piurso por nós lhe estarmos a dar uma abada no *snooker*. E quando ficava furioso por perder, o Zé Martelo nunca nos batia, porque achava que se nós lhe estávamos a ganhar era porque estávamos a jogar melhor do que ele, mas desferrava-se na bebida. Tinha muita honra, o Zé. Mas o álcool fez-lhe nesse dia perder a cabeça.

Não sei o que vai acontecer. Provavelmente a polícia avisa toda a gente e o João volta para aqui, o pai vai preso e assim é que nunca mais aparece, seja bêbado ou não. E o João nunca há-de ir a Paris com o pai – só se for à Avenida Paris e é um pau.

Que dia mais chato. O que eu devia ter feito era ter telefonado à Rita e ido com ela ao cinema, mas acho que os pais dela ainda não deixam essas coisas. Eu, se fosse pai dela, queria tudo menos que a minha filha fosse ao cinema com um tipo como eu, que vive num lar porque foi abandonado, ou porque pelo menos os adultos acharam que estava abandonado.

13 de Janeiro

Grande sururu às seis da matina – o João voltou, acompanhado de dois agentes da PSP e uma senhora da segurança social. Deram com eles na padaria, onde o pai tinha ido buscar dinheiro para fugir.

Ninguém falou com o João. Foi directo para o quarto e o companheiro de quarto dele, o Rufas, basou para o do lado porque não queria dizer nada que o pudesse chatear ainda mais.

15 de Janeiro

À volta da escola dei comigo a pensar no que deverá uma pessoa fazer quando tem uma data de putos à guarda e trabalha num sítio como este. Eu gabo a paciência destes funcionários todos, de nos aturarem. Ainda por cima, todos nós temos umas histórias que davam filmes. O Lopes, por exemplo, é de poucas falas, mas eu se fosse a ele só rosnava, de ter que estar aqui a controlar o que fazemos ou com medo que a gente parta alguma coisa, arme briga, sei lá. E atura os pais e as famílias, ainda por cima aos fins-de-semana.

A Chefe Glória deve ter dias em que se sente mal, em que está cansada ou lhe apetece dar uma volta e não vir trabalhar. Mas aqui está ela, todos os dias menos sábados à noite e domingos ao almoço, cozinha para nós, tem uma paciência infinita para nos fazer aquilo de sermos nós a escolher a comida, e nós nem sequer somos filhos dela. Se fosse nossa mãe, ainda vá lá, mas acho que ela nos sente como seus filhos, eu um dia disse-lhe que ela devia ser uma espécie de mãe adoptiva de todos nós e ela chorou, e disse que eu era um palerma sentimentalão, e abraçou-me. Não percebi se isso era um elogio ou se me estava a criticar, mas fez-me pena e passei a gostar ainda mais dela.

A Dona Idália, todos os dias leva com o mesmo – e há alguns de nós que às vezes se estão nas tintas, saem sem fazer a cama, deixam as coisas fora do lugar e ela que limpe.

Ou seja, não sei se gostava, quando fosse adulto, de trabalhar com miúdos como eu. Pelo contrário. Acho que detestava. Mas alguém tem que fazer este trabalho, e segundo as conversas que vou ouvindo, toda a gente é mal paga, aqui, para o trabalho que faz. É como dizia a Mariana, que veio de Cabo Verde e só encontrou este trabalho, lá fora, as amigas delas que estão em casa de pessoas, a tomar conta de bebés ou a trabalhar, acham que ela é uma desgraçada para vir para aqui. Mas ela gosta, e diz que as amigas têm inveja. Gosta, ou finge, para não nos melindrar.

E há ainda os voluntários, que são afinal “voluntárias”, dado que são quase exclusivamente mulheres. Essas, ainda por cima, não recebem nada, estão a ajudar-nos só pelo gosto de o fazer. Acho que pensamos pouco nestas coisas. Ainda há dias estive a falar com o Xico e a Gina sobre isto. Alguns de nós habituaram-se à rua e às regras da rua, outros foram maltratados em casa, mas todos sentimos uma grande liberdade e um enorme alívio, de repente, quando viémos para esta casa. E acho que, sei lá, por ressabiamento ou por outra razão qualquer, começamos a ser muito exigentes e armados em reizinhos. Passamos do oito ao oitenta. Não gostava de ser egoísta, mas quando penso na vida que a Mariana tem, quase que me pergunto quem é que precisava de ajudar quem.

E, pensando bem, não são as pessoas que estão do nosso lado, sejam ou não voluntários, que têm que levar com a nossa raiva e a frustração por termos uma vida de merda, ou a resvalar para isso. Foi uma conversa gira, e por uma vez estivemos todos de acordo, o que é raro, diga-se de passagem... não se falou de futebol, de política ou de religião – deve ter sido por isso. O Xico até disse poucos “pás”, e a Gina não trepou pelas cadeiras...

Continuo a pensar que o Lopes podia ter feito as coisas de outra maneira.

Quanto ao João, ninguém lhe falou do assunto e ele não fala com ninguém. Mas ele sabe que pode contar connosco. E quando quiser, fala e a gente escuta. Se há coisa que eu aprendi com o Zé Martelo, é que não se dá porrada nos amigos, ouvem-se os amigos. A porrada fica para os outros.

16 de Janeiro

Ao reler o que escrevi, reparei que ainda não disse quem mora nesta casa. É fácil, quero dizer, somos muitos: sete rapazes e cinco raparigas, mas dá para perceber porque já falei de alguns deles.

Eu sou o André. O meu companheiro de quarto é o Carlos, que veio do Algarve e está sempre a ler o meu Harry Potter. Há o João Paris e o Rufas, que se chama Joaquim, e também partilham um quarto. Depois o António, o Xico Luvas e o Sabino, que estão num outro quarto. O Sabino é angolano.

Depois as raparigas: temos a Gina e a Carla, que estão as duas num quarto, a Luisinha e a Noémia, noutra, e a Clara, que está sozinha.

Irei falando delas e deles. São os meus amigos e os meus companheiros, mas não são toda a minha vida, que começou antes, é variada e, espero, terá muita coisa depois deste tempo em que estou aqui, nesta casa, onde sou bem tratado e onde me estão a afinar as asas para poder voar. Por mim próprio, segundo a minha cabeça, mas sem cair em golpadas que possam pôr em causa o que mais quero: ser feliz e, na medida do possível, fazer os outros felizes.

17 de Janeiro

Hoje ouvi uma conversa entre o Fermento e uma pessoa, não percebi se homem ou mulher. Estava descansadinho no meu quarto, a estudar, para depois ir ver um bocado de televisão – não perco um episódio do CSI -, quando ouvi o Fermento gritar. Coisa rara. Ele é sempre um “vozinha de veludo”, mesmo quando tem alguma coisa séria para nos dizer ou para ralhar. Ralha sem gritos, que é uma coisa que nunca tinha visto na minha vida.

Mas o Fermento estava ao telefone e a dizer “*Nem pense. Nem pense. Ou vêm todos ou nenhum!*”. A princípio fiquei a pensar no que seria, se tinha alguma coisa a ver com o caso do João Paris, de que ainda não sabemos tudo o que aconteceu. Ele não fala e ninguém conta nada, porque também ninguém pergunta.

*“Nem pense! Ou acha que eu tenho cara de parvo?! Fazia isso uma vez e era romper com o que sempre defendi. Nem pense!”.*

Continuei pasmado e pus-me à porta, a ouvir.

Com o decorrer da conversa, percebi o que era, afinal. A senhora ou senhor queria convencer o nosso director a aceitar uma criança aqui, mas deixando dois irmãos em outros lugares. E ele recusava-se. E dizia que ou vinham todos juntos ou não vinha nenhum.

Ganda Fermento. Ganda homem. Como é possível pensar que, sobretudo numa altura tão terrível que é sair de casa, mudar de vida, perder o que nos liga à vida, os irmãos podem ir cada um para seu lado! Eu não tive irmãos, e sei quanto gostaria de ter tido um, a quem contasse, nos momentos maus, todas as coisas inesperadas e tristes que me aconteceram, mas também as dúvidas, sentir alguém com quem não fosse preciso estar a falar para ser compreendido. E também as coisas boas. Se calhar não escrevia este Diário, mas teria gostado de ter um irmão.

E se tivesse um e me separassem dele, aí eu acho que perdia a cabeça. Acho que sim. Como é que alguém pode pensar em fazer uma coisa dessas? Grande Fermento. Acho que ele entende bem as coisas – quase desconfio que ele é ou foi um dos nossos. Para perceber as coisas assim, só pode...

Por acaso um amigo meu que anda também na escola, o Jaime, que tem mais ou menos a minha idade, contou-me uma coisa que tinha acontecido com um outro, na casa onde ele vive. Acho que ele tem um bocado de inveja da nossa casa, porque é muito boa e embora eu não fale muito destas coisas fora daqui, a verdade é que sempre mencionamos uma coisa ou outra, quando calha. Aliás, não é por vergonha ou medo, porque todos lá na escola sabem que a minha casa não é uma casa com família e essas coisas, mas também ninguém se parece importar muito, salvo um ou dois da minha turma que se acham superiores, ou então têm medo que eu tenha lepra, ou assim.

O Jorge contou-me uma cena que se passou na casa dele e que me fez agora ver como é importante os directores serem quem são – se o Fermento fosse um merdas qualquer esta casa andava nas ruas da amargura, de certezinha.

A história passou-se com um outro miúdo, em Maio, o Amândio que também tem 14 anos, e que estava já há alguns dias mal disposto, mal humorado, implicativo, a chatear toda a gente. A equipa de futebol dele tinha ficado em terceiro na Liga e o tal miúdo não conseguia aguentar a ideia. Tanto mais que os amigos eram quase todos de outros clubes, pelo menos havia uns dez que eram dos

clubes que ficaram à frente do clube do miúdo. Havia um que é do clube dele, mas não contava porque era um fraquitolas, que raramente falava, e quando o fazia era para dizer coisas como “não te rales que para o ano há mais”. Ora, o miúdo queria mesmo ralar-se, porque continuava a achar que o clube dele devia ser campeão nacional. Não conseguia engolir a hóstia!

O pai do miúdo era do clube que ganhou a Liga. E o miúdo ainda se lembrava das bebedeiras que o pai apanhava, fosse quando o clube ganhava, para “comemorar”, fosse quando perdia, para “esquecer”. E também não esquecia as sovas que apanhava, ele e a mãe, todas as vezes que havia jogo, quer dizer, todos os fins de semana e muitas vezes durante a semana.

O miúdo andava a ferver – contou o Jorge -, e não conseguia aguentar e um dia, quando estavam todos a ver o telejornal e o locutor falou de um grande jogador que ia ser contratado pelo novo campeão, ele explodiu: *“Podem contratar quem quiserem que não hão-de passar de uma porcaria de equipa. Só ganham com penaltis inventados. Se não pagassem tanto aos árbitros...”*

O director do lar, que estava lá nesse dia, ficou furioso e disse-lhe para não ser malcriado, que por causa de atitudes dessas é que os estádios estavam cheios de *hooligans*. O Director é da equipa que ganhou o campeonato, que era a mesma equipa do pai do miúdo: E disse-lhe qualquer coisa como isto: *“Lá porque perdeste não te vais armar em esperto, ouviste? Aqui dentro comes e calas-te, e se és adepto de uma equipa de vergonha talvez devesses pensar em mudar...”*. Ao passar por ele deu-lhe um “caldo” na nuca e riu-se. Todos riram, parece, incluindo o próprio Jorge, mas foi um rir sem querer.

O miúdo ficou ainda mais lixado e disse, em voz baixa: *“Cabrão de merda!”*. O pior foi que o director ouviu: *“O quê?”* – dizem que ele disse – *“o que é que me chamaste?”*. O miúdo não disse nada e foi para o quarto. Então, o director da casa onde eles estão seguiu-o, abriu a porta e entrou: *“Cabrão era o gajo que te criou, ouviste? Ele e a tua mãe, que não souberam tomar conta de ti! Ficas uma semana sem sair e à hora da telenovela passas a fazer exercícios de matemática que eu próprio te vou marcar!”*. Os outros ouviram tudo, na sala, arrependidos de terem também rido.

Quando o director saiu, foi para o gabinete dele e bateu com a porta. Acho que ficou tudo meio parvo, e o Jorge muito arrependido de ter gozado com o miúdo, quer dizer, ninguém imaginou que o miúdo ficasse tão lixado mas até se percebe, se o pai lhe chegava por causa do futebol. A cozinheira, que ia a passar no corredor, ouviu tudo e ficou cheia de pena do miúdo e, mal o director saiu, foi ter com ele e disse-lhe: *“Deixa estar, para o ano ganhamos.”* E o miúdo, meio a chorar, respondeu: *“Para o ano não tenciono eu estar nesta porcaria de lar, garanto-lhe! É só ter uma oportunidade...”*.

Enfim, encurtando razões, foi uma bernarda que durou alguns dias. O director não chegou a cumprir aquele plano de penas nem nunca mais falou nelas, era só ameaça, mas – disse o Jorge -, todas as vezes que passava pelo miúdo punha-se a gozar com ele: *“Então, já começaram a treinar?”*, *“Então, já contrataram reforços?”*. Um bocado filha-da-putice, também. Sempre a dar no miúdo, o que é que ele podia fazer, a equipa tinha perdido, não era o miúdo que ia ganhar o campeonato! Vá lá, o tal Amândio teve-os no sítio e não respondeu às provocações, mas acabaram por nunca resolver a discussão e ficou sempre cada um na sua. Mesmo passadas umas semanas, o Jorge teve ocasião de falar com ele outra vez, mais a sós, e o miúdo achava que o director é que tinha tido a culpa toda e que ele não tinha feito nada. O director também devia achar o mesmo, com certeza, e ficaram assim.

E o Jorge diz que o miúdo anda manso, mas é só até ter a oportunidade de basar daquela casa. Não sei, mas acho que, com o Fermento, uma cena destas era impossível.

Tivemos hoje notícias do pai do João Paris – e foi o próprio João que nos comunicou as novidades. Confesso que andava há que tempos para lhe perguntar, mas era tão complicado que, nem eu nem os outros, nos atrevíamos. Foi libertado e chegou a acordo, com a Comissão de Protecção dos Miúdos, lá no sítio onde vive, para um programa para ver se consegue estabilizar a vida, controlar a violência e voltar, um dia, a viver com os filhos. Não vai ser fácil, mas o João já andava hoje com uma cara mais contente. Sempre estive esperançado que, debaixo daquele brutamontes, houvesse algo que não fosse totalmente mau. E parece que sim, por muitas estupidezes que ele tenha feito.

A ver se é desta que o João arrebita, que tem andado um bocado murcho. Aposto em que ele ainda há-de ir a Paris com o pai.

18 de Janeiro

Sexta-feira outra vez. Os dias passam a correr e as semanas também. Há alguma coisa que me perturba, nestas sextas-feiras e acho que já descobri o que é: é que amanhã é sábado e não vou ver a Rita. Estou-me a habituar a ela, e faz-me falta. Nunca tive coragem de lhe dizer para vir aqui, mas se calhar um dia destes vou arriscar. Ela tem que saber quem eu sou.

Há uns meses comprei um telemóvel. Com a minha semanada. Uma coisa que o Fermento faz sempre, e aliás avisou-me logo no primeiro dia, é dar-nos uma semanada. Não é uma fortuna, vamos lá, mas são cinco euros. Cinco euros por semana para fazer a minha vida. É uma fortuna, pensando bem, estava eu a dizer que não. É! Podemos usar para o que quisermos, mas inclui ir ao cinema, ir ao MacDonal'd's, comprar alguma coisa extra como um livro ou um CD e, por exemplo, um telemóvel. Já sabemos que, se queremos uma coisa maior, como foi agora o meu caso, temos que estar umas semanas à míngua de outras coisas. É tudo uma questão de escolhas, e há quem não consiga poupar e chegue sempre ao domingo sem um tusto.

No lar de um amigo meu não deixam usar telemóveis, porque têm medo que alguém os roube para vender, ou assim. Nunca percebi bem. Quando os miúdos precisam de telefonar, há uma cabina na entrada e eles vão lá fazer as chamadas, com moedas. Acho um sistema pouco prático porque as moedas ficam nas ranhuras – no outro dia houve um engraçadinho que pôs papelinhos dentro da ranhura da moeda e o telefone esteve mais de uma semana sem ser arranjado.

E, depois, os miúdos não podem falar à vontade. Se quiserem ter uma conversa mais pessoal está sempre gente a passar – imaginem um que quer contar alguma coisa que se passou de mal, com um dos funcionários ou com um colega. Sei lá, que lhe bate ou abusa dele. Agora pergunto eu: como é que ele vai contar a alguém se está sempre gente a ouvir o que ele diz... Aqui na casa, só não nos deixam usar os telemóveis à hora das refeições e quando estamos na sala a ver um filme, ou qualquer coisa no género.

Houve um rapaz que passou por aqui e que estava sempre a receber toques, com uma daquelas músicas de estrilho, e causava problemas porque interrompia as conversas, os filmes, o que fosse. Não se podia estar cinco minutos ao pé dele que se ficava com vontade de atirar o telemóvel pela janela. Era companheiro de quarto do António, coitado, que tinha que levar com ele. Chegava a ouvir-se o raio do toque depois da meia noite, acho que ele nem tinha horas para desligar aquela porcaria. O Fermento chateou-se com ele e confiscou-lho. O putito ia tendo uma coisa má e ficou lixado.

Mas, por mim, acho bem que haja horas de descanso. É complicado estar a limitar a vida das pessoas – quantas vezes não me apetece deitar às horas que mandam -, mas é preciso ver que somos muitos e que temos que viver uns com os outros, cedendo aqui e ali, mesmo que não apeteça. Nunca tive irmãos, mas calculo que seja mais ou menos o mesmo, a não ser que se tenha um quarto só para nós, como era o meu caso. Nem me custou muito a adaptar a ter outro tipo no quarto, mas acho que é por ser o Carlos, que é um tipo porreiro e que nem se dá por ele. Só quando me chaga com o Harry Potter, a contar os capítulos que já leu, mas a culpa foi minha, embora não me arrependa de lho ter emprestado.

É como os banhos – havia uns malandros que iam sempre a correr para o banho, ficavam no duche horas e horas, e depois quem sobrava para o fim é que se lixava, com a água gelada. Agora tomamos banhos curtos, ou então, quem quer ficar a lagartear no banho certifica-se que toda a gente já tomou. E nem foi preciso ser a Direcção a estabelecer regras – um dia, a seguir ao jantar, um de nós

– acho que foi o Paris – levantou a questão e, primeiro, eles puseram-se no gozo, a dizer que o banho frio enrijecia, mas depois perceberam e fizemos este acordo que, até agora, tem sido cumprido.

Nos meus anos, então, decidi oferecer a mim mesmo um telemóvel, com o dinheiro das semanadas que fui poupando. Um daqueles que não fazem muitas coisas, mas serve para telefonar, que acho que é isso que interessa, e deu-me mais em chamadas do que o preço dele. Os meus amigos gozam comigo porque estou sempre a ver se se pode ligar daí a cinco minutos, para ser mais barato, mas seja por isso ou outra coisa, a verdade é que, até hoje, só tive de o carregar uma ou duas vezes. Não gasto para nada! A quem haveria eu de chamar? Ao meu pai, que não me conhece sequer? À minha Mãe? Infelizmente não posso, porque com ela gastava toda a semanada no primeiro dia, com as saudades que tenho dela. Aos Zés? Estou a imaginar-me: *“Lampreia, hoje jogamos a tirar bolas ou a dar duas jogadas ao adversário?”*. O Lampreia e o Martelo sempre tiveram telemóvel, daqueles todos artilhados, roubados a doutores e gente da fina, mas acho que depois de os fanarem só os utilizavam para acertar a hora da droga ou qualquer coisa assim. Duvido que o usassem para falar às namoradas: com estas, chegavam ao pé delas, saltavam-lhes para cima e pronto, não precisavam de comunicar mais nada.

Hoje está-me a apetecer ligar à Rita, e acho que depois do jantar vou para o quarto e “ataco”.

Tive que enxotar o Carlos, que parece um tontinho com o Harry Potter sempre atrás, e fechei a porta à chave. Só para ninguém entrar.

Vi que ainda tinha saldo no telemóvel – o carregamento é que não depende de nós pois é o Fermento quem nos carrega, a nosso pedido, mas cinco euros de quinze em quinze dias é o máximo e nem mais um tusto; como só ele é que sabe o código do carregamento, quando o saldo acaba, acaba mesmo -, e liguei o número da Rita.

Quando ouvi a voz dela estive mesmo para desligar. *“Rita”* – disse eu – *“sou eu.”* *“Olá!”*, respondeu ela, que não devia estar à espera. *“Sou eu, o André. Era para saber amanhã o que é que fazes”*. Ela esperou uns segundos e respondeu-me que ia estar em casa, a estudar. Foi aí que me enchi de brios e saiu tudo pela boca fora: *“Rita, era para saber se querias estudar aqui, comigo. É sábado, está pouca gente, têm quase todos programas, e desporto e sei lá mais o quê, e pensei que talvez gostasses de vir até aqui, conhecer esta coisa”*. Sei que ela ficou a pensar, mas acabou por dizer: *“Deixa só perguntar aos meus pais, mas acho que sim. Posso ligar-te amanhã de manhã?”*.

Disse que sim, e isso dava-me tempo de arrumar o quarto e pensar que CD é que ia pôr para quando ela chegasse. O Carlos que se amanche, mais o Harry Potter, mas amanhã o quarto vai ser meu!

Combinámos ser eu a ligar às onze. E quando desliguei não sei como é que me senti. Bem, acho eu.

Excerto do Diário da Rita

18 de Janeiro

(...)

*Quando o meu telemóvel tocou pensei que era a Tuxa, que liga sempre a esta hora. É fatal. Acho que ela deve ter um despertador para lhe lembrar de me ligar, porque às vezes nem sequer temos grandes assuntos para conversa.*

*Desta vez, não. Não era ela. Era o André, com quem vou para a escola praticamente todos os dias. Fiquei um bocado parva, devo dizer. Não estava à espera.*

*E quando ele me convidou a ir lá a casa dele estudar, amanhã, pior, não atinava com o que dizer.*

*Gosto do André. Parece-me um miúdo querido, embora tenha tido uma vida que acho que nem dá para contar. Ele é querido, é giro, tem um cabelo aloirado e uns olhos muito escuros, e há qualquer coisa nele de miúdo, mesmo, que nem sei como é que ele conseguiu manter, depois de tudo o que lhe aconteceu.*

*Se calhar não sei da missa a metade, porque estas coisas que metem gangs e maus tratos, e mais uma data de coisas não deve ser só assim, escava-se e aparece mais porcaria, de certeza. E não me interessa esgravatar no nojo. Mas o André deve ter sido uma vítima, não o vejo a ser o mau da fita.*

*Uma coisa que me pasma, mas que admiro ao mesmo tempo, é como ele é vidrado na mãe. Vidrado acho que é pouco. E mesmo já tendo ela morrido, ele continua com o ar de quem está sempre à espera dela, quando no fim de contas ela não lhe ligou parece que muito quando estava viva.*

*No outro dia os meus pais estavam a conversar sobre ele e não sabiam que eu estava no quarto, com a porta aberta e que se ouvia tudo. E os comentários eram muito positivos.*

*Eu contei-lhes quem ele era, sem grandes pormenores, mas disse-lhes que o André vivia num lar e que íamos muitas vezes a pé para a escola. Quiseram saber a idade, se era aquele que já tinham visto ao longe uma vez – no fundo, os meus pais só queriam certificar-se de que o “tal André” não era nenhum matulão de 18 anos a querer aproveitar-se de mim. Isso viram que não, porque o André é a atirar para o franzino e ainda muito miúdo. E tímido, o que à partida não se esperaria, quero dizer, eu não esperaria se me contassem a história, mas acho que vivemos todos de mitos e de ideias feitas, como se os miúdos dos lares fossem sempre uns marginais quaisquer.*

*Quando o André me ligou, fiquei atarantada, sem saber o que dizer. Não sei se teria reagido assim com qualquer outro amigo meu, se calhar diria logo que sim, que ia, mas acho que nunca me tinha passado pela cabeça se o André era ou não meu amigo. O André era até hoje “o André”, e não tinha outra classificação. E a casa dele era a casa dele, mas de repente transformou-se num lar, e eu nunca estive num lar, não sei como é que aquilo é, se cheira mal, se há lá tipos com aspecto duvidoso...*

*Foi por isso que tive um certo medo – de pensar que o André tinha que ser “classificado” como os outros rapazes todos, mas que a casa dele não era se calhar uma casa como a dos outros rapazes todos. O que é estúpido, quero dizer, é estúpido estar para aqui com estas coisas, porque devia tê-lo visto sempre como uma pessoa normal. E isso é que eu não fiz, e sinto-me mal por causa disso.*

*Hoje quando o ouvi ao telemóvel, com uma voz meia aflita, sem saber muito bem como é que me havia de convidar, fiquei estarecida. E ele, coitado, a dizer que era sábado e que não devia estar lá muita gente. Eu, que passo o tempo que quero no meu quarto, que chego a chatear-me com os gémeos porque entram na sala quando estou a ver o “Morangos”, só pelo facto de estarem ali... senti-me mesmo mal.*

*Dei a desculpa de não ter autorização dos meus pais, mas já há que tempos que foram eles a perguntar-me se eu não convidava o André para vir cá ou se não ia a casa dele. Presumo que a ideia dos meus pais era também “palpar o terreno”, para ver se o conheciam melhor, não fosse ele ser algum malandro – no fim, estávamos todos um bocado na mesma onda.*

*Mas agora que o André me telefonou, sinto-me culpada. Gosto dele. Acho que posso dizer que gosto muito dele. Mesmo muito. Mas de repente fiquei a pensar se gosto por pena, por piedade, sei lá, por ele não ter mãe e não ter pai, e ter uma vida lixada e ser um puto porreiro que tenta dar a volta ao destino quando eu, afinal, nasci para aqui num berço de ouro, sem problemas, sempre tive o que quis, uns pais que me adoram, uns irmãos que são uns queridos, vou para onde quero, tenho o dinheiro que preciso e nunca me passou pela cabeça que, afinal, os Andrés deste mundo estivessem mesmo aqui, ao lado de mim, a encher-me a cabeça, a provocar-me sentimentos que não são aqueles que as pessoas do meu grupo geralmente têm quando os vêem ou sabem da sua existência.*

*Está decidido. Amanhã vou estudar com o André!*

19 de Janeiro

Sábado. Finalmente. Adoro as semanas, mas adoro também os fins-de-semana. O domingo deixa-me um bocado nostálgico porque é quando estava mais com a minha Mãe. Havia menos clientes, acho que deviam estar com as mulheres e os filhos, quase todos eram casados. A minha Mãe conhecia-os bem, embora pouco ou nada conversasse comigo sobre eles. Eu é que percebia, pelo género. Tratavam-na bem, e só uma vez é que um brutamontes tentou bater-lhe, porque chegou ao fim e não queria pagar. Mas a minha Mãe era uma mulher que não tinha medo de ninguém, e ameaçou-o “com um telefonema”. Na altura pensei que era para a polícia, mas só depois é que percebi, quando ele pagou e saiu furioso e a espumar de raiva, e a minha Mãe se sentou a rir numa cadeira da sala, e eu lhe perguntei se não ia ligar à guarda, ela riu-se e disse: “*Eu ligava era à Amélia, que é a mulher dele!*”. Foi só nessa altura que me apercebi que os gajos casados também apareciam lá em casa, e que até eram a maioria.

Os tipos raramente me viam. Um ou outro lá se cruzava comigo, quando eu ia do quarto à cozinha, buscar umas bolachas ou um copo de leite. “*Ah, és tu o putto!*” - diziam. E não acrescentavam muito. Eu era “o putto”, provavelmente o putto de quem a minha Mãe tinha falado. Um deles, uma vez, atirou-me uma moeda de duzentos escudos, das antigas, se calhar para comprar rebuçados. Eu devia ter para aí uns nove ou dez anos e usei-a para beber a minha primeira imperial no café do Alves. Ainda deu para pagar uma rodada aos Zés, que ficaram muito desconfiados a pensar onde raio é que eu tinha ido desencantar o bago, mas lá aceitaram sem fazer perguntas, e nesse dia marquei pontos junto dos meus comparsas.

Se alguém me dissesse que dali a uns anos a minha vida daria uma volta de cento e oitenta graus, acho que não ia acreditar. Era quase como pensar que os escudos iam virar euros. Não dava para acreditar, era confuso demais, e afinal, “zac”, foi de um momento para o outro...

Por volta das onze o meu telemóvel tocou e por acaso estava no quarto. Era a Rita. Devo ter mudado de tom ou baixado a voz, instintivamente, porque o meu amigo Carlos “Potter” levantou os olhos do Harry e ficou a olhar para mim, fixamente. E eu a falar por meias palavras, grunhidos e “hums!”. Às tantas, o sacana levantou-se da cama e perguntou se eu queria que ele saísse, no gozo, sacana, e eu apeteceu-me dar-lhe um pontapé no rabo mas ao mesmo tempo algo mexeu comigo e disse, para fora do telefone: “*É a Rita!*” e continuei a falar. Devo ter feito uma expressão tão natural que o Carlos ficou embasbacado. “*Vem cá hoje!*” – informei-o, mal desliguei. Acho que lhe deve ter dado uma coisa má! Caiu na cama e pôs o Harry Potter em cima da cabeça: “*Só me faltava mais esta! O André apaixonado!*”. “*Vai à merda!*” – foi a minha resposta, e saí do quarto, muito homem, mas a tremer por dentro.

São oito da noite. Está um frio do caraças – o aquecimento às vezes falha, porque a instalação eléctrica tem um defeito qualquer e não aguenta muitos aquecedores. Se fosse um condomínio de luxo tínhamos aquecimento central, como não é, ficamos com os eléctricos e é um pau. Depende das horas, mas às vezes não dá. Mas paciência, nos dias em que está mais frio pomos uns camisolões de lã e aguentamos. A Mariana é que deve gelar, habituada ao calor de Cabo Verde. “Este Inverninho está muito friozinho”, como diria a Dona Idália.

Pois a Rita veio cá. Nem sei se me apetece escrever alguma coisa sobre isto, hoje, ainda estou a pensar em tudo, foi uma coisa nova na minha vida e só me apetece sair e ir passear para a rua, ou desejar que chegue segunda-feira, para descer no elevador, andar os duzentos metros que me separam de casa dela e vê-la à porta, com aquele sorriso tão querido e tão meigo que me dá vontade de não sei bem o quê.

Não. Hoje não vou escrever sobre a Rita. Acho que gastava o diário todo com baboseiras. O que a malta do bairro diria, se lessem estas linhas. Era motivo de gozo - como eu mudei!

Vou antes escrever mais um bocadinho sobre o conforto desta casa. Sobre o meu quarto, por exemplo, meu, enfim, nosso, dado que o partilho com o Carlos. Tem duas camas, duas secretárias – fui sortudo porque fiquei com a que dá para a janela e que tem vista para a praceta -, mesas de cabeceira, claro, e que mais – eu não sou muito bom a descrever coisas -, as paredes são brancas e o chão de madeira. E nas paredes há uns placards onde podemos pôr o que quisermos, quero dizer, não sei se o Fermento nos deixaria pôr gajas nuas, estilo calendários como havia na oficina do Necas Bielas, que arranjava carros e também arranjava peças para os carros que desviava suavemente de alguns carros que arranjava, e de outros que não arranjava, mas cujos donos deviam ficar bem arranjados quando, no dia seguinte, percebessem que o motor não pegava, ou que o espelho retrovisor tinha ido à vida, ou que tinham “perdido” o tubo de escape. Um tuga, no verdadeiro sentido da palavra. Um danado, o Necas, um autêntico desenrasca. Tão bom na sua profissão que até os gajos da esquadra punham lá os carros particulares deles.

Mas voltando ao meu quarto, tenho recortado algumas coisas dos jornais e de revistas, e pus no meu placard, com “pionésés”. Uma fotografia da minha equipa, os meus campeões nacionais, por quem torço que nem um doido todos os fins de semana – jogam amanhã -, embora nunca tenha ido a um jogo no estádio. Só pela televisão, e poucos, porque a casa não tem Sport-Tv. Fizemos essa reivindicação ao Fermento, mas ele não se deixou comover. Detesta bola, mas acho que não foi por isso. “Despesas dispensáveis” – foi o argumento. Lá ficámos a chuchar no dedo e a ouvir os resultados na rádio.

Quando há bola na televisão são sempre dias muito “de cortar à faca”, porque a malta sabe que qualquer coisa dita menos a propósito pode pegar fogo. A Gina, que é doente da bola, fica lixada quando alguém diz que não foi *penalty* ou que foi falta, desde que seja contra o clube dela. No outro dia, era uma daquelas faltas que até um cego vê, e passaram para aí umas duzentas vezes em câmara lenta e de todos os ângulos possíveis. E a Gina continuava a dizer que não era. Armou-se ali um sabão que ia dando para o torto, porque ela já estava irritada, mas os outros achavam que não se deviam calar porque era mais do que evidente. Vá lá não houve estaladas, porque podia ter aparecido um dos adultos e não sei...

As colchas do meu quarto são encarnadas com riscas azuis escuras e os cortinados azuis. Temos um armário ao longo de toda a parede, que dá para guardarmos a roupa, e uma estante na outra parede, que dá a volta à cama, e onde pomos livros, fotografias e o que gostamos.

Quando me levaram para a outra casa, nem tempo tive de fazer nada, quero dizer, tempo tive mas fiquei sentado no sofá, a pensar na minha Mãe e a ouvir as senhoras da segurança social, os guardas e os vizinhos, e foi uma outra pessoa qualquer que foi ao meu quarto e escolheu meia dúzia de coisas, sem me perguntar nada, mas acho que eu também não estava em estado de me interessar por coisa nenhuma.

No dia em que vim para aqui foi diferente. Levaram-me outra vez lá a casa – ia-me dando uma coisa, quando voltei a ver o bairro, a casa, sem saber ao certo o que se passava com a minha Mãe, e disseram-me que era para eu levar o que entendesse. Recolhi a roupa toda, tirei as fotografias em que a minha Mãe aparecia, a bola assinada pelo Figo que me saiu numa feira, e que deve ser tão assinada pelo Figo como pelo Rei de Itália, uns livros, e assim coisas que me foram dando, uma caneca que o Zé Martelo fanou de uma cervejaria em Espanha, e que tem uma vaca a agarrar um touro

pelos ditos, quer dizer, os ditos cá de baixo, e tem escrito: “Quem não bebe cerveja fica assim!”. Nunca percebi se quem não bebia era a vaca ou o touro, mas os desenhos são giros e foi uma prenda do Martelo, que por definição era um gajo duro, bruto e com o coração de pedra. Dar-me uma prenda foi uma coisa única no bairro – deve ter sido em paga da bejeca que lhe ofereci com os duzentos paus que o cliente da minha Mãe me deu. Eu era assim uma espécie de mascote para eles e, no fundo, achavam-me graça, e eu também lhes achava piada, mesmo que fossem uns sacanas do caraças e chateassem o Alves até à medula. Quando saí lá de casa, com as malas, meti-me no carro da segurança social e nem olhei para trás, porque se olhasse talvez abrisse a porta e regressasse para a minha toca e para junto dos meus amigos.

O meu quarto tem uma luz no tecto e luzes nas secretárias e nas mesas-de-cabeceira. É confortável e está-se bem. Foi aqui que estivemos hoje a conversar, a Rita e eu. E senti-me bem por poder estar à vontade com uma amiga sem receio de que alguém andasse a escutar às portas – pelo menos, acho que ninguém esteve. Deve ser horrível viver naquelas casas em que parece tudo sardinha em lata, as pessoas não podem estar um momento sozinhas e sossegadas sem levar com uma data de outras pessoas em cima. É que depois, ainda por cima, os outros começam a perguntar coisas, nem que seja se está a chover, e a pessoa só quer é estar sossegada. O Jorge, lá da escola, vive num lar onde não o deixam ir ao quarto entre as duas e as sete da tarde. Dizem que eles desarrumam os quartos, pelo menos é essa a desculpa. Então têm que estar a estudar todos na sala, a desinquietarem-se, claro, outros querem ligar a televisão e é uma barulheira, acabam sempre a conversar sobre outras coisas e o estudo é que se lixa. A ideia de não poder ir ao quarto é incrível, como se o quarto fosse um museu, com horas marcadas e sempre tudo no lugar. Está bem que não se faça bagunçada, mas não exageremos.

Por acaso, no outro dia, na aula de Ciências, o s’tor esteve a falar de uma coisa gira que é o facto de os animais precisarem de espaço e ficarem mais agressivos quando não conseguem ter momentos e espaços físicos só seus. É aquela coisa do território. No bairro eu via bem como era isso, só que nunca tinha percebido os porquês. Mas depois vim para casa a pensar, no caminho, que é mesmo assim. Ser-se controlado constantemente é muito mau. E há casas onde os miúdos só podem ficar sós se forem à sanita. Depois admiram-se que muitos deles estejam sempre a ver quando é que podem basar dos lares. Falei disso com a Rita e ela disse-me que isso também acontece nas casas onde há famílias, porque há pais que são uns controleiros obcecados...

### Excerto de uma notícia do Notícias, de 20 de Janeiro

*(...) Alertada pelo dono da mercearia, a polícia interveio quando o gang estava já a fugir, com o produto do roubo. Eram cinco jovens, com idades entre os 16 e os 21 anos, e um deles tentou resistir aos agentes, empunhando uma arma. Do confronto resultaram ferimentos graves nesse jovem, tendo a polícia agido, segundo o Comandante da PSP, em legítima defesa, dado que os agentes corriam perigo de vida. O meliante, de alcunha Zé Martelo, deu entrada no Hospital de São José já cadáver. (...)*

20 de Janeiro

Domingo.

Mal dormi.

Acordei mal disposto e pedi para ficar mais um bocado na cama. A Ana Paula, que está cá só aos fins-de-semana, perguntou-me se me sentia mal, se tinha dores de cabeça ou outra queixa qualquer, mas disse-lhe que não. Estava só mal disposto. Ela disse para eu me deixar estar mais um bocado, mas que depois se calhar era bom levantar-me e tentar espevitar um bocado.

O Carlos foi passar o dia a casa de um amigo, que mora em Peniche, e levantou-se ainda não eram oito, porque os pais do amigo gostam de ir cedo, para aproveitar o dia, tanto mais que agora anoitece muito depressa. Muitos amigos tem ele – está sempre com programas.

Fiquei deitado até ao meio-dia, e quase não toquei no leite com chocolate e no pão com marmelada que a Ana Paula me trouxe.

Não sei porquê sentia-me mal e acho que foi por não dormir.

Nem os jornais li.

Almocei um bocado de peixe cozido com batatas e à tarde estive deitado a dormir, e a pensar em coisas.

O meu clube perdeu e isso ainda me deixou mais chateado. Mas não vou bater em ninguém, quanto muito naqueles desgraçados que se arrastavam pelo campo em vez de atacarem e marcarem golos!

É a vida... mas às vezes a vida pesa...

Neste momento estou a ouvir um CD da Madonna.

22 de Janeiro

Finalmente recuperei a forma. Mais concretamente ontem, quando fui para a escola e “pesquei” a Rita à porta dela.

Contei-lhe que me tinha sentido um bocado mal e ela riu-se, mas sem ser por gozo. E eu também me ri, e ficámos nessa onda.

Tive uma aula que foi uma seca - Português - e outra que foi do melhor - História. A s'itora de Matemática despediu-se de nós. Vai hoje ao médico e deve ficar em casa, a partir de amanhã. Que velho jarreta nos vai sair na rifa?

Não sei ainda muito bem o que quero ser. E acho que não vale a pena estar com muitos projectos, quero dizer, é melhor deixar a vida andar.

Nem sei se vou ficar a viver aqui em casa para sempre, até arranjar a minha própria casa. No outro dia falei disso com a Chefe Glória, que deve já ter visto muita coisa, e ela perguntou-me se eu já estava farto de aqui estar. Acho que é uma coisa de que os adultos têm muito medo, é que a gente se farte e dê à sola. Mas há exemplos como o do Nelson, que está bem na casa nova e que tem uns novos pais que são baris.

Ainda tive esperanças que a minha Mãe melhorasse e eu pudesse voltar para a nossa casa, mas não deu. Foi o Fermento que me deu a notícia, estava eu aqui há quatro ou cinco dias: *“André. Tinha-te prometido que te levaria, eu próprio, ao hospital, ver a tua mãe. Ela não está melhor, infelizmente, parece até que as coisas estão a agravar-se. Queria saber se gostavas de ir lá comigo hoje...”*. Olhei para ele e não fui capaz de responder. *“Ela continua inconsciente, mas se achares que queres ir, eu vou lá contigo.”* – Hesitou, mas continuou – *“e acho que deves ir”*.

Não sou parvo, nem nunca me deixei enganar – aliás, acho que não era essa a intenção do meu director -, e percebi logo que se não fosse hoje ao hospital, provavelmente não voltava a ver mais a minha Mãe. *“A que horas?”*. *“Saímos daqui às duas e meia”*.

Fomos. E não vale a pena estar a escrever muito sobre isso. Era a minha Mãe mas não parecia, muito magra, ligada a não sei quantos tubos. Mas era a cara dela e as mãos dela. E estive ali um bocado a olhar para ela, a falar com ela e a vê-la, e a fazer-lhe festas na mão, debaixo dos olhares das outras doentes e dos familiares e visitas, que faziam comentários, uns com pena de mim, outros com remosques à minha Mãe. Mas decidi fazer que não ouvia.

E quando a enfermeira me veio avisar que eram horas de me ir embora, despedi-me dela e pronto. Não vou escrever mais nada sobre isso. O Fermento estava à espera – tinha entrado comigo mas depois deixou-me a sós -, e trouxe-me para o lar. E pronto, Foi assim e não vale a pena dizer mais nada. Sei que ele foi porreiro e que se não fosse ele não sei o que teria feito.

A minha Mãe morreu dois dias depois e nunca recuperou a consciência. O director e o psicólogo do lar, o Dr. Rui, acharam que era melhor eu não ir ao funeral. E eu achei também. Era com certeza a única pessoa a estar no cemitério. A minha Mãe não tinha mais ninguém, nem eu tinha mais ninguém a não ser ela. O cangalheiro e o coveiro devem ter sido as únicas pessoas que se preocuparam com ela, no cemitério. Mas ainda tenho a sorte de estar, a pouco e pouco, a construir alguma coisa, com pessoas de quem gosto e que parecem gostar de mim.

Como a Rita.

Não sei o que aconteceu à nossa casa. Era alugada e deve ter ido parar às mãos de outra pessoa qualquer. As coisas não valiam nada – estava tudo roto e velho - e foram vendidas a um daqueles tipos que compram não importa o quê, e a segurança social é que tratou do assunto. O Fermento disse-me que o dinheiro da venda iria para uma conta que ele abriria em meu nome, mas não me ia deixar tocar nela até eu ter dezoito anos. Assim foi. Não era muito, e até me senti inchado por ter uma conta no banco. Eu, imaginem! Cheio de carço!!!

23 de Janeiro

O novo s'tor de Matemática ainda não apareceu. Parece que vamos ficar uma semana sem professor porque o novo ainda não pode vir e a antiga já está em casa.

Por acaso gramava-a, e só estou para ver que urso é que nos vai aparecer. Aproveitando a falta do professor, ficámos a combinar como vamos reagir se o tipo se armar em espertinho. Vai de carrinho. Já não temos idade para estar com cerimónias e queremos um professor que nos ensine, sobretudo matemática, que é uma matéria que não dá para encornar, é preciso perceber.

Não sei porquê, vieram ter comigo para pensar em coisas para fazer ao novo professor, e não me agradou que eu fosse o eleito para estas coisas. Baldei-me um bocado e disse que não me estava a apetecer dar opiniões e que não tinha nenhuma ideia na cabeça. Os meus colegas são muito esper-tos: como era para desbrincar, vai-se ter com o gajo da rua, que deve ter experiência de terrorismo urbano. Para o raio que os parta.

Acho que a Rita percebeu isso, porque estávamos no recreio e ela veio ter comigo e perguntou-me se não queria ir à cantina comprar um bolo. Foi na hora “h”. Disse “até logo” e basei dali. Não é que não ache que alguns s'tores não merecem uns castigozinhos quando estão para ali como se o dever deles não fosse ensinar-nos. Alguns tagarelam, tagarelam, falam interminavelmente e, mal toca, desaparecem, às vezes sem sequer se despedirem. Outros não. Mas hoje não me apetecia ser o centro das atenções.

Por acaso a minha escola é baril. Mais antiga do que a do bairro, mas melhor equipada. O recreio não tem aquele aspecto tenebroso que o outro tinha, todo de betão esburacado. Quando chovia tínhamos que estar todos encostados à parede, debaixo do telheiro, e mesmo assim era difícil não ficarmos com as pontas dos sapatos molhadas. Claro que havia sempre uns engraçadinhos que começavam a juntar-se, a juntar-se, e o desgraçado que estava no meio “saltava” para a chuva. Ou então era de empurrão. Não havia ninguém – contínuo, vigilante, s'tor -, que estivesse no recreio. Aliás, acho que os intervalos das aulas foram feitos para os vigilantes irem mijar, os s'tores darem uma passa no cigarro e a malta ir a correr ao bar, trincar um *donuts* ou um *croissant*, e beber um sumo. Tudo a lutar, a ver quem chega primeiro, porque os últimos arriscam-se a não ter nada para comer ou nem sequer chegarem a pedir.

Na escola do bairro havia talvez mais “irmandade”. Éramos todos uns para os outros, não havia grandes diferenças de vida. Tudo patifaria e pronto. Nesta escola as coisas são um bocadinho diferentes. Há malta que se arma em fina, pouco fala com os outros e exhibe roupa de marca, diferente todos os dias – se fosse no bairro chegavam a casa nus porque alguém lhes haveria de sacar a roupa e os ténis, que o mercado está sempre a precisar de material novo.

Os s'tores é que, tirando um ou outro, eram uns baldas. Havia lá um muita bom, o António Sousa – não me hei-de esquecer do nome dele -, que era capaz de estar horas com cada um, para ver se nós entendíamos as matérias, perguntava pela nossa vida e interessava-se por nós. A maioria não. Queriam chegar, “pôr o ovo” e ir embora, mas também era o que nós queríamos para podermos safar sempre que havia uma aberta.

Entre uma aula de noventa minutos de inglês ou de matemática, sem entender patavina, e um *snooker* no Alves, a dúvida era nenhuma. E estudar para quê? Confesso que, até chegar aqui, vi sempre o estudo como uma coisa que não modificava a minha vida em coisa nenhuma. A minha colega sueca bem ten-

tou convencer-me que o futuro isto, o futuro aquilo, mas naquela altura eu queria lá saber do futuro para alguma coisa. O meu futuro era, provavelmente, fazer o mesmo que os Zés, assim que ganhasse corpo, lata na palavra, charme na atitude e experiência no gamanço. A maioria dos colegas achava que estar na escola era uma chatice pegada, e que andavam a perder tempo porque, se não pusessem lá os pés, sempre podiam começar a trabalhar numa oficina ou na construção, e eram umas massas que entravam, para eles e para as famílias. A minha Mãe nunca precisou, mas conheço muitos que, se não fosse o que eles levavam, haviam de passar fome.

Além de que os pais deles também não insistiam muito para os putos irem à escola. Praticamente todos os pais nunca tinham posto o pé na escola, no tempo deles, devem ter feito a primária e foi um pau, e todos acabaram por se desenrascar. Pelo menos estavam vivos! Um dia, aliás, assisti a uma discussão em casa do Quim Sardinha – chamavamos-lhe assim porque o pai era peixeiro -, que ia dando em coisa séria. Já não sei de que é que se estava a conversar, mas a páginas tantas o pai do Quim disse uma coisa qualquer com a qual o Quim não concordou, e vai daí disse ao pai que tinha lido num jornal que as coisas eram assim ou assado, já não me lembro do quê mas pouco interessa. O pai continuou a repetir o que tinha dito, e o Quim continuou que tinha visto na internet mais não sei o quê, e daí a bocado estava a atirar à cara do pai, que o s'tor também lhe tinha confirmado o que ele estava a dizer. O pai, que não saía da cepa torta, sempre a dizer o mesmo – eu acho que ele nem sequer percebia o significado de metade das palavras que o Quim dizia -, já não tinha cabedal para aguentar a discussão, e vai daí arremessa-lhe um par de estalos com uma força que a cabeça do Quim ia saindo do pescoço. Aquela de ir buscar um s'tor como argumento foi um erro histórico...

Agora, nesta nova escola e nesta nova casa, aprendi que estudar pode não servir para muito, para já, mas dá-nos mais escolhas para o nosso trabalho e vida futura. Não sei se quero ser varredor ou doutor, mas o que quero é ter a escolha de ser varredor ou doutor, e se estudar talvez consiga poder escolher... e mesmo assim....

Tem sido isto que tenho aprendido: a aumentar as minhas hipóteses de escolha – e isso depende muito de mim. No bairro tinha a ideia que a minha vida estava destinada e pronto: “come e cala-te”. Agora não.

Por exemplo, a Rita. Fui eu que comecei a conversar com ela, e ela comigo, claro está, mas não precisei de nenhum Martelo ou Lampreia para me dizer quem seria a “gaja” que me meteriam debaixo de mim. Nem tive logo que me armar em machão e propor-lhe negócios de cama. Aliás, acho que levava um estaladão e aprendia logo o meu lugar. É engraçado porque, lá no bairro, as miúdas eram como nós, diziam palavrões, baldavam-se às aulas, jogavam *snooker* mais ou menos bem, mas quem mandava eram os homens e tudo dito. Ai da que se armasse em galinha tonta ou comesse a dar bicadas. Todas tinham um protector e andavam com juizinho. Aqui não, há uma igualdade muito grande, o que me sabe bem porque não estou a ver tratar a Rita como se fosse dono dela.

Bom. Mas tudo isto para dizer que o s'tor de Matemática não apareceu e, quando aparecer, ele que se porte bem, para não haver merdas...

24 de Janeiro

Devia estar cá para aí há muito poucos dias quando o Fermento me chamou e disse-me para me sentar, lá no escritório dele. Pensei que tinha feito alguma coisa de mal, e ia um bocado acabrunhado. Mas o discurso dele, afinal, era outro: “*Ouve, André. Há uma coisa de que te queria falar, mas não quero que me interpretes mal*”. Estava a beber um café e deu um gole, devagar, como se estivesse a ganhar tempo: “*Gostava que fizesses um exame médico e umas análises. Faz parte das coisas que se devem fazer, quando uma pessoa entra na casa. Não penses que é por qualquer motivo especial, sabes, mas como soubemos que tu não ias regularmente ao médico, e nós temos um médico, um pediatra, que nos dá apoio, além da equipa do centro de saúde, e é para saberes se está tudo bem, vermos se precisas de vacinas...*” – o Fermento não se calava.

“*Não tem nada a ver com a minha Mãe, pois não?*” – perguntei.

Ele viu a minha cara, preocupado e cheio de saudades da minha Mãe, e mudou de tom, tornando-se mais calmo: “*Não, André. O que a tua mãe tem não é nada contagioso. O que ela tem é muito grave, como sabes, tanto que ainda não recuperou do coma, mas é por causa do fígado. Isto é outra coisa, é um exame normal, que achamos que todos os miúdos devem fazer, seja os que vêm para esta casa, seja os que vivem em casa dos pais*”.

“*E análises?*”, perguntei eu, um bocado desconfiado, já a imaginar uma seringa enorme a chupar-me o sangue...

“*Análises*” – confirmou o Fermento -, “*porque convém ver as hepatites e essas coisas*” – olhou para mim, fixamente, e adivinhou-me de certeza alguns receios. Sorriu: “*estás a pensar que andamos à cata de drogas, ou coisas no género?*”. Como não respondi, ele entendeu que “quem cala, consente”, e continuou: “*Não estamos à cata de drogas, se é o que queres saber. Se precisasse de saber isso, sabes o que eu fazia?*”. Olhei para ele sem dizer nada e ele insistiu: “*Sabes?*”. “*Não sei, senhor director, talvez perguntasse à segurança social, ou à polícia, ou via no meu processo...*”. “*Não, André. Erraste. Perguntava-te a ti. Sabes que confio em ti e sei que não tens motivos para me esconder a verdade. Portanto, não é através de análises que vamos descobrir coisas que poderíamos saber de uma maneira muito mais fácil: através do próprio!*”. A conversa continuou, e ficou combinado eu ir ao consultório do tal pediatra, e depois ao centro de saúde. Fiquei a saber coisas que não imaginava: que existe um programa nacional para vigiar a saúde das crianças e dos adolescentes, e que há idades em que se despistam doenças e outras coisas, se vê a audição e a visão, há um programa de vacinas, sei lá, uma data de coisas. E que os centros de saúde fazem isso tudo gratuitamente.

Como não existe pediatra no centro de saúde ao qual a nossa casa pertence, o Fermento, ou ainda o director antes dele, fizeram um acordo com um pediatra que tem um consultório aqui perto, e todos os que entram fazem esse exame, mais umas análises para ver se estamos vacinados ou resistentes às hepatites, e ainda se vê o colesterol e mais não sei o quê.

Quando há algum problema de saúde, ou vamos ao médico de família ou a esse pediatra, mas a maioria das coisas resolvem-se com um telefonema ou com a sabedoria dos adultos aqui da casa. Alguns têm filhos e já passaram pelas mesmas coisas: dores de garganta, dores de barriga, febre, diarreias, aquelas coisas vulgares.

Um dia o Tó Marecos, um puto de nove anos que era um perfeito demónio (já se foi embora há uns tempos, para Braga, de onde era a família da mãe), pôs-se a fazer equilíbrios num escadote, para apanhar

uma coisa qualquer que estava numa prateleira do armário da cozinha, e estatelou-se no chão. Foi cá um estrondo! Viemos todos a correr e ele estava meio desmaiado, com um lenho de todo o tamanho na cabeça. A Chefe Glória ia tendo uma coisa má, mas arranjou ervilhas congeladas e fez-lhe pressão na cabeça, onde estava a sangrar, enquanto o Senhor Santana, que estava nesse dia de turno, pegava no pulso e tentava ver se ele estava ainda vivo. Se estava! Um puto daqueles não se apagava com um simples tombo, mesmo de um escadote e em cima de pedra mármore!

Chamaram o 112 e acabou por ir para o hospital, para ser cosido, mas só lá ficou uma noite, para vigiância. No dia em que regressou, o pediatra veio cá vê-lo e ele estava bem, apesar de ter um inchaço na cabeça do tamanho de um melão e o corpo todo dorido.

Uma coisa que os médicos perguntaram no hospital foi se as pessoas que ajudaram o Tó tinham posto luvas e gerou-se uma discussão por causa disso, porque é claro que não tinham – acho que existem umas luvas no armário dos primeiros socorros, mas ninguém se lembrou delas -, e o que pensaram foi em socorrer o Tó Marecos. Mas houve um médico que disse ao Santana que ele tinha sido um “inconsciente” porque o Tó podia ser HIV positivo. Poder, podia, lá isso é verdade, mas se calhar o tal médico também podia ser e, segundo disse o Santana, furioso, não tinha usado luvas para observar o Tó.

É claro que há pessoas que ainda nos vêem como bichos, a nós, que somos assim um bocado como nos filmes, em que passa a camioneta dos cães abandonados e saem de lá uns tipos com umas redes, estilo camaroeiro, para apanhar os animais vadios. É um bocado assim, o que as pessoas pensam de nós, e se calhar com motivos para isso. Não sei se somos flores que se cheirem...

Mas uma coisa é certa: a nossa saúde está bem entregue aqui. Sei de casas onde não há ninguém, os miúdos vão ao banco do hospital, mas é só quando estão doentes e ninguém liga puto à saúde deles.

26 de Janeiro

Ontem à noite estalou uma discussão aqui em casa, à hora do jantar. Estava-se a falar já nem me lembro muito bem de quê, qualquer coisa que tinha a ver com um comentário feito por um bispo à política de educação do Ministério, acho, e a Gina explodiu, de repente: *“Claro que a padralhada tinha que meter o bedelho no assunto!”*. *“Qual padralhada?”* – perguntou a Noémia, que é católica e vai todos os domingos à missa. *“Olha, menina, a mesma padralhada que te enche a cabeça todas as semanas. A padralhada que abusa de crianças em lares como este, e que acha muita graça aos pobres para dizer que dá uma esmolinha e, dessa maneira, limpar a consciência”*.

A Noémia ficou furiosa e atacou: *“Se fosses à missa e ouvisses os padres talvez não fosses tão amarga como és, e quanto aos lares, o que dizem por aí é tudo mentira”*. *“Ai é?”* – respondeu a Gina, a desafiá-la – *“tens que comer muito pão, menina. Para tua informação, ainda no outro dia prenderam um padre que abusava dos miúdos”*. A Noémia não está muito habituada a discussões e não conhece ainda bem a Gina, para saber que a ela se aplica bem o ditado de *“cão que ladra não morde”*: *“És uma gaja, Gina, sabes, uma gaja. Uma gajona. Generalizas tudo. É o mesmo que dizer que todos os avôs violam as miúdas, como te fizeram a ti. Olha, o meu avô nunca me fez nada e foi ele quem me protegeu até morrer. Há padres horríveis, claro, como em todas as profissões, mas são uma minoria. E gostava de saber o que seria este país sem a Igreja”*. *“Gajona é a tua mãe, ouviste, cabra! Se calhar andas metida com algum desses ratos da sacristia. Ou tu ou a tua irmã”* – argumentou a Gina. Argumentou, enfim...

Estávamos sozinhos na casa de jantar. A Chefe Glória estava na cozinha, a tirar a comida do forno, e não tinha ouvido nada da conversa. A Mariana, que hoje fez este turno, devia ter ido despejar o lixo, porque não se via em nenhum lado. E enquanto elas discutiam e subiam o tom de voz e o nível dos insultos, nós outros assistíamos e estávamos a ver a coisa a ficar muito negra.

*“Porra! Pá. Acabem com esta história.”* – Levantou-se o Xico Luvas, com um murro na mesa. Mesmo sem as luvas calçadas. – *“Mas que raio de porra é esta, pá? Onde é que vocês querem chegar? Que raio de porra é esta, pá, pergunto eu!”*

*“Não te metas!”* – rosou a Gina.

*“Vai pró caraças, pá! Meto o que me apetecer, pá, quando estas cenas se passam à mesa onde estou a jantar, percebes, pá? Também estou de acordo que o bispo não devia ter andado a fazer política, mas daí, pá, a dizer que os padres são todos iguais e que violam crianças e mais as tretas todas que tu disseste vai uma distância. Ainda por cima foste indecente com a Noémia, pá, porra. O que é que te passou pela mona? A miúda não pode ser católica, pá?”*

*“Tu não tens a noção, meu. Não tens. E mandas calar o teu paizinho. Se calhar não sabes que há lares como este em que as pessoas são obrigadas a ir à missa e têm crucifixos por todo o lado, nas paredes em cima de todas as camas, mesmo daqueles que não são sequer baptizados, percebes? Não vês que a Igreja manda nisto tudo para se encher de massa? Ou não sabes que a segurança social paga, e bem, por cada um de nós?”*.

Comecei a irritar-me com a conversa, e fiquei logo picado com estarem sempre a chamar “lar” à nossa casa:

*“Agora meto-me eu, e não me mandas calar, Gina”*. Ela voltou-se para mim, surpreendida: *“Olha o André, armado em doutor”*. *“Estás enganada, não sou doutor nenhum, mas acho que estás a misturar tudo. Lá por haver casas em que as pessoas não têm liberdade religiosa, não é motivo para dizeres que*

*todas são assim. Olha, e aqui? Disseste há bocado ‘casas como estas’. Esta não é assim, e tu sabes bem. A Noémia vai à missa, o Carlos e o João Paris ‘têm dias’, outros vão, outros não. E depois? Eu já entrei em igrejas e não me mordeu nenhum vampiro. Além disso, tenho visto bispos a defender as crianças e adolescentes, às vezes mais do que os políticos. E isso de dizeres que são todos violadores nem parece teu, Gina. Sabes perfeitamente que não é assim, Não és estúpida, e sabes, são os argumentos como os teus que não deixam descobrir os sítios que são maus e as pessoas que são abusadoras. Com essa ideia do ‘é tudo mau’ fica tudo na mesma”.*

*“É mesmo assim, André” – disse a Noémia, que estava quase a chorar no fim da discussão com a Gina e agora parecia mais aliviada.*

*“Eu por mim” – continuei – “se o Fermento se lembrasse de pôr um crucifixo, sem me dizer nada, em cima da minha cama, era capaz de ir ter com ele e dizer-lhe que não concordava”.*

*“Pois” – interrompeu a Gina – “e depois, nos lares onde isso acontece, fazias as malinhas e ias viver com as tuas ideias para o olho da rua”.*

*“Há leis, pá, neste país!” – exclamou o Luvas.*

*“Este é um tanso...” – respondeu-lhe a Gina, trocista.*

*“Olha, pá” – defendeu-se ele – “eu também não concordo com esta história do bispo, pá, mas se fosse como tu dizes nem o facto era notícia. E não sei se reparaste, pá, mas apareceram no telejornal pessoas de ambos os lados a defender as suas ideias, pá. Porra, pá, se fosse a Gina a mandar queimavam os padres e punham bombas nas igrejas”.*

*“E nos lares dos padres” – acrescentou a Clara, que tinha estado calada. “Olha, a minha amiga Estér, que por acaso até é judia e está num lar da igreja, ia pelos ares...”.*

*“Com os cumprimentos da Gina, pá” – terminou o Xico Luvas.*

A Gina percebeu que não valia a pena continuar aquela guerra e que estava a perder o domínio, de maneira que deixou cair um: *“Como sempre, estão todos contra mim, mas depois vêm-me pedir batatinhas...”*

*“Batatinhas?” – interrompeu a Chefe Glória, que tinha chegado e, sem entender a razão daquele ambiente, tinha-se apercebido que as coisas estavam a escaldar. “Batatinhas é comigo, Gina, batatinhas é comigo. Mas agora preciso de ajuda para trazer o comer, ou vocês acham que esta casa agora é um hotel de luxo?”.*

Todos percebemos a mensagem e a discussão terminou ali mesmo, com a sopa quente, de cenoura e agrião, a lembrar a que a minha Mãe às vezes fazia, quando tinha tempo e lhe apetecia cozinhar – coisa rara, mas as coisas raras são, por vezes, as mais preciosas e as que sabem melhor.

Durante o jantar quase não falámos. Ninguém queria repetir a discussão e todos tinham medo de dizer alguma coisa que fosse tomada como um insulto ou, pelo menos, mal interpretada.

Por mim, fiquei a pensar naquela coisa que a Gina tinha dito sobre a liberdade religiosa. Realmente, sei que há casas onde os miúdos como nós são obrigados a ir à missa, mesmo os que não são católicos ou que até são praticantes de outras igrejas, mas quanto a mim isso está errado e o que é preciso

é mudar, mas mostrando que há outros lugares, provavelmente a larga maioria, onde as coisas correm bem, como aqui na nossa casa. E aquilo que a Gina disse do dinheiro, sendo verdade não é bem assim, quero dizer, os padres talvez recebam dinheiro do governo, como o Fermento aqui também recebe, mas não quer dizer que sejam, pelo menos todos, uns exploradores e uns cabrões. A Gina, também, tem a mania que é esperta. É como os penaltis quando a equipa dela joga – só ela é que os vê ou só ela é que não os vê, conforme é a favor ou contra ela. Que coisa!

Às vezes penso que a liberdade religiosa é uma dos principais aspectos da liberdade. Ainda há dias, quando vi uma série de imagens do que se passa com o terrorismo, as guerras na Irlanda, na Palestina ou na Bósnia, ou em tantos outros lugares, fico com a ideia de que se invade, luta e mata por fanatismo religioso. A Gina tinha alguma razão no que disse, mas não a tinha toda, porque a discussão era sobre as aulas de Religião nos liceus – o bispo tinha, portanto, o direito de intervir e dizer o que pensava. Agora, se o governo é que manda, então que faça como entender. O que a Gina queria dizer é que o bispo estava a pressionar o ministro, e era nessa parte que ela até tinha alguma razão.

Não me recordo exactamente quando foi, mas deve ter sido ainda na primeira semana de aqui estar, o Fermento perguntou-me se eu ia à missa, e quando lhe respondi que não, quis saber se eu era baptizado e se desejava ir à missa. Disse-lhe que era baptizado, como praticamente toda a gente em Portugal – até o Zé Lampreia e o Zé Martelo, que assaltavam as caixas das esmolos da igreja paroquial, e fanavam carteiras de senhoras quando elas estavam ajoelhadas a rezar -, mas acrescentei que só ia à missa do Galo, com a minha Mãe, na igreja do bairro, porque o padre era boa pessoa e a minha Mãe sabia que ninguém riria dela, nesse dia.

*“Não estou muito interessado, senhor director!”* – exclamei, e fiquei na dúvida se o estava a ofender em alguma coisa.

*“Tudo bem, André!”* – respondeu – *“aqui na casa, cada um decide da sua religião. Os que são católicos costumam ir à missa ali na igreja do Largo, às vezes vão à catequese. Já cá tivemos um rapaz judeu, outro da Igreja Maná e uma rapariga protestante. Às vezes é mais difícil encontrar o templo dessas religiões, mas ninguém os impede de ir aos cultos, e tentamos facilitar ao máximo as coisas”*.

*“E nos dias de jejum?”* – perguntei eu, inadvertidamente, mas ainda não tinha almoçado e estava com uma fome “de cão”.

*“Só faz jejum quem quer... a menos que a Glória entre em greve, mas aí fazemos todos. Olha que tu, tens cada ideia!”*

Fiquei mais aliviado, devo dizer.

*“Mas não penses que inventas uma ‘religião’ tua para fazeres jejum à comida de que não gostas. Escolhes esse tipo de seitas e levas logo com a ‘missa’ completa...”*

Fiz um sorriso amarelo mas entendi a mensagem. As iscas continuam a não ser tabu...

Até agora nunca tinha havido nenhum “confronto religioso”, mas algum dia teria que ser. Por acaso damo-nos bem, sem choques de maior, embora sejamos todos muito diferentes uns dos outros.

Às vezes acontecem discussões – por exemplo por causa do uso dos computadores (há dois aqui em casa) ou da internet, por causa do canal de televisão que queremos ver, mas acaba sempre por haver

cedências de parte a parte, e nunca termina em lutas, ou assim. Cada um, aliás, tem tantas ocupações, que chegamos sempre estoirados a casa e com pouca vontade de infernizar ainda mais a vida. Vemos os outros como uns amigos que dá gosto ver ao fim do dia, e não como mais uns tipos horríveis, a somar aos outros com quem fomos lidando desde que saímos da casa.

O meu amigo e companheiro Carlos, por exemplo, é um dos que tem maior afinidade comigo. Mas os outros também têm pontos comuns, até a Gina, com o seu modo de resolver as coisas estilo “Xutos e Pontapés”. Ela gosta de provocar, de levar as pessoas ao limite, como fez hoje com a Noémia. Se a Noémia não tivesse dado o flanco, o comentário sobre a “padralhada” teria caído e passávamos adiante. Mas a Noémia reagiu, aliás estava no seu pleno direito, mas claro que a Gina aproveitou e “zás”, lá se pegou com ela. Acho que a Gina ainda não conseguiu vencer a raiva e a revolta do que lhe aconteceu. Ainda por cima, o velho negou sempre tudo, e só com provas médicas é que se conseguiu ter a certeza de que o violador era o avô. Para isso tiveram que fazer exames à Gina, ver-lhe a pachacha, sei lá, coisas assim e sei lá mais o quê. E enquanto faziam isto, o avô criava o seu *lobby*, para fazer a cama à Gina. Um bocado como o espanhol e a mãe do Carlos. A Geca, que foi uma empregada que se foi embora há uns dois meses, dizia que a Gina tinha ficado grávida e que tinha tido que fazer um aborto, mas acho que isso já é invenção dela. Eu sei que isto é um bocado coiso, de afinal todos sabermos tudo de todos, mas se calhar nas famílias normais também toda a gente saberia. Aqui as pessoas não falam abertamente destes assuntos, mas alguém sabe sempre alguma coisa e bichana a outro, que conta a outro, e por aí fora. Não está certo, mas é assim que é... o pior é que gostamos todos de juntar uns pormenores, para a história ser mais interessante. E esquecemo-nos que não é uma história mas é a vida das pessoas.

Esta história da gravidez da Gina até deu conversa nos corredores, sempre a bichanar, a bichanar, mas acho que foi tudo um exagero. Aliás, se fosse comigo ficava lixado por andarem na conversa sobre coisas que só pertencem a cada um. Mas acho que deve ser impossível não se falar. É como as doenças – um tipo tem um cancro e toda a gente sabe no próprio dia, toda a gente fala disso mesmo sem perguntar ao próprio se ele quer que se divulgue. Estas coisas são assim. Começa tudo a falar “*olha, não digas nada a ninguém, mas fulano...*”, “*olha, não faças uso disto, mas beltrano...*”. mas será que tem mesmo que ser assim?

Sei lá, às tantas...

27 de Janeiro

É sábado. São oito da noite e daqui a meia hora vamos jantar. Chove que deus-a-dá.

Mas sinto-me bem aqui em casa. Às vezes penso o que seria estar numa casa com pais a sério. Uma casa normal. Eu sinto-me em casa, mas também a noção que tenho de uma casa é tão pobrezinha que se calhar estou a falhar uma data de coisas... não consigo imaginar o que seria estar com dezenas e dezenas de pessoas, ou mesmo centenas, como em alguns lares, e sermos como “irmãos”. Era o que se chamaria uma “família muito numerosa”...

Aqui na casa estamos bem. Somos um número que dá para estarmos sempre acompanhados, mas sem ser demais. E temos direito ao nosso espaço, felizmente, para não nos sentirmos encurralados.

Fui ao cinema hoje à tarde, com a Rita. E conheci os pais dela, enfim, conhecer não foi bem assim, vi-os no carro, quando deixaram a Rita à porta do cinema, e também fui com ela mas estou a exagerar um bocadinho, porque fui com ela e mais três amigas dela e um primo, que tinha para aí uns dezoito anos.

Fomos ver “Charlie e a Fábrica de Chocolate” e gostei muito, mas o mastronço do primo sentou-se entre mim e ela, e não tive coragem de lhe pedir para mudar. Foi tudo uma confusão, porque chegámos já mesmo em cima da hora, estávamos primeiro ao lado um do outro, quando nos sentámos, mas o tipo depois quis ir comprar pipocas, já estavam a dar anúncios, e quando chegou pediu se eu me chegava para o lado, para não incomodar os outros. Que tangureiro. Acho que ele não devia querer que a Rita ficasse ao lado de um tipo como eu.

No intervalo saímos e ele fartou-se de me fazer perguntas, mas tudo muito enviezado. Não foi capaz de me fazer uma pergunta directa, mas estava sempre com conversas sobre violência sexual sobre rapazes. Acho que ele deve ter pensado que eu era uma vítima de abuso sexual e devia querer ver como é que reagia. Ou se era maricas, sei lá. Ou, se calhar até, um abusador. O tipo não me caiu no goto. Aliás, a Rita estava chateada e as outras também gozaram com ela, sempre com risinhos mas sem dizer nada. Senti-me como se devem sentir os macacos do circo, mas também não dava para me enxofrar, porque ninguém me ofendeu directamente. Acho que me tenho que ir habituando a isto, que era, aliás, o que faríamos se algum betinho se aproximasse do café do Alves a meter conversa. Levava um giro que nunca mais o víamos por ali. Realmente, nesse aspecto não posso dar grandes lições de moral e, se fosse o primo da Rita, tinha sido ainda mais agressivo. Coitado do mastronço!

No fim do cinema despedimo-nos e ela disse-me que amanhã tinha que ir a casa da avó, que mora nos arredores. Fiquei de a ir buscar na segunda, como habitualmente, mas apeteceu-me vê-la amanhã. E o meu saldo do telemóvel começa a dar sinais perigosos de “fim de festa”. Sem carregamentos extra – que nisso o Fermento não vai -, vou ter que gerir muito bem o meu capital.

Talvez o Carlos me empreste o dele, a troco do Harry Potter. Cinquenta cêntimos por folha – era bom, era. Se assim fosse, aquele calhamaço rendia que se fartava...

31 de Janeiro

Hoje conhecemos, finalmente o s'tor de Matemática. Corrijo, a s'tora de Matemática. Aqui para nós, eu acho que ela não é s'tora nenhuma, não pode. Tem um ar de quem só agora entrou para a faculdade, mas claro que é s'tora.

Entrou e disse-nos que estava a substituir a outra – isso já a gente sabia. Mas depois não começou a mandar regras nem exercícios de matemática. Começou a perguntar-nos o que é que gostávamos de ser quando tivéssemos uma profissão. Ficou tudo banzado – ela sentou-se em cima da secretária, voltada para nós, e apontou para o Bernardo, que estava numa ponta: *“Tu, por exemplo. O que é que queres ser. Podes dizer que não te vou comprometer nem obrigar a seguir o que disseres, mas é só para saber uma coisa”*. O Bernardo devia estar enfeitado por ver uma s'tora com aquele à vontade e disse: *“Engenheiro”*. *“E tu?”* – continuou ela. E nós a dizer. Nós, enfim, eles, que ainda não tinha chegado a minha vez. A dada altura a s'tora pediu desculpa de não conseguir decorar os nossos nomes todos num só dia e rimo-nos. Comecei a gostar dela e acho que, como eu, todos os da turma. Aquelas coisas tenebrosas que tínhamos preparado ficaram guardadas para o próximo s'tor.

Quando chegou a minha vez, não sabia muito bem o que responder. Hesitei, hesitei, e não saía nada. *“Se não sabes, não digas. Mais vale não inventar, aliás não é obrigatório que aos 14 anos já se saiba o que se quer ser, com tanto que ainda vos falta para aprender e experimentar”*. Aproveitei a deixa e... deixei-me ficar. Outros imitaram-me mas, no final da ronda, quase todos já tinham dito uma coisa ou outra.

A s'tora tinha assente num papel o que nós dizíamos, de maneira que voltou outra vez ao Bernardo e perguntou, desta vez: *“Ó Engenheiro, e para que é que a matemática te vai servir?”*. O Bernardo, que tem um à vontade do caraças, ficou embaçado e não conseguiu dizer nada. *“Para fazer cálculos”* – disse a Marta. *“Para não fazer figura de urso nos exames!”* – foi a opinião do Tobas.

A s'tora riu-se e o resto da aula foi uma explicação do que era a Matemática, para que servia, quer nas várias profissões, mesmo aquelas onde menos se supunha, quer na vida do dia a dia, como fazer compras ou mudar de canal na TV, fazer horários de autocarros ou pilotar aviões, a semelhança da estrutura da matemática e da música, as regras matemáticas que regem o funcionamento do corpo humano, enfim, foi para ali falando, a dar exemplos engraçadíssimos, às tantas já estava no pulsar dos astros e na composição do universo – parecia doida varrida, mas uma grande s'tora. Doida mas genial. No fim da aula estávamos todos fãs. E o sacana do Bernardo, quando saímos, ainda lhe queria dar um beijinho de despedida, não fosse a malta empurrá-lo porta fora, com a s'tora a rir-se. Só pode ser doida!

No intervalo encontrei a Rita e contei-lhe o que se tinha passado e ela achou normal. Eu acho que as mulheres partilham a loucura – são todas doidas e acham-se normais.

Aproveitei a onda e desafiei a Rita para vir estudar no sábado, outra vez. Ela olhou para mim e disse-me que me dava a resposta na sexta-feira, que talvez sim ou talvez não. Achei-a misteriosa, mas dentro do normal, nada que se comparasse à s'tora de Matemática...

1 de Fevereiro

Mais um mês que começa. A esta velocidade vou ter que decidir rapidamente o que quero ser, ou então já passou a oportunidade.

O Carlos terminou o Harry Potter e atacou o segundo livro. Já lhe disse que não costumam perguntar estas coisas nos testes, mas ele está definitivamente um estudante de Hogwarth. Só espero que não lhe saia o Valdemort no exame!

A minha equipa jogou para a Liga dos Campeões e ganhou em Madrid! Brilhante. São muita bons, aliás, somos muita bons!

Ainda não perguntei à Rita qual é o clube dela...

Hoje tivemos uma discussão cá na casa, entre a Clara e a Noémia. A Clara pediu à Noémia, antes do pequeno-almoço, que a ajudasse a fazer a cama. Porque a cama dela está encostada e ela não conseguia afastá-la. Acho que estava um dos pés da cama meio partido e não andava nem desandava. Ela bem tentou colocar-se em cima do estrado, para conseguir segurar o colchão e entalar os lençóis, mas acabou por cair e levar com aquela tralha toda em cima, porque não tinha força suficiente para fazer as duas coisas. A Noémia foi ajudá-la e estava tudo a correr muito bem. Já tinham conseguido entalar os lençóis e iam avançar para o cobertor quando a Gina berrou lá de dentro que as torradas estavam a arrefecer. A Noémia nem queria ouvir outra coisa – deu um salto e foi porta fora para a casa de jantar. Resultado: a roupa saltou toda e a Clara veio outra vez parar ao chão, com tudo desatado.

Compreendo a fúria dela, mas agarrou na almofada e foi, corredor fora, até à casa de jantar. A Noémia estava sentada à mesa, com uma torrada numa mão e a chávena de leite com chocolate na outra, bom, levou cá uma almofadada que fez voar a caneca, o pão, sei lá mais o quê. *“Estúpida. Ajudei-te e é assim que me pagas, estupor!”*. *“Ajudaste o caraças. Basaste e deixaste tudo pior do que estava! E calas-te ou ainda levas outra”*. O leite com chocolate estava todo no chão e as duas começaram numa berraria tamanha que fez a Senhora Glória vir da cozinha com a vassoura.

O Fermento, que estava a entrar, viu aquilo e ficou pior que estragado. *“Dê-lhes, Glória, chegues-lhes! Tem a minha autorização para dar uma vassourada a estas meninas. Merecem. Mas não as deixes ficar em muito mau estado, porque elas vão precisar do corpinho para limpar esta porcaria toda. E já! E vou descontar o prejuízo da vossa semana!”*.

*“Foi ela, Senhor Director!”* – começou uma delas.

*“Não quero saber e se alguém faz queixinhas desconto o dobro!. Limpem esta porcaria e depressa, que não pensem que vou justificar a vossa falta às aulas hoje. Se chegarem atrasadas, amanhem-se com os professores. Daqui a cinco minutos torno a passar por aqui e quero ver isto sem uma mancha!”*.

Voltou-se e ia a sair, connosco todos pendurados da porta a assistir, quando regressou e disse-nos: *“Palhaços é no circo. Aqui não há espectáculo. Ala para a escola!”*.

Claro que fomos para dentro, a discutir quem é que tinha razão, mas houve várias opiniões. Eu percebo que a Clara estivesse já farta daquela luta com a cama, mas também não era preciso entrar por ali com a almofada, a torto e a direito. Cartão amarelo, sem dúvida, para qualquer árbitro. Muito mais violento do que uma carga “de carrinho”. Mas a Noémia também, bolas, mandou-a “passear o cão” só

porque lhe cheirou a torradas. Indecente. Cartão amarelo, também. E à Gina dava-lhe uma advertência por “bocas foleiras”. Anunciar torradas quentes àquela hora é uma provocação barata... coitada da Gina, acaba sempre por levar também. Enfim. Empate técnico.

Limparam tudo, com a Chefe Glória a fiscalizar, e à tarde a Noémia trouxe uma pastilha para a Clara. Vá lá acabou tudo em bem. Pelo menos deve ter acabado, porque já estavam todas “coisinhas”, a ver os Morangos.

Cá em casa ajudamos todos e nem sequer temos outro remédio. Faz parte do “contrato”. Há sempre um que folga – é o lorde desse dia -, e as tarefas repartem-se. Coisas pessoais são feitas por cada um de nós, embora a Luisinha tenha ajuda da Mariana. Quando digo coisas pessoais, estou a dizer fazer a cama, arrumar o quarto, deixar a casa de banho limpa, arrumar a roupa, pôr a roupa suja no cesto, enfim, essas coisas. Só no dia em que a roupa da cama é mudada é que temos ajuda, mas é só se precisarmos. Como a minha cama tem rodas, é fácil deslocá-la e nunca me aconteceu o que aconteceu hoje à Clara.

Uma das coisas em que os adultos são exigentes é na nossa higiene. Às vezes não me apetecia nada tomar banho, e uma ou duas vezes vesti-me com o corpo ainda quente da cama. Mas não dá. Nada passa aos olhos da Chefe ou ao controlo da Dona Idália. E a pouco e pouco habituámo-nos às rotinas e a ser limpos e asseados. No fim de contas, arrumarmos a roupa quando a despimos, ou pô-la no cesto da roupa suja se for para lavar, não é nada que consuma tempo e torna-se um hábito tão maquinal que nem se dá por isso. Pensar que às vezes fazia um bicho de sete cabeças por causa de coisas como essas. “*Os dentes são teus, não são meus, assim como o nariz, o cabelo ou o pirilau*” – disse-me o médico que me observou quando vim para aqui. “*E portanto, és tu que tens que tomar conta deles. Se gostas de ti próprio, gostas com certeza do teu corpo*”. De repente olhou para mim, com cara de mau, e perguntou: “*Deitas papéis no chão?*” Eu fiquei aflito, a pensar que ele me tinha visto deitar alguma coisa para o chão, e disse, com voz sumida: “*Não, senhor doutor!*”. “*E as pilhas usadas? Onde é que as pões?*”. “*No coiso das pilhas... pilhão, acho que se chama assim...*” – confesso que já estava a ficar com medo dele. Ele, então, fez um grande sorriso e disse-me: “*Então, se és um bom cidadão e um defensor da ecologia, achas que fazia algum sentido estares a proteger o ambiente externo e a estragares o teu ambiente interno?*” – e como viu a minha cara de espanto, continuou: “*André. Tudo o que comes passa a fazer parte do teu corpo, e a qualidade e quantidade do que comes pode ajudar-te ou prejudicar-te. A higiene, ou falta dela, podem ser a diferença entre seres saudável e adoeceres. A escolha entre fumares ou não, beberes álcool ou não, charrares-te ou não, é uma escolha tua, não é minha. Pensa só que, quando o fazes, és tu e o teu ambiente interno que estão em causa, entendes? Eu, por mim, já tomei as minhas opções há muito tempo...*”. Aprendi a lição e percebi o que ele queria dizer. E acho que, apesar de tudo, uns mais outros menos, todos acabamos por ser mais cumpridores no dia-a-dia, embora ainda haja quem vá à retrete e se esqueça de puxar o autoclismo... mas é cada vez mais raro...

As tarefas gerais são feitas em turnos. Pôr a mesa, levantar a mesa, levar o lixo, ver se a sala fica arrumada, com os livros nas estantes e os jornais dobrados, as almofadas dos sofás no lugar, etc, ajudar a pôr a loiça na máquina, passar o chão da cozinha a pano, essas tarefas são repartidas, com uma folga para um e o resto organizado de tal forma que já sabemos o que nos espera. Se precisarmos podemos tentar trocar. Mas já me aconteceu, por exemplo, não haver ninguém disponível e falhar a segunda parte de um jogo crucial da selecção nacional, porque estava a limpar a cozinha. E uma coisa sabemos, não vale a pena começar a engonhar e a tentar fazer passar o tempo. Aliás, seria indecente para a Chefe e para a Dona Idália, que têm que se deitar a horas.

Por acaso, nesse dia do jogo fiquei um bocado com galo, mas não valia a pena espingardar porque só

me ia atrasar ainda mais. Olhei para a Chefe com um ar mais infeliz do que realmente estava, mas ela não se comoveu. *“A Chefe tem coração de pedra!”* – disse-lhe na brincadeira, com cara de mau. *“De chumbo”* – disse ela – *“e à prova de bala e de pantomineiros!”*. Ficámos na conversa e ela explicou-me que era necessário manter esta rigidez nas tarefas: *“Tentámos, a determinada altura, ser mais livres com os horários, mas não podes calcular a confusão que foi. Sabes que há sempre uns que se baldam e o serviço não fica à espera. Resultado, os que já trabalhavam ainda tiveram que trabalhar mais, e deu uma discussão que nem queiras saber. Um mau ambiente...”*. Fiquei a pensar que era fácil isso acontecer. *“Ainda por cima, André, é bom que vocês aprendam a fazer estas coisas. Um dia destes vão ter as vossas casas e quem é que pensas que vai ter de lavar a loiça ou a roupa? É que provavelmente, nos primeiros tempos, nem sequer vão ter máquinas de nada!”*. Interrompi-a: *“Vou casar com uma princesa rica, não sabia? daquelas que têm um palácio em que aparece tudo feito!”*. *“É, é. Casas mas é com uma bruxa qualquer que te mete a esfregona na mão enquanto fica a ver telenovelas! Pelo sim, pelo não, vai aprendendo, porque sabes que princesas não há muitas, e estão todas agora muito pelintras e muito finórias!”*. Ri-me e ela também: *“Não te esqueças, André. Tu é que és um príncipe. És o meu príncipe. Nunca deixes ninguém mandar em ti, e para isso o melhor que tens a fazer é aprenderes a fazer as coisas por ti, sem estares dependente de ninguém”*. Tipo Zé Martelo ou Zé Lampreia, a parecerem independentes de tudo, mas dependentes do gamanço, da vida, dos expedientes e dos esquemas.

Acabámos de arrumar tudo, ainda ouvimos o grito de *“Gooooolo!”* vindo da sala, e ela deu-me um piparote e disse: *“Vai, Corre! Vai ver a repetição”*. Corri. *“Mas volta que ainda não acabámos!”*

2 de Fevereiro

Ao reler o Diário reparei que não cheguei a escrever nada sobre a vinda da Rita cá a casa. Não é que, para já, me apeteça escrever muito sobre isso, mas acho que vale a pena, pelo menos, dizer que foi giro e que me soube muito bem.

Só depois de a ter convidado e combinado tudo com ela é que me lembrei que tinha que perguntar a um dos adultos se ela podia vir cá. É das regras, e se me apanhassem com um convidado “não convidado” o sarilho podia ser grande. Fui ao escritório. O Fermento não estava, mas estava sim a Doutora Manuela, que é uma das representantes da organização que é dona desta casa, e que vem cá muitas vezes, de manhã, para ajudar na gestão e na contabilidade.

Pedi-lhe licença para entrar e perguntei-lhe se podia convidar uma amiga para vir cá. Ela olhou para mim, primeiro, como que a medir as minhas intenções. *“Que amiga?”*. Eu já estava à espera de que esta fosse a primeira pergunta, de maneira que já tinha a resposta encasquetada: *“A Rita, da minha escola...”* – fiz uma pausa – *“o pai é economista e a mãe hospedeira da TAP”*. Assim, à laia de apresentação, para que não restassem dúvidas.

Ela olhou-me fixamente e disse: *“E se o pai fosse varredor de ruas e a mãe empregada num supermercado?”*. Fiquei à rasca, apanhado na minha própria armadilha. *“É a Rita, pronto. Não importa o que é que os pais fazem, tem razão, tem razão...”* – e a vontade de sumir pelo chão abaixo aumentou. *“É um mau critério para julgar as pessoas, não achas, esta história de quem são os pais...”*. *“É, ‘soutora’. Tem toda a razão... mas posso então dizer à Rita?”*.

*“E para que é que queres convidar a Rita?”*. Fiquei sem saber. Será que lhe devia dizer que a verdadeira razão para convidar a Rita era a própria Rita? A vontade de a ver? E a vontade que ela visse a minha realidade, para perceber quem eu era, para não andar aos enganamentos... *“Para estudarmos... para conversarmos...”* – olhei para ela, a ver se já estava convencida, mas continuava imperturbável – *“... para ela ver onde eu vivo...”*.

Pela primeira vez sorrii, e perguntou: *“E que idade tem essa Rita?”*. *“Fez já catorze”*. *“Sabes as regras, não sabes?”* Sei. Sei que os amigos têm horas para estar, que não devem, salvo exceções previamente combinadas, ficar depois das oito, que não são desculpa para não fazermos as tarefas que nos estão designadas, que não devem estar no quarto se o nosso colega de quarto não quiser ou estiver a estudar, que não devem perturbar os outros, que somos responsáveis por quem pomos cá e pelo que essas pessoas podem fazer, etc, etc, etc. Sei. E tirando uma coisa ou outra até concordo.

*“Então diz lá à tal Rita para vir, e mostra que a tua casa podia bem ser a casa de um economista ou de uma hospedeira da TAP!”*.

Enfiei o barrete até aos pés e vi naquela senhora uma grande mulher. Parecia a minha Mãe, mais preocupada com o que eu sentia do que com o que os vizinhos pensavam.

Tenho tantas saudades da minha Mãe.

A Rita veio pelas quatro da tarde. Eu estava de guarda, à espera dela, mas nessa altura tinha ido precisamente à casa de banho e foi o Xico Luvas que abriu a porta. Ele sabia perfeitamente quem ela era, porque apesar de andar noutra escola já foi à nossa, e já a viu uma data de vezes, mas resolveu armarse em parvo, porque calculou que eu estivesse a ouvir, e disse: *“A menina vem para...”*. *“O André*

*está?*” – perguntou a Rita, aflitíssima, e se calhar arrependida de ter vindo. “*Vou chamar o senhor André.*” – disse o Luvás, com ar fúnebre, e apeteceu-me estrangulá-lo – “*e quem devo anunciar?*” Estupor do Luvás, que até conseguiu dizer duas frases sem proferir um dos seus famosos “pás”. “*Sou a Rita*” – disse ela, a pensar que ele estava a falar a sério. “*Rita...*” – murmurou o Luvás, e repetiu – “*Rita... muito bem... vou avisar já o senhor André.*”

Quando o Luvás bateu à porta do meu quarto só não levou um murro porque seria um mau começo para a visita da Rita. Abri a porta e ele entrou, escaqueirando-se de riso. Caiu na cama do Carlos agarrado à barriga: “*Senhor André. A moça já chegou!*”. “*Cala-te, que ela pode ouvir, estúpido, camelo!*”. O alarve ria-se com gargalhadas contínuas.

Ainda o ameacei com a mão, mas resolvi não perder mais tempo com ele, fiz um ar natural e fui até à porta da rua, onde a Rita ainda estava. “*Olá.*” – dei-lhe um beijinho – “*não liguês a esse freak que anda aí. É o Xico Luvás a armar-se em engraçado.*”. “*Calculei que não fosse um empregado*” – disse ela, e não me pareceu chateada. “*É o Luvás. Luvás porque joga a guarda redes*” – eu estava com uma enorme necessidade de lhe explicar tudo.

Encaminhei-a para a sala e sentámo-nos. Estavam lá só a Gina e a Clara. Apresentei-as e vi que quase a tinham radiografado com o olhar. “*Andas na escola?*” – perguntou a Gina, depois de uns segundos gelados. A partir daí começaram a conversar e, passado um bocado, já estávamos a falar naturalmente, como se todos se conhecessem há que tempos.

O Xico Luvás lá arranjou coragem e apareceu. “*O senhor é o mordomo...*” – disse a Rita, quando ele lhe veio falar. “*A Rita. A encantadora Rita*” – exclamou o Luvás – “*Estou muito feliz por a conhecer, e uma amiga do André é sempre também minha amiga.*” Fiquei contente de não o ter espancado antes, porque tinha agora mais razões ainda para o desfazer, bocadinho por bocadinho.

O resto da tarde foi curtido. Estivemos na conversa e pelas cinco e meia fomos lanchar. Antes já lhe tinha feito uma visita guiada à casa, e apresentado aos adultos que estavam – a Dona Idália, a Mariana, o Santana, o Borges.

Depois do lanche fomos para o meu quarto e ela sentou-se na cama do Carlos. O tempo passou num instante e às sete e meia a Rita disse que tinha que se ir embora. Ia jantar fora com os pais. Mas foi giro. Não estudámos nada, claro, mas não era também essa a intenção.

Se calhar devia, mas não me atrevi a perguntar-lhe o que é que pensava da casa, dos meus colegas, daquilo tudo. Conversámos sobre a escola, sobre os amigos ou as aulas, sobre uma data de coisas – eu quis saber se ela era de alguma religião e ela disse que era baptizada mas raramente ia à missa, e só por uma vez me fez uma pergunta sobre a minha vida pessoal: “*Achas que estás melhor aqui?*”. Olhei para ela e disse-lhe que sim, que estava muito melhor, que nem me imaginaria no bairro com a minha Mãe, quanto mais agora, sem ela. Falei-lhe das saudades que tenho de algumas pessoas, como o Gomes da livraria ou o Alves. Os dos Zés, apesar de serem uns refinados filhos-da-mãe. Que será feito deles?

Mas não fui capaz de lhe dizer que, antes de mais, estava melhor também por a ter conhecido e ser amigo dela.

Às sete e meia a Rita foi embora e eu voltei para o meu quarto.

6 de Fevereiro

Quando cheguei das aulas, vi em cima da cama uma carta.

Era dirigida a mim, mas não tinha remetente.

Abri e li:

*“Olá, Caramelo*

*Como é que estás? Basaste daqui e esta merda mudou toda. Eras um gajo que fazia aqui falta, porra. Sabes quem eu sou, o Zé Lampreia. O teu amigo. Somos amigos, camandro, não somos? Já tenho saudades de dar umas tacadas contigo. Mas isto anda tudo muito chocho desde que os chuis mataram o Zé”*

Pousei a carta e fiquei sem saber o que pensar. Peguei outra vez na carta:

*“naquele dia, em que o tipo se atrasou a fugir da mercearia. Estúpido. Eu bem lhe tinha dito que era melhor não ser ele a levar a arma, mas o Martelo achava sempre, como tu sabes, que era o bom e que não lhe havia de acontecer nada, olha, fodeu-se.”*

O Zé Martelo. O meu amigo Zé Martelo. Porra de chuis!

*“Estou convencido que os gajos atiraram mesmo a matar porque nos odeiam. Ainda o levaram para o hospital mas o tiro foi na cabeça, e mesmo uma cabeça dura como a do gajo não aguenta um balázio da bófia. Mas tu já deves saber isto tudo, ou não?”*

Não. Ninguém me disse. De repente tive a consciência de que nenhum dos meus antigos ou conhecidos me tinha vindo visitar, ou escrito, e que ninguém aqui me dava notícias do bairro, não sei se por acaso ou se de propósito.

*“Pronto, caramelo. Era só para te dar notícias. Estou vivo e bem vivo, tive medo que ao saberes do Martelo pensasses que me tinha também dado a pataleta. Olha, ando por aqui. Não te dou a minha morada porque ando sempre a saltar de casa para casa, é coisa aqui por causa dos esquemas, mas não te vou envolver nisso, tu nunca foste gajo para esta vida, e aposto que estás porreiro. Só tenho pena de não dar aquelas tacadas contigo, puto, tu eras bom, eras mesmo bom. Tinhas um jeito do caraças. Mas realmente mereces melhor do que esta vida que nós levamos e que é divertida mas não dá mais sumo mesmo que se esprema toda. Olha, se um dia fores rico, lembra-te do teu amigo Lampreia. Ainda te lembras de mim, espero, ó caramelo, se não vou aí e arrebento-te as fuças.”*

Comecei a chorar.

*“Passa bem, puto. A gente vê-se por aí. José Lampreia dEl Rey e Menezes.”*

O sacana dizia sempre, a gozar, que era filho de gente fina e para chatear os s'tores, nos raros testes que fazia, assinava “dEl Rey e Menezes”.

Não sou capaz de escrever mais nada e só me apetece nem sei bem o quê. Nem sei o que fazer à carta do Zé.

A vida é uma porra! Coitado do Lampreia. Coitado do Martelo.

Excerto do Diário da Rita

7 de Fevereiro

*Adoro a escola. E gosto muito de estudar. Não sou propriamente marrona, mas gosto de aprender, de saber, de poder ter mais conhecimentos para poder conversar sobre mais coisas e perceber, ou tentar perceber, melhor este mundo.*

*Não sei o que se passa comigo hoje, talvez seja de estar com a “história”. Mas passei o dia todo triste e só me animei na aula de Matemática. Aquela s’tora é demais. Nunca vi uma coisa assim. O André já me tinha dito, porque a turma dele já tinha tido aula com ela, e tem razão, ela é marada, mas aprendemos mais com ela numa semana do que com a outra o ano inteiro. Não sei como ela faz, mas parece que o que explica entra pela nossa cabeça dentro e tudo passa a fazer sentido, Os exemplos que dá, os exercícios que marca. Nunca pensei que a matemática pudesse ter alguma coisa de interessante, quanto mais de “excitante”.*

*O meu pai é que ficou todo contente. Já está a ver a filha seguir-lhe as pisadas, mas pode ficar à espera sentado, que eu odeio economia. Gostava muito mais de medicina. Ou de psicologia. Enfim, logo verei, mas economia é que não.*

*Acho, aliás, que o meu pai não se vai importar. Sei que ele, no fundo, gostava de ter a filha na mesma profissão, mas não me vai pressionar, espero. E pode ter sempre a esperança num dos gémeos.*

*Mas tirando a aula da s’tora de matemática, o resto do dia foi muito cinzentão. Se calhar porque está a chover.*

*O André não foi às aulas hoje. Logo de manhã, estava eu pronta para sair, telefonaram da casa dele a dizer que ele estava “indisposto” e que não ia às aulas, portanto para eu não esperar na rua por ele. Ainda tentei saber o que era, mas só me disseram que não era nada de grave, talvez uma virose. Quando não sabem o que é dizem sempre que é uma “virose”. Se calhar, quando eu for médica vou dizer o mesmo, mas pronto, foi o que disseram.*

*Tentei ligar para o telemóvel mas estava desligado. Deixei uma mensagem muito curta no voice mail, que ele nem sequer ainda personalizou.*

*Na escola ainda tentei saber, pelo Carlos, o que se passava, e ele disse-me que ele estava mais ou menos bem, mas que tinha recebido uma notícia má. Fiquei muito apreensiva. O que será?*

*Isto, mais a “história”, deixou-me de rastos. Faltei à aula de violoncelo e vim para casa.*

*Não sei o que se está a passar, e o telemóvel do André continua desligado, mas não tenho lata para ligar para o telefone fixo, ou para aparecer por lá.*

*E se a má notícia é que ele vai embora deste lar? E se eu nunca mais o vejo?*

Excerto do Diário da Rita

8 de Fevereiro

*Estou a escrever de madrugada. Não consigo dormir e já são três da manhã. Estou mesmo cansada.*

*Ao jantar contei ao meu pai, quando ele fez a pergunta sacramental “Então, que tal correu o dia?”, que o André estava adoentado mas que me tinham avisado para não esperar por ele. “É muito bem educado, o teu amigo” – disse-me ele. A minha mãe está a voar em longo curso e só regressa daqui a dois dias. E como o meu pai estava a falar dele, resolvi aproveitar a deixa, e disse: “Se calhar qualquer dia ele arranja outro sítio para onde ir e desaparece, não sei como é que estas coisas são, e se calhar é mau para ele estas coisas de andar de um lado para o outro, não sei quem é que decide isto...”.*

*O meu pai pousou os talheres e olhou para mim. Acho que ele me conhece bem demais para eu tentar enganá-lo: “O André tem todo o direito a ter um futuro, não achas?”*

*Respondi ao meu pai que nunca me tinha passado pela cabeça o contrário, mas ele insistiu: “Refiro-me a um futuro dele, decidido por ele, no melhor interesse dele...”. “Não percebo, pai!”. Para economista estava a ser demasiadamente psicólogo. “Estou a dizer à minha filha Rita, que o futuro do André tem que ser decidido pelo André, segundo o que ele quiser e o que for bom para ele, e não segundo o que a minha filha Rita achar que é bom para ele”. “Mas ó pai, eu não estava...”. Ele não me deixou acabar a frase: “Pois não, pois não... não estavas... não estavas a pensar que se calhar um dia o André pode ter uma oportunidade melhor, um recomeço, uma família que o queira e que o adopte, por exemplo, e que isso possa implicar ir viver para outro lado...”.*

*“Mas ele está optimamente ali!”- disse eu, com uma vontade enorme de começar a chorar.*

*“Olha, Rita, quando acabarmos de jantar vamos ali ao escritório um bocadinho”.*

*Calámo-nos e os gémeos perceberam que iam ficar fora do resto da conversa, de maneira que decidiram começar a opinar:*

*“O André até é um tipo porreiro”.*

*“Devia era mudar de clube!”*

*Ninguém lhes respondeu e eles não continuaram.*

*Quando acabou o jantar levantámos a mesa e fui com o meu pai para o escritório. Ele disse-me para me sentar e começou a conversar comigo:*

*“Rita. Eu sou adulto, mas os adultos não são seres completamente estúpidos, mesmo que às vezes pareçam.”*

*“Ó, pai...” – comecei*

*“Deixa-me falar agora. Eu sei que o André representa para ti um grande amigo, e não tenho nada a opor a isso, podes crer. Já te disse várias vezes que gosto que saias e que te dês com amigos, mas que o que me interessa é que eles sejam bem educados e que não andem a fazer de ti ‘de gato, sapato’.*

Que sejam honestos e que te respeitem. E o André tem dado, até agora, provas de ser um rapaz impecável...”

*Senti-me um bocadinho melhor.*

“... mas tu não podes esquecer ou pintar com outras cores o passado dele. Não estou a dizer isto no sentido de dizer que ele vai ficar marcado para sempre ou outra coisa qualquer no género. Sabes que a vantagem de ter 44 anos é já ter visto muita coisa, e acredito que as pessoas podem dar um pontapé no azar, sobretudo quando foram vítimas das circunstâncias, como foi o caso do André...”

“Como é que o pai sabe?” – *perguntei, para ver se ganhava tempo.*

“Sei. Sabe-se. Mas saber não quer dizer emitir um juízo de valor. Sei, mas não te vou dizer como.”

“Andou a investigar?”

“Rita. Já me conheces há muito tempo” – *riu-se* – “e eu a ti. Não vale a pena estares com isso nem desvies a conversa só porque te está a ser desagradável. O André não pode ficar a vida toda num lar. Tem direito a viver a vida dele, a ter uns pais que o amem, mesmo que sejam pais adoptivos, a ter uma casa como a tua. O lar onde ele está é muito bom, não se pode exigir mais, mas não penses que é a mesma coisa do que viver com uma família de modo enquadrado... como tu ou os manos”.

*Olhei para ele e não disse nada.*

“Se estou com esta conversa, é porque sei quando a minha filhota está triste. E sei que ela está com imenso medo de poder perder um amigo de quem gosta muito, porque pode acontecer um dia qualquer o amigo ir morar para outro lado da cidade, ou até numa qualquer outra cidade...”

*Não me aguentei e murmurei: “Nem quero pensar nisso!”*

“... e é por isso que eu queria ter esta conversa contigo. Por duas razões. A primeira já te disse: se és amiga do André tens que torcer para que as coisas corram bem com ele e que ele encontre a melhor vida possível. E não no que tu podes perder ou sofrer com essa mudança. Isso vem depois e tem que ser independente do resto. Depois, porque não deves fazer um drama quando ele não existe. Se vocês são amigos, podem continuar amigos mesmo vivendo longe. É difícil, é custoso, exige arte, mas sabes, Rita, as relações entre as pessoas organizam-se sempre de modo diferente, de pessoa para pessoa, e o que se tenta é encontrar um modo de vida e uma articulação que preserve o essencial, mesmo tendo que sacrificar o acessório. Estás a ver eu e a tua mãe? Não lhe podia exigir que abdicasse de ser assistente de bordo, nem que, quando passou do médio curso ao longo curso, fizesse cara feia por ela estar períodos de tempo maiores fora de casa. E eu quando trabalhei aqueles dois anos no Ministério também chegava a casa já vocês estavam a dormir, e saía muitas vezes com vocês ainda a dormir. Aí foi a tua mãe que aguentou o barco. E cá continuamos e adoramo-nos, e temos uns filhos formidáveis.”

“Mas eu não sei se o André se vai embora...”- *disse eu, com voz sumida.*

“Não sabes? Então porquê o drama?”

“É que ele hoje não foi às aulas nem me veio buscar, e disseram que está adoentado, e não atende o telemóvel.”

*O meu pai olhou para mim muito sério, depois sorriu e fez-me uma festa no cabelo:*

*“A vida começa a complicar-se, não é, Rita? Já tenho uma filha muito grande, e crescer é, às vezes, tramado...”*

*Disse-lhe que sim, dei-lhe um beijo de boa-noite, saí do escritório e vim a correr para o meu quarto e desatei a chorar, em cima da cama.*

*O meu pai tem toda a razão, estou provavelmente a fazer um drama e tudo isto é uma reacção de uma menina mimada e estúpida... mas eu não quero que o André vá embora!*

8 de Fevereiro

Já me sinto melhor, mas ontem andei que parecia pedrado. Foi um baque do caraças, saber que o Martelo morreu. E daquela maneira, baleado pela polícia. Mas acho que o que me impressionou mais foi a carta do Lampreia, e saber que ele se lembrou de mim e me quer bem. Fiquei completamente abalado. Não estava à espera e nem me passaria pela cabeça. A gente habitua-se a ver aquela malta como uns grunhos, e como a minha vida mudou tanto, já parece ter sido noutra encarnação.

Às vezes pergunto-me porque é que as coisas não foram de outra maneira, porque é que a minha Mãe e o meu pai não tiveram uma vida normal, como os pais da Rita ou de tantos outros, mesmo aqueles que se separam, mas sem ser assim, o meu pai a desaparecer, a não querer saber de mim, a minha Mãe a ficar sozinha e não poder ter um emprego normal, ter que andar com homens e a levar homens lá para casa, e muitos eram donos e directores de firmas, e até lhe podiam dar um emprego nas firmas deles.

Mas hoje acordei mais bem disposto, com a voz do Carlos: *“André. André”*. Muito baixinho, devia pensar que eu estava morto, ou assim.

*“Que é?”* – perguntei?

*“Arriba, pá. Sai da toca. São horas.”*

Dei um pulo e saltei da cama. Abri as persianas e a janela, e entrou um frio do caraças:

*“Está marado, o gajo. Fecha essa gaita, que me gelas a pila!”*

Ri-me e dei-lhe um encontrão, a caminho da casa de banho:

*“Desilude-te, Carlos, não há aí nada para gelar.”*

Ele riu-se: *“Cabrão!”*.

Daí a bocado estava à porta da casa da Rita, com o meu melhor sorriso. Ela desceu e vinha com o pai:

*“Estás melhor, André?”*

*“Já, ‘soutor’. Foi uma virose.”*

*“Ótimo. Tenho que ir andando que já estou atrasado.”* – deu um beijo à Rita e apertou-me a mão:

*“Bom dia de escola!”*.

*“Obrigado!”* – disse eu, a pensar se todos os pais serão assim, quando decidem ser pais a sério.

Começámos a andar, e nem eu nem ela dizíamos nada.

Só três quarteirões depois é que eu lhe disse:

*“Sabes que o pai do João Paris saiu da cadeia e vai entrar num programa de recuperação?”*

*“Que bom.”*

*“E qualquer dia volta a viver com os filhos!”*

Notei que a Rita ficou mais calada e só olhava para baixo.

*“O que é que achas?”*

*“Não sei, André, não faço ideia, só conheço a minha vida, tal como ela é, não sei o que é viver vidas como as vossas. Não sei o que é melhor ou o que é pior, olha, faz o que achares que é melhor para ti”.*

E desatou a chorar.

Eu fiquei parvo. Fiquei completamente parvo. Não percebi nada de nada. Agarrei-a por um braço, e disse-lhe:

*“Rita, o que é que estás para aí a dizer? Eu estava a falar do João Paris.”*

*“Tu é que sabes.”* – continuou ela, como se eu não tivesse dito nada – *“Se vais para outra casa, se te vais mudar, vai-me custar muito, mas se for para teu bem, eu apoio-te. É preciso é que seja para o teu bem e que gostem de ti”.*

Compreendi então o que ela queria dizer, mas nem respondi, pelo menos imediatamente.

Pela primeira vez dei-lhe a mão, que ela apertou com força, entrámos numa pastelaria que há a meio caminho, sentámo-nos e até pedi uma bica.

Acho que foi a primeira conversa de crescido que tive. E apeteceu-me dar beijinhos à Rita, esquecer o bairro, o lar, toda a minha vida, e estar naquela pastelaria para sempre.

Conversámos sobre tudo e mais umas botas. Tanto que faltámos às duas primeiras aulas e chegámos atrasados à de História, com o s’ tor a olhar para nós com cara de poucos amigos.

12 de Fevereiro

O João Paris parece outro. Anda com uma disposição completamente diferente. Acho que as notícias o animaram e parece que lhe injectaram qualquer coisa – está cá com um *speed!*

Hoje ao jantar veio com uma ideia. Como aqui na rua ao lado há um clube desportivo, o João à vinda da escola passou por lá e encontrou um amigo que ia a entrar. Começaram a conversar e o amigo do João disse-lhe que estava agora a fazer capoeira, lá no ginásio.

Claro que houve gargalhada geral, porque poucos de nós sabiam o que era capoeira, e imaginámos logo o amigo do João vestido de galo ou de peru.

O João lá aguentou a risota, e explicou aos papalvos que capoeira era uma espécie de dança e arte marcial brasileira, difícil para caraças mas ao alcance de cada um, com muito trabalho e gosto. E ir às aulas e aos treinos, claro.

“Tudo bem”, pensámos, mas o que é que temos a ver com isso?

Temos. Porque o João meteu uma cunha ao amigo para nós irmos lá ver umas aulas, e arranja lugares para podermos também aprender. E formarmos uma equipa, tribo ou grupo, ou lá como que quiserem chamar.

Apesar de a Chefe Glória e a monitora não gostarem muito de manifestações à mesa, não pudemos deixar de nos levantar e ir abraçar o João.

Grande ideia do Paris. Grande ideia.

“*E mais*” – disse, ele, quando acalmámos e nos sentámos outra vez – “*já dei uma dica ao director, e ele vai falar com o meu amigo e com o director do ginásio.*”

Porreiro. Com autorização do Fermento e tudo. Que trabalho mais completo.

Os meus colegas, aqui na casa, frequentam todos a escola, e lá há ginástica e actividades físicas, embora nem sempre seja uma maravilha de qualidade. Na escola do Xico Luvas, por exemplo, chove no ginásio e no Inverno é raro poderem ter aulas.

Um ou outro têm actividades fora da escola. Eu não me inscrevi em nada, porque não me posso dispersar e tenho que recuperar o que não estudei durante este tempo todo, mas muitos de nós fazem coisas bem giras. A Gina anda no inglês, porque um padrinho, que não é padrinho mas é como se fosse, era “padrinho” numa casa onde ela esteve antes - uma pessoa que fica com um miúdo a cargo -, continuou a dar-lhe apoio mesmo quando ela saiu e oferece-lhe a mensalidade. A Clara tem aulas de ioga, num ginásio perto daqui, que tem preços muito baratos. A Carla começou a tocar flauta mas aprendia cá em casa – era uma seca, horas e horas a ouvir o mesmo compasso -, mas desistiu por uns tempos, porque tem muito que estudar.

O Fermento pergunta-nos sempre, no final do Verão – a mim foi a primeira vez, claro -, se estamos interessados em frequentar alguma actividade. Ele nunca garante que seja possível, mas limita-se a dizer que será bom pensar no assunto, para depois ver se é possível.

Um dos medos que tive, quando me puseram aqui, foi pensar que ia ter uma vida chata, de casa para a escola, da escola para casa, e nada mais. Lá no bairro tínhamos uma vida sempre agitada, e muitos pontos de encontro com gente diferente. Quer dizer, embora houvesse um grupo pequeno igual, íamos encontrando outros que nada tinham a ver uns com os outros: a malta do *snooker* não era a mesma da bola, a da bola não se misturava com a da escola, e dava para encontrar muita gente. Aqui fiquei com medo de não ter isso, mas já deu para perceber que se vai construindo.

O Nelson, por acaso, numa das primeiras conversas que tivemos, chamou-me a atenção para isso: *“tu é que constróis o teu mundo, meu caro”* – o Nelson adorava estas frases bombásticas – *“se quiseres consegues encontrar aqui à volta muitos sítios e actividades com todo o tipo de gente. Tens a escola, a casa, a rua, a vizinhança, tens actividades desportivas, se gostas de música alguma coisa se há-de arranjar, sei lá... Olha. Eu quando para aqui vim estava como tu; a pensar que me iam meter num buraco que seria pouco diferente da prisa. Mas enganai-me, podes crer. E à medida que conheces pessoas, mais pessoas vais conhecendo. E não ponhas os ovos todos na mesma cesta – ouviste? Vai-te agarrando a uns e a outros, mas deixa sempre uma porta aberta para escapar se algum grupo se tornar especialmente melga”*.

Eu ainda estava a absorver as palavras dele, e ele já estava noutra: *“e outro conselho que te dou é teres dentro de ti o máximo de coisas – projectos, ideias, defesas. Se as coisas derem para o torto, sempre te tens a ti próprio nem que seja no deserto”*. Ganhei coragem e perguntei-lhe: *“E tu conseguiste, Nelson?”*. Ele olhou para mim durante um bocado, sem dizer nada, e finalmente respondeu: *“Acho que sim, novato. Sabes que a tarefa nunca está acabada, mas acho que sim. Acho que sou uma pessoa melhor do que era antes de vir para esta casa”*. Na altura eu ainda não sabia que ele ia para uma casa, para ser adoptado. Foram poucas as semanas em que estivemos juntos, mas funcionou para mim mais ou menos como um irmão mais velho.

E que ele tinha razão, tinha. Fiz amigos na escola, na casa, encontrei a Rita à porta da casa dela, agora na capoeira vamos ver outros. Não há dúvida que o mundo está sempre a girar.

A organização que tem esta casa sabe mexer-se bem, parece-me. Não sei onde diabo vão arranjar o dinheiro, mas se o que a maioria dos lares receberem tanto por pessoa como o Jaime Seca me disse que a dele recebia, não devem andar a tinir. E depois, sei que esta organização recebe dinheiro de firmas, de vendas que organiza, e tem outra coisa muito boa: o Fermento sabe de tudo o que se passa aqui nas redondezas e consegue acordos para, às vezes, meter um ou outro de nós a pagar menos, ou assim. Enfim. Não somos uma família muito rica, mas não nos podemos queixar. Quando vejo na televisão alguns casos de pessoas que lá passam, fico a pensar que temos muita sorte. Há quem viva sem água, sem luz, numas casas sujas e horrorosas, com crianças e velhos à mistura. Outros passeiam-se em brutos carrões e dão festas milionárias. Não sei, mas parece-me tudo tão injusto, tão injusto como quando aqueles marmelos todos, com cachuchos nos dedos e gravatas finas iam lá a casa para estar com a minha Mãe. Cabrões. Não podiam tê-la ajudado, os sacanas...

A Luisinha, que é a mais pequenina – tem só seis anos -, começou este ano o primeiro ano, e houve uma professora de piano que dá aulas a miúdos, em casa dela, que se ofereceu para lhe ensinar meia hora duas vezes por semana. E ela mora aqui mesmo no prédio. Às vezes ouvimo-la estudar, não sei se ela é daquelas que grava discos e tudo. De maneira que é fácil a Luisinha ir lá, porque é só uma das monitoras levá-la e trazê-la sem perder tempo a ninguém. E a miúda adora. E lá vai tocando qualquer coisa...

Lá no bairro também fazíamos coisas, claro. Só que era tudo muito mais espontâneo. Jogávamos

*snooker* que nem uns águias. Isso também era uma actividade, como as futeboladas no terreno baldio. Aqui não há muitos espaços livres, infelizmente. Lá no bairro a rua era nossa, aqui nem nos deixam muito andar por lá e os carros dominam tudo, até no passeio há carros. E não são só os carros, claro. Aqui temos outros deveres e responsabilidades. Temos que estudar, ir às aulas, fazer todas as tarefas de casa que nos cabem. O tempo acaba por não ser muito. É outra vida! Mas tenho pena de que a minha vida tenha perdido a rua como espaço meu. Percebo porquê, mas isso não diminui a pena.

E ainda há a questão da segurança, que a mim me dá uma certa vontade de rir. No outro dia, por exemplo, a Carla foi assaltada quando vinha da escola. Três miúdos mais velhos do que ela, foram-se chegando e chegando e, numa curva com pouca gente, encostaram-na à parede e disseram que, ou ela dava o relógio e o telemóvel, ou a espancavam. Ela deu tudo, claro. E foi a chorar para casa.

Ao jantar, o acontecimento veio a lume e a maioria de nós achava que os tipos deviam ter levado uma coça. *“Se estivesse lá, pá, não saiam dali vivos, pá”* – dizia o Luvas.

A Chefe Glória, estava encostada à porta da cozinha, a ouvir, com um sorrisinho nos lábios que me chamou a atenção. E quando a conversa começou a acalmar, ela deu um passo em frente e falou:

*“Têm toda a razão, os meus meninos. Mas é bom que eles não se esqueçam que, há uns meses ou há uns anos, alguns dos meus meninos, se calhar, eles ou os amigos deles, andavam a fazer o mesmo a outras Claras que vinham da escola. E às vezes com mais violência, Ou estarei enganada? Ou será que os meus meninos já se transformaram nuns betinhos e esqueceram-se que têm uma vida que podem transformar, mas da qual não se podem livrar assim de um pé para a mão sem pensar bem no que fizeram... ou estarei enganada? E se amanhã um desses que assaltaram a Clara viesse para aqui, para o vosso quarto...”* – olhou para nós todos, estilo “rodada” – *“ainda lhe davas porrada, Xico, afogava-lo na banheira, como era, pá? Não saía vivo daqui, como tu dizias?”*.

Ficámos todos calados, tal o tamanho da carapuça. A nossa vida é nossa. Faz parte de nós. Está-nos colada na pele. Não podemos pensar que é só chegar ali, por exemplo, ao rio Tejo e deitá-la às águas, e começar com uma vida onde somos impecáveis – isso até podemos -, mas onde não temos nenhuma culpa no cartório. Temos, e muitas. Mas mais interessante é este desafio de tentarmos vencer a nossa parte que fez coisas tão idiotas e, às vezes, tão más.

Já não conversámos muito, e depois do jantar fomos ver televisão e para a cama. Ninguém praticamente falou mais.

13 de Fevereiro

A caminho da escola fui a conversar com a Rita sobre o assunto de ontem. Ela está mais do lado dos que são assaltados, acho eu, não vejo a Rita a gamar os ténis e o relógio a ninguém. Mas quis saber o que é que ela pensava desta situação.

*“Sabes que as pessoas podem ser vítimas de muitas circunstâncias. Tu, por exemplo, eras uma vítima, e os teus amigos também, uns dos pais, outros da sociedade. Mas há uma coisa que eu nunca conseguirei entender bem, André, é como alguns de vocês não tinham uma ideia clara do que era certo e do que era errado...”*

“Mas nós tínhamos!” – reagi.

*“Precisamente. E se tinham, porque é que agiam assim, sabendo que estavam a fazer mal às pessoas, a causar sofrimento.”*

“Não exageres”.

*“Não? Não? Foste tu que me disseste que a Clara chegou a casa furiosa, e mais morta que viva. E como é que pensas que eu me senti quando me fizeram o mesmo, há para aí uns dois anos? Achas que fiquei muito contente ou que achei que não era nada de especial? Enquanto eu chorava baba e ranho pelos ténis que a minha tia me tinha oferecido no Natal, um dos teus amigos” – olhou para mim – “ou se calhar tu, ia a correr pela rua, todo contente, a pensar que já tinha embarrilado outra abébia.”*

“Nunca roubei ténis!” – murmurei, indignado.

*“Acredito, André. É por isso que gosto de ti. És ingénuo e genuíno. Mas tens que concordar que muita gente passou pelo que vocês passaram e nunca foram violentos com os outros.”*

“Isso tens razão”

*“Os teus amigos Zés, por exemplo, aterrorizavam o dono do café, ao que tu contas. Como é que ficavas ali as tardes inteiras a saber que o homem estava cheio de medo?”*

Hesitei antes de responder, talvez porque estava a fazer a pergunta a mim próprio – *“Sabes que, na altura, não ligava muito a esses pormenores. Bem sei que não são pormenores, não reajas já, mas era. O que me interessava era garantir as boas graças do Martelo e do Lampreia, porque sabia instintivamente que a minha vida seria mais fácil tendo-os como amigos do que como inimigos”*

“Ah, lá isso acredito!”

*“Mas agora vejo as coisas de forma diferente. Mas não os condeno, porque se não tinha que condenar a minha Mãe por ter aquela vida. Ela também podia ser empregada a dias ou trabalhar como caixa do supermercado... e podia não beber, há tantas que não o fazem, mas a vida é assim, Rita. Os dias passam e tu achas-te num dia-a-dia para o qual nem sequer olhas, porque as coisas e o tempo andam à frente de ti. Só agora, na casa, é que eu tenho tido tempo para pensar, reflectir, comparar comportamentos e analisar a minha vida. É por isso que nem sequer gosto de sair muito. Gosto de ficar em casa, a ouvir música e a tentar perceber quem eu sou.”*

Ela riu-se e disse-me, fazendo-me uma festa na cabeça:

“Pelo menos, meu amigo sabes que és.”

Apertei-lhe a mão com força, e pensei o que a minha Mãe pensaria dela, se a tivesse conhecido.

14 de Fevereiro

O Sabino anda chateado. E acho que com muita razão. Ele veio de Angola, com os pais, há mais de sete anos, tinha para aí uns seis anos ou assim. Ele e mais uns quantos irmãos e primos – uma data de gente. Ficaram a viver num bairro aqui à volta, só habitado por africanos, e ele aprendeu as leis do bairro – se há algo que mexe ao pé de nós depois das duas da manhã, dá-se com a faca primeiro e pergunta-se depois, porque se se fizer o contrário podemos estar a assinar uma sentença de morte.

Foi o que lhe aconteceu. Um gajo que vivia lá, de vinte e sete anos, que trabalhava nas obras, todos os dias saltava para cima de um dos mais novos. Os pais do Sabino estavam a trabalhar numas obras de uma auto-estrada, no Norte, e ele ficou cá à guarda desse tipo, que nem sequer era da família. O Sabino tinha escapado, até à noite em que o tipo resolveu vir meter-se com ele e começou a engodá-lo para abusar dele. Quando o gajo apareceu, meio descascado, com prendas e chocolates, o Sabino sacou da naifa e deu-lha em cheio na barriga. Foi um virote.

O tipo começou a esvaír-se em sangue, veio a polícia e o Sabino foi para a chocha e o outro gajo para o hospital. Os pais do Sabino disseram logo que não tinham nada a ver com as coisas do filho, porque estavam longe e eram honestos – estavam mas era à rasca com medo de perder o emprego. Porra para eles, também, trocar o filho por um emprego. O Sabino era menor, de maneira que acabou por ir para uma casa transitória e depois veio para aqui, porque o tribunal decidiu que ele era vítima, por um lado, e malandro, pelo outro, mas que a recuperação dele devia ser feita pelo lado da vítima do que da do malandro. Sorte dele!

Mas uma coisa que eu não percebo neste processo é as vezes que o Sabino já foi chamado para se confrontar com o tal gajo, no tribunal, nas audiências, em depoimentos – volta não volta, lá vai ele repetir o mesmo... mas então estes gajos não gravam o que ele diz?

Uma vez teve que ir ao médico para ver se tinha ou não sido violado. Foi uma cena lamentável, porque o advogado do outro tipo fez lá umas manigâncias e obrigou o Sabino a ser observado sei lá quantas vezes. E ainda teve que descrever a pila do outro e ouvir coisas que, se fosse a ele, não aguentava, estilo: *“estes cabrões dos pretos começam a fornicar logo em crianças, de maneira que se ele tiver o cu roto não é prova de que aconteceu lá o que ele diz...”*.

Infelizmente, muitos de nós tiveram que repetir as histórias vezes sem conta. Ao médico, à polícia, à assistente social, aos advogados, às Comissões de Protecção dos Miúdos, aos juízes e até aos jornalistas. Eu safei-me deles, mas o Carlos, por causa do espanhol e do brado que aquilo deu por a mãe dele pensar que ele estava a inventar, andou sei lá quanto tempo com uma jornalista à perna a fazer-lhe perguntas, se o outro coisa e tal, se tinha doído, a cabra até perguntou ao Carlos se ele tinha tido prazer sexual. Filha da puta. Como quem diz: *“afinal gostaste!”*. O que ela merecia era levar com o espanhol em cima, para ver se depois continuava a fazer jornalismo assim. A Luisinha foi tema de telejornal, e puseram uma coisa preta nos olhos, mas percebia-se muito bem quem era. Ainda por cima mostraram a casa, o bairro, a rua, os vizinhos. Dizem que é crime, que os miúdos tem direito a não ser conhecidos, eu também acho, deve ser uma vergonha ser reconhecido, mesmo que não agora, mais tarde!

A minha Mãe via o telejornal comigo, de vez em quando. E ainda vimos algumas notícias sobre crianças e adolescentes maltratados e abusados. *“Um nojo!”* – dizia ela – *“Se alguém fizesse mal ao meu Androcas, matava-o”*. E é por isso que eu acho que a minha Mãe não me maltratou. Acho que ela fez tudo por mim. E gostava muito de mim. Podem pensar que não, e há gente que esteve no

meu processo e que escreveu coisas – sim, eu pude ler -, que não tinham nada a ver comigo e com a minha Mãe. “Prostituta alcoólica” – era como resumiam sempre, no final. Tudo o resto passava nas entrelinhas. Até o facto de ela me chamar Androcas. Ninguém o sabia – só o disse ao Fermento, quando cheguei aqui a casa.

Uma coisa que conversámos com o Dr. Rui, uma vez que ele se sentou connosco à mesa e jantou, foi o facto de não termos, legalmente, parece, ninguém que nos represente a não ser os directores das instituições. Quer dizer, se acontecer alguma coisa, é o Fermento que nos representa. Mas imaginemos que era o próprio Fermento – não ele, que nunca nos faria mal, mas outros directores de outras casas, que por exemplo violavam ou roubavam um de nós. Como é que se saía dessa situação, pergunto eu? O Dr. Rui defende que cada um de nós tenha uma pessoa de fora, da família ou da comunidade, ou até uma instituição, que seja o nosso representante, para o caso de haver problemas com o lar. Achámos todos bem, menos o Xico que achou que era muito complicado e que era melhor partir a cara do director que lhe fizesse mal. O Xico é assim. “*Partia-lhe a cara, pá, e o gajo amochava, pá*”. Pois é, mas não estou a ver a Luisinha, mesmo com seis anos espertalhões, a “partir a cara” a alguém...

18 de Fevereiro

Hoje enchi-me de brios e fui ter com o Fermento.

“A que vens, André” – perguntou ele, quando bati à porta.

“Venho pedir uma coisa ao senhor director.”

“Se te puder ser útil...”

“Acho que pode. A minha amiga Rita vai passar o fim de semana com os pais e os irmãos, ali para os lados de Cascais. Têm lá uma casa de fim de semana. E perguntou se eu queria ir.”

“E queres?”

Pelo meu sorriso, adivinhou a resposta.

“Sabes o que isso significa, André?”

Continuei sem dizer nada, a olhar para ele:

“Várias coisas. Mas senta-te, senta-te. A primeira coisa, é que espero que te portes como te ensinamos aqui. Que ajudes, que não sejas intrometido, que não te armes em mal educado” – olhou para mim e riu – “tu não és dos piores, mas contém-te na linguagem...”

“E mais?” – perguntei.

“Bom. A outra coisa é que não quero que caias numa armadilha que acontece muitas vezes com crianças e jovens que vivem neste tipo de casas...” – fez uma pausa. Via-se que não estava muito à vontade para dizer o que tinha que dizer. Por fim, lá continuou: “Se estas saídas se repetirem, não quero que penses que a tua vida pode ser uma facilidade ou que encontras uma maneira rápida e fácil de ascender e de enriquecer.”

Como viu que eu ia protestar, e habituadíssimo que devia estar às mesmas reacções, exclamou:

“Tens um percurso de vida, que tu escolhes a cada instante, e podes e deves enriquecê-lo com todas as coisas boas que encontrares à frente, como a companhia da Rita e dos pais da Rita. Mas não te iludas, André, a pensar que de repente te tornaste mais um da família dela. Desculpa a franqueza, mas quero que percebas que tens um longo caminho a percorrer, muita coisa pode acontecer à tua vida, não és tu apenas quem decide dela – não te esqueças que estás à guarda do Estado português. Mas uma coisa te garanto: é que te dou todo o apoio para que te encontrares e te meliores. E acho que seres amigo da Rita é uma coisa boa na tua vida. Portanto, nunca iria proibir. De qualquer forma, diz à Rita que eu gostava de falar com o pai dela, assim como se fosse eu o teu pai, se não me lewares a mal que diga isto.”

Não sei o que me passou pela veneta, mas respondi-lhe:

“Director. Desde que a minha Mãe morreu fiquei sozinho. Mas percebi que tinha companhia aqui, e que o director era o primeiro a dar-me força...”

*“Por isso me chamam o Fermento, não é?”*

Fiquei da cor do tomate, e ia-me dando uma coisa, mas continuei:

*“...mas sei também que preciso de tempo para me perceber a mim mesmo. Quando penso na minha vida anterior, no bairro, não gosto do que relembro e não queria voltar para lá. Mas também não vejo só monstros e gente má. Ainda há dias recebi uma carta de um grande amigo meu, do bairro, que lá é considerado um rei e aqui seria um criminoso. Mas é meu amigo e eu hei-de ser sempre amigo dele. E, às vezes, quando penso nisso, sinto-me um bocado perdido, porque não sei bem se é possível estar com um pé em cada lado ao mesmo tempo, em mundos tão diferentes, com regras tão diferentes”*

O Fermento levantou-se, puxou de uma fotografia, e disse:

*“Sabes quem é este puto, aqui, no meio do jogo, a levar porrada dos mais velhos?”*

*“O Nelson?” - perguntei*

*“Não. Sou eu. Muitas levei. Era mais pequeno do que os outros e arriavam-me sempre que podiam. Neste bairro era tudo miúdos como eu, que viviam na rua e raramente iam à escola. Foi um professor que me fez ganhar o interesse pelo estudo, e descobri que podia de vez em quando jogar umas futeboladas e, ao mesmo tempo, estudar. Para ter mais opções, só isso. Mesmo que se um dia decidisse continuar a dar caneladas aos outros e a levar outras tantas, era uma opção minha, não era uma obrigação do destino. Percebes a diferença?”*

*“Percebo. É por isso que estou aqui!”*

*“E agora vai telefonar à Rita e diz-lhe que podes ir com ela no fim de semana, mas o pai dela que me telefone.”*

Agradei e ia a sair como um foguete, de alegria:

*“E mostra que os rapazes, aqui em casa, sabem ser cavalheiros com as damas!”.*

*“Obrigado senhor director, obrigado”.*

Daí a bocado, o pai da Rita estava a ligar ao Fermento e ele veio comunicar-me que eu iria ter a casa deles às nove horas de sábado, e regressaria no domingo logo depois do jantar.

Passei o resto do dia a oscilar, entre uma vontade enorme de ir e um medo igualmente enorme do que iria acontecer. Entre o deslumbramento de estar com a Rita em casa dela e o receio de estragar tudo com a minha simples presença. O Carlos, que é um sacana de um previsto, viu que eu estava numa de indecisão e arrumou-me logo:

*“Primeiro vais, depois pensas. Se não gostares, mandas à fava. Se gostares, fazes-te a outro fim de semana. Tão simples como isso. Não tentes é nada com ela, ouviste? E é melhor leres umas coisinhas – é a minha vez de te emprestar um livro” – e pespegou-me nas mãos um que se chamava “Sexualidade na adolescência – riscos e perigos”.*

Porra, e o amor e a paixão? Não têm direito a título?

Mas, agora a sério, quando estava lá no bairro, os mais velhos tomavam um bocado conta de nós e ensinavam-nos a “vida”, a contar as experiências deles, mesmo que metade delas – ia apostar -, fosse tudo mentira ou exageros. O Tiago Palpa-Cus, por exemplo, que tinha dezoito anos e não conseguia controlar as mãos sempre que passava uma gaja ao lado, adorava reunir um grupo à volta dele e contar como é que tinha sido a noite anterior. Com todos os pormenores. E acabava sempre a dizer-nos: *“Não se precipitem. Esperem pela vossa vez. Não se atropelem. Cuidado com os outros, não vá um amigo vosso andar também a cheirar o mesmo osso. Cautela com os esquemas. Olha que há doenças do caraças e também não vale a pena ficarem com um menino nos braços sem saber o que fazer”*.

Uma vez voltou-se para mim, eu devia ter aí uns onze anos, mais coisa menos coisa, esticou um dedo e perguntou: *“Como é que tu, André, fazias se tivesses que comer uma gaja logo à noite e precisasses de um preservativo!”*. Toda a gente olhou para mim e eu fiquei da cor do tomate. Quase não conseguia ainda pôr a minha pila em pé e o tipo a falar-me de comer gajas. Como eu não respondi logo, ele atacou ainda mais: *“Está aqui a Xana”* – que era uma miúda boazuda, de dezasseis, que andava com todos e mais que fossem, mas ninguém se importava, porque ela era mesmo a miúda de todos, a questão era mesmo só encontrar lugar na agenda dela – *“imagina que a Xana logo á noite te convidada para a cama dela”*. A Xana ria-se só da ideia, mas fez-me um olhar dengoso e sedutor – *“o que é que fazias, André? Como é que arranjavas um preservativo?”*. Fiquei picado das bexigas, como se diz, e respondi: *“Olha, Xana, pedia-te a ti, que deves ter lá em casa uma coleção melhor do que num museu!”*. Desatou tudo à gargalhada, as bocas foram mais do que muitas, e fui muito elogiado pelo meu sentido de oportunidade.

Mas o Palpa-Cus, que gostava muito de ser, assim, uma espécie de professor, um senhor, continuou com um ar todo sabedor: *“Meu caro André. Nunca te fies nisso. Imagina que vais com uma gaja que te quer fazer a cama e emprenhar para te lixar – não vai ter preservativos lá. Então, ouve o conselho de quem é teu amigo e sabe muito da vida: podes encontrar preservativos nas farmácias, nas máquinas que há nos centros comerciais, nos centros de saúde, pedires a um amigo... tens muitas hipóteses”*. E isso evita que a gaja com quem tu andas engravide ou que apanhes alguma merda de uma doença, como a SIDA”.

Na altura, estas conversas ficavam registadas, melhor do que ler num livro. Mas um dia o António Fontinhas, que era do grupo do futebol, também, pôs a questão de a pessoa gostar de outra e não pensar no raio do preservativo. *“Imagina que estou no calor da coisa e começa tudo a acontecer sem eu dar por isso, quero dizer, quando dou estou já a coiso e tal com ela. Como é? Vamos interromper para pôs a camisinha? Palpa! Tu deves estar a brincar!”*.

O Palpa-Cus é tão sabedor como fanfarrão. E o que ele disse faz todo o sentido: *“Eh, pá, Toino, tu é que sabes. Uma coisa te digo, cada vez que estás a fazer amor com uma gaja estás a fazer amor com todos os que fizeram com ela e mais todos os que fizeram com todas essas pessoas, e por aí fora”*. E antes que o António protestasse: *“Toino. Bem sei que isto te parece um nojo...”*. *“ou uma ganda bacanal...”* – interrompeu o Zé Martelo, que tinha entretanto chegado, e toda a malta riu-se – *“mas”* – continuou o Palpa – *“é a verdade e o resto é paisagem. Tu é que sabes, meu. Se queres paixão como nos filmes, avanças e nem dás guita ao que a gente te está a dizer, mas olha que é assim que as merdas se apanham, ou pensas que os vírus e essa cangalhada toda se comove pelo facto de estares apaixonado? Ou achas que a tua querida não fica prenha porque estás na lua a dançar a valsa...”*.

Lembrei-me desta conversa porque nunca tinha pensado que alguma vez os cenários do Palpa-Cus se pudessem passar comigo... e com uma miúda como a Rita, quero dizer, com as gajonas lá do bairro era natural. Quem imaginava ir à Xana sem levar uma bateria de preservativos e ainda outras coisas de que não vou aqui falar. Mas a Rita?

De repente senti quase uma náusea. Parecia que tinha vindo do sítio mais escuro e negro da minha memória, a imagem da minha Mãe, com aqueles clientes todos, e pensar o que eles fariam, e se usavam ou não preservativo. E como é que as coisas seriam. Foi uma sensação horrível. Como se parte de mim quisesse reviver tudo, mas a outra parte quisesse voar para qualquer outro lugar.

Às vezes penso quem sou eu. Que tipo de pessoa, ou de pessoas, estão debaixo da minha pele. Quem sou eu, o Androcas da minha Mãe, o desconhecido do meu pai, o sobrinho a mais do meu tio, o protegido do gang mafioso do bairro, o puto giro das Xanas e das gajas boas e da vida, o “meu menino” do director do outro lar, o tipo a quem o Fermento pede responsabilidades mas dá responsabilidades, o príncipe da Chefê, o amigo da Mariana, da Idália e do Lopes, o parceiro do Carlos, o aluno que até se vai safando na escola, o companheiro da Rita... foi a imagem da Rita que me ajudou a limpar o cérebro e os pensamentos confusos que me atravessaram.

Há dias, na escola, o s’tor de português falou-nos de Fernando Pessoa e dos seus heterónimos. Eu acho que sou o André e que tenho também alguns heterónimos dentro de mim, todos diferentes, todos pessoas. Mas não escrevo poemas nem, provavelmente, serei alguém, algum dia...

De volta a pensamentos menos desorientados, dei comigo a matutar naquilo que o Fermento disse, sobre as saídas. Por acaso conheço um miúdo – deve ter agora para aí uns dez anos -, que também está num lar, daqueles que têm “madrinhas”, como aquele onde estive a Gina, primeiro, e havia lá uma madrinha que o levava sempre para fins de semana e férias óptimas, em casas com piscinas e cavalos, e sei lá mais o quê. Eles apareciam muito nas revistas da sociedade. Mas um belo dia apareceu um casal para o adoptar. As coisas foram encaminhadas nesse sentido e ele acabou por ir para casa desses senhores, que dizem que eram muito boas pessoas. Só que não tinham a vida que os outros levavam. Eram normais, ambos trabalhavam e os fins de semana eram passados em casa ou faziam saídas aqui e ali, mas nada de especial. O miúdo deu-se pessimamente e foi uma complicação.

A última vez que soube dele estavam a tentar compor as coisas, mas ele fugia de casa e ia bater à porta dos outros que, por sua vez, já estavam a levar outro miúdo para lá e já não o queriam. Não queria estar na pele dele.

Mas a ideia de ir com a Rita está a seduzir-me. Entre vontade de ir e medo, lá me tenho estado a aguentar.

Hoje tivemos uma visita de estudo a uma estação dos correios. Foi muito giro, ver como as cartas são movimentadas, a distribuição da correspondência e tudo o que é feito. É incrível, pensar nas milhões de coisas que se dizem e se trocam, para além dos *e-mails* e dos telemóveis. É por isso que não se compreende como podem existir pessoas isoladas do resto do mundo.

Eu, por exemplo, se tivesse agora um problema, acho que ia ter com o Fermento ou com a s’tora de Matemática. Hoje tivemos aula com ela, e foi mais uma aula para não esquecer. E é gira! É engraçado porque ela faz coisas que nunca tinha visto outro professor fazer, como, por exemplo, a meio da aula dizer para nos levantarmos e espreguiçarmos, se nos apetecer. E ela também se espreguiça. Sempre me ensinaram que era feio uma pessoa espreguiçar-se, mas às vezes apetece imenso e custa estar tanto tempo na mesma posição. Com ela é óptimo. Interrompe-se um bocado e fica-se logo melhor. E não nos manda trabalhos de casa porque acha que o fim de tarde deve ser para descansarmos a cabeça e fazermos coisas diferentes. Eu votava nela para ministra da Educação, se pudesse.

Mas acho que toda a gente deve ter pelo menos uma pessoa em quem confie e a quem possa contar coisas, mesmo que não adiante nada em termos práticos. Desabafar é ótimo – pelo menos sabemos que alguém sabe o que se passa e que nos poderá, até, ajudar. Quanto mais não seja pagando-nos uma bejeca, mesmo que nem sequer nos diga uma palavra...

19 de Fevereiro

Hoje tivemos mais uma chatice aqui na casa. Uma coisa desnecessária. Cada um de nós tem uma mesa de cabeceira e umas gavetas no armário do quarto ou na secretária, e é sabido que ninguém mexe. Nem mesmo os adultos.

Mas alguém mexeu hoje na gaveta do António e gamou-lhe dinheiro. Pelo menos é o que ele diz. Estávamos a tratar do jantar, quando o António começou aos berros, a perguntar quem é que tinha ido remexer as coisas dele. A Dona Marta, que estava hoje de serviço – é uma senhora voluntária que vem cá três vezes por semana dar uma ajuda -, foi ao quarto dele saber o que se estava a passar.

*“Foi alguém que veio aqui e me roubou uma nota de dez euros! Se eu apanho o cabrão...”*.

A Dona Marta tentou acalmá-lo e o António explicou-lhe que tinha reparado que o dinheiro, que estava por debaixo da roupa, tinha desaparecido. *“Sei que estava aí, porque o pus eu próprio. Não fazia ideia é que isto era um antro de ladrões”*.

Como em todas as cenas, cá em casa, juntou-se logo o maralhal todo.

*“Alguém tirou dinheiro ao António?”*- perguntou a Dona Marta.

Silêncio.

*“Alguém tirou? Se tirou, digam, que a coisa fica por aqui, se não tenho que fazer um relatório à direcção”*.

Silêncio.

*“António, tens a certeza de que falta dinheiro?”*

O António disse que sim, que tinha a certeza absoluta. Que tinha ali dez euros para comprar um jogo e a nota já lá não estava.

Como ninguém se acusava, a Dona Marta deu por encerrada a parte dela no assunto, e disse que ia avisar a direcção. Ficámos todos a olhar uns para os outros, sem saber o que fazer, mas com receio que, entre nós, pudesse estar um ladrão.

*“Já procuraste bem?”* – arriscou a Gina.

*“O que é que achas?”* – foi a resposta dele.

Já não havia mais nada a fazer ali e regressámos às nossas vidas.

O jantar foi de cortar à faca.

E não sei o que vai acontecer amanhã...

20 de Fevereiro

Há coisas mesmo estúpidas. E o que aconteceu ontem foi uma delas. Saímos de casa à hora normal, para ir para as aulas, mas íamos todos a olhar uns para os outros com um ambiente de suspeita, como se todos fossemos assassinos em série ou assim.

O António nem apareceu para o pequeno almoço. Soubemos pela monitora que o Fermento já estava a par da situação e que ia resolvê-la. Como? Ninguém se arriscava a dizer. O Fermento quando entra em acção, neste tipo de coisas, é imprevisível. Corta a direito e não permite brincadeiras “em serviço”.

Hoje a Rita teve que ir ao dentista, de maneira que segui directamente para a escola, sem passar por casa dela. Mas ia de tal forma preocupado com o assunto do roubo que nem sequer dei muito pela mudança de rotina.

Eu sabia que eu próprio não tinha sido. Mais do que isso não podia adiantar. Devo dizer que não via nenhum dos meus amigos a fazer uma coisa daquelas, mas também não os conheço suficientemente bem para pôr as mãos no fogo por eles. E terá sido uma das monitoras? A Chefe Glória não. A Dona Idália também não. Elas lidam com dinheiro todos os dias, se quisessem dez euros já os tinham surripiado – bastava tirar cinquenta cêntimos durante vinte dias, e aposto que a direcção nem dava por isso. Mas os outros? Teria sido a Luisinha? Se calhar roubar não tem grande significado para uma miúda de seis anos. Mas não a vejo tirar o dinheiro e voltar a pôr tudo como estava antes, e para quê, se ela não gasta em nada nem vai sozinha às compras.

Hoje não tive aulas à tarde e vim a casa almoçar. Cá estou eu. Vamos a ver como é que se desenvolve esta telenovela, mas há bocado quando fui à sala cruzei-me com o Luvás e com a Clara, e ninguém disse nada. Está tudo na retranca.

Finalmente deslindou-se o enigma. E ainda bem, que já não tolerávamos esta coisa. O António devia ser fuzilado, mas ouviu tantas de todos que acho que já teve a sua pena. Como andou tudo a armazenar energia, ao longo do dia de hoje, foi de arrasar. Ele chorou, pediu desculpa, mas o que estava feito estava feito, e ensinou-nos que não saberemos lidar com uma situação destas, caso aconteça.

Bom. Então o que é que se passou – o António pôs, de facto, a nota de dez euros na gaveta da roupa, bem entalada. Só que, burro, pôs dentro de uma meia, para que ninguém visse. E anteontem calçou a meia com a nota e tudo, e não deu por nada. Que pé de chumbo. E à noite pôs as meias no cesto da roupa suja e lá foi a nota. Só hoje à tarde é que a Mariana, quando estava a encher a máquina da roupa, reparou que havia uma coisa qualquer numa das meias – era a nota.

Grande estúpido. O estado em que nos deixou. Nós devíamos saber que não seríamos capazes de roubar... mas será que se precisássemos não faríamos isso? Não sei.

Desta vez ninguém saiu mal na fotografia, fora o António, claro, mas espero que nunca venha a acontecer uma coisa destas. Pelo sim, pelo não, vou guardar o meu dinheiro num sítio qualquer onde seja difícil descobrirem. Mas dentro de uma meia é que não. Animal, o António.

Depois de muita discussão e alguns gritos, acabámos por nos rir porque a Carla disse que aquela nota deixava de ter valor, pelo cheirete que iria deitar durante toda a sua existência. E o Luvás acrescentou que até era uma boa ideia, porque assim podia-se sempre treinar um cão polícia para desco-

brir dinheiro roubado, se todos largassem o fedor que o António deita dos pés. Ele ouviu, ouviu, ouviu, até ficar com as orelhas a arder, mas em silêncio, porque se dissesse alguma coisa, caía-lhe tudo em cima.

Sei que o Fermento não achou grande graça à história, e mandou a Senhora Glória dar-nos o recado para que fossemos “um bocadinho mais organizados e metódicos”. Recado recebido. Que dia mais besta!

21 de Fevereiro

As aulas de capoeira vão começar daqui a duas semanas. Inscrevi-me, mas não sei se estarei muito para aí virado. Não ando com grande pachorra para actividade física e o facto de não ser gordo faz-me não sentir grande obrigação de praticar desporto.

Por acaso ouvimos uma conferência, na escola, de um médico do centro de saúde, que nos disse que o desporto devia ser praticado por todos, mesmo os magros, e que era errado pensar que a actividade física era só para perder peso. Falou-nos da elasticidade dos músculos e das articulações, da flexibilidade, da resistência, *endurance*, e mais uma data de coisas. Mas, quando eu já estava a ver a vida a andar para trás, lá disse que andar a pé durante meia hora é um óptimo exercício. E isso eu faço, quando vou para a escola ou venho para casa.

Por acaso aqui na casa acho que temos uma vida saudável. Ninguém fuma, aliás nem sequer é permitido, mas haveria sempre maneiras de fingir a proibição e fumar – na casa de banho, ou assim. Só o Xico é que dá umas passas, mas é na escola. E não é grande fumador. Eu já experimentei várias vezes – o Martelo fumava que nem uma chaminé e, volta não volta, nós acompanhávamos o tipo, quando o jogo de *snooker* estava mais complicado. Eu adorava puxar o cigarro para o canto da boca, como aquele actor do Casablanca, que ainda no outro dia deram na televisão outra vez, mas nunca consegui falar e manter aquela coisa no lábio. Um dia tentei e caiu em cheio em cima do pano da mesa de *snooker* e, se não fosse a Gracinha, que era na altura namorada do Martelo, ter dado uma sacudidela no morrão, queimava o pano e lá o Alves se metia em despesas.

Já experimentei várias vezes, mas não acho grande graça. Só me irritam é aqueles gajos muito nhurras que têm a mania que por se fumar um ou dois cigarros se fica viciado. E quem diz cigarros diz beber uma bebida alcoólica. Eu com o álcool tenho uma relação muito má, porque tenho sempre medo de começar e ficar como a minha Mãe. Sei que ela sofreu por causa disso e não quero nem experimentar estar agarrado a nada – seja álcool ou drogas. Mas não censuro quem bebe, desde que depois não me venham chatear.

Aqui na casa não se servem bebidas alcoólicas. Aliás, somos todos menores e acho que há uma lei que diz qualquer coisa sobre isso. Mas muitos bebem umas bejecas ou qualquer outra bebida, no Verão. E sei que a Senhora Glória tem uma garrafinha da qual bebe um copito ao almoço e outro ao jantar. Será que o pai da Rita bebe?

O Carlos, depois de me ter dado aquele livro para ler – por sinal, bem interessante, afinal de contas -, perguntou-me se eu tinha preservativos para o fim de semana. Não percebi se ele estava a gozar ou a falar a sério, mas respondi-lhe que não tencionava fazer nada com a Rita, de maneira que não precisava de preservativos.

“*Cuidado com o calor da noite!*” – disse ele. “*Estás parvinho, ou quê?*” – perguntei eu, irritado por ele estar a pensar que a minha relação com a Rita era só para termos sexo. “*Quem anda à chuva, molha-se*” – foi o comentário dele, com um ar de filósofo. Mandeí-o “*dar banho ao cão*” e ele calou-se. Mas fiquei a pensar no que ele tinha dito. Como será a primeira vez? Ouvi já tantas versões, desde as conquistas dos Zés e da malta lá do bairro – metade devia ser tanga deles -, mas há alguma verdade naquilo que o Carlos disse, de ser de repente, quando menos se espera. Sei lá. Nem sei o que sinto pela Rita. Acho que somos amigos e é só. O resto se verá. E nunca neste fim de semana – o Carlos é sinistro, porra.

“O que é que achaste desta história do António?” – perguntou ele, para mudar a conversa.

“Acho a coisa mais estúpida que podia ter acontecido. A minha vontade era enfiar-lhe a meia pelo rabo acima”.

“Com a nota?” – o Carlos tem um sentido de humor muito fino...

Dou-me bem com ele. É reservado, calado, mas isso é bom para quem partilha o mesmo quarto e o mesmo espaço. Confesso que se me saísse o Xico Luvas e mais os seus “pás” não sei se aguentava. Fala pelos cotovelos e eu sou um tipo muito calado. Não sei porque sou assim, se calhar porque me habituei a ouvir mais do que falar. As conversas com a minha Mãe não eram muitas e como não tinha irmãos também não dava para conversar lá em casa. Quanto ao bairro, aprendi cedo que é sempre melhor estar na retranca e só falar quando se tem alguma coisa importante para dizer, ou quando algum dos manda-chuvas perguntam alguma coisa. Aqueles tipos que começam a dar opiniões, por tudo e por nada, acabam queimados em menos de nada. E se se quer sobreviver, tem que se perceber como é que as coisas funcionam.

Com o Carlos, falo o que quero e nem mais uma palavra, e ele também entende as coisas assim. Por isso nos damos tão bem.

“Gostas da Rita?” – quando ele me perguntou isso, eu ainda estava a imaginar a cena da nota pelo dito do António acima, e fiquei surpreendido, por uma pergunta tão directa... e sobretudo por não saber muito bem o que responder.

“Acho que sim, somos amigos...”

Ele pousou o livro – não era o Harry Potter, era um livro sobre a História de Portugal, que um amigo lhe emprestou e que dá jeito para o teste da próxima semana -, e fez aquele ar sério, de “rato de sacristia”:

“Não estou a falar de amigos, estou a perguntar se gostas dela.”

Olhei para ele e vi que não valia a pena estar com conversas de faz-de-conta, a fingir que não percebia o que ele queria dizer:

“Acho que sim, quero dizer, acho que estou cada dia a gostar mais...”

“Isso é bom!” – rematou ele. E continuou a ler.

Pergunto-me às vezes o que é que vai acontecer ao meu amigo Carlos. Não acredito que possa voltar para aquela mãe, mais o espanhol e os dois “hijitos”. O que vai ser dele? O que pensará ele quando se fala do Algarve, ainda há dias estavam a dar uma notícia qualquer no telejornal que se passava na vila onde ele morava. Será que ele vai ficar aqui para sempre? Será que eu próprio vou ficar aqui para sempre? Não sei se aguentava mudar de poiso, nesta altura. Conhecer pessoas diferentes, ambientes diferentes, não sei.

No ano passado, o Nelson saiu aqui da casa para ir para uma família. Já se andava a preparar há uns tempos, e ele não era muito feliz aqui. Via-se que parecia um elefante metido num armário. Precisava de alguma coisa mais para esquecer o brutamontes do pai e aquilo tudo que se passou. Mas eu não consigo pensar em alguém que substitua a minha Mãe, e o meu pai não precisa de

substituto porque não existe. Nunca tive irmãos, não tenho família, confesso que não sei o que iria fazer numa família qualquer. A ideia não me agrada mesmo nada, e a próxima vez que vier cá a senhora da segurança social tenho que perguntar-lhe se não estará a pensar mudar-me daqui, Não sei como é que estas coisas funcionam, mas por enquanto quero estar aqui no meu cantinho, sossegado. Acho que ainda não estou “adoptável”. Só por mim próprio.

22 de Fevereiro

Amanhã é o grande dia. Andei já a ver que roupa tinha e está tudo um bocado para o velhote. As minhas economias não dão para grandes coisas, de maneira que pedi ao Carlos uma camisola azul emprestada – temos mais ou menos o mesmo corpo -, e deram-lhe esta no Natal. Ele disse logo que sim, mas para não me esquecer dela no quarto da Rita, se não ainda a polícia ia pensar que era ele que tinha lá estado. Ri-me, mas com um daqueles risos nervosos.

Muitos dos meus colegas aqui da casa já saem há tempos, de fim de semana. Ou para casa de familiares, ou para casa de alguém conhecido, como é o caso da Gina. Eu não. Passei o Natal aqui, com o Xico Luvás, a Carla, o Sabino, o Paris e a Luisinha. Mas foi bom.

Não fui à missa do Galo, como quando vivia com a minha Mãe, mas no dia 24 tivemos um jantar excelente – bifes enormes com montes de batatas fritas, um bolo de chocolate que estava de comer e chorar por mais, e ainda um ananás. Depois fomos para a sala com a monitora que estava cá e ficámos a ver televisão e a conversar até à meia noite. A essa hora abrimos os presentes, e comemos bolo rei e bebemos um leite com chocolate forte e grosso que a Chefe tinha deixado feito. Delicioso. O Fermento passou por cá pela uma da manhã – sabíamos que ele vinha, porque acho que vem sempre, e esteve um bocadinho connosco. Ele é divorciado da primeira mulher, de quem tem três filhos, e há um par de anos casou-se outra vez, com uma advogada, e já tem mais dois filhos. A casa dele, qualquer dia, rivaliza aqui com a casa!

A Rita disse-me que tinha ido passar a consoada a casa da avó, mãe da mãe, e reúnem-se lá uma data de primos e tios. Abrem os presentes também à meia-noite e ficam na conversa até às tantas da manhã. No dia 25 a Rita vai a casa da família do pai dela, onde também são mais que muitos. Um dos primos é aquele façanhudo que foi connosco ao cinema, e que só queria saber se eu tinha sido violado por alguém. Deve ler muitos livros...

O nosso dia de Natal foi dormir até às quinhentas, sem o despertador a chatear, mas por acaso até acordei relativamente cedo. Fui sair e dar uma volta pela praceta, a ver quem andava na rua. Estava um briol do caraças, mas o céu estava limpo e ao sol até se estava bem. Comprei uma revista e estive sentado num café a beber um sumo e a ler, e a pensar como seria, se as coisas tivessem sido outras, estar com a minha Mãe ali sentado, a apanhar sol, os dois, a conversar, e ela sem ter que ir trabalhar num emprego qualquer decente, não estou a dizer que o dela era indecente, mas digo noutra tipo de emprego, com patrão e horário. Tantas conversas que me apetecia ter tido com ela. Às vezes imagino o que lhe contaria aqui da casa, mas se lhe pudesse contar não precisava de estar aqui na casa, de maneira que acabo sempre por chegar à conclusão de que não vale a pena estar a esforçar-me com fantasias destas.

Depois vim almoçar – havia peru -, e fiquei a ver filmes na televisão até à hora do jantar. Depois começaram a chegar os outros e jantámos todos juntos. Foi diferente do habitual, mas gostei. Foi calmo, e eu estou a ficar um tipo cada vez mais calmo. Acho...

Volto a escrever à noite. Estou um bocado nervoso. Já pus o despertador e verifiquei para aí umas cinquenta vezes se estava ligado e as horas certas. Não sei muito bem como é que vai correr, falar com os pais dela e com os irmãos. E se eles me começam a perguntar sobre a minha Mãe, o que é que eu digo? Conto a verdade?

E sobre a casa? Digo que estou num lar? Esta casa é como a de qualquer pessoa, não tem nenhuma placa a dizer “Lar”, lá fora, como eu sei que muitas têm. Deve ser lixado estar a dizer “eu vivo num lar”. Só os velhos é que vivem em lares. Nem imagino como é que é viver naquelas instituições enormes, cheias de gente – no outro dia contaram-me que há umas que têm mais de cem pessoas, da minha idade. Como é que é possível? Cem pessoas! Como é que fazem para ver televisão? Como é que fazem para usar a casa de banho? Devem começar uns às seis da matina e os últimos às dez ainda devem estar na bicha. E deve poder-se escolher um programa de televisão de cinco em cinco anos!

O Tiago, que é um da minha turma, a quem a princípio fez muita confusão eu não ter pais e viver numa casa, mas que depois percebeu tudo e se tornou meu amigo, contou-me que tem um tio que é juiz, e que já teve julgamentos de casos em que os miúdos mais novos são abusados pelos mais velhos, porque dorme tudo na mesma camarata, e os mais velhos aproveitam para “coiso e tal” com os mais miúdos. E se eles começarem a gritar, dão-lhes porrada. Pensava que era só nas prisões que estas coisas aconteciam. O Zé Martelo estava sempre a dizer que para a prisa é que não ia, nem quadrado. “*No meu cu ninguém entra!*” – dizia ele, coitado. Esqueceu-se foi que a bófia lhe podia espetar uma bala nos cornos, coitado do Zé. Ainda nem acredito que tenha acontecido, mas não vejo o Zé ser preso. Matava-se na primeira noite.

Vou ter que fechar a luz porque o Carlos já me deu umas olhadelas a implorar “tréguas”.

Sei que não vou conseguir dormir, mas pelo menos fecho os olhos e tento pensar em coisas boas. Só coisas boas...

24 de Fevereiro

Durante o fim-de-semana não pude escrever nada porque era chato. Nem o Diário levei, aliás. Espero que ninguém tenha vindo cá mexer, mas como já vimos que não há ladrões, acredito que não.

Foi uma coisa que me disseram logo no primeiro dia – é que eu tinha direito à minha privacidade, e não tinha que mostrar cartas ou coisas escritas por mim, a ninguém. *“Abrir cartas de outra pessoa é um crime”* – avisou o Fermento. Não sei se estava a dizer-me que ninguém ia abrir as minhas ou para eu não abrir as de ninguém, mas funcionou das duas maneiras.

Um dia houve aqui uma cena porque uma das voluntárias abriu uma carta que era para um miúdo, porque pensava que ele andava com problemas de droga e queria ver se na carta se falava alguma coisa disso. Depois colou a carta outra vez, mas o miúdo deu que havia ali qualquer coisa de errado e entrou pelo gabinete da direcção dentro, furioso, a queixar-se. Foi o Carmo e a Trindade. O Fermento ia rebentando e a voluntária foi logo chamada, e deve ter ouvido tantas e tão poucas que passados dois dias cavou daqui. Não sei se desistiu de ser voluntária ou se foi massacrar outros, mas esta coisa de pensar que só por ser voluntária podia fazer as coisas de maneira diferente, também tem muito que se lhe diga...

Mas cá estou eu a desconversar, para não ter que falar do fim-de-semana. Bom. Vou escrever umas coisas. O despertador tocou a horas e arranjei-me em tempo recorde. Depois tomei o pequeno-almoço e perfumei-me tanto que a Senhora Glória teve um ataque de riso, quando me fui despedir dela. *“Com esse cheiro todo, afastas as melgas, se lá as houver!”*. Engraçadinha. Dei-lhe um beijo repenicado e saí, com ela a dizer: *“Olha que és o meu príncipe!”*.

Cheguei a casa da Rita a horas e eles ainda estavam atrasados. Subi e, no elevador, ia com o credo na boca. Quando cheguei, a Rita estava à minha espera e os pais andavam de um lado para o outro, a arrumar malas e coisas. A mãe estava na cozinha e foi muito simpática, perguntou se eu queria tomar alguma coisa e eu disse que já tinha tomado o pequeno-almoço. Espero não ter sido indelicado.

Os gémeos, Nuno e Tomás, andavam a correr atrás um do outro, e acho que quase nem deram que eu estava ali.

Quando nos sentámos no carro, uma daquelas monovolumes de sete lugares, a Rita disse que ainda íamos buscar uma amiga dela, a Filipa, que mora ao pé do Marquês de Pombal. Quando a Filipa entrou, olhou para mim, para ver quem eu era, e comecei a arrepender-me de ter posto tanto perfume. Eu próprio dava pelo cheiro. O que vale é que era um de boa qualidade, que a direcção me ofereceu no Natal – *Cool Water*. A Filipa deve ter pensado que eu era um ricoço qualquer e que tinha ouvido mal, eu não vivia num lar, mas sim numa mansão...

Falámos pouco, no caminho, e quando chegámos a Cascais fiquei deslumbrado. Nunca tinha estado em Cascais. Pelo menos que me lembre. Fui uma vez a Carcavelos, à praia, mas a Cascais nunca. A casa da Rita fica lá nuns montes e vê-se o mar. É uma casa grande, só de um piso, com uma lareira enorme na sala e muito confortável.

O quarto que me deram era quase um salão. Até dava para ter trazido o Carlos. E a casa de banho parecia daquelas de hotel.

Estava com um bocado de medo da hora das refeições, porque não sabia muito bem se eles eram muito exigentes com o sentar e os talheres, e essa coisa toda, mas vi que aqui em casa não fazemos de maneira diferente, ou eles é que não fazem de maneira diferente aqui da casa. Com o passar das horas fiquei mais à vontade e o fim-de-semana foi muito bom. Conversámos, demos passeios, fomos comer gelados, encontrámos outros amigos da Rita, que também moram ali ou vão de fim-de-semana, enfim, foi bom e não me senti nada mal.

A casa da Rita tem uma mesa de *snooker*, e os irmãos estavam a jogar e desafiaram-me para uma partida. Hesitei, mas resolvi fazer o gosto ao dedo. Era altura de quebrar o enguiço e resolvi pôr o bairro para trás das costas e pegar no taco. É claro que os putos ficaram maravilhados, e isso contribuiu muito para subir a minha cotação naquela casa.

“*Não sabia que jogavas tão bem!*” – até a Rita estava admirada.

E nesse momento agradei ao Lampreia e ao Martelo todas as horas que me dedicaram, a ensinar-me os truques maravilhosos da arte do *snooker*.

Hoje de manhã demos um passeio grande pela praia e fartámo-nos de conversar sobre muita coisa – as aulas, os nossos colegas da escola, as nossas vidas. É difícil estar aqui a escrever sobre isso, mas ficámo-nos a conhecer melhor.

E soube-me bem andar pela areia de mão dada com a Rita...

Excerto do Diário da Rita

24 de Fevereiro

*Voltámos hoje de Cascais, do fim-de-semana.*

*Os gémeos vinham cheios de sono porque ontem à noite acabaram por deitar-se tardíssimo, a jogar snooker com o André. Ele joga muito bem, não sei onde é que aprendeu a jogar tão bem, não acredito que tenha sido na outra vida dele..., mas joga mesmo muito bem.*

*Tem piada porque estava um bocado apreensiva com o que se iria passar. Quando propus aos meus pais convidar o André para passar o fim de semana connosco foi um impulso e no fim da frase quase estava já arrependida. Mas a reacção deles foi tão natural e normal que cheguei à conclusão que tinha sido boa ideia.*

*Os meus pais são, realmente, pessoas formidáveis. E preocupam-se com o que eu sinto, o que me dá muita segurança. Acho, aliás, que se toda a gente tivesse uma pessoa, que fosse – bastava só uma -, em quem pudesse confiar e que mostrasse que gostava dela, era o suficiente para a pessoa se sentir bem. E acho que o André deve ter quem goste dele, porque não me parece nada ressabiado.*

*Notei que ficou um bocado deslumbrado com a nossa casa de Cascais, que também não é nenhum palácio, mas não o vi com ar de arrogante ou sobranceiro, ou de invejoso. Integrou-se muito bem com os meus pais e os meus irmãos, e com a Filipa, que veio connosco.*

*A Filipa é que estava um bocado banzada com o André. Achou-o “um pão”, e andou à roda dele, como se estivesse a fazer alguma experiência com um ratinho de laboratório. Mas percebo-a. Ela nunca deve ter pensado, sequer, que existiam lares, quanto mais que existiam miúdos em lares. Mas não foi malcriada nem se armou aos cágados. Felizmente, porque podia ter dado para o torto. E o mesmo aconteceu com os do meu grupo de Cascais – esses nem quiseram saber de coisa nenhuma, e o André conver-sou com eles como se fosse uma pessoa qualquer... quero dizer, ele é uma pessoa qualquer. Agora era eu que o estava a ver como um ser de outro planeta!*

*Quando chegámos, há bocado, depois de arrumarmos as malas e as coisas, estive um bocado a falar com a minha mãe sobre o André. Acho que ela percebeu que eu gosto dele. E deve ter falado com o meu pai sobre a nossa conversa do outro dia, em que eu estava tão aflita.*

*A minha mãe só me recomendou que tivesse calma e que deixasse a vida correr devagarinho, sem pretender forçar nada. Nem eu quero forçar coisa nenhuma. Sou tão nova, não me quero estar já a prender com uma pessoa, pois se ainda nem sequer aproveitei a minha liberdade... mas que gosto dele, é um facto, e que lhe quero bem, é outro facto. E que me preocupo com ele, é ainda outro facto. Já são vários factos. E é por isso que espero poder não perder a amizade dele. E descobri-lo devagarinho, cada dia uma faceta nova, um aspecto novo, e aprender com ele e partilhar com ele, também algumas coisas.*

*Este fim-de-semana, por exemplo, foi descobrir que ele joga snooker como um campeão. Mas será que aprendeu mesmo lá no tal bairro?*

25 de Fevereiro

Temos cá em casa um psicólogo. Quero dizer, ele não vive cá em casa, mas vem cá com frequência, e acompanha alguns de nós. Eu, por acaso, nunca precisei de andar em consulta, embora tenha falado com ele mais do que uma vez, em conversa “de café”, sobre a minha vida e sobre a minha Mãe. Chama-se Rui e deve ter trinta e tal anos.

O Carlos anda a ser seguido por ele. O que o Carlos sofreu foi uma coisa realmente horrível, e nota-se que há dias em que ele está muito triste, e reage mal a qualquer conversa. Comigo é diferente, porque temos um entendimento muito bom e sabemos respeitar a vontade de silêncio ou de conversa, mas os outros às vezes insistem com o Carlos para falar, e ele está em dia não, ui, fica embelezado e ainda é pior.

Um dia, estávamos a ver o telejornal e deram uma notícia sobre uma rede de pedófilos, que actuava num país qualquer da Europa, e o Carlos começou a dizer “muda, muda”. O António, que às vezes é pouco previsto, tinha o comando na mão e começou a dizer que não queria mudar porque a notícia o estava a interessar. E o Carlos só dizia “muda, muda”. Como o António encolheu os ombros e continuou sem mudar, o Carlos deu um salto, arrancou-lhe o comando das mãos e mudou para outro canal, onde, por azar, estavam a dar a mesma notícia. O António começou a rir e disse: *“Estás a ver, vás para que canal vás, tens os enrabadores à tua perna”*. Foi de muito mau gosto, mas acho que ele não teve consciência de que o Carlos tinha sido abusado sexualmente. Ou o Xico Luvás, que por acaso não estava ali, se não a coisa tinha sido bem pior.

O Carlos ficou sem saber o que fazer – ele não é do tipo violento -, e atirou contra a televisão umas revistas que estavam em cima da mesa e foi para o quarto.

*“Que bicho lhe mordeu?”* – perguntou o António, todo triunfante.

Bom. Levou uma ensaboada da Gina e só assim percebeu que tinha sido mesmo mau. *“Gostavas?”* – dizia a Gina – *“gostavas que te viessem lembrar que foste maltratado e que abusaram de ti? Gostavas? Não o ouviste pedir para mudar de canal? Tinha-te feito grande diferença, ou não percebeste porque é que ele estava a pedir-te isso?”*

Mas o António é assim, é o tipo capaz de vestir umas meias com uma nota de dez euros dentro delas e é capaz de dizer as coisas sem pensar minimamente nelas. Mas sei que é capaz, também, de dar a camisa por um amigo, isso sei.

Lá o convencemos a ir pedir desculpa ao Carlos, mas o Carlos mandou-o à fava e disse que nem o queria ver. No dia seguinte, o Doutor Rui veio cá e esteve a conversar com cada um, mas o Carlos só dizia que queria ir embora para outra casa, que não tolerava estar ali com pessoas que eram más. Foi o Doutor Rui que o acalmou e explicou que ele tinha razão, mas que de vez em quando era natural que alguém viesse com uma conversa que relembresse as coisas más que aconteceram na vida de cada um de nós, ou que, simplesmente, uma notícia de telejornal pudesse reavivar a nossa memória. Temos que aprender a viver com isto. Faz parte das nossas vidas. Mas não tem sido fácil para o Carlos, e eu bem acordo, de vez em quando, com os pesadelos dele – ele próprio, às vezes, nem chega a acordar -, a lutar contra o espanhol e a gritar ao espanhol para parar com aquilo.

28 de Fevereiro

O tempo passa. Dediquei um dia a reler o Diário – mas, conforme tinha prometido, não alterei uma vírgula -, e por incrível que pareça, aprendi com ele. Pode parecer muito convencido, isto de uma pessoa aprender com o que escreve, mas é a verdade, que hei-de eu fazer?!

Às tantas pensei em mostrar o Diário à s'tora de Matemática. A “louca”. Mas isto tem coisas que são um bocado privadas e sentimentos que não quero partilhar com qualquer um. Será que ela percebia? E que me fazia bem mostrar-lho? Bom... para já, acho melhor não. Afinal só agora chegou, sei lá se debaixo daquela pessoa não está uma gajona qualquer que depois começava a gozar comigo ou a utilizar o que sabia para me lixar. E além disso só a vou ver este ano, até à s'tora do costume voltar. Só de pensar nisso até fiquei enjoado. Esta s'tora ir-se embora é um autêntico desperdício. O que eu dava para esta se manter por cá. Acho que me armo em durão mas precisava mesmo de uma pessoa como ela, aqui todo o ano. Mas isso já era sorte a mais! Bom, pelo menos tenho o Fermento, que é mesmo director e não um substituto. E além do mais não corre o risco de ficar grávido!

O Carnaval está quase a chegar, e vamos ter uns dias de férias. Alguns vão sair – ou vão para a família, ou vão a casa de amigos. Eu não tenho nada em perspectiva. Se calhar fico por cá, e até gosto – aproveito para estudar para os testes -, mas não sei, se o tempo estiver bom apetecia-me sair.

Já pensei aproveitar um destes feriados e ir até ao bairro outra vez. Não sei se deva. Nem sei porque é que me apetece lá ir. Mas apetecia.

Comecei a tentar arrumar as ideias e perceber o que ganharia e o que perderia em voltar a ver o bairro.

Apetecia-me, por exemplo, encontrar o Zé Lampreia e dar-lhe um abraço enorme, e dizer-lhe que não me esqueci dele. E que, apesar de ele ser um sacana da pior espécie, me marcou muito e, curiosamente, marcou-me pela bondade que ele tem, sendo mau por natureza, para muita gente, mas se calhar não tanto como algumas pessoas pensam. Fala-se muito de amizade – não preciso de ir mais longe, o Zé é um exemplo. A carta dele é um exemplo. Grande Zé. E sei que ele deve estar muito em baixo, com a morte do Martelo. Eram unha com carne – o que ele deve estar a passar é um bocado o que eu estou, com a morte da minha Mãe.

Sei que gostava de voltar a entrar na Livraria do Gomes e perguntar se já recebeu o último volume do Harry Potter (o Carlos agradeceria, que está quase a acabar o último que eu tenho). A cara dele. Se calhar pensava que tinha visto um fantasma. Ou não. Era capaz de me dar o livro e fazer um desconto, sei lá. Mas eu gostava de o voltar a ver.

E o Alves. Ia-me contar a história do Zé Martelo ou calava-se? Era capaz de se calar bem caladinho. Ele não gostava muito de se meter na conversas. E se bem o percebo...

O pior ia ser passar lá por casa. Não sei se é pior a casa estar vazia ou estarem lá a morar pessoas. Acho que não ia aguentar. Como é que uma porcaria de casa como aquela, que estava sempre tão horrível e feia, com os móveis todos velhos e tudo tão mal pronto, pode trazer recordações tão boas.

Cresci lá. Era o meu espaço. Tenho saudades do meu quarto, da sala, do quarto da minha Mãe onde ela me deixava entrar, sempre depois de ter arrumado tudo quando os clientes saíam. Não sei se poderia ter feito alguma coisa para evitar que a minha Mãe bebesse tanto e tivesse aquela vida. Eu

bem via os efeitos do álcool, lá no café do Alves. Mas só agora é que se me faz luz e percebo que é a mesma coisa. Na altura, o que se passava com a minha Mãe parecia-me uma coisa diferente, uma espécie de doença e eu não era médico. E o mesmo com a profissão dela. Às vezes pergunto-me os riscos que ela correu, para ter dinheiro para me sustentar. E para viver, ela própria.

Engraçado que, em todos estes anos em que vivemos lá, nunca ninguém se interessou por nós. No dia em que os vizinhos chamaram a polícia veio aquele forrobodó de gente. Antes disso, népias. Nem um.

Uma das coisas que ouvi perguntarem a uma das senhoras da segurança social é se eu estava registado como “criança em risco” – uma dizia que sim, a outra que não, que eu não tinha perfil. Não percebi o que era, nem o que eles fazem quando descobrem uma “criança de risco”. E risco de quê, afinal?

Será que ser amigo dos Zés era um risco? No outro dia tivemos essa conversa aqui, quando estávamos a falar de amigos que deixámos nos lugares de onde viemos. A Gina dizia que lhe tinham dito que a política devia ser sempre pôr-nos perto do lugar onde vivíamos, para mantermos a escola, os amigos... mas para alguns de nós, pretendem o contrário, afastar-nos dos perigos e da vida que levávamos. Eu, no meu caso, seria impossível continuar a viver no bairro e ter outro tipo de vida. O Carlos, se tivesse continuado perto da família, ia ser massacrado pela mãe e pelos vizinhos, que acreditavam mais nela que nele, além de que ia estar perto do Manolo, mesmo que ele esteja na prisão.

Outros não tinham vaga em nenhuma casa ao pé do sítio onde viviam.

E depois há uma coisa – não foi o meu caso, mas é o de muitos -, é que quando os pais ou alguém de casa nos faz mal, quem tem que sair para se proteger somos nós. O agressor, seja lá quem for, ou os cúmplices – como acaba por ser a mãe do Carlos – ficam em casa na maior. Nós saímos, ficamos sem o nosso quarto, a nossa casa, os nossos vizinhos e amigos, a nossa escola, a nossa rua, a papelaria onde compramos cromos ou seja lá o que for. E depois temos que nos deslocar, às vezes, para lugares distantes, com tudo o que isso tem de horrível. E os agressores em casa, à espera do tribunal...

Uma vez estive quase para falar disto ao Fermento, mas acho que ele pensa o mesmo que eu, mas também não pode fazer nada...

5 de Março

Hoje acordei a pensar na Rita. Aliás, hoje ainda não tinha acordado e estava a sonhar com a Rita. Era um sonho bom, mas acordei e, puf!, só me lembrei dele durante trinta segundos ou nem isso. Depois “varreu-se”.

Mas o facto de saber que tinha sonhado com ela entusiasmou-me e tomei um duche quase frio, apesar de ser Inverno, arranjei-me e senti-me cheio de genica. Fui a assobiar pelo corredor, o que é muito raro, e a Chefe Glória comentou *“Anda moura na costa!”*. Passei por ela, dei-lhe um “chocho” repenicado e saí porta fora. Como é que um pensamento só, pode pôr uma pessoa “em alta”...

Quando encontrei a Chefe, na realidade estava à procura mas era da Mariana, porque lhe tinha pedido para me fazer umas bainhas de umas calças que me estão um bocado curtas, e não a encontrei.

Achei que ela estava doente, ou assim, mas afinal está a frequentar um curso qualquer. Informação privilegiada e segura da Chefe Glória. Fiquei, aliás, a saber que os funcionários desta casa, quer os que são mesmo daqui, quer os que são voluntários, têm que fazer cursos e umas coisas a que chamam “acções de formação”. No fundo é como ir às aulas. Não sei é se têm lá uma s´tora de Matemática como nós – aprendiam tudo num instante. E outra coisa que ela me disse, é que umas pessoas do governo, ou lá o que era, queriam fazer uma coisa que era só darem dinheiro às casas onde as pessoas tivessem tido essas aulas. Acho muito bem. O pior é se nas piores casas ninguém vai e elas ainda ficam piores sem a formação e sem o dinheiro...

Aqui, desde o director à Mariana, todos vão passando por essas aulas, dadas por umas pessoas da segurança social, e de outros sítios. *“Sabes, André”* – disse-me a Chefe – *“eu já fui a uma coisa dessas, e quando falava com as pessoas de outros lares, às vezes contavam cada história que era de arrepiar. Eu não devia dizer isto, e se tu disseres que eu disse, eu digo que tu és mentiroso, estás a ouvir?, mas há lares onde fazem coisas aos miúdos que são quase maus tratos, como dar pouca comida, obrigá-los a acordar muito cedo para tomar banho, não terem liberdade nenhuma, como se os meus príncipes e princesas não merecessem o melhor... mas aí de ti se repetes isto, torço-te o pescoço e depeno-te como uma galinha, ou se calhar depeno-te primeiro e depois é que te torço o pescoço”*.

Uma coisa que me espantou um bocado foi saber que há muita gente a trabalhar em casas destas que não têm um grande jeito para lidar com pessoas da nossa idade. Se calhar isso acontece em todas as casas – há amigos meus, na escola, que passam a vida a dizer que os pais não os compreendem, que são uns cotas, uns nhurras –, mas para vir trabalhar para aqui não sei bem como é que as coisas são, se basta chegar e saber se há um emprego.

Uma vez que jantámos com o Dr. Rui, no MacDonald’s, o tema veio à baila e ele disse que está-se a fazer um esforço, por todo o lado, para seleccionar pessoas que tenham competência e formação para lidar connosco. Nas casas onde as coisas são bem feitas, há uma entrevista aos candidatos aos empregos, depois de ver os cursos que eles têm, o que fizeram na vida, acho que se chama currículo, ou qualquer coisa assim – eu devo ter um currículo de se lhe tirar o chapéu... -, e nessa entrevista os directores percebem se a pessoa tem jeito para estar numa casa destas, com pessoas como nós... índios como nós...

Uma coisa que o Dr. Rui disse foi que, por exemplo, uma pessoa que tenha sido maltratada em criança e que não tenha conseguido ultrapassar o assunto, pode depois vir a desforrar-se nas crianças ou, pelo contrário, reviver tudo o que se passou com ela e sofrer muito. E mais uma data de

situações parecidas. Deve ser lixado fazer uma coisa destas, mas não sei se é trabalho do Fermento e da associação que tem esta casa, mas o que é certo é que não temos queixas das pessoas aqui. Há uns de quem gosto mais, outros menos, mas isso é normal, acho.

No bate-papo que tive com a Chefe fiquei a saber uma coisa que já suspeitava: que há casas que são excelentes e que há outras que metem medo. E senti-me um privilegiado de estar numa das primeiras. Fiquei também a saber outra coisa: que há regras de como as coisas devem ser bem feitas e que essas regras são ensinadas em aulas, portanto não há desculpas para as tais casas “más” continuarem a fazer o que fazem. O pior é os miúdos que estão lá não poderem protestar, porque devem levar cada lambadão – calculo eu! – se o fizerem, que têm medo. E provavelmente, nem sabem sequer as coisas a que têm direito. Devia haver uma maneira de eles poderem ler estas regras, ou alguém lhas explicar, mas parece que quando se entra numa casa é o director que fica responsável. Ora, se o director for um malandro, como é que ele se vai denunciar a si próprio?

Mas o melhor é ficar calado e não andar a remexer no assunto, se não a Chefe esfolá-me vivo... como uma galinha...

6 de Março

Já que escrevi ontem sobre galinhas, vem a propósito dizer que tive a primeira aula de capoeira. O professor explicou-nos a origem desta dança, ou desporto, ou chame-se lá o que se chamar.

Começou nos negros que eram levados para o Brasil, que eram explorados e levados para sítios de trabalho muito maus, e que desenvolviam métodos de defesa pessoal, com golpes de mãos e de pés. Um bocado como as artes marciais. Só que, para não darem nas vistas e serem apanhados a ensinar os mais novos, disfarçavam os golpes no meio de música. Quem visse pensava que era uma forma de dança e não de luta. Como alguns grupos começaram a aproveitá-la para fazer arruaças, foi proibida. E assim esteve até aos anos trinta, quando voltou a ser permitida desde que fosse uma forma de dança ou de desporto. E para a próxima aula temos que decorar o nome dos sete golpes da capoeira – sete como as notas da música, disse o professor. Tenho aqui escrito num papel, mas não sei se vou conseguir: Cabeçada, Rasteira, Rabo de Arraia, Chapa de Frente, Chapa de Costas, Meia Lua e Cutilada de Mão. Tomara eu decorar o que tenho para os testes, quanto mais os galos da capoeira... mas vou tentar... Cabeçada, Rabo da Frente, não! Chapa da Lua. Porra. Acho que não vou conseguir. Tenho que pedir ao Carlos que estude comigo isto, logo à noite...

7 de Março

O Carnaval é já na outra terça – faltam dez dias! Tanto que me apetecia que a Rita me convidasse para ir a Cascais outra vez...

Excerto do Diário da Rita

7 de Março

*Ainda não sei o que faremos no Carnaval.*

*Hoje perguntei aos meus pais, ao jantar, mas eles não sabem ainda, porque tivemos um convite de uns amigos do meu pai para irmos à quinta deles, no Norte.*

*Apetecia-me mais ir a Cascais e talvez dizer ao André. Talvez, quero dizer, seria uma boa hipótese de dizer ao André. Mas os meus pais estão entusiasmados com a ideia de ir ao Norte – a quinta fica ao pé de Amarante -, e o meu pai precisa também de descansar. E lá consegue porque o amigo dele lhe dá todas as mordomias.*

*Tenho pensado muito no André. Eu sei que ele não era propriamente mau, nem nunca foi preso, nem nunca fez asneiras grandes – faltava às aulas e ponto final. Mas será que não fica sempre alguma coisa dentro das pessoas que pode explodir a qualquer altura, sei lá, por exemplo se ele um dia tiver um emprego e houver uns tipos que o rodeiam e desviam para ir jogar ou beber cerveja, será que ele resiste e diz-lhes que não?*

*Ele fala do bairro onde vivia como se fosse uma maravilha, ou pelo menos não diz que aquilo era horróroso. E será possível não ser?*

*Acho que ele tem tanta vergonha daquilo tudo, e da mãe dele e tudo o que se passou, que prefere fingir que estava tudo bem e que até se divertia muito.*

*Mas isto são só divagações. E maneiras de me enganar a mim própria, de arranjar esquemas mentais para negar a evidência. Gosto dele. Gosto do André. Neste momento é a pessoa mais importante da minha vida...*

Abertura do telejornal de uma das estações nacionais

*Governo e Oposição dão as mãos em defesa das crianças.*

*O Ministério da Segurança Social acaba de divulgar o último relatório sobre a situação das crianças e jovens acolhidos em lares. Segundo o Ministério, o número tem aumentado nos últimos anos, mas, para o Ministro, isso pode dever-se a duas coisas: um maior número de casos detectados e uma maior oferta de lugares nos lares. Na sequência destes e de outros dados, o Governo elaborou um conjunto de propostas e de medidas, que apresentou à Assembleia da República, numa sessão especial. Todos os líderes dos partidos com assento no Parlamento referiram a justeza das medidas e a necessidade e uma aliança nacional, entre o Estado e a Sociedade Civil, com envolvimento dos cidadãos, que permita a sua rápida implementação.*

*“Não creio que esteja a haver um maior número de maus-tratos, pelo contrário” – afirmou o Provedor da Criança – “mas cada caso é um caso a mais, e como tal temos que ter a certeza de que é bem encaminhado e de que essa criança ou adolescente vai ter todas as condições físicas, psicológicas e ambientais de que necessita para desenvolver um projecto de vida que o encaminhe para uma cidadania efectiva e afectiva, com pleno desenvolvimento das suas capacidades e potencialidades”.*

*Também a assessora do Governo para os assuntos da família, reforçou esta ideia, ironizando: “Ouve-se tantas vezes dizer que a estas crianças qualquer coisa basta, como se estivéssemos a falar de atirar um osso a um cão vadio. Não há nada de mais injusto e incorrecto. Estas crianças merecem exactamente o que os nossos filhos merecem, e a determinação que temos que ter para lhes dar as condições e a qualidade de vida que precisam não pode ser mais fraca do que a que nos leva a lutar, diariamente, pela qualidade de vida dos nossos próprios filhos. Além do mais, o passado não tem que ser, forçosamente, futuro!”*

*As medidas agora enunciadas foram aprovadas por unanimidade na Assembleia da República, por todos os grupos parlamentares.*

*Portugal parece ir ter, finalmente, uma política integrada para a infância e adolescência, em que as crianças e jovens passarão a ser prioridades, não apenas no discurso e no papel, mas nas medidas, orçamentos e acções.*





José Maria Carrelhas Vilarinho Pereira - Pormenor "Fundo de S. Luís Berthan - Zurbaran" - Acrílico s\ tela, 2005

## MUDAR DE CASA

Viver numa estrutura residencial, sobretudo quando se trata de uma situação que se prevê vir a ser a longo prazo, constitui uma **mudança importante na vida de uma pessoa**, com possíveis **repercussões** ao nível da sua saúde física e mental. Acresce que as crianças e jovens que são institucionalizados, são-no porque carecem de um meio familiar que possa prover às suas necessidades. É natural existirem **sentimentos ambíguos e ambivalentes**.

As **referências estão no percurso de vida** que tiveram, mesmo que se deseje criar outras, mais sólidas, positivas ou eficazes. E as referências são uma mistura de eventos, sentimentos, pessoas, modelos e acontecimentos bons e maus. A estrutura residencial não pode pensar que é a “salvadora” da criança e que, como tal, esta tem que mudar de cara e ficar, de um momento para o outro, satisfeita e liberta. Ficar, decerto, mas apenas em parte, porque a outra parte terá saudades, sentirá pena e procurará regressar “às origens”. No local onde viveu e cresceu, como no caso do André, deixou provavelmente família, amigos, conhecidos, pessoas da rua com as quais se cruzava, colegas da escola e das brincadeiras, adultos vários. Inclusivamente, no caso das crianças abusadas e maltratadas, o próprio adulto abusador, quando familiar, pode deixar sentimentos diversos, entre os quais a relação por exemplo filial, a qual tem sempre uma componente afectiva e de amor (pelo menos por parte da criança, mesmo que rejeitada e abandonada pelos pais).

As crianças e jovens que estão nas instituições são, na esmagadora maioria, vítimas de qualquer tipo de mau trato. Assim, estão no **epicentro de um processo extremamente complexo**, com várias fases que não podem (nem devem) ser demasiadamente aceleradas, muito menos saltadas. O **processo de gestão** da dor, das perdas, do sofrimento, da sensação de injustiça, traição e perplexidade decorre paralelo ao processo de securização, de procura de uma vida melhor, do encontro com afectos e modelos porventura até aí inexistentes ou, pelo menos, disfuncionais. É preciso, pois, que a dinâmica do estrutura residencial e dos seus profissionais e ocupantes possa **adaptar-se ao ritmo de evolução da criança e do jovem**. Cada episódio é diferente, cada pessoa é diferente, e a maneira como este processo – complexo, multifactorial e oscilante – se faz é variável. Não há extrapolação possível de uma pessoa para a outra. Para compreender o fenómeno, para além de um necessário apoio psicológico e de outros profissionais, é preciso diálogo, abertura à partilha e ao desabafo, saber escutar (e não apenas ouvir), dar espaço à conversa, não exigir respostas no *timing* dos adultos, mas respeitar o *timing* das crianças, e saber ler nas entrelinhas o que fica dito e o que fica implícito mas não verbalizado.

Os profissionais das instituições, bem como as outras crianças e jovens, não podem surgir como os “bons” que recebem “o coitadinho”, mas como **parceiros, dignos e briosos**, que irão apoiar o recém-chegado nesta nova fase da sua vida. **O percurso, seja mais ou menos doloroso e complicado, terá que ser feito essencialmente pelo próprio**, de sua livre vontade, com passos sólidos e sustentados, e não “arrastado” por vontades que até são boas, mas que não desenvolvem dentro da pessoa a capacidade e a resiliência para lutar e para vencer. A mudança e as alterações no percurso de vida e no projecto de vida, para terem maior garantia de êxito, exigem **força interior, vontade e que seja o próprio sinta que conduz o seu destino**.

## 1. Enquadramento legal

O sistema de protecção de crianças e jovens tem como princípios informadores os consagrados em instrumentos internacionais e nacionais, nomeadamente os constantes da Convenção dos Direitos da Criança, da Constituição da República Portuguesa cujos valores, princípios e normas são desenvolvidos pela legislação ordinária.

Paradigmático do espírito da Convenção sobre os Direitos da Criança é a ênfase, no art. 3.º, do **interesse superior da criança** como critério na abordagem dos problemas que lhe respeitam. No mesmo artigo, depois de referir os deveres dos Estados relativamente aos pais e representantes legais, acentua o especial cuidado a ter com o funcionamento de qualidade de instituições, serviços e estabelecimentos que tenham crianças a seu cargo e assegurem a sua protecção.

No que respeita à Constituição salientam-se:

- Art. 36.º (no domínio dos direitos, liberdades e garantias pessoais, com a força jurídica que lhes atribui o art. 18.º adiante transcrito) – relativo à família, casamento e filiação. Acentua direitos fundamentais relativos aos poderes/deveres dos pais, à exclusividade da decisão judicial para impor a sua limitação, e o direito à adopção e correspondente dever de estabelecimento de formas que garantam a celeridade da sua tramitação;
- Arts. 67.º, 68.º, 69.º e 70.º, (no âmbito dos direitos e deveres sociais), que consagram:
  - a) a família como elemento fundamental da sociedade, com direito à protecção desta e do Estado e à efectivação de todas as condições que permitam a realização pessoal dos seus membros;
  - b) a maternidade e a paternidade como valores sociais eminentes;
  - c) o direito das crianças à protecção do Estado e da sociedade, com vista ao seu desenvolvimento integral, especialmente contra todas as formas de abandono, discriminação e de opressão e contra o exercício abusivo de autoridade na família e nas demais instituições;
  - d) o direito dos jovens de gozar de protecção especial para efectivação dos seus direitos económicos, sociais e culturais.

## Sistema legal de protecção de crianças e jovens em perigo

A fonte fundamental do sistema legal de protecção de crianças e jovens em perigo é a lei 147/99, de 1 de Setembro.

São linhas essenciais desse sistema:

- a) o objectivo centrado na promoção dos direitos e a protecção das crianças e jovens em perigo, por forma a garantir o seu bem estar e desenvolvimento integral;
- b) a limitação da legitimidade de intervenção às situações de perigo (conceito mais restrito do que o de risco), quando esse perigo resulta de actos ou omissões dos pais, representante legal ou quem tenha a guarda de facto ou, resultando da acção ou omissão de terceiros ou da própria criança ou do jovem, aqueles não se oponham de modo adequado a remover o perigo;

- c) a consagração (no art. 4.º) dos princípios orientadores de toda a intervenção:
- Interesse superior da criança e do jovem
  - Privacidade
  - Intervenção precoce
  - Intervenção mínima
  - Proporcionalidade e actualidade
  - Responsabilidade parental
  - Prevalência da família
  - Obrigatoriedade da informação
  - Audição obrigatória e participação
  - Subsidiariedade

O referido princípio da subsidiariedade, que marca uma das características fundamentais do sistema, caracteriza-se fundamentalmente pelo seguinte:

São previstos três níveis de intervenção distintos, ainda que interligados.

O primeiro e segundo nível compete respectivamente às entidades com competência em matéria de infância e juventude e às Comissões de Protecção de Crianças e Jovens (arts. 4.º al. j), 6.º, 7.º, 8.º da Lei). Esta opção tem como base o princípio de que cada comunidade é responsável pela promoção, defesa e protecção dos direitos das suas crianças, jovens e famílias, e a constatação de que cada comunidade tem em si a legitimidade, as energias e as capacidades para, contando com a co-responsabilidade e solidariedade do Estado, corresponder a essa responsabilidade, se actuar com recurso aos vários saberes e a parcerias lúcidas, competentes e generosas que estão ao seu alcance.

Às entidades com competência em matéria de infância e juventude (como, por exemplo, a escola, os serviços de saúde, a Segurança Social, o município, as instituições particulares de solidariedade social e outras organizações não governamentais) compete a intervenção em primeira linha, por si só ou em parceria, se, de modo consensual com os pais e sem a oposição da criança com idade igual ou superior a doze anos (ou inferior mas com capacidade para compreender o sentido da intervenção), puderem, em tempo útil, remover o perigo de forma adequada e suficiente.

Na impossibilidade dessa intervenção, a promoção, defesa e protecção dos direitos da criança ou jovem em perigo, compete às Comissões de Protecção de Crianças e Jovens, desde que obtido o consentimento dos pais, representante legal ou quem tenha a guarda de facto e caso a criança ou jovem com idade igual ou superior a doze anos (ou inferior mas com capacidade para compreender o sentido da intervenção).

Em determinados casos - nomeadamente de ausência ou retirada desse consentimento, verificação de oposição da criança, falta de disponibilidade dos meios para aplicar ou executar a medida adequada, decurso de seis meses sem que tenha sido proferida qualquer decisão, entendimento do Ministério Público (que acompanha e fiscaliza a legalidade e a adequação das decisões da Comissão) no sentido de que a decisão é ilegal ou inadequada à promoção dos direitos e à protecção da criança ou do jovem. A intervenção cabe ao Tribunal de Família e Menores que, tem o poder legal de aplicar medidas mesmo sem o consentimento dos pais.

De salientar a mais valia da intervenção das Comissões de Protecção, na modalidade alargada, no âmbito essencial da prevenção primária, (cfr. arts. 17.º e 18.º da Lei), que pode constituir contribuição valiosa para o aprofundamento e a generalização de uma cultura neste domínio, como é indispensável.

Todo este sistema se funda também na constatação do benefício de se privilegiar a intervenção informal (sem prejuízo da intervenção formal quando necessária). Esses benefícios resultam, nomeadamente, dos menores riscos de estigmatização/marginalização e das maiores virtualidades de responsabilização e de promoção de sinergias comunitárias.

De salientar que esses benefícios da maior informalidade, traduzida na intervenção das entidades com competência em matéria de infância e juventude e das Comissões, não impede a protecção imediata da criança ou do jovem, no caso de perigo actual ou iminente para sua vida ou integridade física, mesmo que haja oposição dos pais. Nessas circunstâncias, as entidades ou as comissões tomam as medidas adequadas à sua protecção imediata, se necessário com o apoio das entidades policiais, e, mediante comunicação imediata ao Ministério Público, é desencadeada a intervenção do Juiz, que profere decisão no prazo de 48 horas, confirmando as providências tomadas, aplicando qualquer uma das medidas legalmente previstas ou determinando o que tiver por conveniente relativamente ao destino da criança. (cfr. procedimentos de urgência, arts 91.º e 92.º da lei 147/99, de 1 de Setembro)

As Comissões e os Tribunais devem privilegiar as medidas em meio natural de vida. Entre as medidas de colocação que podem ser aplicadas, salienta-se, considerando os destinatários deste manual, a medida de acolhimento em instituição.

*Essa medida “consiste na colocação da criança ou jovem aos cuidados de uma entidade que disponha de instalações e de equipamento de acolhimento permanente e de uma equipa técnica que lhes garantam os cuidados adequados às suas necessidades e lhes proporcionem condições que permitam a sua educação, bem-estar e desenvolvimento integral.” (cfr. art. 49.º).*

A Equipa Técnica deve ter uma constituição pluridisciplinar, integrando as valências de psicologia, serviço social e educação, e deve ainda dispor da colaboração de na área de medicina, direito, enfermagem e, no caso de lares de infância e juventude, de organização de tempos livres (cfr. art. 54.º).

É princípio fundamental que as instituições de acolhimento funcionem em regime aberto e sejam organizadas em unidades que favoreçam uma relação afectiva do tipo familiar (cfr. art. 53.º onde se referem também as implicações do regime aberto e as visitas à criança ou jovem.).

Do artigo 50.º constam as modalidades de acolhimento em instituição (de curta duração ou prolongado) e a indicação da duração das medidas. O art. 51.º refere a possibilidade dos lares de infância e juventude serem especializados ou terem valências especializadas, e ainda o dever de se organizarem segundo modelos educativos adequados às crianças e jovens neles acolhidos.

É de referir a relevância de uma atenção especial aos direitos do jovem em acolhimento, referidos no art. 58.º da Lei, e bem assim à obrigatoriedade de revisão da medida findo o prazo fixado no acordo ou na decisão judicial e, em qualquer caso, decorridos períodos nunca superiores a seis meses. Assinale-se também a possibilidade dessa revisão antes de decorridos aqueles prazos, desde que ocorram factos que o justifique. Pode proceder-se à revisão antecipada, oficiosamente, a pedido dos pais, representante legal, pessoa que tenha a guarda de facto, ou a solicitação da própria criança ou jovem com idade igual ou superior a doze anos, ou com idade inferior, mas com capacidade para compreender o sentido da intervenção (cfr. art. 62.º).

Constituem ainda elementos importantes de equilíbrio e eficiência do sistema:

- a intervenção do Ministério Público no exercício das suas atribuições de promoção e defesa dos direitos das crianças e dos jovens, de acompanhamento da actividade das Comissões de Protecção, nos termos já referidos, e ainda de representação das crianças e jovens em perigo, propondo acções, requerendo providências tutelares cíveis e usando de quaisquer meios judiciais necessários à promoção e defesa dos seus direitos e à sua protecção;
- a intervenção da Comissão Nacional de Protecção de Crianças e Jovens em Risco, a quem cabe planificar a intervenção do Estado e a coordenação, acompanhamento e avaliação dos organismos públicos e da comunidade na protecção de crianças e jovens em risco, incluindo o acompanhamento, apoio e avaliação das Comissões de Protecção de Crianças e Jovens;
- o sistema de comunicações entre as várias entidades e implicando o próprio cidadão (cfr. art.s 64.º a 71.º). Visa e possibilita a articulação, a acção em tempo útil e a eficiência da intervenção protectora, bem como a actuação penal no caso das situações de perigo constituírem crime.

## 2. Projecto de Vida

As crianças e adolescentes devem beneficiar de todos os factores que promovam o seu crescimento e desenvolvimento – designadamente físicos, alimentação, prevenção de acidentes, prevenção de doenças infecciosas, suplementos vitamínicos e minerais (quando necessários), repouso e descanso, exercício físico, cuidados em situação de doença aguda, cuidados continuados em doença crónica, cuidados especiais em caso de deficiência., afecto, apoio psicológico e, também, modelos, exemplos e estratégias para o desenvolvimento de comportamentos assertivos, descoberta de talentos, aprendizagem de regras e de relacionamento interpessoal empático e tolerante, no quadro de uma educação para o optimismo.

O encaminhamento das crianças constitui, desde logo, uma preocupação central no processo de acolhimento, mais ainda quando este se configura como temporário;

1. pressupõe um diagnóstico interdisciplinar, do ponto de vista médico, psicológico, social e jurídico, que permita conhecer convenientemente a sua situação pessoal, educacional e familiar;
2. com base no diagnóstico, deve ser elaborado para cada criança/jovem um projecto de encaminhamento, sempre que possível com a participação da criança ou jovem e a sua família, perspectivando: sempre que viável em tempo útil, a integração na família biológica nuclear, ou, na impossibilidade, na alargada; a adopção, no caso de não poder concretizar-se aquela integração; outra solução do tipo familiar que garanta, sem descontinuidades, o apoio afectivo e educacional, na hipótese de não poder ser decretada a adopção; e, finalmente no caso de não poder efectivar-se uma resposta do tipo familiar, o acolhimento em instituição, onde seja garantida o acompanhamento afectivo e educacional de qualidade, de forma individualizada e dinâmica, preparando a desinstitucionalização segura e a autonomia;
3. deve ser feito o acompanhamento e a avaliação sistemática de cada situação de modo a permitir encontrar-se em cada momento a resposta mais adequada;
4. para cada criança/jovem deve existir um processo individual devidamente organizado, contendo todos os dados relativos à situação pessoal, familiar e social.

A preocupação pela definição e concretização dos projectos de vida das crianças tem vindo a ganhar cada vez mais relevância.

No projecto de vida das crianças em situação de acolhimento a importância do trabalho com as suas famílias é fundamental, reforçando a ideia de que a institucionalização de uma criança e consequente afastamento do seu meio familiar pode, também, constituir um momento adequado para desenvolver formas de intervenção e reorganização destes agregados:

*O deslocamento de uma criança para fora da sua família não pode ser uma medida desinserida de um trabalho de fundo com a instituição para onde ela vai. Aliás, muitas vezes o verdadeiro apoio construtivo à criança e à família poderá começar verdadeiramente aí, aproveitando situações mais tranquilas e reorganizadoras resultantes desta nova dinâmica, mobilizando, aliás, alguns recursos familiares (avós, tios, primos, parentes) que, até aí, por diversas razões (designadamente por incompatibilidades com os pais) estivessem afastados, “adormecidos” ou sub-utilizados.*

No âmbito das instituições de acolhimento de crianças e jovens, o conceito de **projecto de vida** configura uma **estratégia de intervenção** da estrutura residencial em parceria com outros actores sociais, implicando fortemente com as crianças e jovens acolhidos e suas famílias, tendo como objectivo principal a sua **desinstitucionalização segura**.

A prossecução deste objectivo depende de um conjunto de elementos que recaem, não apenas na acção directa da estrutura residencial acolhedora, mas também na conjugação de outros elementos que se situam fora dela, como, por exemplo, a situação socio-económica da família, suas competências parentais, emocionais e afectivas, entre outras. A eficácia da acção com a família pode estar muito ligada a uma correcta e abrangente avaliação inicial da situação (**estudo do caso**); à existência de um trabalho em “*rede*”; e a uma **avaliação/acompanhamento sistemático** que permita, sempre que necessário, a renegociação/alteração da estratégia inicial.

Atendendo às características próprias do acolhimento temporário, o conceito de **plano de intervenção** parece adequar-se melhor aos seus objectivos porquanto remete para a definição de uma **estratégia de intervenção sistémica e pluridisciplinar**, menos estruturada, mais adaptativa e flexível, traduzida por um conjunto de acções e práticas desenvolvidas, pela estrutura residencial, a montante e a jusante, em interacção com outros parceiros sociais (família, serviços oficiais estruturas de saúde, escolares, entre outras).

Esta estratégia de acção deverá passar, essencialmente, por um trabalho de avaliação/acompanhamento sistemático do processo no sentido de encontrar a resposta que melhor se adequa à situação concreta, salvaguardando sempre o superior interesse da criança e/ou jovem: “*Como tal a intervenção deve actuar sobre uma dada realidade para a modificar baseada no conhecimento que tem dela*”. Um “plano de intervenção individualizado”, estabelecido a partir da admissão da criança, deverá ser um processo aberto e flexível, no qual os diferentes *input* e *output* constituem peças fundamentais à prossecução de uma intervenção continuada e projectada para além do tempo de acolhimento da criança.

### 3. Direitos, Princípios e Valores do cuidar

Os princípios e valores em que assenta o cuidar do outro em acolhimento residencial têm a sua génese nos direitos fundamentais que devem ser promovidos e garantidos a todos os residentes (crianças ou jovens), famílias, colaboradores, dirigentes, especialistas e todos os restantes com quem a organização se relacione.

De entre os princípios e valores do cuidar relevam especialmente:

#### **Dignidade**

A dignidade da pessoa humana pelo simples facto de ser pessoa é fundamento de todos os valores e princípios que constituem substrato dos direitos que lhe são reconhecidos. São de evitar pelos colaboradores da estrutura residencial – e por todos os residentes – expressões que diminuam uma pessoa. Nunca se deve, por exemplo, falar de alguém na sua presença como se ele ou ela não estivesse ali.

#### **Respeito**

Quando demonstramos respeito por uma pessoa, estamos a transmitir-lhe apreço por aquilo que é. Significa também que a temos em consideração naquilo que fazemos com ela e para ela. O respeito tem que estar presente em toda a vida quotidiana de uma estrutura residencial.

Uma forma importante de respeitar o outro é ter em conta a sua vida passada.

#### **Individualidade**

Cada pessoa tem características biológicas e experiências de vida que definem a sua identidade e a distinguem dos demais. Embora possamos ter muitas características comuns, encontramos diferentes gostos, crenças, opiniões e atitudes mesmo dentro da mesma família.

Quando trabalhamos numa estrutura residencial, reconhecer e respeitar a diferença é uma forma de demonstrar que valorizamos as pessoas com quem nos relacionamos, embora possamos planejar a nossa intervenção de uma forma global, temos de considerar especificamente para cada residente, a sua idade, e fase de desenvolvimento

Reconhecer a individualidade de uma criança ou jovem passa por coisas aparentemente tão comuns como perguntar-lhe como é quer ser tratado. Pelo nome? Nome e apelido? E principalmente considerarmos as suas capacidades e preferências. Ao agir segundo este princípio contribuimos para que as crianças e jovens se sintam bem na sua pele.

#### **Autonomia**

O respeito pela individualidade implica, necessariamente, o respeito e a promoção da autonomia da criança ou jovem. A estrutura residencial não é um local onde se limita a passar os dias, mas sim a sua casa, onde vive uma fase importante da sua existência.

A direcção e os colaboradores da estrutura residencial devem encorajar a criança ou jovem a ser responsável por si próprio, tanto quanto possível, trabalhando as suas autonomias e executando ele mesmo todas as tarefas que deseje e que seja capaz.

### **Capacidade de escolher**

É muito importante para o bem-estar emocional e físico das crianças ou jovens terem oportunidade de fazer escolhas e de tomar decisões. Se assim não for, limita-se a autonomia violando-se, o princípio do respeito pela pessoa e a sua autodeterminação.

A definição de rotinas diárias, pode contribuir, para o equilíbrio das crianças ou jovens, no entanto existem sempre decisões que o próprio deve ser encorajado a tomar, como o que vestir, o que fazer no seu tempo livre entre outras.

### **Privacidade e intimidade**

A consideração pela criança ou jovem implica o respeito pela sua privacidade e intimidade. Correspondem a necessidades profundas de todas as pessoas, daí que deve haver a maior preocupação e delicadeza em tudo o que se prende com a privacidade e intimidade.

Merece especial atenção a sua garantia em todas as intervenções que respeitem à sua higiene íntima, às suas relações com os outros, à sua correspondência, às chamadas telefónicas e a todos os problemas e questões pessoais e familiares.

### **Confidencialidade**

O residente tem direito ao respeito pela confidencialidade de todos os elementos da sua vida relativo à sua privacidade e intimidade. Todos os elementos da estrutura residencial – directores, colaboradores, residentes, familiares ou amigos – devem respeitar essa confidencialidade, não divulgando nunca informações sobre a vida íntima e privada do residente.

O cumprimento do dever de confidencialidade é também elemento fundamental nas relações entre todas as pessoas implicadas na intervenção da estrutura residencial.

### **Igualdade e equidade**

Ninguém pode ser privilegiado ou prejudicado em função da idade, do seu sexo, religião, orientação sexual, cor da pele, opinião política, situação económica, situação social ou condição de saúde. Todas as pessoas têm as preferências, afinidades, simpatias e antipatias, ou ideias pré-concebidas, mas elas não podem interferir na prestação de cuidados.

Temos de ter em conta que os preconceitos, ideias ou valores que trazemos connosco podem manifestar-se na atitude que temos em relação aos demais e afectar, inevitavelmente, o nosso desempenho humano e profissional. Há que vencer esses preconceitos e respeitar os princípios da não discriminação.

### **Participação**

As crianças ou jovens devem poder participar na vida da estrutura residencial. Deve existir um livro de sugestões e a Direcção deve tomar a iniciativa de chamá-los a dar o seu parecer sobre o regulamento interno, nomeadamente através de um conselho de residentes. Decisões que afectem a comunidade não devem ser tomadas nem implementadas sem serem antes tornadas públicas e explicadas às crianças e jovens, que devem poder exprimir-se sobre elas e apresentar sugestões.

O plano de actividades também deve ser debatido com os residentes, que têm uma palavra a dizer sobre a escolha dos passeios, os destinos de férias e outras actividades.



José Maria Carrelhas Vilarinho Pereira - Pormenor "Estrelícia" . Acrílico(s) tela, 2003

## ORGANIZAR A CASA COMO... QUALQUER OUTRA CASA

Para evitar ou minimizar as consequências negativas da mudança, a vida quotidiana deve estar organizada em moldes próximos daqueles que são os habituais de um **domicílio familiar**. A estrutura residencial deve ter bem presente o dever de ter em consideração a individualidade da atitude, do querer e das necessidades de cada residente.

No acolhimento deve ter sempre presente o forte impacto emocional que a solução residencial normalmente implica para a criança ou jovem, nomeadamente pelas profundas modificações no ambiente de vida. É necessário acompanhá-lo nas diversas fases da sua adaptação, ajudando-o a integrar-se.

O **acolhimento** na estrutura residencial deve ter em atenção os **riscos que importa minimizar**, como os de perda de vínculo afectivo, perda de identidade, desenraizamento, receio da mudança, tendência a rejeitar a integração, auto-culpabilização ou sensação de estar a sofrer uma punição. Para tal, os responsáveis da estrutura residencial devem ter em conta o carácter e a personalidade da criança ou jovem, a sua história, as recordações familiares, a relação com a sua família, com as pessoas do seu círculo afectivo e com a comunidade.

A pessoa responsável pelas admissões deve **receber pessoalmente** a criança ou jovem, num espaço próprio para o efeito, confortável, sem a interferência de terceiros ou a perturbação de entradas de pessoas ou toques de telefones, e com a disponibilidade total, para que todos possam conhecer-se e para que cada um possa obter respostas às suas questões. O **ambiente** deve ser acolhedor, de modo a facilitar um diálogo aberto, para que sinta que pode, sem qualquer limite, levantar todas as dúvidas e formular todas as questões que deseje.

**A criança ou jovem deve exprimir a sua vontade e poder expressar as suas opções** quanto a vários aspectos como, por exemplo:

- Escolha do seu quarto (sempre que possível, e explicando as circunstâncias e constrangimentos que poderão impedir a concretização do desejo)
- Interesses, preferências e hábitos
- Usos e costumes relativos à hábitos alimentares
- Interesses culturais
- Hábitos e práticas religiosas
- Crenças, grupos de pertença (clubes de futebol ou de outro desporto)
- *Hobbies*, talentos, artes, actividades nos tempos livres
- Idiosincrasias do temperamento ou personalidade
- Forma como gosta de ser tratado

Deve-se explicar à criança ou jovem que viver numa estrutura residencial **é sempre diferente e por vezes mais difícil do que viver na sua casa** (mas que se deseja ser tão semelhante a **viver numa casa** quanto possível), **mas transmitir também uma mensagem positiva e dinâmica**, assegurando que tudo será feito para promover o seu bem estar e que o processo de adaptação é evolutivo, envolvendo várias fases e permitindo ajustamentos e mudanças. E que a criança ou o jovem poderão e deverão sempre assinalar as coisas com as quais não estão de acordo, ou mencionar factos e episódios que lhes causarem sofrimento, humilhação ou desconforto, para tentar resolver ou ultrapassar, se possível for. É importante explicar que a criança ou o jovem entram numa casa onde residem outros e onde trabalham outros. E que, como tal, podem surgir conflitos que, de forma alguma, são indício automático de "anormalidade" relacional.

Esta informação deve ser prestada de forma **simples e clara, tendo em conta as características da criança ou jovem** (idade, compreensão, atitude, grau de maturação, experiência pregressa, tipo de processo individual e etapa na qual se encontra, etc).

## 1. Viver com os outros

Nem sempre é fácil viver com outras pessoas. Todos temos experiência de conflitos em casa, nem que seja sobre o canal de televisão, a utilização da casa de banho ou a conta do telefone. Como sabemos, partilhar um espaço não é fácil e manter nele a harmonia e a paz pode mesmo ser muito difícil. Esta dificuldade aumenta quando as crianças ou jovens se vêem “obrigados” a dividir um espaço de clara intimidade como por exemplo o quarto.

Quando se vive em acolhimento residencial, a possibilidade de conflitos é ainda maior. **O que pode tornar difícil à criança ou ao jovem viverem sob o mesmo tecto?**

- não escolheram viver juntos e terão gostos e sensibilidades diferentes uns dos outros;
- têm histórias de vida diversas, e diferentes formas de estar e de lidar com os acontecimentos e circunstâncias;
- podem estar frustrados ou mesmo inconformados por se sentirem impotentes face à sua situação, por terem saudades da vida que deixaram e por ser-lhes difícil aceitar as mudanças que ocorreram;
- o facto de conviverem diariamente com crianças ou jovens com problemáticas pode dificultar o estabelecimento de planos de futuro. Por isso, sempre que possível, deve haver contactos regulares com outras crianças, jovens e adultos, recriando o leque social habitual.

Tendo isto em conta, podemos ajudar as crianças ou jovens a sentirem-se melhor e também a evitar ou resolver os conflitos que surjam. Nesta actuação importa a adopção de um modelo a seguir, baseado nos Direitos, Princípios e Valores do dever de cuidar. Há que ter muita prudência, respeitar as pessoas envolvidas e os seus direitos, nomeadamente, privacidade, confidencialidade, liberdade de opinião e de expressão, segurança e protecção.

Os comportamentos baseados no respeito mútuo ajudam a construir relações agradáveis e um ambiente mais feliz. A consideração pela individualidade e diversidade de experiências de cada pessoa – sem prejuízo da desejada igualdade na qualidade de tratamento – também contribui para um ambiente mais amistoso e pacífico.

O desenvolvimento de um espírito de grupo e de equipa, dotado de fortes sentimentos de pertença é um dos factores protectores essenciais na estratégia de “saber viver com os outros” numa estrutura residencial.

Com a ajuda de todos, os adultos deverão encontrar o “máximo denominador comum” entre todos os presentes, tarefa que nem sempre se afigura fácil. Nas casas de cada um também surgem conflitos entre os diversos habitantes. Contudo, o facto de se encarar a vida em família como “quase inevitável”, os laços que ligam os habitantes (parentesco, nome) e o partilhar a maior parte das experiências e vivências, para além da existência de valores e práticas globalmente comuns, faz com que se ponha menos em causa a inevitabilidade relacional. Numa estrutura residencial, estes “ingredientes” podem funcionar um pouco ao contrário, acrescidos de factores perturbadores e geradores de intranquilidade.

## 2. Preparar a chegada do novo residente

Ainda antes da chegada do novo residente, deve haver um **trabalho de preparação** junto de todos os membros da estrutura residencial. A colaboração de quem já está a viver na estrutura residencial, principalmente aqueles que se sentem adaptados e tranquilos, pode ajudar à integração de quem chega, pelo que pode ser útil nomear um **“comité de acolhimento”** composto por crianças ou jovens.

Quando finalmente se dá o ingresso, o acolhimento deve ser individualizado. Um dos responsáveis deve apresentar o recém-chegado aos outros residentes e aos colaboradores, esclarecer-lhe quaisquer dúvidas e reforçar toda a informação necessária.

É também importante confirmar a forma como o residente quer ser tratado, e comunicá-la toda a comunidade residencial. Trata-se de ajudar a criança ou jovem a que **sinta respeitada a sua identidade**.

Deve-se dar tempo ao novo residente para se adaptar e integrar na comunidade residencial, e para que esta o acolha com respeito e empatia. Deve ser-lhe transmitida uma mensagem de esperança, virada para o futuro.

De igual modo, é bom que cada um, ao apresentar-se, numa atmosfera tranquila, descontraída e até com humor, possa por exemplo dizer duas das suas maiores qualidades e dois dos seus piores defeitos. O residente sentirá que os seus colegas (e adultos, também!) são “pessoas de carne e osso” e não uns autómatos desumanizados. Permitirá, também aos próprios exaltarem o que pensam ser a sua parte “boa”, e rirem-se da sua parte “menos boa”, dando a conhecer-se e, assim, diminuindo o peso que esses “defeitos” podessem ter no relacionamento inter-pessoal. Esta “sessão” poderá começar, aliás, pelos próprios adultos, para que as crianças também se sintam motivadas e não vejam esta revelação como uma agressão à sua intimidade ou uma exposição pública do seu ego.

Os adultos podem também dizer como conseguiram ultrapassar certas características menos boas da sua personalidade – o processo de aperfeiçoamento deverá ser uma constante, sem ser penalizador mas acarretando seriedade, rigor e vontade de melhorar.

### 3. Flexibilidade de horários

Os horários de uma estrutura residencial são importantes para o seu funcionamento adequado e para o estabelecimento de rotinas, as quais desempenham um papel essencial como elementos securizantes e promotores do equilíbrio da criança ou jovem.

Saber o que se faz no dia seguinte ou daí a uma semana - mesmo com muitos (e desejados) “graus de liberdade” e espaços não programados -, contribui para a estabilidade emocional e para a vontade de construir algo que seja mais durável, em termos de projecto de vida, e menos passageiro ou circunstancial. Este sentido da vida pode ser aplicado a tudo, desde o estudo (por vezes desinteressante e penoso, mas que visa aumentar as opções de escolha de uma profissão, um trabalho e um emprego) às opções comportamentais, designadamente os estilos de vida e comportamentos que podem ser lesivos para a saúde. De qualquer modo, os horários e as rotinas devem ser suficientemente flexíveis para permitir o exercício razoável da sua escolha individual e para respeitarem o dia-a-dia necessariamente diferente de cada criança ou jovem.

#### Levantar e deitar

Por exemplo, o horário de levantar e deitar deve ser variável, tendo em conta a vontade, necessidades e hábitos de cada residente (ver “sono”). Não é admissível que alguém seja levantado de madrugada para ajudar nas tarefas da casa. A escassez de colaboradores não pode ser motivo legítimo para tais práticas – elas são, de resto, maus-tratos, no sentido amplo de desrespeito pelo direito das crianças e jovens à sua individualidade, autonomia e bem-estar.

Obviamente que o que está acima escrito não quer dizer que a criança ou o jovem possam estar na cama “todo o dia” – além dos compromissos a que estão obrigados (aulas, etc.), há também a própria rotina “da casa” (arrumação e limpeza dos quartos) e o respeito pelos horários dos que partilham quartos. De alguma forma, os ocupantes dos quartos devem saber transigir ou ceder perante interesses e vontades diferentes, mas se existir um conflito de interesses não sanável, os adultos terão que intervir – *por exemplo, se o Carlos quisesse ler o Harry Potter até às quatro da manhã e o André não conseguisse dormir com a luz acesa, tendo aulas no dia seguinte...*

#### Horário das refeições

O horário das refeições deverá compreender um período razoável, permitindo a satisfação de diferentes hábitos e necessidades criança ou jovem. Importa ter uma especial atenção à adaptação do horário de refeições às actividades escolares, formativas ou outras, conciliando sempre que possível com os seus gostos, hábitos e necessidades aproximando-se o mais possível com um contexto familiar e assim facilitando a sua adaptação e promovendo a sua autonomia. A variação poderá provavelmente ser maior nos fins-de-semana e feriados, mas há que compatibilizar a flexibilidade com a necessidade de horários, seja pelas crianças e jovens, seja pelos profissionais e pelo que é normal na sociedade actual. Ou seja, não pode cada um decidir a que horas janta e a residência “servir” refeições durante não sei quanto tempo. Para além disso, as refeições devem servir como espaço de encontro, partilha e pedagogia, aprendizagem descontracção e fortalecimento da amizade e dos factores protectores. Isso só se consegue com a presença, à volta da mesa, do maior número possível de crianças e jovens. Claro está que, se algum tiver uma actividade até mais tarde, os outros almoçarão ou jantarão à sua hora, e o que chegar terá que ter a sua refeição individualizada.

Todos estes aspectos devem ser equacionados e debatidos dentro de um plano geral de actividades, como aliás em qualquer casa.

As necessidades funcionais de uma residência e as necessidades individuais de cada criança ou jovem nem sempre são coincidentes ou facilmente compatíveis. Há que encontrar um ponto de equilíbrio entre ambas, na perspectiva do bem-estar de todos e cada um. A **flexibilização de horários** aplicada a todos os aspectos da vida residencial é um instrumento valioso para esse equilíbrio.

## 4. Inclusão Comunitária

A estrutura residencial deve promover e facilitar a participação das crianças ou jovens em actividades exteriores à estrutura residencial.

Esta ocupação permite um contacto com uma realidade exterior à estrutura e incentiva a sua integração na comunidade estimulando, as suas competências sociais e decorrente independência e autonomia.

Estas actividades podem ser da mais variada natureza – desportivas, artísticas, culturais, recreativas ou religiosas –, importa pois que sejam escolha da criança ou jovem. É essencial considerar as actividades que estimulem as suas competências e capacidades. Destaca-se a importância de algumas: actividade em meio aquático, educação física, música, teatro, dança e expressão plástica.

Uma boa forma de motivar as crianças e jovens a participar é **envolvê-los no planeamento e divulgação das actividades**. A oferta deve ser tão variada quanto possível e deve haver informação afixada sobre as actividades desenvolvidas, quer pela residência quer pela comunidade, esclarecendo as respectivas condições de participação. Sempre que possível, a comunidade deve igualmente ser convidada a participar em actividades organizadas pela estrutura residencial.

Uma forma de proporcionar às crianças e jovens o contacto com a comunidade exterior, pode passar pela organização de alguns eventos significativos, por elas dinamizados, e em que cada um convida, por exemplo, uma pessoa.

## 5. Visitas

Deve ser permitido às crianças e jovens a recepção de visitas dentro do espaço da estrutura residencial, sejam familiares, sejam amigos, e seja dado conhecimento da equipa técnica e/ou da direcção, e sempre que não existam circunstâncias que prejudiquem a estabilidade emocional da criança ou do jovem, ou que o coloquem em perigo.

Nas idades em que o grupo de pares desempenha um papel preponderante, é fundamental promover as relações de amizade, embora cada caso (e portanto cada amigo) tenha que ser avaliado individualmente, quer **na perspectiva do próprio** que convida (se se sente à vontade, se sabe eventuais riscos que pode correr ao “expor-se” (se nunca o fez), se sabe controlar os amigos para que se mantenham dentro das regras de funcionamento da casa), quer **na perspectiva dos amigos** (o que esperam, o que sabem eles da realidade e do modo de funcionamento da estrutura residencial, eventuais problemas e incompatibilidades com outros jovens, etc).

As visitas devem ter em conta a rotina e as actividades das outras crianças (brincar, estudar, ver televisão, ler, confraternizar, privacidade e intimidade), bem como as rotinas da casa (horas de refeição, de banhos, de arrumação). As visitas que colidam com actividades ou rotinas previamente estabelecidas, deverão ser devidamente justificadas, e pedidas à direcção ou seu representante.

A sala de estar deverá ser o lugar de eleição para recepção das visitas, mas o quarto pode ser também um lugar para se estar com maior intimidade, designadamente na adolescência. Se bem que cada caso seja um caso, não se pode também antecipar situações limite ou de risco acrescido, apenas porque se trata de jovens ou de crianças. Há que entender que é através da gestão do dia a dia e das inúmeras situações que se colocam às crianças, que elas aprenderão a posicionar-se, de um modo assertivo, na casa, na comunidade e nos diversos ambientes.

Deve-se garantir – e debater com as crianças e jovens previamente este aspecto -, a segurança do espaço, dos bens e das pessoas. A abertura da estrutura residencial à entrada dos familiares e amigos das crianças e dos jovens é fundamental para o seu saudável desenvolvimento e para minimizar os efeitos negativos da institucionalização. A estrutura residencial tem que ser, tendencialmente, a “casa de cada um”, mas salvaguardando sempre o facto de ser, também, a “casa de todos”.

---

As crianças e adolescentes devem poder continuar a contactar as famílias, sempre que seja do seu interesse e não ponha em causa o seu bem-estar, devendo estas ser envolvidas intensamente no desenvolvimento do projecto de vida. As limitações às visitas só poderão ser estabelecidas mediante decisão do Tribunal.

Deve ser garantida, nas visitas à estrutura residencial, toda a privacidade e intimidade possível, bem como observar-se toda a **flexibilidade possível**, procurando que a família não se sinta constrangida e muito menos indesejada.

---

## 6. Alimentação

Há vários aspectos a considerar: a alimentação e a nutrição. E ainda a refeição.

Da escolha e compra dos alimentos, ao seu preparo, confecção, apresentação e composição do prato, há inúmeras etapas que têm, cada um deles, características próprias, não apenas no processo alimentar mas também no desenvolvimento, na educação, na progressiva autonomia e na entre-ajuda e partilha.

O momento da refeição deve ser agradável para todos, devendo evitar-se o que possa levar a criança ou jovem a sentir-se diminuído na sua dignidade. À mesa, muito particularmente, os conflitos deverão ser resolvidos pacificamente ou evitados, se turbulentos. Os adultos presentes não devem deixar de intervir, sempre que considerarem necessário, embora não devam tomar partidos.

Se a refeição exige tranquilidade e calma, é igualmente fundamental promover o bom humor e a descontração. Dever-se-á ser rigoroso, em termos de desenvolvimento de hábitos, com aspectos como pôr e tirar a mesa, uso dos talheres, educação ao pedir alguma coisa, uso do guardanapo e regras de respeito pelos outros, como não começar a comer antes de todos estarem servidos, não levantar os pratos antes de todos terminarem, etc.

Cada criança tem idades, ritmos e necessidades corporais diferentes. A mesma criança tem períodos de maior e de menos crescimento, exigindo maior ou menos quantidade de alimentos. Também a actividade cerebral ou muscular que se desenvolve ou desenvolveu durante o dia condiciona a quantidade e qualidade dos alimentos a ingerir. Deste modo, não se podem estabelecer regras generalizadas. Há que respeitar o apetite da criança e do jovem, sem forçar, embora não se deva contemporizar com manipulações ou birras.

Uma coisa é certa: uma criança que tenha fome, não rejeita comida. As “faltas de apetite” que revelam lutas de poder, provas de força, “provações” à procura de espaço afectivo e posicional dentro do grupo, e demais manifestações não devem ser hipertrofiadas. Se a criança apresenta estes sintomas prolongadamente e tem sinais ou sintomas de doença, então terá que ser levada ao médico – não será à custa de lutas à mesa, gritos ou de vitaminas que irá comer.

Como cada criança ou jovem deve ter um exame médico à entrada e, depois, segundo o Programa de Vigilância da Saúde Infantil e Juvenil, cujas idades constam do Boletim de Saúde Infantil e Juvenil (cor-de-rosa ou azul) (ou segundo qualquer outro esquema que o médico assistente preconize), deverão ser os profissionais de saúde a pronunciarem-se sobre o tipo de alimentação que, obviamente, será muito diferente de um bebé de semanas a um adolescente quase adulto. A “arte” estará em conciliar, de modo inventivo e tranquilo, todos estes factores, incluindo as contingências e limitações da própria estrutura residencial.

A alimentação tem um impacto importante sobre a saúde e o sentimento de bem-estar. “Somos o que comemos”. A **composição, confecção e apresentação** deve ser, por isso, cuidada e em quantidade suficiente para as necessidades específicas de cada uma das crianças ou jovens. Para cada refeição deve existir uma oferta suficientemente variada.

Recomenda-se que a ementa seja concebida com o apoio e revisão de um nutricionista. A comida deve ser cozinhada e apresentada à temperatura adequada, e de acordo com os princípios da nutrição. Devem ter-se presentes as exigências de hidratação, de acordo com necessidades das crianças ou dos

jovens, a estação do ano, a ocorrência de situações de necessidade aumentada de líquidos (febre, infecções respiratórias, diarreia, vômitos, entre outras).

Como regras gerais, há que ensinar as crianças a servirem-se pouco de cada vez, esperando pela sua vez e sem “correrias”, e um pouco de cada tipo de alimento, mastigar devagar e, pelo menos, quinze vezes cada “garfada”, beber muita água (especialmente ao longo do dia), evitar refrigerantes e colas às refeições, e não estar demasiado tempo sem comer, reforçando a ingestão de comida antes de esforços físicos ou intelectuais (como as actividades desportivas, testes ou épocas de maior estudo).

## Introdução de alimentos no primeiro ano de vida

A introdução de alimentos não lácteos na nutrição do bebé deve ter lugar entre os 4 meses completos e os 6 meses de vida. Esta introdução deve ser mais tardia se o bebé tem alergias ou se na família directa há história acentuada de alergia.

- há que ter em atenção que a sociedade ocidental exagera no consumo de proteínas, bem como de sal. Assim, e porque o consumo destes elementos é muito fruto dos hábitos que se adquirem, é recomendável que, desde o início, se **evite a ingestão de excessos de proteínas e de sódio** (sal);
- a cárie, a diabetes, a obesidade são algumas das razões para recomendar uma restrição/**racionalização dos açúcares** na alimentação das crianças;
- nos primeiros doze meses deve-se habituar o bebé a comer pelo menos **cinco refeições por dia**;
- é irrelevante qual o tipo de alimento sólido que se introduz primeiro (papa ou purê);
- seja o que for que se introduza primeiro, é necessário garantir as reservas de cálcio e de ferro que o bebé, nesta idade, começa a perder. Assim, o bebé tem que continuar a **beber leite e lacticínios** e, por outro lado, deve não tardar demasiado a comer carne, que é a fonte principal de ferro;
- a **realidade cultural deve ser levada em conta**: a carne a introduzir, por exemplo, pode variar conforme as regiões: vaca, pombo, frango, etc
- a **introdução de novos alimentos deve ser gradual**, começando com pequenas quantidades que, com o tempo, serão aumentadas em volume e variedade. O bebé deve ser “desafiado” para pequenos “avanços” e, se os aceitar e mostrar vontade de progredir, essa evolução deverá continuar a ser feita. Se esses “desafios” ainda forem precoces e o bebé não mostrar vontade de os aceitar, esperar-se-á mais uns dias antes de continuar a tentar;
- os **alimentos mais alergénicos** - como ovo, peixe, laranja, tomate, etc -, não devem ser introduzidos antes dos 6 meses; se a criança for alérgica ou se tiver familiares directos com alergias provadas, estes alimentos devem ser dados apenas depois do ano de vida; os espinafres e a beterraba, bem como as leguminosas, também devem ser introduzidos no final do primeiro ano;
- o **leite de vaca “em natureza”** (ou seja, leite de vaca dos “pacotes” ou “da vaca”) deverá ser introduzido apenas aos 10-12 meses de vida.

## Principais erros alimentares no primeiro ano de vida

- introdução muito precoce de leite de vaca "em natureza";
- administração de "chás" e sumos de frutos nos primeiros meses, nomeadamente no primeiro trimestre. A água é o líquido por excelência para "matar" a sede;
- diluição errada do leite comercial (que, salvo exceções indicadas pelo médico assistente, deve ser de uma medida para 30 ml de água);
- baixa ingestão de leite ou derivados (deve ser de, pelo menos, o equivalente a cerca de 500ml) após a diversificação;
- falta de flexibilidade nos horários das refeições, e ainda na quantidade de alimentos em cada refeição, e na ordem de introdução dos alimentos;
- refeições demasiado prolongadas, com rituais excessivos e demasiada atenção em coisas secundárias.

## Principais erros alimentares após o primeiro ano de vida

- **excesso de consumo de açúcares**, especialmente no intervalo das refeições;
- **excesso de consumo de sal**;
- **excesso de gordura** na confecção das refeições. Embora nas crianças a restrição do consumo de gorduras não parece ter a relevância que assume na idade adulta, como factor de prevenção das doenças cardiovasculares, deve no entanto levar-se em linha de conta o problema da aquisição de hábitos de consumo excessivo de gorduras que, a partir de certa idade, já podem causar problemas. Não é preciso utilizar demasiada gordura para a refeição ficar saborosa;
- **períodos prolongados de jejum**, muitas vezes por imposição dos horários dos adultos; só que as crianças NÃO são adultos em miniatura - quantas crianças ficam horas e horas sem comer nada... apesar de acontecer mais com as crianças em idade escolar, convém estarmos de sobreaviso. Não é preciso comer muito - basta uma peça de fruta, um bolacha ou algo do género, mas que evita que a criança entre em hipoglicemia e comece a ficar birrenta, com mau humor, agressividade, falta de concentração e de atenção, falta de tolerância e de paciência, fraqueza muscular e baixa produtividade cerebral, mal-disposta e sem vontade de brincar ou de estudar;
- **pequeno-almoço demasiadamente ligeiro** (tão ligeiro que às vezes nem existe). Sem ser necessário tomar um "*English breakfast*", há pelo menos que tomar, depois do jejum nocturno, um "açúcar de absorção rápida" (leite, iogurte líquido, sumo) e um "açúcar de absorção lenta" (pão com manteiga, queijo, doce ou marmelada; ou cereais). A falta do pequeno almoço vai causar pequenas hipoglicemias durante a manhã, com os sintomas que descrevemos;
- **ingestão exagerada de guloseimas**, gelados, batatas fritas, refrigerantes, nos intervalos das refeições;
- **ingestão de refrigerantes**, colas e outras bebidas com açúcar e corantes, em substituição da água e do leite;
- **deitar a criança com um biberão** - pode levar a sufocação;
- colocação de **mel na chupeta** dos bebés, o que leva à destruição dos dentes da frente;
- **dieta desequilibrada**, com excesso de proteínas e poucos vegetais e frutos;
- **consumo de álcool** (qualquer quantidade que seja). Em Portugal é ainda grande o número de crianças e jovens que bebem bebidas alcoólicas, principalmente vinho ao pequeno-almoço. Para além dos efeitos a curto prazo, o álcool destrói neurónios e é uma das maiores causas de insucesso escolar e de comportamentos indesejáveis e violentos.

## E ainda...

Devem ser conhecidas e respeitadas pelo responsável pelo sector da alimentação e pela equipa da cozinha as **dietas específicas**, sob prescrição médica, para os casos por exemplo de alergias, doenças metabólicas, períodos especiais de crescimento, intolerâncias alimentares, e situações semelhantes.

De uma forma geral, devemos considerar que a estrutura residencial deve providenciar **cinco momentos de refeição**: pequeno-almoço, almoço, lanche, jantar e ceia. As “idas ao frigorífico, à despensa e aos armários” deverão ser negociadas e controladas. É importante também ser flexível relativamente a “**petiscar**” algo nos intervalos das refeições, sem exageros, mas com afecto e tal e qual fazemos nas nossas próprias casas. O apetite é variável, e há momentos em que se revela de uma forma mais “premente”...

Para além das considerações anteriormente feitas relativas à qualidade e quantidade da alimentação, parece-nos importante que, para uma vivência relacional e afectiva da estrutura residencial, **a alimentação possa ser confeccionada dentro da mesma**. Compreende-se que seja eventualmente mais eficiente, do ponto de vista de economato, sub-contratar empresas que trazem refeições já feitas.

Esta consideração prende-se, não só com a aproximação ao **modelo familiar** (por exemplo através dos cheiros próprios da cozinha e da relação com as pessoas que nela trabalham), como com a **estimulação de competências sociais**, dado ser possível, através desta prática, a **participação** de algumas crianças e jovens na confecção das refeições, e mesmo a **criação de equipas** de ajuda à cozinha, estimulando o **trabalho em grupo**, o **sentido da utilidade** da intervenção de cada um e da solidariedade entre as criança ou jovem e as pessoas que trabalham na estrutura residencial.

De igual modo, a **compra dos alimentos** deverá ter, tanto quanto possível, a **participação** das crianças e jovens, no sentido de lhes permitir o desenvolvimento de **escolhas**, sentido de consumo, **critérios de qualidade** aquisitiva, bem como **comparação dos diversos produtos** no sentido de qualidade e custo. Esta actividade é de sobremaneira importante para o desenvolvimento de uma das vertentes da autonomia: o consumo criterioso e exigente.

É importante referir ainda o papel do momento da refeição no desenvolvimento do **sentimento de pertença** ao grupo. Este deve ser estimulado, desenvolvendo regras informais partilhadas por todos como, por exemplo, evitar que alguém coma sozinho, ou esperar por todos antes de começar a comer. Há que recordar que **muitas crianças e jovens nunca viveram** verdadeiros momentos de “refeição em família”, enquanto espaço de encontro, convivência e partilha. **A hora das refeições é um grande momento protector contra os riscos que ameaçam a saúde mental**. Os alimentos suavizam as conversas e proporcionam a abertura dos espíritos. O diálogo tem na mesa um local privilegiado.

É também importante atender-se aos **hábitos e gostos das crianças e jovens**. Embora não seja possível satisfazer todos de igual forma, parece-nos possível e importante, sobretudo aos fins-de-semana, **confeccionar um dos pratos mais solicitados**, auscultando-os e contribuindo assim para que sintam a estrutura residencial como a sua casa. Se se perguntar às crianças, tal como faz a Chefe Glória, o que gostam ou não, poder-se-á tentar compor as refeições de uma maneira satisfatória, ou pelo menos explicar a cada uma que, ao dar-se alimentos de que não gostam, não se pretendeu ignorar os seus gostos, mas que a opção se deveu a outras circunstâncias e constrangimentos – com as quais, aliás, se irão deparar no resto das suas vidas -, e que isso não é motivo para desespero ou sentimento de frustração. Distinguir o essencial do acessório passa também pelos vários itens do momento da alimentação/refeição.

## 7. Higiene e Apresentação

A falta de higiene é um problema que pode interferir com a saúde, mas que, além disso, contribui de forma decisiva para uma diminuição da auto-estima e dificulta a integração social. Sublinhe-se que algumas crianças ou jovens podem já sentir-se diminuídos nestas áreas por não terem criado hábitos de promoção da higiene, do bom “aspecto” e dos cuidados com o próprio corpo.

É responsabilidade de todos apoiá-los na manutenção da higiene, mas tendo presente que sempre que há diferentes fases de desenvolvimento, e que o processo de autonomia deve ser no sentido de **responsabilizar a criança ou o jovem, progressivamente pelo cuidado da sua própria higiene.**

Parece-nos no entanto importante que, com delicadeza e respeito pela intimidade, exista por parte dos colaboradores uma supervisão e controlo da higiene diária, e se estimule ao gosto de cada criança ou jovem pela sua imagem e aspecto. Para isso também contribui a apresentação dos profissionais.

A prestação de cuidados de higiene deve primordialmente ter em conta o conforto da criança ou jovem e ser levada a cabo com total respeito pela **privacidade** do mesmo.

É regra básica que todos os utensílios de higiene – escovas de cabelo, pentes, toalhas, escovas de dentes, sabonetes, águas-de-colónia, máquinas ou lâminas de barbear e quaisquer outros – sejam inequivocamente exclusivos e únicos para cada criança ou jovem.

Os aspectos da higiene pessoal e estéticos são fundamentais à conservação ou melhoria da qualidade de vida e da auto-estima, não se resumindo por isso à limpeza e ao asseio.

A **apresentação diária** das crianças ou jovens deve ser cuidada. O vestuário e o calçado deve ser próprio para a idade adequando-se à estação do ano, e escolhido pela criança ou jovem.

## 8. Cuidados de Saúde

Portugal dispõe de um **Programa de Vigilância da Saúde Infantil e Juvenil**, bem como de um **Programa Nacional de Vacinação**. Ambos são gratuitos e administrados nos centros de saúde.

Cada criança e adolescente deverá ter o seu **Boletim de Saúde Infantil e Juvenil** (cor de rosa ou azul) onde deverá ficar registada toda a informação relevante, apontada pelos profissionais que observem a criança ou o jovem em qualquer consulta, e também pelos responsáveis e tutores, ou pelo próprio.

Dado que podem existir crianças que tiveram, antes do acolhimento, um deficiente seguimento médico, é aconselhável que **todas as instituições tenham um protocolo** com um médico pediatra (centro de saúde, consultório particular ou serviço de pediatria) de forma a que este possa fazer sempre uma observação inicial, quando da chegada.

O seguimento da saúde deverá ser feito de acordo com o Programa de Vigilância Nacional, sem prejuízo de atitudes diferentes em caso de doenças crónicas. A estrutura residencial deverá ter um protocolo com o serviço de pediatria de referência para estas doenças.

No caso de situações agudas, há que assegurar uma resposta atempada e adequada, a combinar com o centro de saúde, serviço de pediatria e outros médicos privados, conforme o melhor interesse da criança ou do jovem.

Cada criança ou jovem deve ter um **processo individual de saúde**, aberto quando da admissão. Toda a informação respeitante à sua saúde deve constar desse processo, que é **confidencial** e deve ser guardado em local de acesso restrito, podendo apenas ser consultado e actualizado pela equipa de saúde. Pode ainda ser consultado pelo próprio ou representante legal de acordo com critério médico.

Os prestadores de cuidados de saúde devem, também, respeitar a privacidade e **confidencialidade**. Como tal, a prestação de cuidados de saúde deve decorrer num ambiente que não possibilite a outros ouvir o que for dito, e que garanta que aquele acto não será interrompido.

A medicação deve estar em local seguro, acessível apenas aos técnicos de saúde e aos colaboradores que a ministram. A criança ou jovem só deve tomar medicação prescrita pelo médico, às horas que este definiu e na dose receitada. O cumprimento da medicação deve ser exigência prioritária. É imprescindível que a direcção técnica da estrutura residencial garanta mecanismos de registo e verificação diária considerando sobretudo o elevado risco de problemas de saúde e de alteração do comportamento, no caso de erro ou troca de medicação.

A comunicação com outros serviços de saúde, quando necessária, deve ter em atenção a forma como se comunica, o que se comunica. Os colaboradores e a Direcção não podem, em caso algum, tomar decisões sobre a saúde e a medicação das crianças ou jovens sem consultar os profissionais. As crianças e principalmente os jovens devem participar e ser informados de todas as decisões relativas à sua saúde.

A estrutura residencial tem a responsabilidade da marcação e registo do acompanhamento médico. Deve disponibilizar um colaborador para acompanhar a criança ou jovem às consultas. No entanto é essencial o direito à intimidade do residente e à confidencialidade dos dados só podendo o referido colaborador assistir às consultas, quando solicitado pelo próprio (no caso dos jovens) ou pelo médico que o atende.

Em conformidade, qualquer situação de emergência deve ser imediatamente comunicada ao representante legal e à família.

Emerge também como relevante a consciencialização por parte da estrutura residencial do conceito de saúde tal como o define a OMS. Tendo em conta as necessidades específicas de cada criança ou jovem, é de extrema importância a garantia de acompanhamento a diferentes níveis como por exemplo: estimulação precoce, apoio psiquiátrico, apoio psicológico, psicomotricidade, terapia da fala, fisioterapia, musicoterapia, dançoterapia, arteterapia, hidroterapia, hipoterapia entre outros.

A manutenção e estimulação das capacidades de cada residente é um dever da estrutura residencial. Sempre que esta não possa providenciar estes serviços no seu espaço, deve em articulação com a comunidade encontrar soluções que possibilitem um adequado apoio e desenvolvimento da criança ou jovem.

## Saúde Oral

A prevenção da cárie dentária – a doença crónica mais comum nas crianças e jovens portugueses –, é uma prioridade e passa por vários aspectos, todos eles passíveis de realizar no dia-a-dia das crianças:

- racionalização do consumo de açúcares
- escovagem dos dentes e higiene oral
- suplementação de fluor
- colocação de selantes de fissuras
- visitas regulares ao dentista

### A racionalização do consumo de açúcares

Há diferenças que são importantes e que podem fazer com que, sem abolirmos totalmente os açúcares – o que, das duas, uma, ou se torna impossível, ou seria causa de uma extrema infelicidade para as crianças -, possamos racionalizar o seu consumo.

Assim, é fundamental ponderar os seguintes factores:

- tipo de açúcar
- período da noite
- frequência com que se come
- lavagem dos dentes

O açúcar, embora não cause directamente a cárie, serve de substrato ao crescimento das bactérias e, portanto, a sua presença na cavidade oral é um convite ao desenvolvimento dos microorganismos. Há açúcares que são especialmente cariogénicos, como os chamados açúcares “rápidos” – a sacarose ou açúcar vulgar, sobretudo na forma líquida ou pastosa, ingerido e mastigado na forma de caramelos, pastilhas elásticas e não-elásticas com açúcar (todas as marcas são igualmente cariogénicas, desde que tenham açúcar), xaropes, etc. Os açúcares relacionados com outros alimentos não são tão cariogénicos e podem-se escolher os que menos mal fazem (por exemplo, os que têm um tempo de contacto menor com o dente), a melhor hora de os comer (durante as refeições) ou redescobrir outros alimentos (um iogurte ou uma peça de fruta fazem muito melhor do que um pastel de nata ou uma bola-de-berlim...).

O período da noite é o de maior risco, dado que dois dos principais factores protectores, a saliva (que é alcalina e contraria a produção de ácido) e os movimentos da língua (que limpam os dentes, naturalmente), estão “adormecidos”.

Outro factor importante é o tempo de permanência do açúcar na boca e as vezes que novos açúcares são introduzidos. O dente, no intervalo entre o contacto com dois açúcares, tenta regenerar-se. Se esse intervalo for grande, o dente consegue um certo grau de recuperação que lhe permite “aguentar” melhor o embate de um novo açúcar. Se esse intervalo for pequeno, as lesões acumulam-se e agravam-se, sem dar tempo a recuperação. Comer uma quantidade grande de açúcar de uma só vez é menos cariogénico do que comer pequenas quantidades (por exemplo, pastilhas), mas de forma continuada e repetida.

Não é possível evitar que as crianças comam açúcar ou coisas doces – os doces fazem parte da nossa cultura, têm um significado social e desempenham um papel de relevo na recompensa pessoal. Basta ver o que prometemos aos nossos filhos se eles “se portarem bem” ou se fizerem o que queremos, ou o que levamos como presente quando somos convidados por amigos para jantar, ou ainda o que trazemos de fora quando vamos de viagem: doces, chocolates, bombons e rebuçados. Contudo, podemos habituar as crianças a não comerem doces regularmente (e não apenas por causa dos dentes) e ensiná-las a lavar e escovar os dentes depois de os ingerirem.

Por outro lado, há que relembrar que o mel na chupeta ou o biberon que se dão “com muito amor” à noite, a crianças que já têm dentes, são factores de risco elevado porque a criança fica todo o período da noite com açúcar nos dentes.

## A escovagem dos dentes e a higiene oral

Se o conteúdo de açúcares for removido do dente, as hipóteses de as bactérias encontrarem substrato para se multiplicarem será, evidentemente, menor.

Durante os momentos em que a criança está acordada, com a acção da língua (mastigar, falar, movimentos normais deste músculo) e da saliva (alcalina, combatendo o ácido produzido pelas bactérias), há um “mecanismo de limpeza natural”, que não deve ser supra-estimado, mas que desempenha um papel importante.

Claro que o ideal seria escovar os dentes sempre depois de comer, o que ainda é difícil, dada a carência de tempo e a inexistência, na maioria dos locais, de casas de banho apropriadas, bem como de escovas de dentes portáteis.

À noite, contudo, é fundamental uma escovagem bem feita e uma higiene oral cuidadosa. As crianças devem se ensinadas a escovar todo o dente, ou seja, deve-se lembrar que o dente tem uma parte da frente, uma de trás e ainda uma de cima. A escovagem deverá ser feita em movimentos circulares (pelo menos 15 por dente) e “apanhando” a zona em que a gengiva encontra o dente. Por vezes este local pode sangrar, sobretudo se há acumulação de placa bacteriana e gengivite – há que dizer à criança que isso é normal e que um bochecho com água fria pára logo o sangramento.

Por outro lado, a higiene oral deve ser completada com a limpeza entre os dentes, nas superfícies laterais onde a escova não chega – o uso do fio dentário, a partir dos 6-7 anos (conforme a criança),

é essencial, para remover alimentos e placa bacteriana desse espaço interdentário e da superfície lateral do dente. Também pode sangrar, pelos mesmos motivos.

O uso de líquidos para bochecho é importante – há várias cores e sabores -, e dá à boca a sensação de frescura, para além da acção sobre as bactérias.

Por vezes as crianças escovam os dentes e depois vão para a cama e comem um doce, bebem leite ou outra bebida. Se isso acontecer, terão que repetir tudo outra vez – é importante explicar isto às crianças, para realmente a escovagem dos dentes e a restante higiene oral serem a última coisa a fazer antes de adormecer.

**É fundamental que a estrutura residencial proporcione às crianças um espaço-local e um espaço-tempo onde possa ser feita esta higiene, de modo tranquilo e correcto.**

**Da mesma forma, não se pode “regatear” em escovas de dentes, que têm uma duração limitada (no máximo 6 meses, mas por vezes menos), fio dentário, dentífrico e soluções de bochecho. E todo este material tem que ser individual, pelo risco de transmissão de doenças infecciosas, e também por uma questão de auto-estima, individualidade e higiene geral.**

Os ensinamentos que visam a promoção de uma boa saúde oral têm que começar desde que a criança tem dentes.

Nos bebés pequenos dever-se-á pincelar os dentes com água morna, depois dos biberões, logo que nascem os primeiros dentes e até antes, quando as gengivas começam a ficar inchadas.

### A suplementação de flúor

O flúor é um elemento essencial para a formação do esmalte dentário. As águas em Portugal – salvo uma ou outra fonte local, sem expressão significativa em termos de população – têm um conteúdo de flúor muito reduzido.

Assim, há que contrariar esta deficiência, porque, sem este mineral, o esmalte dentário fica incompleto, tornando-se mais vulnerável à acção dos ácidos produzidos pelas bactérias, levando à cárie. A suplementação de flúor ainda é fonte de polémica: alguns pediatras crêem que deverá começar no primeiro ano de vida, outros (e as orientações actuais da DGS) apenas a partir dos 6 anos, prolongando-se até à adolescência. Também aqui é necessário criar o hábito de tomar o flúor.

Existem no mercado preparados em gotas e em comprimidos, adaptados à idade da criança. Em algumas escolas, fazem-se bochechos de flúor, mas isso não deve fazer com que se suspenda a administração de flúor oral (gotas ou comprimidos) nem que se deixe de usar uma pasta de dentes com flúor.

O flúor não tem quaisquer efeitos indesejáveis, desde que tomado nas quantidades normais. É seguro, nomeadamente em relação ao aparecimento de doenças, cancro ou quaisquer outras. Se se der uma dose acima da dose preventiva, esta hiper dosagem crónica pode levar a uma descoloração dos dentes (manchas castanhas).

### A colocação de selantes de fissura

Os selantes de fissura são umas resinas que se aplicam nos dentes, nomeadamente nos molares definitivos (dentes dos 6 e dos 12 anos) e nos prémolares, numa zona em que o dente tem pequenos sulcos e fossetas onde a escova de dentes não consegue limpar. Como estes dentes são os dentes que mastigam, é fácil os açúcares (sobretudo pastilhas e caramelos) ficarem aí anichados, permitindo que a cárie se desenvolva. O primeiro molar definitivo é especialmente sensível.

A aplicação dos selantes “tapa” o dente e evita que a cárie se desenvolva. Deve ser feito por um higienista oral ou um médico dentista, e tem que fazer parte do plano de cuidados médicos das crianças das instituições.

### A visita regular ao dentista

Assim como a criança deve ir ao médico assistente com regularidade, também deverá ir ao dentista, a partir dos 3 anos, e pelo menos uma vez por ano.

É de realçar que as crianças das instituições têm, com frequência, uma deficiente higiene dentária, com um grau elevado de cáries, perda de dentes, maloclusões, etc. O médico dentista poderá identificar e tratar precocemente estes problemas, com ganhos evidentes para a criança e para a estrutura residencial, bem como propor tratamentos que visam alinhar os dentes – o reflexo destes na auto-estima da criança ou do jovem são tremendamente importantes.

Mais uma vez, há que prever, no orçamento das instituições, estes aspectos. A realização de protocolos com médicos dentistas ou com clínicas dentárias poderá suavizar os custos destes cuidados, que são caros mas necessários e, portanto, um direito da criança ou do jovem.

## 9. Sono e repouso

O sono e o repouso são funções necessárias ao desenvolvimento adequado das crianças e dos jovens, mas não são exactamente a mesma coisa: descansa-se para que os órgãos, designadamente os músculos, ossos e articulações possam recuperar da actividade a que estão sujeitos, mas dorme-se para que o cérebro possa “arrumar” eficientemente a informação e os estímulos que recebeu ao longo do dia, criando “ficheiros”, interligando informação e criando novos conceitos, ideias e noções. A memória funciona como a base estrutural dos comportamentos, e uma memória eficaz assenta numa bem estruturada arrumação da informação, do conhecimento e da sabedoria.

É comum – e correcto – afirmar-se que em média passamos cerca de um terço da vida a dormir. No entanto, há pessoas que não atingem esse tempo de sono, e os ritmos de sono podem variar de pessoa para pessoa, e na própria pessoa. Os adolescentes, por exemplo, têm ritmos de sono diferentes da chamada “vida social”. O sono surge, frequentemente, às três e às sete da tarde, um pouco às dez da noite, mas depois pode haver um período de “espertina”, com grande lucidez e capacidade cerebral, que só termina pelas três da manhã. Claro que o “despertador” não perdoa e acorda o estudante antes de terminar o seu período biológico de sono, que iria até às onze da manhã. Mas não tem mal haver um “deficit” acumulado de sono, por dois ou três dias, desde que se explique ao próprio a vantagem de, a meio da semana, por exemplo, aproveitar a “boleia” do pico de sono das dez da noite e deitar-se cedo, recuperando as horas que lhe faltaram.

Por outro lado, o sono tem fases variadas, algumas de intensa actividade cerebral, com quase completo apagamento da actividade dos outros órgãos – a temperatura corporal, por exemplo, pode baixar até à temperatura ambiente, o que pode constituir um perigo se o quarto estiver muito frio e a criança mal agasalhada. Tudo o que interfira com o sono e que obrigue a acordar mais vezes – barulho, luz, sensação de insegurança, problemas, tristeza, ansiedade, stress, expectativas (antes de testes ou de provas), causa interrupções no sistema cerebral de “arrumação” da informação. É por isso que se pode dormir muitas horas e acordar-se “cansado”, ou dormir menos e acordar-se com a sensação de que se dormiu tudo o que havia a dormir.

O álcool, café, chá preto ou verde, colas, refeições pesadas ou estímulos assíncronos e disrítmicos (como os da televisão ou *playstations*) interferem com a qualidade do sono. A música e todos os momentos calmos e rítmicos proporcionam bem-estar e melhor sono.

As crianças mais pequenas podem dormir mal por muitas razões, de cólicas aos terrores nocturnos, passando por fome, frio, desconforto, etc. Adormecer representa uma vulnerabilidade – uma passagem a um estadio em que, antropológica e biologicamente, nos sentimos à mercê dos predadores, e em que perdemos o controlo dos acontecimentos. Só se adormece se houver níveis elevados de sensação de segurança e de confiança, e mesmo assim existe sempre um sistema de alerta que está activado, em maior ou menor grau, e que reage a estímulos, acordando-nos. É por isso que se dorme mal em ambientes novos (o chamado “estranhar a cama”) – é porque o sistema de alerta está em níveis mais elevados, por sentir que ainda não domina bem o ambiente.

As crianças precisam de segurança para adormecer, de ritmos síncronos, de rotinas e, quantas vezes, de objectos de transição (peluches, fraldas) ou rituais que simulem, de alguma forma, o regresso à vida intra-uterina e aos ritmos do coração da mãe. Se, por um lado, se deve promover a autonomia do dormir e a higiene do sono, tentando que, desde o início, o bebé se habitue a dormir no seu berço e no seu espaço físico, por outro, há que compreender o acordar à noite e fugir à tentação de falar alto, gritar, ralar, acender luzes ou fazer muitos estímulos tácteis ou outros. Dever-se-á tentar levar

o bebé ou a criança a níveis maiores de tranquilidade e de segurança, com voz e rotinas monótonas e extremamente ritmadas.

Os problemas respiratórios com origem nos adenóides, que causam ressonar e acordar múltiplas vezes, são também uma causa crónica de “mau dormir”.

As perturbações do sono causam uma sensação de cansaço durante o dia (hipersonia), muitas vezes traduzida em períodos de sonolência ou mesmo de sono involuntário, com repercussão na performance do dia-a-dia, designadamente na escola. Mas podem ter outros efeitos, como, entre outros, dores musculares e das articulações, refluxo gastro-esofágico, entre outros. Estes problemas podem, por sua vez, afectar o sono das noites seguintes, criando uma espécie de círculo vicioso.

## Perturbações do sono

Um dos principais distúrbios do sono é a **insónia**, uma dificuldade em adormecer ou em manter o sono, ou a sensação de que o sono que se teve foi insuficiente.

Insónia não é apenas não dormir ou dormir pouco. Há quem durma pouco e não se queixe durante o dia. Fala-se de insónia quando o facto de se dormir pouco tem consequências negativas durante o dia: fadiga, cansaço fácil, ardência nos olhos, irritabilidade, ansiedade, fobias, incapacidade de concentrar-se, dificuldades de atenção e memória, mal-estar e sonolência. A insónia tem efeitos biológicos mas sobretudo psíquicos e sociais.

A insónia verifica-se em qualquer idade, o stress é suficiente para causá-la. Acontecimentos tristes como a morte de um amigo ou familiar, perda do espaço social, dificuldades financeiras, sentimentos de abandono, limitações físicas, mudanças no estatuto social ou percepção da própria condição podem causar distúrbios do sono.

Algumas das situações potencialmente associadas à insónia são a ansiedade e a depressão. A ansiedade dificulta o adormecer e pode levar a que a pessoa acorde varias vezes durante a noite. Já uma consequência da depressão pode ser acordar cedo ou dormir demais. A insónia pode ainda ter causas ambientais. As pessoas que se deitam tarde ou ficam a ver televisão ou a ler até de madrugada podem ficar com o ciclo do sono desregulado.

Outra perturbação frequente são os **pesadelos**, isto é a ocorrência repetida de sonhos assustadores que levam ao despertar. Os sonhos assustadores ou as interrupções do sono resultantes do despertar causam à criança ou ao jovem sofrimento significativo ou acarretam disfunção social ou ocupacional. Por outro lado, há uma fase entre o pesadelo e a lucidez em que pode haver angústia, inclusivamente perante a aproximação de alguém. O conteúdo do sonho focaliza-se, mais comumente, num perigo físico iminente (por ex., perseguições, ataques, ferimentos). Noutros casos, o perigo percebido pode ser mais subtil, envolvendo fracasso ou humilhação social.

Os pesadelos que ocorrem após experiências traumáticas podem reproduzir uma situação originalmente perigosa ou ameaçadora, mas a maioria dos pesadelos não recorda eventos reais.

Os pesadelos em geral terminam com o despertar, associado a um retorno a um pleno estado de alerta e um sentimento persistente de ansiedade ou medo. Esses factores frequentemente acarretam uma dificuldade para voltar a dormir. É mais comum que o pesadelo cause um sofrimento

subjectivo significativo, do que um prejuízo social ou ocupacional demonstrável. Entretanto, se os despertares nocturnos são frequentes, ou se a criança se recusa a dormir por causa do medo de ter pesadelos, pode haver como consequência sonolência excessiva, fraca concentração, depressão, ansiedade ou irritabilidade, perturbando o funcionamento diurno.

O que fazer perante perturbações do sono das crianças ou jovens?

A estrutura residencial deve procurar conhecer as causas das perturbações de sono das crianças e jovens, eis algumas situações frequentes:

- problemas de sono que o residente já tinha antes do acolhimento;
- ambiente com luz ou ruído excessivos;
- parceiro de quarto com hábitos de sono diferentes ou tipos de sono incómodos;
- medicação com efeitos no padrão normal de sono;
- falta ou excesso de alimentos ou líquidos à hora de deitar;
- problemas ou conflitos, com amigos, colaboradores ou outros;
- más notícias.

Consoante as causas dos problemas de sono, há soluções e factores que favorecem um sono confortável e tranquilo, nomeadamente:

- proporcionar um ambiente calmo, obscurecido e sem ruído, à temperatura adequada;
- ouvir música suave, e ler ou ouvir ler um texto agradável;
- manter uma conversação amigável e tranquilizante;
- evitar assistir a programas de televisão violentos ou excessivamente dramáticos;
- evitar discussões ou debates empolgantes;
- comer ou beber algo ligeiro antes de deitar;
- tomar a medicação prescrita.

Sempre que se observe alterações do sono, sobretudo se as mesmas forem frequentes, deve-se encaminhar a criança ou jovem para os técnicos competentes.

## 10. Brincar

Estamos habituados a ouvir dizer que "brincar não é coisa própria de adultos" mas, secretamente, não passa um dia em que não nos apeteça mandar algumas coisas "às urtigas", soltar todas as piadas que nos apetece dizer (mesmo inconvenientes), pormo-nos em pé em cima da secretária e declarar que também temos direito a brincar. E é muito bom brincar.

As crianças brincam e nem sequer precisam de brinquedos para isso. Os bebés servem-se do próprio corpo e brincam com as mãos e com os pés, os mais velhos agarram em dois ou três objectos e fazem deles o que querem, inventando histórias e acções, numa palavra, as crianças brincam onde quer que estejam e consideram brinquedos todos os objectos e utensílios que manuseiam.

Brincar é necessário para o processo de desenvolvimento do bebé e da criança, mas também durante toda a vida. Brincar com as situações e brincar com brinquedos. Todos sentimos isso e ansiamos por brincar.

A sociedade faz de nós (desde os bancos de escola) uns anquilosados de humor, como se para se ser respeitado e respeitador fosse necessário ser-se uma “tumba engravatada”.

Para alguns, não se pode brincar sem se ser malcriado ou abusador (assim como não se pode aceitar uma brincadeira sem se ser condescendente ou perder a autoridade) - mas pode-se brincar “bem”, se ferir ninguém e apenas pelo prazer de brincar.

É bom brincar. Brincar com as pessoas (e uma brincadeira por definição nunca é maldosa, nunca é de mau-gosto, é sempre honesta e inofensiva, de contrário é outra coisa, não uma brincadeira) e brincar com os objectos.

Brincar é um direito (da criança, do jovem e, porque não, do adulto e do velho?). Serve como refúgio do mundo que temos que enfrentar e como maneira de amansar esse mesmo mundo – as crianças e jovens que vivem em instituições levam uma vida demasiadamente carregada de coisas más – precisam de um ambiente firme mas descontraído. Se organizarmos as rotinas e o trabalho como se fosse um jogo, uma brincadeira, toda a gente terá muito mais prazer em trabalhar. Se as nossas relações com as outras pessoas forem despreocupadas e lúdicas o ambiente na instituição, vai ser muito mais agradável.

## Brinquedos, jogos e outros objectos lúdicos

É essencial que as instituições tenham brinquedos, jogos e outras distrações para as crianças das diversas idades. O papel dos educadores de infância é essencial. Se por acaso a instituição não pode contar com um, então é preferível que estabeleça protocolos com um infantário, jardim infantil e escola para que alguém seja designado como “conselheiro” de brinquedos e de brincadeiras.

A partir de certa idade, as crianças e jovens deverão dar a sua opinião, e proporcionar reuniões em que cada um estabeleça as suas prioridades é muito importante – os gestores da instituição dirão, depois, o que podem comprar e o que não podem adquirir, não apenas por razões económicas mas também por opções conceptuais.

A manutenção, limpeza e cuidado a ter com os brinquedos deverá ser tal e qual o que acontece em qualquer casa. As crianças e jovens têm que se habituar a não estragar e não deperdiçar, a saber partilhar e gerir os brinquedos, e a dirimir conflitos quando, por exemplo, vários querem jogar com o mesmo jgo ao mesmo tempo.

É essencial ensiná-los a arrumar tudo antes de se irem deitar, a não deixarem as coisas espalhadas pelo chão (pois podem quebrar-se e causar acidentes), bem como a ter cuidado com peças pequenas se na casa existem crianças com menos de quatro anos.

As brincadeiras também revelam muito do que vai na alma das pessoas – estar atento ao tipo de brincadeiras (sem ser propriamente um controlador) pode dar dicas suficientes para perceber algumas das coisas que se terão passado na vida da criança, a relação entre ela e os familiares e outras pessoas, etc.

Finalmente, há que entender que o jgo representa sempre quatro componentes da actividade humana que necessitam de ser exercitadas: “oposição”, “faz de conta”, “sorte e azar”, e “vertigem”. Uns jogos têm mais uma componente do que outras, mas esse exercício pode justificar alguma emotividade, condutas de ensaio, teatralização, sedução, etc.

## Segurança dos brinquedos

Os brinquedos são essenciais para o desenvolvimento das crianças, mas isso não implica que sejam obrigatoriamente os mais caros ou o “último grito da moda”. Para além de dedicar uma maior atenção ao valor ludo-pedagógico do brinquedo e confirmar que está adequado à idade da criança, tente perceber o que ela realmente gosta. Não se deixe levar pela publicidade ou pelo que nós, adultos, achamos engraçado para nós. Não se esqueça que as crianças darão aos brinquedos a utilização que elas entenderem e não a que nós pensamos que elas vão dar. Se resolverem despedaçar, abrir ou desmontar um brinquedo, isso faz parte da sua curiosidade e do seu desenvolvimento normal. Um brinquedo seguro tem que prever isso e nós, adultos, temos igualmente que velar pela segurança - sinónimo de qualidade - dos brinquedos e da actividade de brincar.

A marcação CE é obrigatória nos brinquedos para que possam ser comercializados, e significa que o fabricante e/ou representante declaram que o brinquedo cumpre a legislação em vigor. Na embalagem, além do símbolo CE, é conveniente verificar a presença de nome e contacto do representante em Portugal; indicação, em português, da idade das crianças a que se destina e instruções e avisos de perigo ou cuidados a ter, em Português. Se estes requisitos não forem cumpridos, o brinquedo não está em conformidade com as normas de segurança pelo que poderá esconder outros problemas menos evidentes.

Outro aspecto ao qual tem que ser dada a devida atenção é o ruído. Não se trata apenas de evitar a poluição sonora, mas está provado que determinados níveis de ruído provocam perdas significativas e irreversíveis da audição, para além de causar perturbações comportamentais (não só na criança como nos outros presentes e nos que cuidam dela). Alguns brinquedos (desde os bonecos que fazemos chiar aos ouvidos dos bebés, aos movidos a pilhas passando pelas imitações de pistolas e metralhadoras) emitem níveis de ruído superiores, inclusivamente, aos legalmente permitidos nos locais de trabalho.

Por último, mas não menos importante, se comprarem ou oferecerem *skates*, patins ou bicicletas não se esqueçam do equipamento de protecção: para serem utilizados sem consequências graves, é essencial que estejam acompanhados de um bom capacete e já agora, joelheiras e cotoveleiras. É bom que todos nos convençamos que, sem esses acessórios, o equipamento está incompleto.

## Estimular a brincadeira ao ar livre

Do mesmo modo, devem estimular-se saídas e passeios, brincadeiras ao ar livre, contacto com a natureza. Não se pode limitar uma criança, no exterior. Brincar com a lama, com a terra, rebolar na relva, pode sujar mas não faz mal, desde que não existam contaminantes ou pesticidas nesses ambientes, ou cacos de vidro, garrafas partidas, cocós de cão, etc.

As crianças podem brincar à chuva ou com frio, desde que estejam em actividade muscular (produzem calor). Logo que páram, então sim, deverão ser aquecidas e mudar de roupa, se estiver molhada.

O ambiente de liberdade que se goza no exterior pode servir como válvula de escape para crianças que precisam de, através da gestão do corpo e desses momentos de exploração, reagir contra a adversidade, ganhar resiliência e força, e sentirem-se parte do mundo e da natureza.

## 11. Condutas de Ensaio ou Comportamentos experimentais

Se formos a um país estrangeiro, numa entusiasmante viagem de turismo, ao entrar num restaurante desejaremos, certamente, experimentar a culinária local. Não nos passará pela cabeça pedir um bitoque ou um peixe cozido “de dieta”. E mesmo que não entendamos nada do que está escrito na ementa, procuraremos colher um mínimo de informações, e depois avançar para o pedido, com algum grau de risco de nos sair na rifa um sabor indesejável. Ou que até lhe cause mal estar. Ou pelo contrário...

No menu da vida há muita coisa. Sobretudo coisas boas: paixões, amores, prazer, divertimento, solidariedade, amizade, alegria, beleza, tecnologia, conforto, cultura, arte, desporto, corpo, mente. E também há tabaco, álcool, drogas legais e ilegais, comportamentos de risco acrescido, acidentes e gravidezes não desejadas, infecções e depressão.

Quem vai ao tal país estrangeiro, ao tal restaurante, exercita a sua autonomia, e explora os limites do desconhecido e da curiosidade. É exactamente o que fazem os adolescentes no menu da vida... Confundir dar uma passa com tabagismo, fumar um charro com toxicodpendência, ou beber uns copos com alcoolismo é, decididamente, não perceber nada de nada... e só aumentar a confusão, deixando de lado os que verdadeiramente precisam de ajuda.

Os adolescentes precisam de experimentar a sua autonomia, o seu corpo (que mudou tanto!), a sua gestão do pensamento. Precisam de estabelecer limites – estamos, aliás, sempre a dizer-lhes -, mas os limites sentem-se melhor quando se esbarra com a “delimitação do limite”, seja ela uma pessoa, um objecto, um desenlace.

Quando não se tem ainda a perfeita definição de até onde se pode ir, pode-se, consoante a personalidade, os estímulos positivos ou negativos, o incentivo ou limitação do grupo de pertença e dos adultos, e mais uma série de factores, de vez em quando ultrapassar os limites ou ficar mesmo em cima deles. É aí que o desenlace para a saúde e para o bem estar, do próprio e dos outros, pode ser pior.

Por essa razão, há que ensinar, debater, discutir as coisas com verdade e mostrando sempre “o outro lado da lua”. Nunca fiquemos por frases como “a droga faz mal e mata!”, porque os adolescentes, em grupo, com os que são seus pares e seus amigos, verão que experimentar droga não os matou nem lhes soube mal. Se se contar a verdade – que as primeiras experiências até nem são más, mas que se pode estar a construir um percurso de fuga aos problemas e à realidade, e uma entrada num mundo progressivamente mais duro, em que factores económicos e comerciais entram em jogo, o adolescente perceberá a primeira parte e sub-entenderá a segunda, acreditando no adulto que lhe passou a mensagem.

Caso contrário, no primeiro exemplo, ao sentir-se bem e vendo que não morreu, desconfiará do adulto e pensará: “este, ou é ignorante, ou é mentiroso. Em auqleur dos casos não serve como meio de informação credível!”.

## 12. Sexualidade

Homens e mulheres são seres sexualizados. Aliás, organicamente:

- há distintos cromossomas sexuais (XX para a mulher e XY para o homem);
- há diferenças endócrinas óbvias (ovários e suas hormonas (essencialmente estrogéneos e progesterona, nas mulheres, e testículos com a hormona testosterona no homem);
- a morfologia genital é diferente;
- há diferenças cerebrais identificadas (a nível do hipotálamo e da hipófise);
- o corpo dos homens e das mulheres é sexuado, veja-se a distribuição corporal da gordura, veja-se o diferente aparelho respiratório (a capacidade vital, por exemplo) e muscular; a distribuição pilosa também é diferente, assim como a voz;
- a função na reprodução é diferente, e embora não se possa passar uns sem os outros, a gravidez/gestação e o aleitamento continuam a ser prerrogativas da mulher.

A nível psico-social a sexualidade também é muito marcada:

- há uma identidade sexual distinta – geralmente sabemos quem somos e o que somos;
- existe uma coisa que dá pelo nome de géneros masculino e feminino;
- existe uma orientação do desejo sexual (seja hetero, homo ou bissexual);
- existe a capacidade de ser atraído/atraír, amar/ser amado, enamorar-se, etc...

Portanto:

Cada célula humana, logo cada órgão, aparelho e sistema tem um grau menor ou maior de **sexualidade** e todos os actos humanos estão carregados de **sexualidade**

Os mamíferos são usam a sexualidade fundamentalmente para a reprodução (instinto de sobrevivência da espécie). O Homem, contudo, pode ter objectivos vários para os seus comportamentos sexuais:

- procriar
- prazer
- expressão de ternura
- expressão de afecto
- comunicação (tão importante e tantas vezes esquecida)
- companhia

A sexualidade existe desde a concepção, com períodos “críticos”

Por outro lado, a sexualidade existe desde a concepção embora tenha momentos em que se afirma com mais intensidade e/ou sofre mudanças mais visíveis. São períodos de natural e saudável instabilidade, de uma grande riqueza e criatividade, momentos "históricos" mas que, por essa razão, se podem tornar extremamente delicados e susceptíveis de serem perturbados por factores externos ou intrínsecos ao próprio indivíduo.

Sendo o Homem um ser inteligente e vivendo em sociedade, a sua sexualidade é altamente influenciada pelas ideias, valores, críticas, circunstâncias culturais, aprovação/ desaprovação ou modas. São factores importantes que devem ser analisados e tidos em conta no lugar que merecem.

A contracepção, uma das maiores "conquistas" da mulher no século XX, permitiu libertá-la da sua função sexual meramente reprodutora e isso veio modificar as relações entre os dois sexos, tal como, posteriormente, a “pressão” das gravidezes não desejadas e das doenças sexualmente transmissíveis, nomeadamente a infecção pelo VIH.

## Níveis de expressão da sexualidade

A sexualidade pode expressar-se em vários níveis: orgânico ou físico, revelado no **crescimento** e na **maturação sexual**, ou psicológico e cultural/social, revelado nos **comportamentos** e na vida de relação.

Há que defender, no entanto, que sexualidade **não** é sinónimo de relações sexuais e que falar-se sobre sexualidade não é apenas falar do preservativo ou da pílula.

As alterações físicas podem ser grandes factores de angústia

### Em ambos os sexos:

- pode haver uma **desarmonia corporal**, ou seja, o corpo que se tem pode não estar ainda bem “assumido”. Quantas vezes há, nos adolescentes, uma certa “desajeito” e tão vulgares que são, nomeadamente, os encontrões aos móveis, às portas -o crescimento faz-se muito rapidamente, com alterações que parecem mínimas mas que causam desequilíbrio na relação com o meio e na gestão do espaço;
- outro aspecto importante é a **comparação com os outros**, que pode provocar ansiedade, por exemplo quando se vê os colegas a “fugir”, em tamanho, em maturação, em interesses, ou na capacidade de atrair ou de ser atraído. Nos casos de atraso constitucional de maturação, uma situação normal com alguma tendência familiar que leva a que os jovens cresçam bastante mais tarde do que a média, há uma discrepância entre o crescimento do próprio e dos outros, nomeadamente em relação à maturação sexual. Todos sabemos a importância do crescer, do tamanho do peito, de fazer ou não a barba, da tonalidade da voz, etc;
- outro capítulo essencial é o **auto-erotismo**, manifesto em vários aspectos entre os quais a masturbação, a capacidade de **atingir o orgasmo**, as **experiências homo/hetero/bisexuais**, etc.
- um dos elementos fundamentais é a **capacidade de atrair e de ser atraído, de amar e ser amado** - por vezes, as dúvidas que se levantam em relação a este assunto, muitas vezes motivada por um desgosto de amor, por um(a) colega que não nos liga o que queríamos, a dichotes dos amigos ou da família, a comentários relativos ao amor-próprio, etc, podem levar a uma diminuição da auto-estima e aos consequentes problemas;
- finalmente, podem surgir dúvidas relativas à **capacidade de “desempenho”** das funções físicas, orgânicas, psicológicas e sociais da sexualidade. Ter relações sexuais, demonstrar fisicamente a sexualidade, amar e ser amado, ser pai ou mãe, ter filhos, etc, são desafios muito importantes que podem ser sentidos como obstáculos quase impossíveis de ultrapassar.

Nas raparigas, muito especialmente, coisas tão vulgares como o aparecimento de pelos ou de acne podem ser interpretados como sinal de masculinização e de fealdade; o desenvolvimento dos seios pode ser motivo tanto de inquietação como de orgulho, o significado do hímen ou da menstruação (tantas vezes designada pelos seus eufemismos - a “história”, o “período”, os “dias”, a “coisa”...) e que se acompanha frequentemente de dores (cerca de 50% das raparigas), faltas esporádicas (o medo de estar grávida), irregularidades, a presença de sangue (sinal de doença ou de sofrimento), a tensão pré-menstrual, o mal-estar, os problemas práticos do uso de tampões ou pensos, o (ainda existente) receio do banho, etc...

Nos rapazes, podem causar alguma ansiedade as primeiras ejaculações e as ejaculações nocturnas (“sonhos húmidos”), as dúvidas relativas às dimensões do pénis e dos testículos, o “dosear” dos caracteres secundários (voz, pelos, etc), etc.

## Factores que condicionam a expressão da sexualidade

O homem é um ser inteligente. E a sua **inteligência** leva a que modele a expressão da sua sexualidade segundo normas e regras que, tantas e tantas vezes, não são sequer as suas nem as mais instintivas.

Em primeiro lugar, vivemos em **sociedade** e a forma de organização da sociedade, a cultura, os valores dessa sociedade (de que ressalta, no caso do nosso país, a moral judaico-cristã, penalizadora, intransigente, maniqueísta e censória), as modas e a função “vigilante” (por vezes castradora) da sociedade levam a que existam factores às vezes incontroláveis e independentes da vontade do jovem mas que condicionam definitivamente a expressão da sexualidade e os compromentamentos com ela relacionados.

A função dos **meios de comunicação**, os padrões, as **modas**, a influência dos **amigos**, a **escola** a **família** alargada, etc, é de extrema importância, através dos exemplos, padrões, ensinamentos e transmissão da experiência acumulada inter-gerações.

## Desenvolvimento da sexualidade

Muito sumariamente, são estas as principais características das diversas idades, no que respeita ao desenvolvimento da sexualidade:

### 1.º a infância

Nesta idade, o sexo gonadal, genital e somático são pouco desenvolvidos, a quantidade de hormonas circulantes é pequena e a orientação do desejo não está ainda definida. Os processos de desejo, enamoração e atracção não existem ou são incipientes e as actividades sexuais são uma tentativa de imitação dos adultos embora por vezes podem buscar o prazer (como a masturbação) mas sem consciência disso.

No entanto está muito desenvolvida a capacidade de ser sensível estímulos cutâneos (donde a importância do contacto com a mãe, nomeadamente com o seio da mãe).

### 2.º os dois primeiros anos de vida

Há um grande incremento na identidade sexual (revelada em coisas tão simples como o nome (há uma clara demarcação entre os nomes masculinos e femininos), o vestuário, os adornos, etc). Verifica-se também um comportamento distinto e expectativas diferentes por parte dos adultos no que se refere aos rapazes e às raparigas.

### 3.º dos 2 aos 6

O crescimento é regular e lento, sem alterações significativas. Mantém-se a educação “sexualmente dirigida” com a respectiva aquisição de capacidades - a criança começa a responder em termos de “rapaz/rapariga”, embora ainda não distinga entre identidade (característica biológica) e género/papel (característica social). Há, nesta idade, um grande poder de observação, associado a uma grande curiosidade. Confabulam-se teorias próprias sobre a sexualidade (“donde vêm os bebés?”) e iniciam-se jogos sexualizados (quem não brincou “aos médicos”?!).

### 4.º dos 6 aos 12

O crescimento lento mas tem uma aceleração no final deste período. Há um reforço da identidade sexual que passa pela percepção da sua ligação biológica. O (a) jovem interioriza a moral sexual vigente e pode sentir culpabilização se infringe (ou julga que infringe) as regras. Esta situação leva

a que esconda os seus comportamentos (passa "à clandestinidade") se por alguma razão acha que as infringe. Existe, nesta idade, uma grande cumplicidade com os colegas e amigos e uma enorme aprendizagem via família, media, etc.

Observa-se nesta idade uma ampliação dos jogos sexualizados - já com alguma malícia -, e um intensificar do auto-erotismo, nomeadamente da masturbação.

### 5.º puberdade e adolescência

Caracteriza-se pelo grande **surto de crescimento** físico, pelos **caracteres sexuais secundários** (pilosidade, crescimento do peito, menstruação; voz, crescimento do pénis e dos testículos, ejaculação, etc), pelas **alterações psicológicas** (algumas comuns a ambos os sexos e outras particulares de cada um) e pelo **"despertar" dos sentimentos afectivos e atracção sexual**.

Os tabús, a desinformação, a falta de informação, os medos, etc, podem interferir de modo nocivo no desenvolvimento natural da sexualidade, nomeadamente no que se refere ao erotismo e aos sentimentos amorosos que envolvem uma sexualidade segura e saudável.

### Critérios para uma saúde sexual

É importante, no entanto, sublinhar o seguinte:

- o Homem é um **ser sexual** exprimindo-se sexualmente em todos os seus actos;
- a **aprendizagem sexual** é um processo contínuo durante todo o ciclo vital, com "altos" e "baixos" nos seus diversos componentes: físico, psicológico, erótico, genital, relação diádica, experimentação, etc mas **sempre** existente;
- as necessidades e experiências sexuais dos indivíduos têm um **carácter único**, e variam segundo a cultura, idade, capacidade física e mental e as preferências e referências pessoais;
- cada indivíduo tem o **direito** de se proteger contra a pressão, a exploração e as sevícias sexuais;
- tem também o **direito** de ser informado de modo a poder fazer sempre uma avaliação "custo/benefício" dos seus actos, da maneira mais completa possível e a fazer opções informadas e responsáveis;
- há necessidade de aprendizagem do **respeito** pelos outros e do reconhecimento do **direito à diferença**;
- a atitude dos **amigos, adultos** e da **sociedade** (na qual se incluem os amigos, os meios de comunicação, a Escola, o meio ambiente, etc) é de extrema importância para o desenvolvimento e a expressão de uma sexualidade sã e "descomplexada";
- uma última nota para sublinhar a importância da sexualidade na criança e no jovem com doença crónica, especialmente com algum tipo de deficiência. A sociedade, na sua intolerância e falta de flexibilidade, "aniquila", à partida, tantas vezes, alguns dos seus elementos, só pelo facto de serem diferentes ou não serem considerados "tão bons" como os restantes. O problema dos adolescentes com doença crónica, no que respeita à expressão da sua sexualidade, tem vindo felizmente a ocupar um espaço crescente nas preocupações das várias pessoas envolvidas. Assim, deve evitar-se o paternalismo, as atitudes moralizadoras (nomeadamente quando do aconselhamento) ou reducionistas, a padronização dos comportamentos e as expectativas demasiado optimistas ou pessimistas. De qualquer modo, é de sublinhar que a criança ou o jovem com doença crónica tem tanto direito como qualquer outro a expressar a sua sexualidade. Deverá também ser compreendido que a angústia, nestes jovens, pode ser superior e muitas vezes não ser veiculada ou não ser entendida.

### 13. Participação das Crianças ou Jovens nas tarefas domésticas

As crianças e jovens que residem na estrutura residencial devem participar em várias actividades domésticas diárias, que sejam compatíveis com o seu estado de desenvolvimento como, por exemplo, a arrumação da sua cama e do seu quarto, a limpeza da casa de banho, após tê-la utilizado, e o auxílio na limpeza do refeitório e no levantamento da mesa, em similitude com o que seria razoável verificar-se em ambiente familiar.

Esta participação das crianças e jovens nas actividades domésticas da estrutura residencial deve **ter por objectivos a aprendizagem** das referidas tarefas, no sentido da preparação para a autonomia, a participação activa na vida da estrutura residencial, mas também, tanto quanto possível, a **percepção de que o bem-estar de todos se constrói com a colaboração** de cada um, para além de responsabilizar os próprios pelo cumprimento das tarefas com rigor e sentido do aperfeiçoamento.

É bom inculcar nas crianças e jovens a noção de que estas tarefas fazem parte da **conservação e funcionalidade** da casa, como algo de comum para a vida em conjunto.

Por outro lado, há que admitir – em conjunto com os próprios - que nem sempre estas tarefas possam ser agradáveis (para ninguém, crianças e adultos!), dado que podem ter que interromper outras actividades ou não deixar cada um fazer o que quer. Deve ser, exactamente, esse o sentido das tarefas, entre as outras várias razões operacionais: o mostrar que para que se possam fazer coisas de que se gosta, há que, “nos bastidores”, fazer algumas de que se gosta menos e em *timings* que nem sempre podem ser escolhidos pelo próprio, pelo contrário, têm que obedecer ao bem comum... o qual beneficia também o executante da tarefa. É evidente que algumas tarefas poderão ser adiadas alguns minutos (desde que não *sine die!*) se a criança está a acabar qualquer brincadeira ou a ver um programa televisivo que está prestes a terminar.

Há que evitar que estas tarefas sejam vistas como formas de castigo perante determinado comportamento menos adequado, porque corre-se o risco de se subverter os objectivos inicialmente apontados.

Por outro lado, há que desfazer a ideia, muito costumeira nestas idades, de que “tudo o que não se gosta representa um sacrifício”. As crianças e jovens deverão aprender que estas tarefas estão incluídas no seu “contrato” e encontrar, no cumprimento do dever que representam, a satisfação inerente à contribuição para a vida em comum.

Enquanto fazem estas tarefas, podem reflectir sobre si próprios, pensar, conversar com alguém que esteja presente e, portanto, “ganhar tempo” em vez de o “perder”. É igualmente pedagógico que a criança ou o jovem sintam que “as coisas não aparecem feitas” e que cada um deve contribuir com o seu esforço. Sem um discurso castigador ou de lamúria, há que realçar a importância das tarefas domésticas na auto-estima e no dever social de cada um.

Desde o início, há que sublinhar que, ao contrário da escola, ao fim de semana as responsabilidades domésticas não diminuem, ainda que como em tudo deva haver uma maior flexibilidade ao nível dos horários.

**O volume de tarefas** de cada um deve ser negociado e discutido, e o sistema de turnos permite uma variação e uma equidade cuja ausência, de outro modo, poderia prejudicar as relações entre pares e levar à vitimização de alguns. Há que analisar, também, o grau de apetência, competência e possibilidade física e intelectual para o desempenho das várias tarefas, e incluir estes dados nos critérios de repartição de trabalho.

A execução das tarefas permite aos residentes verem a casa cada vez mais como sua, e reforçar os laços de solidariedade e entre-ajuda, por um lado, e de aprendizagem no sentido de uma autonomia futura, por outro.

Importa porém referir que não é legítimo a estrutura residencial recorrer às crianças e jovens para realizar tarefas que deveriam ser prestadas por colaboradores, nem que estas prejudiquem, pelo seu peso, desadequação ou horários, a “tarefa” primordial, que é a educação e a formação.



José Maria Carrelhas Vilarinho Pereira - Pormenor "Formas1" . Tintas "Quink" e plástica e pastéis de óleo e secos s\ papel, 2004

## AS PESSOAS QUE TRABALHAM NA CASA

### 1. Comportamentos dos profissionais – pelas boas práticas!

Os comportamentos dos profissionais devem pautar-se pelo bom senso, experiência, sabedoria e técnica, mas também por políticas e procedimentos escritos que se designam por boas práticas. Estas pretendem apoiá-lo na prossecução do objectivo de desenvolver nas crianças e jovens comportamentos reflectidos, ajustados e assertivos, no quadro de uma cidadania responsável e madura.

#### As boas práticas

- a) baseiam-se no elogio, encorajamento e estruturação de um ambiente promotor do sucesso;
- b) são razoáveis e relacionadas com a natureza do comportamento;
- c) ensinam ou mostram, de forma modelar, os comportamentos mais correctos e apropriados;
- d) têm como motivação a assistência e apoio às crianças e jovens, no sentido do seu desenvolvimento pessoal e social, responsabilidade e auto-controlo.

#### **E incluem diversas áreas, embora não apenas estas:**

- a) garantir o provimento dos direitos básicos (por exemplo: alimentação, roupas, abrigo, alojamento);
- b) afastar com recurso à força física em situações que exijam contenção proporcional e adequada à protecção da criança ou Jovem ou para salvaguarda da vida ou integridade física dos profissionais;
- c) não aplicar castigo de reclusão, salvo quando se torna necessário para imediata segurança física da criança ou do jovem, ou dos demais – profissionais e utentes;
- d) não obrigar a trabalho excessivo, de acordo com as capacidades e necessidades da criança e do jovem, seja ele físico ou intelectual. As tarefas a distribuir devem comportar algum grau de liberdade em termos da oportunidade da sua realização, designadamente o acerto com as outras actividades;
- e) não exercer coacção psicológica, através de ameaças (como, por exemplo, dizer que será expulso da estrutura residencial);
- f) evitar comportamentos autoritários ou arbitrários, por exemplo em relação a telefonemas, visitas, saídas, contactos, correio, uso da internet, sem haver uma razão fundamentada, e sem dar á criança ou ao jovem o direito de argumentar e apresentar os seus pontos de vista
- g) não utilizar outras crianças ou jovens para acções de disciplina, correctivos, descomposturas, ou seja o que for que possa quebrar a solidariedade e a honra da relação interpares;
- h) não obrigar ninguém a seguir ou forçosamente concordar com ideias religiosas, políticas, desportivas, ou quaisquer outras que tenham a ver com estética e opções por grupos de pertença culturais, políticos, religiosos ou lúdicos.

## 2. As pessoas que trabalham na casa

Os recursos humanos constituem um elemento fundamental para o sucesso ou insucesso de qualquer organização. Por razões que se prendem com a natureza do serviço prestado pela estrutura residencial, atrevemo-nos a considerá-los absolutamente decisivos para o cumprimento da missão deste tipo de organizações.

Independentemente da estrutura residencial estar inserida numa organização lucrativa ou não, o trabalho desenvolvido ultrapassa claramente a mera obtenção do lucro ou a simples prestação de um serviço, na medida em que implica afecto, respeito e empenho no bem-estar do outro.

A qualidade dos cuidados prestados está intimamente ligada à qualidade humana daqueles que os prestam. Assim, para além das capacidades técnicas e académicas, devem ser igualmente valorizadas e atendidas características pessoais como a sensibilidade, afectividade, idoneidade, abertura e disponibilidade para interagir com o outro.

Deste modo, todo o processo de selecção dos colaboradores, remunerados ou voluntários, deverá ser orientado para o objectivo de escolher aqueles que, pela sua capacidade técnica e qualidade humana, assegurem o respeito pelos direitos das crianças e jovens acolhidos e o seu bem estar.

### Recrutamento e selecção

A estrutura residencial deve definir um **perfil de colaborador remunerado ou voluntário**, adequado a cada função. Trata-se de um instrumento indispensável para avaliar os candidatos a colaboradores. Na sua selecção importa ter em conta as suas condições físicas e psíquicas, características de personalidade, percurso anterior, habilitações e vocação. Como tal, é indispensável uma **entrevista pessoal**.

É de todo conveniente que exista um período experimental, para que por um lado o colaborador interiorize o sentido da sua função e avalie se esta vai de encontro às suas capacidades e expectativas e por outro para que a estrutura residencial possa avaliar a adequação da personalidade e desempenho do colaborador às necessidades do serviço a prestar.

Naturalmente que cada entidade organizará e orientará os seus recursos em função das suas características. Recomenda-se, no entanto, que se tenham presentes as seguintes considerações:

- **estabilidade do pessoal**, porque ajuda a criar nas crianças e jovens sentimentos de segurança e de afecto. Conseguir a coerência na actuação dos diversos agentes, e adopção de critérios comuns requer tempo, e a mudança transmite a sensação de fragmentação e não facilita a unidade, isto é: a instabilidade do pessoal compromete a qualidade do serviço;
- **pessoal educativo misto**, com a finalidade de proporcionar às crianças ou jovem modelos de ambos os sexos;
- **minorar as pirâmides hierárquicas**, de modo a evitar os excessivos níveis, que dificultam a comunicação. Neste sentido, recomenda-se a horizontalidade como modelo de organização hierárquica. Deve-se apostar numa organização hierárquica com pouco níveis intermédios, até para obviar o risco de intriga e de deturpação da informação e diluição da responsabilidade;
- **clarificação** de funções, de tarefas e de responsabilidade entre os diferentes profissionais;
- devem estabelecer-se o grau e os espaços de **participação** dos profissionais na gestão e organização da estrutura residencial;

- a **interdisciplinaridade**, a metodologia de **trabalho em equipa** e a coordenação são aspectos intimamente relacionados entre si que possibilitam a qualidade dos serviços. A equipa educativa deve ser integrada por todos os profissionais que trabalham na estrutura residencial. É igualmente necessário existir uma coordenação entre os profissionais da estrutura residencial e os serviços centrais de promoção e protecção de crianças e jovens em risco.
- **estabelecer critérios e atribuir tarefas específicas** de trabalho a cada profissional, de modo a exigir a cada profissional a qualidade do seu serviço.

Para que tal aconteça, devem-se ter em conta os seguintes critérios:

- a idade e as necessidades das crianças e jovens;
- a localização e características do estrutura residencial;
- o número e a complexidade de tarefas que exige a finalidade da estrutura residencial e o tempo necessário para satisfazer essas tarefas.
- as tarefas que se deverão contemplar, além da atenção são a planificação e avaliação dos planos individuais de vida, os contactos com as famílias e comunidade, a coordenação com outros profissionais e a leitura de documentos do educando.
- devem ser contempladas outras tarefas necessárias à qualidade do serviço: formação, participação em sessões de supervisão das equipas, participação em comissões e grupos de trabalho.
- devem estabelecer-se *ratios* de educandos-famílias-profissional que permitam desenvolver um trabalho individualizado, incluindo o trabalho com a família do educando.

## Formação

A prestação directa de cuidados a crianças e jovens é um trabalho particularmente exigente. Aos colaboradores deve ser proporcionada formação específica, envolvendo, para além da formação de base, os aspectos éticos e as vertentes técnica e de relacionamento humano.

Deve constituir orientação fundamental fomentar, aos vários níveis, uma cultura de formação entendida como um dever e um direito.

### Formação inicial

A formação inicial deve ser especialmente cuidada. Envolve a prévia determinação das necessidades de formação, tendo em conta as exigências das funções específicas e as características das pessoas seleccionadas. Deve ser dada particular atenção aos princípios orientadores da organização, com referência à missão, visão e valores, tendo em especial consideração os direitos das crianças e jovens acolhidas, perspectivados em função dos princípios e valores do cuidar.

### Formação contínua

É constante e rápida a mudança na sociedade em que vivemos. As crianças e jovens de hoje têm características bem diferentes das de há vinte anos, e é também manifesta a evolução das instituições. Por isso, para corresponder à exigência de qualidade de intervenção das estruturas residenciais, é indispensável uma permanente actualização dos conhecimentos e das práticas de todos os responsáveis e colaboradores.

A estrutura residencial, em função das exigências específicas de trabalho, deve conceber e executar um plano de formação contínua. É essencial encorajar todos os colaboradores a participarem na sua elaboração, a frequentarem as acções de formação e a intervirem na sua avaliação.

Todos estes aspectos devem ser incluídos expressamente no elenco dos deveres e direitos dos colaboradores

## Avaliação e carreira

As **funções e responsabilidades** de cada colaborador devem estar claramente definidas, bem como as linhas hierárquicas dentro da estrutura residencial (organigrama). É imprescindível que cada colaborador saiba o que tem de fazer e perante quem responde.

A **avaliação do desempenho** dos colaboradores, remunerados e voluntários, deve ser permanente na estrutura residencial. Falamos de avaliação pelos superiores, mas também pelos pares e pelo próprio. Ela é tanto mais útil quanto efectuada com um sentido de melhoria da prestação de serviços e não numa perspectiva crítica dissociada duma evolução positiva (ver *feedback*).

Um bom método para esta avaliação é instituir uma reunião semanal de equipa. A avaliação pode, por exemplo, ser efectuada trimestralmente, sendo útil criar grelhas de avaliação de fácil preenchimento, de preferência com escalas numéricas fáceis de interpretar.

O coordenador de cada equipa deve falar pessoalmente com cada colaborador sobre o seu desempenho e o que nele pode ser melhorado. Os planos de evolução na carreira são úteis e motivadores, devendo a promoção basear-se na **qualidade e empenho no serviço prestado**.

### 3. Trabalho em equipa

Numa estrutura residencial, podemos ter pessoas a realizar a mesma função ou funções distintas. Porém, o trabalho que realizam é sempre interdependente. O bem-estar do residente depende, directa ou indirectamente, da correcta execução por cada um dos colaboradores da respectiva função. A má prestação de um só colaborador compromete muitas vezes o trabalho dos outros.

À concepção, execução de trabalhos, de forma interdependente e co-responsável, por um conjunto de pessoas, com inerentes aspectos de recompensas e avaliações, tanto individuais como de grupo, designamos por **trabalho de equipa**.

A estrutura residencial deve privilegiar esta opção de trabalho e ter especial preocupação na constituição da equipa. Deve ter um **coordenador (líder)** que assegura a ligação entre os colaboradores e o director(a) técnico ou a direcção. É este coordenador que deve garantir a transmissão e aplicação das directrizes definidas. Na reunião de equipa devem abordar-se todas as questões relevantes para o serviço, avaliando-se os desempenhos de todos os colaboradores.

Numa estrutura residencial podem existir equipas muito variadas: equipa técnica, equipa de saúde, de limpeza e higiene, de cozinha, de gestão, entre outras. É fácil compreender que todas estas equipas são importantes e que nenhuma consegue funcionar bem sem a colaboração da outra. Basta um exemplo muito simples: a equipa da alimentação só consegue respeitar as necessidades de dieta de uma criança ou jovem se for informada em devido tempo dessas necessidades; a equipa de saúde tem que ser informada pela equipa do serviço doméstico ou outra de qualquer anomalia que surja na saúde de uma criança ou jovem.

Assim, devem formar-se na estrutura residencial **equipas multidisciplinares**, cuja composição dependerá do objectivo que ditou a sua constituição. Nestas equipas poderão participar, por exemplo, a directora técnica, técnicos de serviço social, pessoal de saúde, nutricionista, psicólogo, ajudantes de lar e centro de dia, pessoal de cozinha, pessoal de lavandaria ou pessoal auxiliar.

Numa equipa de trabalho é importante que a visão e os objectivos sejam claros para todos os seus membros. Estes devem ter iniciativa e ser encorajados a participar, de modo a que as qualidades de todos sejam postas ao serviço do objectivo comum.

Trabalhar em equipa aumenta as capacidades de lidar com o desentendimento e o conflito. Exercita-se a flexibilidade, a criatividade e a comunicação aberta e honesta.

Ao trabalhar em equipa, os **sentimentos de pertença** fortalecem-se. Sentindo-se mais apoiados logística e emocionalmente, os colaboradores ficam mais motivados, prevenindo-se também o desgaste que a o cuidar de crianças e jovens pode determinar.

#### O trabalho em equipa permite:

- partilhar os princípios orientadores da Organização residencial;
- partilhar informações e dúvidas;
- partilhar responsabilidades (embora deva haver o cuidado de não deixar que as responsabilidades individuais se diluam);
- garantir um maior suporte emocional do pessoal;
- aumentar o sentimento de pertença;
- prevenir e diminuir o stress dos técnicos, situação que contribui para uma prevenção de maus tratos.

## 4. *Feedback*

Do mesmo modo, como em qualquer actividade profissional, os comportamentos e atitudes dos colaboradores não são todas iguais, podendo mesmo chegar a ser contraditórios, e um colega pode não concordar com o que fazemos, ou vice-versa.

Assim, devemos sempre comunicar às outras pessoas e informá-las sobre o que pensamos do seu desempenho. A este processo de devolução de informação é o que chamamos *feedback*.

O *feedback* pode ser de dois tipos: **positivo**, se reforça ou melhora uma atitude ou comportamento correcto, como no exemplo acima; ou **correctivo**, quando se destina a modificar e adequar comportamentos. É muito importante para o crescimento e a maturação pessoal e profissional. Aprende-se muito com a opinião dos outros, como, de resto, acontece em todas as relações interpessoais.

Mas o *feedback* tem, como tudo, os seus riscos. Pode gerar desentendimentos, se aquele que ouve não entende a mensagem ou não concorda com o seu conteúdo. A avaliação do trabalho que fazemos é algo que nos toca pessoalmente, pelo que deve ser tratado com tacto.

Assim, quando nos referimos ao que alguém faz, devemos ser **descritivos e não avaliativos**, evitando expressões de julgamento ou avaliação que levem a um envolvimento emocional e prejudiquem a eficácia do *feedback*.

Devemos também **evitar generalizações**, referindo-nos especificamente a um comportamento e mencionar com **clareza** as razões que nos levam a fazer determinada observação. Esta deve surgir no tempo certo, sempre que possível **imediatamente após o comportamento** em questão, *para que não seja interpretada de forma errada*.

**No trabalho de equipa, o *feedback* é indispensável. Há que aceitá-lo e até desejá-lo.**

### **Indicações sobre *feedback***

1. solicitá-lo com frequência;
2. ouvir com atenção e sem interromper;
3. se necessário, pedir para clarificar;
4. evitar desculpas ou minimizar atitudes;
5. assumir o compromisso de seguir o plano traçado;
6. agradecer a quem nos dá *feedback*;
7. recordar que o único *feedback* negativo é não ter *feedback* nenhum.

## 5. Supervisão

Tradicionalmente, a supervisão consistia na actividade de vigilância e controlo dos recursos humanos da estrutura residencial. Hoje em dia, pretende-se com a supervisão promover uma mudança organizacional e de melhoria da qualidade do cuidar, a todos os níveis, envolvendo todos os intervenientes e as diversas vertentes da acção, numa perspectiva sistémica.

Mais do que vigiar e corrigir, pretende-se promover a formação, o desenvolvimento pessoal e a permanente actualização de todos os colaboradores, remunerados e voluntários. O resultado final é uma melhor gestão dos recursos humanos e um serviço de maior qualidade, centrado no objectivo de satisfazer as necessidades e expectativas das criança ou jovens e tendo em conta que esse objectivo só é possível com a adesão, a preparação, empenho e sentido de responsabilidade de todos os colaboradores.

**A supervisão na sua verdadeira acepção deverá ser responsabilidade de uma entidade externa.** O olhar exterior permite muitas vezes uma objectividade que conduz a alternativas e intervenções que muitas vezes quem está directamente envolvido não consegue perspectivar.

A supervisão integra objectivos e formas de actuação de que resultam benefícios para a intervenção em termos de:

- **assessoria:** pode facilitar o desempenho da equipa técnica e de cada um dos membros, ajudar a clarificar o processo de trabalho, permitir planificar processos de formação, densificar os princípios e objectivos da entidade tendo em vista o bom funcionamento da estrutura residencial;
- **apoio:** pode ajudar os colaboradores a otimizar a sua integração na equipa, com vantagens para a sua organização e operacionalização, e para a percepção da distância certa entre a pessoa e a função que desempenha;
- **comunicação:** pode permitir progressos na atitude e nos processos de comunicação entre todas as pessoas implicadas;
- **avaliação:** pode contribuir para a cultura de avaliação interna e externa e facilitar aos colaboradores a obtenção de elementos para a avaliação e progresso do seu desempenho com referência aos objectivos e planos de intervenção.

A supervisão deve privilegiar as reuniões de trabalho com análise de casos concretos e definição de futuras intervenções, tendo sempre em conta a qualidade do serviço prestado. Esta metodologia facilita a compreensão dos colaboradores, aprofunda o sentido de responsabilidade e ajuda-os a perceber, aceitar e procurar o tipo de acompanhamento de que necessitam.

A supervisão geral da estrutura residencial deve ser definida com a participação dos colaboradores, numa perspectiva comum de dotar a organização dos meios necessários e de promover o desempenho de qualidade. Deve ter-se em conta não só a funcionalidade dos equipamentos mas as questões respeitantes à organização e gestão e à formação dos colaboradores que envolva também o estímulo à partilha, entre eles, de conhecimentos e experiências.

A supervisão dos colaboradores voluntários pode ser feita pela entidade que promove o voluntariado, com a cooperação da estrutura residencial.

## 6. Realização profissional através da realização das crianças ou jovens

É muito importante que tenhamos uma **abordagem positiva** com as crianças ou jovens. Devemos encorajá-los a exercer os seus direitos, a tomar as suas próprias decisões, a ser tão independentes e responsáveis por si mesmos quanto possível, a projectarem-se no futuro. Para tal, é essencial respeitá-los enquanto indivíduos, tratá-los de modo justo e afectivo, e excluir todo e qualquer comportamento discriminatório.

Por vezes é difícil aplicar a abordagem positiva. **As melhores decisões são as que contam com a vontade do próprio.** Em casos difíceis, é bom partilhar as dúvidas com a equipa de trabalho. Devemos sempre considerar que temos atitudes, ideias, crenças e valores que influenciam a forma como perspectivamos os problemas dos outros.

### Ajuda-los a lutar pelos seus desejos

Quando prestamos atenção ao que as crianças ou jovens nos contam sobre a sua vida, ouvimo-las recordar experiências e episódios, relatar os seus êxitos e decepções, exprimir medos, ansiedades, sofrimentos e alegrias. Podem também revelar-nos os seus desejos e projectos para o futuro. Não só por palavras, mas também pelo tom de voz, a linguagem corporal ou a expressão facial. É nossa função escutá-los e estimulá-los, delicadamente, a acreditar e a lutar pelo que ambicionam e a confiarem em toda a colaboração possível que nos solicitarem.

A nossa realização profissional enquanto colaboradores de uma estrutura residencial deve passar também por vermos atingirem os seus objectivos, aqueles a quem prestamos cuidados. É bom ver que gerem positivamente as suas limitações, se tornam mais autónomos, capazes e independentes, e que se sentem realizados com as suas novas conquistas.

Quem presta cuidados deve ajudar as crianças ou jovens a acreditar que vale a pena estabelecer novas metas, e que serão capazes de atingi-las.

## 7. Comunicação

A comunicação é um aspecto central da vida de qualquer estrutura residencial. Os seus membros **têm de saber comunicar entre si e com o exterior**. É essencial que o façam de forma eficaz, já que não se podem prestar bem os cuidados necessários sem conhecer os sentimentos, desejos, necessidades e preocupações das crianças ou jovens.

Antes da prestação de qualquer cuidado ou da realização de qualquer actividade deve ser dada informação suficientemente clara sobre o que se vai fazer e qual a participação que se espera das crianças ou jovens. No caso destas recusarem a intervenção, deve-se tentar conhecer a razão da sua atitude e, se conveniente para ele(a), tentar motivá-lo, sempre com respeito pela sua opção.

A forma mais natural de saber o que pensa, quer ou sente uma criança ou jovem é junto do próprio. Devemos privilegiá-los enquanto fonte directa de informação. Ao fazê-lo, respeitando sempre a sua privacidade, não só mostramos interesse por ele, como lhe damos sinais de que acreditamos na sua capacidade de avaliar e exprimir os seus problemas e desejos. Isto reforça a relação de confiança que tem de estar na base do nosso trabalho.

Embora a comunicação possa ocorrer com vários intervenientes ao mesmo tempo, é importante **escutar cada criança ou jovem individualmente**. A comunicação deve ser cultivada.

Só vale a pena encorajar as crianças ou jovens a expressarem-se se **soubermos escutá-los**. O nosso comportamento ao comunicar influencia o do interlocutor, e vice-versa. A postura física, o tipo de discurso, a atenção que prestamos, a empatia que transmitimos, são factores que vão determinar a informação que conseguimos obter e fazer passar, podendo estimular o residente a exprimir-se ou, pelo contrário, intimidá-lo e desmotivá-lo.

Como estimular a comunicação	Como afastar a comunicação
Falar claramente e fazer-se entender	Murmurar, resmungar, balbuciar
Usar palavras e expressões compreensíveis por todos	Usar termos técnicos, gírias e calão
Falar com volume e rapidez adequados	Falar muito depressa, muito baixo ou muito alto
Usar um tom de voz adequado	Falar sem ter em atenção o momento emocional do residente
Usar linguagem corporal que demonstre interesse e atenção	Ter um ar maçado e ansioso por ir embora
Ajudar as pessoas a comunicar entre si	Não promover a comunicação entre as pessoas
Respeitar as condições, preferências e expectativas dos residentes ao comunicar com eles	Falar com todos da mesma forma, sem atender ao género, idade e história da pessoa
Ter em atenção a comunicação não verbal	Só dar atenção ao que os residentes expressam verbalmente

## Linguagem corporal

Não só de palavras vive a comunicação, como já vimos. A linguagem corporal é um elemento essencial do acto de comunicar, porque, quando correcta, transmite atenção, interesse e confiança. Durante uma conversa, podemos e devemos adoptar posturas que facilitem a comunicação:

- olhar o interlocutor de frente enquanto fala;
- falar ao nível do olhar: se a criança ou jovem se encontra sentado, sentamo-nos ou colocamo-nos de cócoras para falar com ele; nunca falar de cima para baixo;
- adoptar uma postura relaxada, levemente inclinada, que ajuda à concentração;
- mudar de tom de voz de acordo com os sentimentos expressos;
- usar expressões faciais – sorrir, franzir o sobrolho, fazer cara de espanto – para reforçar o que se está a dizer, ou a reacção ao que se ouve;
- acenar com a cabeça e dar sinais encorajadores com “sim” ou “hmm”; evitar rufar dedos, bocejar ou mostrar tédio.

Outro elemento de comunicação é o **contacto físico**. Um abraço ou uma festinha na mão, de forma natural, podem exprimir solidariedade e reforçar a relação.

Todavia, é bom não esquecer que **nem todas as pessoas aceitam da mesma maneira o contacto físico**. Como se sentiria se alguém que não conhece o tocasse? Ou imagine que a sua religião só permitia o contacto físico entre parentes próximos? Ou que tinha sofrido abusos sexuais?

Nestes casos, o contacto físico pode inibir a comunicação em vez de ajudá-la. Para usar o contacto físico na nossa relação com as crianças ou jovens, temos de ter a certeza de que **gozamos da sua permissão para o fazer e sentimos o à-vontade necessário**. Devemos usar palavras e gestos que transmitam respeito, confiança e segurança.

## Ler nas entrelinhas

As crianças ou jovens podem ter **dificuldade em referir-se a certos assuntos** – porque são dolorosos ou traumáticos, porque causam medo ou vergonha ou por recearem não ser levados a sério. Nesse caso, podem esconder o que sentem ou abordar tais assuntos de forma indirecta, através de eufemismos ou alusões.

Para apanhar estas pistas, há que saber **ler nas entrelinhas**. No entanto, temos de ter muito cuidado ao fazer esta leitura. As interpretações que fazemos têm de ser **prontamente verificadas** com toda a exigência. É bom não esquecer que o nosso estado de alma também influencia a forma como percebemos as coisas.

Existem outras fontes para obter informação sobre o residente, sobre os seus problemas, angústias, gostos e preferências. São elas a família, os amigos, outros profissionais que convivem com ele, porém sempre com respeito pela intimidade do residente.

## Barreiras à comunicação

Barreiras de comunicação	O que fazer?
Problemas emocionais, preocupação, stress	Ser sereno, paciente, mostrar compreensão e solidariedade, saber ouvir
Línguas diferentes	Usar um tradutor ou intérprete ou aprender a comunicar na língua do residente
Calão, gíria profissional	Explicar o significado das palavras ou usar alternativas mais compreensíveis
Ambiente incómodo e dificuldades de vista e/ou audição	Tentar melhorar o ambiente e assegurar-se de que os aparelhos auditivos e óculos estão em bom estado

## Comunicar e mediar conflitos

Muitas vezes, os conflitos do dia-a-dia têm origem em mal-entendidos, por falta de comunicação ou comunicação imperfeita. Numa estrutura residencial é provável que haja pessoas com **dificuldades de comunicação** como, por exemplo, imperfeito domínio da língua portuguesa.

A atenção que damos a estas pessoas e o facto de valorizarmos o que dizem e de correspondermos aos seus esforços de comunicação serve de exemplo às outras crianças ou jovens. Todos têm o direito de ser ouvidos, mas também o dever de ajudar os outros a expressarem-se. Uma boa comunicação dá segurança e diminui os riscos de conflito.

Para além do valor do exemplo que resulta do nosso comportamento – facto que devemos ter presente – temos muitas vezes de assumir o papel de **mediadores de conflitos**. A experiência e o tempo vão tornando mais fácil exercer este papel, mas, sempre que não tivermos formação adequada ou não nos sentirmos à vontade para a usar, devemos recorrer ao apoio da equipa técnica ou mesmo da direcção.

## Comportamentos agressivos

Comportamentos agressivos da parte de um dos interlocutores, ou de ambos, também podem ser uma barreira à comunicação. Eles podem ser físicos – agressão, violência, auto-flagelação – ou verbais – insultos, gritos, palavrões. São sempre **faltas de respeito** e, como tal, inadmissíveis, tornando-se indispensável a procura dos meios para os evitar.

Uma criança ou um jovem podem tornar-se agressivos por diversos motivos:

- está em fase de revolta com a sua nova situação (adaptação a vida na estrutura residencial);
- está em stress porque recebeu más notícias;
- está tenso devido ao barulho, ou ao seu estado físico ou psíquico;
- tem a auto-estima diminuída por ter perdido a sua independência;
- está sob medicação ou de tal forma confuso que perdeu o discernimento e controlo sobre o seu próprio comportamento.

Qualquer pessoa que já tenha perdido o domínio de si sabe como é difícil é parar para ouvir e pensar de forma racional. Temos pois de saber evitar qualquer escalada que leve à perda de auto-controlo.

Face a uma situação de descontrolo, há que tentar manter a calma e serenar as pessoas. Isto pode-se conseguir através de palavras sensatas, linguagem corporal e um tom de voz que transmita serenidade e segurança. No entanto, se a situação se tornar violenta e insegura, a prioridade deve ser a salvaguarda das pessoas envolvidas, incluindo o próprio colaborador, sem prejuízo do cuidado primordial com pessoas em situação de vulnerabilidade, e pedir ajuda. Não tente resolver sozinho situações destas sem ter a devida experiência. Se ocorrerem, promova a sua análise na reunião de equipa.

## 8. Conflitos

Numa estrutura residencial, como em qualquer comunidade, desencadeiam-se **conflitos**. São situações em que comportamentos ou interesses de duas ou mais pessoas colidem, gerando-se confronto entre as partes. Os conflitos são um aspecto normal da convivência social, mas há que dar-lhes resolução. Em cada situação de conflito ou crise há que considerar os **antecedentes** e as **consequências**.

Vejamos o seguinte exemplo:

*João Paris, recebeu um telefonema a informá-lo que no fim-de-semana que se aproxima não terá a visita do pai. De seguida foi até à sala de convívio, onde o Carlos estava a ver televisão e sentou-se ao lado dele.*

*Nenhum dos dois parecia interessado no programa que estava a dar, por isso o Carlos resolveu mudar de canal. O João Paris protestou imediatamente e com maus modos desencadeando logo uma discussão entre ambos.*

### O que lhe parece que originou o conflito?

O conflito sobre o canal de televisão pode, na verdade, ter sido criado pelo facto de o João Paris não poder ver o pai esse fim-de-semana. João deslocou a sua frustração para a primeira oportunidade de conflito que lhe surgiu: no caso, o canal de televisão que o Carlos decidiu mudar e que nada tem a ver com as verdadeiras razões da zanga de João.

Nesta situação a reacção emocional do João Paris à notícia de que não teria a visita do pai, parece ter sido um acontecimento **antecedente** ao conflito que o motivou.

Vejamos outra situação:

*A Chefe Gloria vai fazer anos na semana que vem, por isso as miúdas resolveram fazer-lhe umas prendas com ajuda da D. Idália que tem imenso jeito para as pinturas.*

*Assim, a Gina e a Noémia e a Clara, compraram umas caixas e molduras para pintarem. Aparentemente tudo estava a correr bem cada uma fazendo o seu trabalho sem dificuldades, pelo que a D. Idália saiu.*

*Quando regressou, a Clara e a Noémia estão a discutir por causa de um pincel. A Clara irrita-se e diz que vai destruir o seu próprio trabalho. Após resolvida a discussão, D. Idália apercebe-se que a Clara quase não tinha começado a pintar, enquanto a Gina e a Noémia estavam quase a concluir as suas peças. Por isso, sentou-se junto da Clara e conversou com ela enquanto esta completava o seu trabalho, o que acabou por fazer com êxito*

**Nesta situação o que originou o conflito? Terá sido o pincel?** Que outra razão poderá existir para que a Clara e a Noémia, que como vimos anteriormente até são amigas, tenham discutido?

Em muitas ocasiões de conflito, a resposta para o mesmo está na consideração das circunstâncias que o antecederam, no entanto também pode estar intimamente relacionada com o comportamento dos outros face ao acontecido. É possível que Clara estivesse insegura e procura-se atenção individualizada. Sem saber como obtê-la, desencadeou um conflito e ameaçou destruir o trabalho. Desta forma, levou a D. Idália a prestar-lhe atenção, acabando por ajudá-la a terminar a tarefa com êxito.

Nesta situação parece ter sido a necessidade de atenção, que levou a Clara a desencadear o conflito, que assim surge como “estratégia”, ou seja, foi o **consequente comportamento** da D. Idália, face ao conflito que parece ter desencadeado o mesmo.

Às vezes é mais fácil para o residente originar um conflito do que pedir ajuda ou atenção directamente.

Como vimos pelos exemplos anteriores, o conflito pode ter a sua origem nos factos que o antecederam ou ter como objectivo desencadear uma reacção no meio e nos outros. Assim, ao analisar um comportamento ou uma situação de conflito, temos de ter em conta **os antecedentes, o comportamento em si e as suas consequências**. Só assim podemos fazer uma avaliação real da situação.

É importante registarmos com precisão (ver ficha em anexo) todas as situações de conflito, para podermos intervir adequadamente.

### Conflitos que envolvem colaboradores

Mas os conflitos podem surgir também entre as crianças e jovens e os colaboradores, ou mesmo entre colaboradores. A falta de pessoal, o excesso de responsabilidade e tarefas distribuídas a cada colaborador, e a falta de períodos de reflexão e convívio entre as pessoas que compõem a estrutura residencial contribuem em grande medida para um aumento da tensão relacional.

A criação de momentos de reflexão conjunta e lazer pode diminuir o sentimento de mal-estar e cansaço pelo excesso de trabalho, manifestado por muitos colaboradores da área social.

**Ninguém pode cuidar bem de outro se não cuidar bem de si.** Este princípio deve ser entendido como preventivo de situações de maior dificuldade e com custos mais elevados para a estrutura residencial. Deve ser preocupação desta a previsão de um sistema de prevenção dessas situações e de acompanhamento e ajuda aos colaboradores quando ocorrem.

### Informação escrita

Numa estrutura residencial muita da informação circula em documentos escritos. São disso exemplo os processos individuais das crianças ou jovens, registos médicos, gráficos de observação, prescrições de medicamentos e dietas, registos no livro de reclamações, ocorrências; processo escolar, entre outros.

Na estrutura residencial deve haver documentos que orientam os colaboradores no desempenho das suas funções, como por exemplo:

- **Plano de cuidados**, que descreve aqueles a que o residente tem direito e qual o papel de cada colaborador na sua prestação.
- **Procedimentos de segurança**, para actuação em caso de acidente ou incêndio.

Outros, produzidos pelos próprios colaboradores, servem para transmitir informação aos colegas e aos técnicos sobre as crianças ou jovens:

- Os registos de ocorrências permitem aos colaboradores terem conhecimento, por exemplo, de perturbações que um residente manifeste; também servem para que a direcção saiba que tipo de medidas de saúde e segurança precisa de adoptar;
- Os registos diários informam os colegas de cada turno do estado das crianças ou jovens;

A informação escrita é especialmente sensível. Em caso de dúvida, o receptor nem sempre pode confirmar junto do emissor os objectivos ou conteúdos da mensagem. Assim, é essencial que a informação escrita seja **legível** e **compreensível**. É porém importante que, nas mudanças de turno, haja momentos de comunicação verbal sobre as ocorrências entre os colaboradores que prestaram serviço e aqueles que o vão continuar.

Toda a informação escrita deve ser **clara, objectiva e concisa**, dizendo apenas o que é relevante para a mensagem que se quer transmitir.

Outro cuidado a ter na produção de informação escrita é o de registar apenas **factos que possam ser verificados**. O que escrevemos influencia o serviço prestado por quem nos lê, pelo que devemos ser, tanto quanto possível, **exactos** e **objectivos**.

#### Em suma, a informação escrita que circula na estrutura residencial deve ser:

- Fácil de ler
- Fácil de entender
- Concisa
- Relevante
- Factual
- Verificável

## Trocas de informação e confidencialidade

O fluxo de informação dentro da estrutura residencial é um assunto muito sensível: quem deve ter acesso a quê? Quem transmite o quê a quem? Que uso se dá à informação obtida? Divulga-se? Onde, como, a quem?

A **privacidade** é um valor importante das estruturas residenciais e um direito de todas as crianças e jovens. Todos os colaboradores estão obrigados a manter **sigilo** sobre a informação a que têm acesso.

Os colaboradores da estrutura residencial não devem falar das crianças e jovens e dos seus casos fora dos espaços devidos. No interior do edifício, nunca devem fazê-lo em locais em que possam ser ouvidos, bem como no exterior. Ter, por exemplo, uma conversa à mesa do café sobre assuntos da intimidade desta ou daquela criança constitui uma quebra ética e deontológica com repercussões graves.

Como acha que se sentiria se toda a gente na estrutura residencial ficasse a saber que foi abusado sexualmente, ou que passou algum tempo detido? Ou que a sua mãe era uma prostituta? Não se podem revelar pormenores – comprometedores ou não – sobre a vida de uma pessoa sem a sua autorização explícita. Além da revolta e do stress que isto pode causar, quebra-se a confiança entre o residente e a estrutura residencial ou, pelo menos, com o colaborador que violou o dever de **confidencialidade**.

A estrutura residencial tem de honrar a confiança que o residente nela deposita. **Algumas regras básicas ajudam a cumprir esse dever no quotidiano – para todos, crianças, jovens e profissionais:**

- nunca se deve falar sobre uma criança ou jovem à frente de outras crianças ou jovens, familiares ou visitantes;
- devem existir espaços próprios para colaboradores e técnicos debaterem os problemas dos residentes;
- os processos das crianças ou jovens devem estar guardados num local próprio e de acesso restrito;
- a informação em suporte informático deve estar protegida com *passwords*;
- os colaboradores e técnicos devem ter acesso apenas à informação estritamente necessária para fazerem o seu trabalho;
- quando um colaborador terminar a consulta de qualquer documento, deve repô-lo imediatamente no seu lugar reservado;
- a informação sobre a vida da criança ou jovem antes de chegar à instituição deve ser reservada, dando-se a conhecer aos colaboradores apenas os dados que possam exigir uma intervenção a qualquer momento (exemplo: epilepsia, diabetes).

### Os limites da confidencialidade

Por vezes é necessário quebrar a confidencialidade, ou seja, pode ser preciso transmitir informação sobre uma criança ou jovem sem ter a sua autorização expressa. Constitui uma excepção que só pode acontecer se existirem exigências da salvaguarda da vida, ou da integridade física da criança ou jovem.

Nestas situações é importante informarmos a criança ou jovem de que a informação que nos foi veiculada será transmitida a terceiros para sua (ou de outros) protecção.

De salientar que mesmo nos casos em que aos responsáveis da estrutura residencial compete o exercício dos poderes/deveres parentais necessários à tarefa de protecção/educação de que estão incumbidos, é necessário o consentimento do jovem com idade igual ou superior a 14 anos para a sua sujeição a tratamentos.

Relativamente aos poderes/ deveres parentais que não possam considerar-se incluídos nos acima referidos, deve ser solicitada a intervenção dos pais.

## 8. Quando algo corre mal

### Maus-tratos

Os **maus-tratos** são acções ou omissões que desrespeitam direitos fundamentais da pessoa. Para além de possíveis efeitos físicos, é muito elevada a probabilidade de graves consequências emocionais e psicológicas muito gravosas a curto, médio e longo prazo. Os maus-tratos são por isso inadmissíveis, quer os mais graves, que constituem crimes, quer aqueles que, embora não o sendo, afectam seriamente a qualidade de vida da pessoa. Os maus-tratos fragilizam quem os sofre, podendo comprometer gravemente a possibilidade de conduzir a vida de forma autónoma e feliz. Muitas vezes são praticados por pessoas que estão numa posição de autoridade ou confiança, este facto acentua o sentimento de traição, perda da confiança e, conseqüentemente, a gravidade dos efeitos. Podem ocorrer isoladamente ou de forma repetida, e serem cometidos com **intencionalidade** ou por **negligência**.

Quando os maus-tratos são **intencionais**, são especialmente censuráveis, nomeadamente os que implicam ofensas, físicas, psicológicas, sexuais, ou prejuízos patrimoniais.

Quanto aos maus tratos cometidos sem **intenção de fazer mal**, por ignorância, incompreensão ou insensibilidade, como, por exemplo, não facilitar o convívio da criança ou jovem com a família ou pessoas para ele significativas, não dar a atenção devida aos seus gostos, anseios, sofrimentos, medos, frustrações, descuidar aspectos da intimidade e da sensibilidade do residente, da sua higiene e conforto, **são também inaceitáveis**, pela desconsideração, que implicam, de direitos e necessidades fundamentais da pessoa e pelas consequências nefastas que podem determinar.

#### **Como podemos distinguir e tipificar os tipos de maus-tratos que podem ocorrer numa estrutura residencial?**

Para a reflexão e a formação sobre maus-tratos numa estrutura residencial, na perspectiva da sua prevenção, da intervenção adequada quando ocorrem e da actuação mais capaz de superar os seus efeitos, importa considerar alguns dos aspectos de tipos de maus-tratos e suas consequências

Tipos de maus tratos	Consequências
<p><b>Físicos</b> agressões, recurso a meios de contenção física inadequada.</p>	<p>Dores, feridas, fracturas, queimaduras e outros efeitos no corpo; Medo, depressão, sentimento de insegurança, de desprotecção, de desvalorização pessoal, de receio de expressar livremente os seus pensamentos e ideias, de reclamar do que considera injusto.</p>
<p><b>Psicológicos e emocionais</b> insultar, caluniar, atemorizar, tratar de forma brusca ou aos gritos, desrespeitar, humilhar, fazer com que a criança ou jovem se sinta rejeitado ou pouco amado, manipular as suas emoções, obrigá-lo a participar em actividades lúdicas, religiosas, desportivas ou outras contra a sua vontade ou sem lhe dar hipótese de escolha, não lhe permitir ter autonomia e capacidade de decisão, impedir ou restringir o acesso a familiares e outras pessoas do seu círculo afectivo.</p>	<p>Tristeza, medo, baixa auto-estima, dificuldade em expressar sentimentos e afectos, depressão. Sentimentos de falta de consideração dos outros, de desprotecção, insegurança, angústia, discriminação, mal-estar.</p>
<p><b>Sexuais</b> forçar uma criança ou jovem a participar num acto sexual contra a sua vontade, usando para isso ameaça, coacção física ou emocional, ou aproveitando-se da impossibilidade de o residente oferecer resistência; ou a prática de acto sexual com criança ou pessoa com deficiência que a impeça de avaliar o sentido do acto ou de determinar a sua vontade.</p>	<p>Vergonha, depressão, tristeza, auto-desvalorização, sentimentos injustificados de culpa, sofrimento psíquico muito intenso, sentimento generalizado de desconfiança, dificuldade de relação afectiva, isolamento, ansiedade; Dores, feridas, perdas de sangue, lesões irreversíveis ou de difícil recuperação.</p>
<p><b>De efeitos patrimoniais</b> apropriação, extorsão, retenção, exploração e/ou utilização ilegítima do dinheiro e outros bens da criança ou jovem</p>	<p>Impossibilidade ou limitações de utilização de bens próprios na satisfação de necessidades, sentimentos de insegurança, de dependência, de medo do futuro, depressão; Violação do direito do residente ao respeito, à privacidade e à capacidade de opção.</p>
<p><b>Através do uso de medicamentos</b> uso de medicamentos sem finalidade terapêutica, com o fim de controlar ou retrainir uma criança ou jovem, nomeadamente através da sobre-dosagem, utilização de sedativos e outras drogas semelhantes. utilização de sedativos e outras drogas semelhantes.</p>	<p>Agravamento da saúde da criança ou jovem; confusão, falta de confiança, sonolência, perda de concentração, desatenção, desinteresse pela vida.</p>

Os condicionalismos da estruturas residenciais podem favorecer a ocorrência de maus-tratos, se não houver particular exigência e vigilância na preocupação de individualizar a forma de relação com cada criança ou jovem. Essa preocupação, e as conseqüentes atitudes, são essenciais para diminuir a probabilidade de um mau trato. Por outro lado, a impessoalidade de procedimentos e a falta da sua avaliação podem ser causa de sentimentos de desinteresse, abandono, depressão, baixa auto-estima, desespero, dificuldade de projectos de futuro.

A rotina e a falta de avaliação dos procedimentos potenciam o perigo da continuidade de práticas que desrespeitam o direito das crianças e jovens ao seu bem-estar de harmonia com as especificidades de cada um e dificultam a adaptação das estruturas residenciais às modificações sociais e culturais das pessoas que, no condicionalismo actual da evolução da sociedade, têm necessidade de recorrer à resposta residencial.

Importa considerar estes aspectos com maior atenção, de harmonia também com as modernas aquisições no domínio, por exemplo, das capacidades de sentir, exprimir, actuar e evoluir das pessoas. Esquecê-los, com a justificação do “bom funcionamento” da estrutura residencial, é claramente um erro inaceitável. O “bom funcionamento” só pode resultar da esclarecida consideração do interesse de cada criança ou jovem, avaliado em função do seu ritmo e condicionalismo específico. Caso contrário, é um “mau funcionamento”.

Tratar a criança ou jovem sem atender à sua singularidade e individualidade e sem considerar a sua vontade, nem respeitar o seu passado é um comportamento inaceitável revelando desrespeito pelos seus direitos, necessidades e sensibilidade.

### Maus-tratos cometidos pelas crianças ou jovens

Não são só os colaboradores da estrutura residencial que maltratam. Os maus-tratos **podem ser cometidos por residentes**, sobre colaboradores ou outros residentes. Neste caso, como em qualquer situação de maus-tratos, a vítima tem **o direito de reagir, desde que proporcionadamente e de forma pedagógica**.

Para uma boa intervenção, importa compreender porque é que os residentes se tornam violentos ou praticam outras formas de maus-tratos. Os factores podem ser muito diversos, mas a consideração do quadro que se segue pode ajudar a essa compreensão:



## Prevenção primária, secundária e terciária

As crianças ou jovens que vivem em estruturas residenciais são **particularmente vulneráveis aos maus-tratos**, uma vez que se encontram frequentemente numa situação de fragilidade e mesmo de dependência. Como prestadores de cuidados, temos estar preparados para: **preveni-los**, evitando-os; saber identificar sinais e sintomas, de forma a **detectá-los** em tempo útil; **agir para lhes pôr termo e responsabilizar os seus autores**; tudo fazer para a **recuperação** da vítima mediante a superação dos seus efeitos. O que implica formação que nos torne capazes de actuar sem preconceitos e estereótipos, de conjugar os conhecimentos indispensáveis, de articular as actuações que a especificidade da situação exija. Sempre tendo em conta o superior interesse da criança ou jovem.

Os valores, crenças e necessidades pessoais afectam a forma como nos relacionamos com os outros. Todos conhecemos pessoas com as quais nos identificamos, bem como outras cuja forma de ver o mundo e estar na vida não nos agrada. Pessoas diferentes geram empatias diferentes, o que é natural e não deve constituir um problema.

Contudo, devemos estar conscientes de que essas preferências **interferem com o nosso desempenho profissional** e que, por isso, devemos esforçar-nos por controlá-las, impedindo que prejudiquem a qualidade do serviço que prestamos. Acima de tudo, não podemos confundir simpatias pessoais – ou falta delas – com preconceitos.

**A prevenção começa, assim, pela sensibilização, pela educação e formação dos colaboradores e dos próprios familiares.**

## Meios de prevenção de maus-tratos e negligência

Deve ser claro para todos que a missão da estrutura residencial é promover a **qualidade de vida das crianças ou jovens**, o seu desenvolvimento, a sua saúde, autonomia e independência, através da oferta de uma estrutura familiar residencial, de metodologias, informação, conhecimentos e práticas que permitam gerar e desenvolver comportamentos adequados, assertivos e empáticos, com vista à autonomia e papel da criança e do jovem, presente e futuro, na sociedade. O que se pretende é que as crianças e jovens acolhidos possam ter mais escolhas no seu percurso de vida e mais oportunidades de serem felizes e provocarem felicidade.

Conhecer e estar sensibilizado para as características e necessidades específicas das crianças ou jovens é um indispensável primeiro passo, pelo que são essenciais cursos de formação neste domínio, para todos os colaboradores. Essa formação deve incluir os temas de maus-tratos e gestão de conflitos. Redigir uma **declaração dos direitos dos residentes (crianças e jovens)** e torná-la pública, pode contribuir de forma valiosa para a prevenção dos maus-tratos e a adequada intervenção quando se verificam.

Tem de haver uma política de **tolerância zero** em relação aos maus-tratos com procedimentos claros de detecção, avaliação e encaminhamento de casos. Os **procedimentos disciplinares** e legais em caso de maus-tratos ou negligência devem estar bem definidos e as crianças e jovens, familiares e colaboradores devem conhecê-los na íntegra. É importante que todos sintam que podem denunciar situações de maus-tratos **sem risco de retaliação**.

A prevenção passa também pelo **planeamento dos cuidados**. Este deve ser feito em reuniões multi-disciplinares e tendo em especial atenção as crianças ou jovens com problemas mais complexos. Os colaboradores devem ser encorajados a **falar aos seus superiores ou supervisores** sobre as suas preocupações ou frustrações. Esta prática contribui para reduzir tensões.

A comunidade deve ter um papel activo na prevenção de maus-tratos. A estrutura residencial deve criar meios de abertura ao exterior, que facilitem esse papel. Poderá ser útil, por exemplo, um **conselho consultivo**, com elementos dos serviços e instituições locais e pessoas com sensibilidade e conhecimentos nestes domínios.

### O que fazer em caso de maus-tratos?

As crianças e jovens podem ser maltratados ou negligenciados pelo prestador de cuidados, pela sua família, por si próprios ou por qualquer pessoa que com eles tenha contacto.

Detectar uma dessas situações nem sempre é fácil. Só através de uma avaliação complexa e inter-disciplinar se pode chegar a conclusões seguras. Assim, é importante ter em conta uma série de indicadores que apontam para a existência de maus-tratos.

Indicadores relativos à criança ou jovem

- **Físicos** – ferimentos, fracturas, queimaduras, equimoses, golpes ou marcas de dedos, sinais de ter estado amarrado, medicação excessiva ou insuficiente, má nutrição ou desidratação sem causa clínica aparente, falta de higiene.
- **Comportamentais ou psicológicos** – alterações dos hábitos alimentares, perturbações do sono, medo, confusão, resignação excessiva, apatia, depressão, desespero, angústia, agressividade, fuga aos contactos físicos, olhar ou comunicação, tendência para o isolamento.
- **Sexuais** – alterações do comportamento sexual, alterações bruscas do humor, agressividade, depressão, auto-mutilação, dores abdominais, hemorragias vaginais ou rectais, infecções genitais frequentes, equimoses nas regiões mamária ou genital, roupa interior rasgada ou com manchas, nomeadamente de sangue.
- **Financeiros** – aumento ou perda repentina de dinheiro ou bens.

Indicadores com base em comportamentos do prestador de cuidados:

Sinais de cansaço, stress ou desinteresse; recriminação injustificada de comportamentos da criança ou jovem; agressividade, infantilização ou desumanização no trato; tentativa de evitar contactos da criança ou jovem com terceiros; comportamento defensivo, agressivo ou evasivo quando confrontado com a suspeita de maus-tratos.

Como facilitar uma queixa de maus-tratos ou negligência?

1. **ouça** a criança ou jovem com toda a atenção e **confirme** tudo o que ele(a) lhe disse, a fim de verificar se percebeu correctamente o que lhe contou;
2. **faça perguntas** que dêem a possibilidade de relatar tudo o que aconteceu e deixe aberto um espaço de confiança para que a criança possa veicular as suas questões e problemas; **evite** questões cuja resposta seja “sim” ou “não”; só assim poderá obter uma perspectiva global dos acontecimentos. Não espere que a criança lhe conte tudo com pormenores, mas pelo contrário, que vá falando, primeiro quase em código, depois com mais detalhes;
3. **mostre que acredita** nos factos – as crianças não mentem sobre coisas graves,;
4. **explique** à criança ou jovem que a situação tem de ser comunicada à Direcção da Estrutura Residencial. No entanto, caso o alegado agressor seja da Direcção, garanta à criança que as suas queixas irão por outra via (no caso de situações que configurem crime deverá comunicar ao Ministério Público, em situações que configurem desprotecção deverá comunicar a Comissão de Protecção de Crianças e Jovens em Perigo), de modo a salvaguardar a sua integridade e confidencialidade, evitar ameaças e retaliações, ou ocultação de provas ;
5. **explique** a criança ou jovem que, eventualmente, mais pessoas terão que tomar conhecimento da situação, mas apenas as indispensáveis para garantir a sua segurança;
6. **assegure** à criança ou jovem que tudo o que ouviu será tratado de forma confidencial e com todo o respeito – tome notas e date-as, para não ter que ser tudo novamente inquirido. Se for necessário, fotografe as lesões desde que a criança o autorize, e descreva sempre as lesões com pormenor – forma, tipo, cor, localização, etc – desenhe um mapa do corpo humano e registre os locais onde das lesões dos alegados maus tratos;
7. **encaminhe**, sempre que se justificar para os órgãos competentes (saúde, policia, tribunal).

Existem situações como é o caso dos maus-tratos físicos e sexuais em que é importante considerar alguns aspectos.

Sempre que estes ocorram, é imprescindível a deslocação a uma unidade de saúde ou de medicina legal, uma vez que lesões aparentemente insignificantes, ou mesmo não visíveis no imediato, podem implicar ameaça à saúde da criança ou jovem, constituírem elementos de prova e fonte de observações médicas que facilitem intervenções futuras.

É também importante lembrar que a criança ou jovem que não deve, nas situações acima referidas, tomar banho ou lavar a roupa usada na altura da agressão. Podem eliminar-se com esses actos elementos muito relevantes para a compreensão e prova do ocorrido.

A criança ou jovem ou os seus representantes têm que ser elucidados sobre a quem e como apresentar queixa, no caso de ocorrência de maus tratos ou violação dos direitos essenciais (ver infra Procedimentos legais), e estar conscientes de que não serão, por isso, objecto de qualquer represália ou discriminação. Todas as queixas devem ser escutadas, analisadas, investigadas e objecto de decisão num espaço de tempo razoável.

O que fazer se suspeitar que um colega maltrata ou negligencia uma criança ou jovem?

Se tiver razões para pensar que um colega seu não responde às necessidades de uma ou mais crianças ou jovens – é rude no trato, grita, desrespeita a privacidade – deve conversar com ele e posteriormente com o superior hierárquico. No entanto, não é aconselhável fazer acusações sem ter presenciado uma situação de maus-tratos ou negligência ou, pelo menos, ter indícios claros da sua existência.

Lembre-se que pode haver explicações lógicas para comportamentos que à primeira vista parecem indicar que a criança ou jovem foi maltratado ou negligenciado.

O que fazer se vir um colega a maltratar ou negligenciar uma criança ou jovem

- tente acalmar o ambiente;
- peça de forma firme e assertiva que o abusador altere o seu comportamento; não o trate de forma humilhante nem agressiva, pois isso pode dificultar a situação;
- se o comportamento do agressor se tornar violento e constituir uma ameaça, a sua prioridade deve ser proteger-se a si e aos outros do perigo e pedir ajuda.

Em situações de maus-tratos deve-se

- comunicar o caso ao superior hierárquico o mais rapidamente possível (se este não for este o pretendo abusador); o propósito de comunicar um mau-trato é proteger as pessoas de comportamentos abusivos.
- escrever toda a informação numa folha ou ficha de ocorrência (sugestão em anexo) para não se esquecer de nenhum detalhe e para que este registo possa ser utilizado por outros técnicos que venham a intervir no caso.

Como avaliar uma situação de maus-tratos?

- se possível, observar o facto que constitui mau-trato.
- ouvir em separado as pessoas supostamente envolvidas no caso – vítima, agressor, testemunhas – além de outros colaboradores e técnicos que possam contribuir para o apuramento da verdade;
- perguntar directamente sobre violências, abusos, meios de contenção inadmissíveis ou eventual negligência;
- averiguar do relacionamento entre a criança e o jovem e o eventual agressor;
- fazer uma avaliação detalhada do caso, tendo em conta os elementos clínicos, funcionais, os indícios de reflexos emocionais, intelectuais e sociais, os sinais de disfuncionalidade.

Quando os maus-tratos ocorrem fora da estrutura residencial

Os procedimentos a implementar nestas situações são no essencial semelhantes aos anteriormente referidos. Levantam-se porém, questões específicas delicadas, uma vez que a estrutura residencial tem mais dificuldades em controlar o que se passa no exterior.

A prevenção assume por isso um papel fulcral. Torna-se indispensável explicar às crianças ou jovens, sobretudo aos que têm maiores dificuldades de compreensão, quais os comportamentos inaceitáveis por parte dos outros, como devem proteger-se de situações de risco, (por exemplo, evitando zonas isoladas ou situações onde está a sós com terceiros) e o que fazer se tais situações ocorrerem.

Deve também ter-se em especial atenção os riscos de maus-tratos em contexto familiar (férias, fins-de-semana). Impõe-se que se avaliem, nomeadamente: as características da família; o grau de consciência, a qualidade do afecto, o sentido de responsabilidade dos familiares em relação à criança ou jovem; e a sua capacidade de defesa.

Com base nessa avaliação é possível actuar de forma a reduzir o risco e intervir precocemente na detecção de situações de perigo e agir em conformidade

## Procedimento legal

Breve indicação de princípios e normas legais aplicáveis

Declaração Universal dos Direitos Humanos:

**Artigo 3.º** – Todo o indivíduo tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

**Artigo 5.º** – Ninguém pode ser submetido a tortura nem a penas ou a tratamentos cruéis, desumanos ou degradantes.

Constituição da República Portuguesa

**Direitos, Liberdades e Garantias Pessoais [Parte I, Título I, Título II, Capítulo I (Direitos, Liberdades e Garantias Pessoais)]:** art. 13.º – Princípio da Igualdade; art. 24.º - Direito à Vida -; art. 25.º – Direito à Integridade Pessoal -; art. 26 – Outros direitos pessoais. art. 18.º - Força jurídica dos preceitos constitucionais respeitantes aos direitos, liberdades e garantias.

### **Artigo 13.º – Princípio da Igualdade**

1. Todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei.
2. Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual.

### **Artigo 24.º - Direito à Vida**

1. A vida humana é inviolável.
2. Em caso algum haverá pena de morte.

### **Artigo 25.º - Direito à integridade pessoal**

1. A integridade moral e física das pessoas é inviolável.
2. Ninguém pode ser submetido a tortura, nem a tratos ou penas cruéis, degradantes ou desumanos.

### **Artigo 26.º - Outros direitos pessoais**

1. A todos são reconhecidos os direitos à identidade pessoal, ao desenvolvimento da personalidade, à capacidade civil, à cidadania, ao bom nome e reputação, à imagem, à palavra, à reserva da intimidade da vida privada e familiar e à protecção legal contra quaisquer formas de discriminação.
2. A lei estabelecerá garantias efectivas contra a obtenção e utilização abusivas, ou contrárias à dignidade humana, de informações relativas às pessoas e famílias.
3. A lei garantirá a dignidade pessoal e a identidade genética do ser humano, nomeadamente na criação, desenvolvimento e utilização das tecnologias e na experimentação científica.
4. A privação da cidadania e as restrições à capacidade civil só podem efectuar-se nos casos e termos previstos na lei, não podendo ter como fundamento motivos políticos.

**Artigo 18 – Força jurídica dos preceitos constitucionais respeitantes aos direitos, liberdades e garantias**

1. Os preceitos constitucionais respeitantes aos direitos, liberdades e garantias são directamente aplicáveis e vinculam as entidades públicas e privadas.
2. A lei só pode restringir os direitos, liberdades e garantias nos casos expressamente previstos na Constituição, devendo as restrições limitar-se ao necessário a salvaguardar outros direitos ou interesses constitucionalmente protegidos.
3. As leis restritivas de direitos, liberdades e garantias têm de revestir carácter geral e abstracto e não podem ter efeito retroactivo nem diminuir a extensão e alcance do conteúdo essencial dos preceitos constitucionais.

## Código Civil

**Responsabilidade Civil - Artigo 483.º (Princípio geral)**

1. Aquele que, com dolo ou mera culpa, violar ilicitamente o direito de outrem ou qualquer disposição legal destinada a proteger interesses alheios fica obrigado a indemnizar o lesado pelos danos resultantes da violação.
2. Só existe obrigação de indemnizar independentemente de culpa nos casos especificados na lei

## Código Penal

**Crimes contra a vida (art. 131.º - Homicídio -; art. 132.º - Homicídio Qualificado).**

1. Crimes contra a integridade física (art. 143.º - Ofensa à Integridade Física Simples -; art. 144.º - Ofensa à Integridade Física Grave -; art. 146.º - Ofensa à Integridade Física Qualificada).
2. Crimes Sexuais (Crimes contra a autodeterminação e contra a liberdade sexual: art. 172.º - Abuso sexual de crianças -; art. 173.º Abuso sexual de menores dependentes -; art. 174.º Actos sexuais com adolescentes -; art. 176.º Lenocínio e tráfico de menores; art. 163.º Coacção sexual -; art. 164.º - Violação -; art. 165.º - Abuso sexual de pessoa incapaz de resistência -; art. 166.º - Abuso sexual de pessoa internada -; art. 167.º - Fraude sexual -; art. 169.º - Tráfico de pessoas -; art. 170.º - Lenocínio -; art. 171.º - Actos exibicionistas -; art. 177.º - Agravacção -; art. 178.º - Queixa.

No Código Penal merece ainda especial referência o artigo 152º que tipifica o crime de maus-tratos .

**Artigo 152º – Maus-tratos e infracção de regras de segurança**

1. Quem, tendo ao seu cuidado, à sua guarda, sob a responsabilidade da sua direcção ou educação, ou a trabalhar ao seu serviço, pessoa menor ou particularmente indefesa, em razão de idade, deficiência, doença ou gravidez, e:
  - a) Lhe infligir maus-tratos físicos ou psíquicos ou a tratar cruelmente;
  - b) A empregar em actividades perigosas, desumanas ou proibidas; ou
  - c) A sobrecarregar com trabalhos excessivos;
 é punido com pena de prisão de 1 a 5 anos, se o facto não for punível pelo artigo 144.º
2. A mesma pena é aplicável a quem infligir ao cônjuge, ou a quem com ele conviver em condições análogas às dos cônjuges, maus tratos físicos ou psíquicos.
3. A mesma pena é também aplicável a quem infligir a progenitor de descendente comum em 1.º grau maus tratos físicos ou psíquicos.
4. A mesma pena é aplicável a quem, não observando disposições legais ou regulamentares, sujeitar trabalhador a perigo para a vida ou perigo de grave ofensa para o corpo ou a saúde.
5. Se dos factos previstos nos números anteriores resultar:
  - a) Ofensa à integridade física grave, o agente é punido com pena de prisão de 2 a 8 anos;
  - b) A morte, o agente é punida com pena de prisão de 3 a 10 anos.
6. Nos casos de maus-tratos previstos nos n.os 2 e 3 do presente artigo, ao arguido pode ser aplicada a pena acessória de proibição de contacto com a vítima, incluindo o afastamento desta, pelo período máximo de dois anos.

Para que se inicie o procedimento criminal pelo crime de maus-tratos do art. 152.º do Código Penal não é necessária queixa do ofendido. O Ministério Público tem legitimidade para iniciar esse procedimento, bastando para isso que tenha conhecimento da situação de maus-tratos.

Qualquer pessoa pode participar junto da polícia ou do Ministério Público situações de maus-tratos de que tenha conhecimento. A participação é obrigatória para os funcionários (com o sentido do art. 386.º do Código Penal) quanto aos crimes de que tomem conhecimento no exercício das suas funções e por causa delas.

<sup>2</sup> Quanto a possível medida de coacção, cf. art. 200º, n.º 1, alínea a) do Código de Processo Penal – Proibição de permanência, ausência ou de contactos



José Maria Carrelhas Vilarinho Pereira - Pormenor "Janela do Atelier" . Óleo s\ tela, 2005

## O QUE NOS ORIENTA

No percurso que iniciamos com o André, utilizamos alguns conceitos que importa definirmos.

Começemos então pelo conceito de casa. Esta é, por definição, “um local onde se vive habitualmente”, isto é, um sítio onde se passa parte do dia e onde se fica a dormir.

Será que as crianças ou jovens acolhidas em estruturas residenciais – qualquer que seja a sua dimensão, forma ou natureza – vivem numa casa?

Claro que sim. Quem vive em acolhimento residencial **deve sentir-se em sua casa**. De que falamos quando falamos de **acolhimento residencial**?

O acolhimento residencial é um **tipo específico de casa**, com características e formas de organização próprias. Os seus elementos não são apenas os que nela residem, mas todos os que contribuem para a sua existência e desenvolvimento, isto é, colaboradores remunerados e voluntários, directores, familiares e amigos dos residentes (crianças ou jovens), entre outros.

Designamos o conjunto destas pessoas, equipamentos, recursos financeiros e outros por **organização**. Esta resulta da combinação de esforços individuais que tem por finalidade realizar propósitos comuns. Por meio dela torna-se possível definir e alcançar objectivos que doutra forma não seriam atingíveis, dado que não seria tarefa passível de ser atingida por uma só pessoa.

À combinação de esforços com o propósito de acolher em regime residencial um dado número de pessoas, ou seja, onde pessoas vivem, passam uma parte significativa do seu dia e ficam a dormir – chamamos, ao longo deste manual, **estruturas residenciais**.

A organização pode variar na sua dimensão, podendo ser constituída por um conjunto de estruturas onde o acolhimento residencial seja uma das suas valências, ou pode ela própria ser uma estrutura residencial.

A especificidade das estruturas residenciais faz com que a sua organização interna tenha de ser mutável e adaptativa. Tendo sempre a criança ou jovem como centro da sua acção, a estrutura residencial deve procurar responder às suas necessidades e respeitar e promover os seus direitos, neste sentido tem primordial relevo o papel da estrutura residencial no cuidar do outro.

O cuidar deve ser visto como relacional e afectivo, assenta num interesse e consideração pelo outro enquanto pessoa e não apenas na efectiva prestação de serviços.

Neste sentido a organização, e a estrutura residencial em específico, não pode centrar-se só sobre si própria, devendo abrir-se à comunidade criando mecanismos de interacção com esta.

Esclarecidos os conceitos, importa perguntar:

**Como garantir a unidade entre as diferentes estruturas que compõem uma organização residencial?**

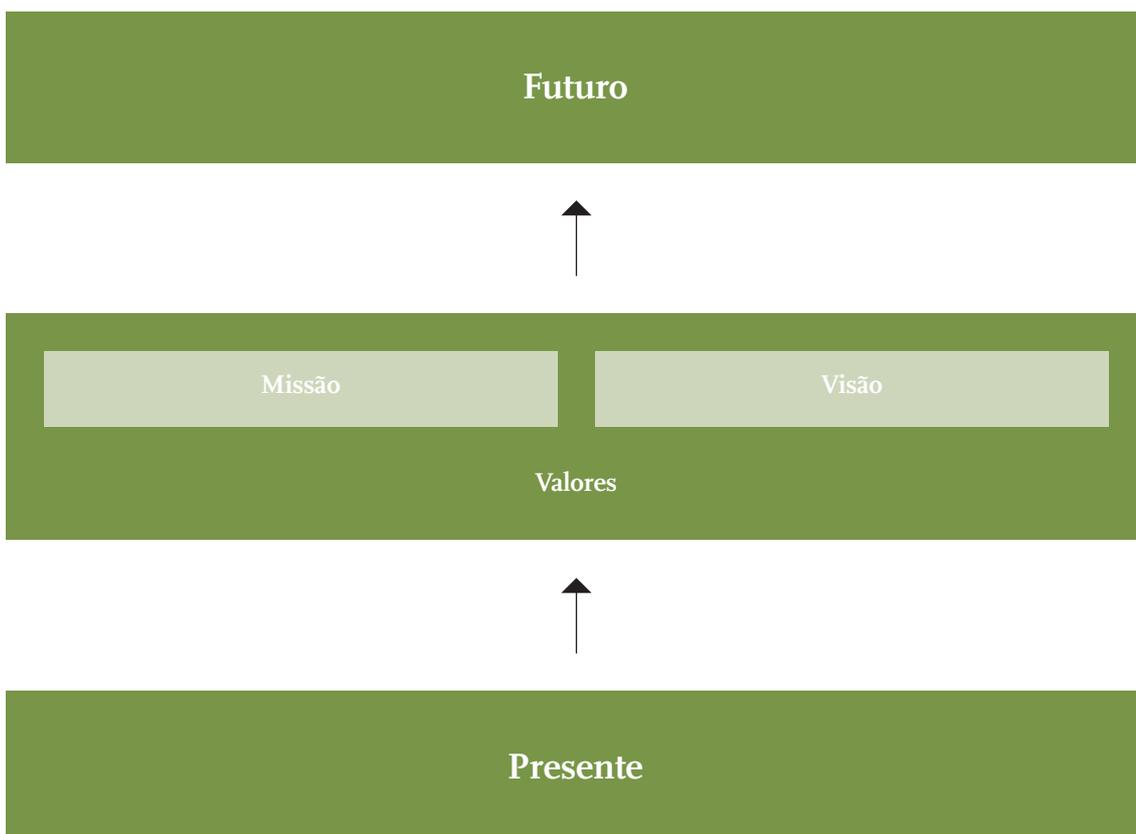
**Como sabemos que estamos a contribuir para o bem comum?**

Para poder dar resposta as crianças ou jovens e à comunidade em que se insere, uma organização deve adoptar **princípios orientadores**, comuns a todos os que nela colaboram. São estes princípios que a definem como única no serviço que presta.

No fundo, estamos a falar de **cultura organizacional**: como fazemos, porque fazemos e que objectivo perseguimos. A cultura organizacional deve orientar-se para e por uma missão comum e ter uma visão clara do futuro que deseja, cumprindo normas éticas e obedecendo a valores fundamentais

A exigência de **qualidade** tem de ser um imperativo na gestão organizacional das estruturas residenciais. Para fomentá-la, há que encontrar um equilíbrio entre os direitos, deveres e responsabilidades de todos.

A estratégia de qualquer organização deve assentar em três pilares básicos: a **missão**, os **valores** e a **visão**.



Se estes pilares não estão definidos na organização onde colabora, ou se embora definidos não são conhecidos por todos, chegou o momento da sua organização parar e reflectir. Não é possível caminhar para a concretização de objectivos comuns se não soubermos o que os define e como concretizá-los.

O **processo de planeamento** é vital. É ele que permite modificar, melhorar ou fortalecer as organizações. É uma ferramenta de apoio à gestão, com vista ao desenvolvimento futuro, especificando a forma e os tempos de execução. É à Direcção da organização de que faz parte a estrutura residencial, que cabe a responsabilidade de definir e pôr em prática todo o processo de planeamento e a estratégia de concretização do mesmo. É útil e desejável que a Direcção crie formas sistemáticas de ouvir os restantes elementos da estrutura residencial nesse processo.

A **Estratégia** é no fundo a forma como concretizamos a nossa missão e quais os nossos indicadores de eficácia. Então quais são elementos que devem sustentar e gerar a estratégia da organização:

---

Missão – Porque existimos?

Valores – Quais os nossos princípios de actuação?

Visão – Como representamos o nosso futuro?

---

A correcta definição da missão, dos valores e da visão contribui para clarificar as regras de funcionamento da Organização. Só assim pode criar e fomentar uma boa reputação, contribuindo para o bem-estar e o desenvolvimento harmonioso da comunidade.

Os princípios orientadores devem ser conhecidos, vividos e praticados diariamente por todos os colaboradores da organização. Garantir a qualidade exige uma concepção ética da prestação de cuidados. Assim a estrutura residencial precisa de basear a sua acção numa **cultura ética**.

No fundo, também nós, enquanto pessoas, temos que nos questionar sobre o mesmo: quem somos, donde vimos, o que desejamos, quais os nossos ideais, o que pretendemos da vida, dos outros e de nós próprios, qual o caminho que queremos seguir, onde gostaríamos de chegar, etc

Aprofundemos a importância de cada um destes elementos e como defini-los.

## 1. Missão

Uma estrutura residencial deve influenciar a vida da comunidade em que se insere e estar permeável às características e influências do exterior. É através da missão que a organização expressa de forma clara esse mesmo contributo.

A missão de uma estrutura residencial define a sua identidade. Como tal, deve estar bem concretizada, respondendo às seguintes questões:

- **Quem somos nós como organização?**
- **Quem servimos?**
- **Porque existimos?**
- **O que nos distingue das outras estruturas residenciais?**

A resposta a estas perguntas deve ser simples e clara, fácil de perceber e comunicar. Só assim será possível para todos os membros da estrutura residencial compreender e assimilar o significado e alcance da missão que se propõem cumprir juntos. Estamos a falar de muitas pessoas, com percursos e papéis variados entre as crianças ou jovens e familiares, directores, colaboradores remunerados e voluntários e visitantes.

No entanto, esta simplificação **não deve ser levada ao exagero**. Isso acabaria por restringir as formas de actuação da estrutura residencial.

Por ser um pilar da identidade da estrutura residencial, **a essência da missão não deve mudar**, porque se estiver sempre a mudar torna-se inconsequente. Deve, porém, **permitir e encorajar mudanças** de atitude e estratégia sempre que necessário.

Uma missão é, de certa forma, um **horizonte**: podemos não conseguir cumpri-la na totalidade, mas é a meta que nos motiva a continuar. Deve, por isso, **poder ser posta em prática** – não são apenas boas intenções –, de forma a que todos os colaboradores possam sentir que estão a fazer a sua parte.

## 2. Valores

Os **valores** são os **princípios** que guiam uma organização. Espera-se deles que sejam **intemporais**, isto é, independentes de qualquer circunstância ou contexto. Os valores espelham **crenças profundas** que norteiam a acção de todos os membros da estrutura residencial.

Os valores têm um papel central no tipo de organizações a que se destina este manual: a força e a motivação de quem nelas trabalha vêm, em parte, da crença moral na qualidade e na virtude do seu trabalho. Mas ter valores não se resume a enunciar máximas bonitas. Mais do que proclamados, os valores têm de ser **postos em prática por todos no dia-a-dia**.

Há três valores que devem estar presentes em todas as organizações:

- **Identificação clara dos direitos e deveres de todos os membros**, em particular os que têm responsabilidades de gestão. Questões como a estrutura da organização, a distribuição de responsabilidades, quem deve ser consultado quando e porquê, o modo como os decisores devem justificar as suas decisões e perante quem, devem estar, à partida, claramente esclarecidas.
- **Probidade**, ou seja, exactidão e rigor em todos os actos de gestão.
- **Transparência**, que passa por conduzir a actividade de forma aberta e acima de qualquer suspeita. Só assim uma estrutura residencial será vista como ética e justa.

Há duas condições cruciais para que os valores tenham relevância e utilidade, serem **próprios e definidores da organização** e serem **defendidos e praticados** por todos os membros da mesma.

### 3. Visão

Já vimos que o objectivo comum de quantos fazem parte de uma estrutura residencial deve ser o cumprimento de determinada **missão**. Para tal, há que ter a noção dos resultados que desejamos e de como pretendemos alcançá-los. Só assim podemos distribuir racionalmente recursos, tempo e energia.

Uma organização com **visão** sabe claramente o que ambiciona vir a ser a médio prazo. Ter **visão** é saber como queremos **passar a missão à prática**.

Para ser eficaz, a **visão** deve ser:

- **concisa**, não retórica, fácil de apreender, como um slogan;
- **equilibrada**, capaz de um efeito mobilizador interno, mas reflectindo o impacto no exterior de forma clara;
- **apelativa** para todos os interessados, sem privilegiar uns em detrimento de outros (ex.: os residentes, os familiares, o Estado);
- **consistente** com a missão e os valores, pois se assim não for, não ajudará a cumprir aquela com base nestes;
- **verificável**, isto é, formulada de forma que permita perceber quando foi alcançada. Não servem, pois, máximas vazias de significado concreto, tais como “ser uma organização de referência”. Todavia uma meta como “conseguir que todos os quartos sejam individuais no prazo de cinco anos” é de verificação fácil e clara;
- **realizável**, por mais ambiciosa que seja. Para que não se torne num sonho inalcançável, deve basear-se num conhecimento adequado da estrutura residencial e do meio envolvente;
- **inspiradora**, ou seja, deve representar um futuro desejável, para que todos os membros abracem a causa de lutar por esse futuro.

Uma visão bem definida transmite uma mensagem a toda a organização e dá energia a todos os seus membros, influenciando na sua forma de agir.

## 4. Estratégia

Definidas a missão, os valores e a visão, estamos em condições de definir uma estratégia. A **estratégia** é um conjunto de grandes orientações para a gestão da estrutura residencial. Ela tem de especificar a forma e os calendários de obtenção dos objectivos estabelecidos na missão.

O trabalho de todos os colaboradores da estrutura residencial é, no fundo, **implementar a estratégia**. Para isso acontecer, duas condições fundamentais têm de estar satisfeitas:

- é preciso **transmitir a missão, a visão e a estratégia a toda a comunidade**, o que nem sempre é fácil e exige atenção e cuidado constantes;
- é importante poder **medir, a cada instante, o grau de cumprimento dos nossos objectivos**.

Não podemos acreditar que o facto de prestarmos um serviço na área social, qualquer que seja a nossa estratégia, será o suficiente para garantir a prestação efectiva de um serviço de qualidade. É preciso fazer o acompanhamento da estratégia, para que, a cada passo, saibamos se estamos a cumprir o que nos propusemos – missão, visão e valores.

**Tão importante como a definição de uma estratégia é a sua implementação.** Temos que ser capazes de medir essa implementação, criando para tal um sistema de gestão do desempenho que esclareça as operações que se levam a cabo na estrutura residencial.

Uma organização não pode avaliar a sua actividade tendo apenas como critério a “saúde financeira”. Uma estratégia define-se a partir da missão e da visão e a sua adequação mede-se pelo grau de cumprimento dos objectivos que a missão e a visão estabelecem.

Existe um modelo chamado *balanced scorecard* que sendo um **sistema de medição, gestão estratégica e comunicação**, pode ser útil para medir o grau de cumprimento da nossa missão – ver anexos.

## 5. Cultura ética

As estruturas residenciais devem ser especialmente rigorosas nas questões de ética. Deve haver uma **cultura de respeito por princípios claros e sólidos**, que leve todos os colaboradores a agir de forma ética. Essa postura deverá ser vista como **natural** dentro da organização, isto é, os seus colaboradores devem agir eticamente, não para evitar consequências negativas, mas porque adoptam como intrinsecamente seus, os valores da ética e do respeito pelo próximo.

Para apoiar e reforçar essa cultura, é útil adoptar um **código de ética**. Este é um documento que estabelece as **bases do comportamento** dos colaboradores da estrutura residencial, dentro do contexto laboral, implantando **padrões normativos**. Deve respeitar a lei, mas **ir além dela**. O bom código de ética é aquele que não depende de factores religiosos, temporais ou circunstanciais: é **intemporal e universal**.

A criação de uma **cultura ética** evita atitudes **anti-éticas** e as suas consequências morais, sociais e legais. É um fortíssimo factor de **promoção de uma imagem pública positiva**.

## 6. Projecto institucional

As estruturas residenciais apesar de uma evolução significativa, ainda se encontram pouco viradas para novos modelos de intervenção, que privilegiem um **projecto institucional** dinamizador, orientador e respeitador dos projectos individuais das crianças e jovens que acolhem.

O projecto institucional deverá ser definido e organizado com base num horizonte temporal, mais ou menos longo, de acordo com a missão da organização, sua visão e valores. A estratégia implementada deve ser avaliada periodicamente adaptando-se as necessidades emergentes, mas incluindo:

- a história do estabelecimento
- o ambiente geográfico, sanitário e outros
- as grandes orientações respeitantes, nomeadamente:
  - > actividade a desenvolver
  - > tipo de destinatários
  - > projecto médico e paramédico
  - > projecto de hotelaria
  - > projecto de comunicação
  - > projecto de animações

Este projecto deve passar por uma discussão alargada com todos os interessados, incluindo as crianças ou jovens, visando a melhoria da qualidade de vida, do funcionamento diário da estrutura residencial e a valorização dos recursos humanos no exercício das suas funções quotidianas.

Neste Manual procuramos dar um contributo para uma reorganização das estruturas residenciais no sentido de virem a organizar-se com base num **projecto institucional**, que defina as grandes linhas a que deve obedecer todo o funcionamento da estrutura residencial, procurando uma actuação que tenha em vista **a melhoria da qualidade de vida das crianças e jovens acolhidas**, uma prática estruturada em princípios éticos de respeito pelos direitos das pessoas e pela criação de condições para a concretização dos seus projectos de vida.

## 7. Avaliação

Os órgãos directivos devem promover a avaliação da estrutura residencial de forma regular e contínua. Só assim se pode perceber se a estrutura residencial está a promover a qualidade de vida dos residentes e a proporcionar bom ambiente de trabalho aos colaboradores. Constituindo objectivo fundamental que o processo de avaliação funcione como um mecanismo de auto-regulação dos serviços prestados, com vista contribuir para o desenvolvimento de formas sustentáveis de profissionalidade e de actuação de qualidade, as estruturas residenciais deverão recorrer a métodos e a instrumentos diversificados de auto-avaliação, que se conjuguem e complementem com avaliações realizadas por entidades externas.

### Avaliação interna (horizontal e vertical)

A estrutura residencial desenvolve a suas actividades com base num **plano de acção** estabelecido anualmente. Este documento contém os objectivos que a estrutura residencial se propõe concretizar. Nele se inscrevem não só as acções que visam a satisfação das necessidades dos residentes, como também os aspectos relativos aos recursos: recrutamento, admissão, formação e promoção dos colaboradores e as acções de conservação, beneficiação e remodelação da estrutura residencial. O plano de acção deve ser do conhecimento de todos os intervenientes na organização, de modo a que saibam em que medida devem contribuir para a sua concretização.

Ao calendarizar as acções previstas no plano, devem-se definir **momentos de monitorização** dos resultados obtidos, para se poder corrigir desvios que possam surgir. Além disso, é necessário estabelecer **indicadores de avaliação** do plano, ou seja, instrumentos que permitam comprovar se as metas estabelecidas foram, ou não, atingidas, bem como os elementos (internos e externos) que para tal contribuíram.

Os indicadores podem ser elementos que permitem a verificação objectiva - medidas específicas (explícitas) e verificáveis - das alterações ou resultados de uma actividade, mas podem também se mais subjectivos, como o grau de satisfação dos residentes, bem como dos diversos agentes que trabalham com estrutura residencial ou com ela colaboram. Devem ser escolhidos indicadores que permitam comparações com anos anteriores, mas podem também introduzir-se elementos menos estruturados e que sejam novos, para avaliar dimensões mais ligadas às relações interpessoais ou outras mais subjectivas, mas que também contribuem para o conhecimento e a melhoria do funcionamento das instituições. Entre esses indicadores, contam-se, por exemplo, o grau de auto-motivação e de empenhamento para além do estritamente funcional, incluindo a participação activa na sugestão e desenvolvimento de novas formas de intervenção para situações mais complexas. A qualidade do relacionamento interpessoal constitui também um indicador de relevo.

A avaliação do plano de acção deve contar com a participação de todos os intervenientes. A estrutura residencial deve elaborar questionários destinados aos residentes e seus familiares, que permitam aos mesmos participar na avaliação da estrutura residencial e dos serviços prestados. Os resultados desses inquéritos devem ser tidos em conta na avaliação e sequente implementação das mudanças que se mostrarem necessárias.

## Avaliação externa

A avaliação externa por entidade devidamente certificada é fundamental para o conhecimento pela própria estrutura do grau de qualidade da sua intervenção e a adopção de medidas apropriadas para detectar e corrigir deficiências e melhor perspectivar o progresso do projecto institucional.

Por outro lado a confiança da comunidade e correspondente apoio depende em elevado grau do conhecimento da abertura da estrutura residencial à avaliação externa e da divulgação dos seus resultados. Pode contribuir para que se optimizem o papel da estrutura na comunidade e a relação com esta.

Essa relação é vantajosa, por um lado porque permite à estrutura residencial beneficiar do respeito e apoio da comunidade, nela encontrando recursos; por outro porque a estrutura residencial, quando de qualidade, pode constituir um estímulo positivo para a cultura da comunidade na vertente do respeito e promoção dos direitos das pessoas em situações de vulnerabilidade e no desenvolvimento de correspondentes intervenções de cidadania activa. Assim, é desejável que, periodicamente, a estrutura residencial possa conhecer em que medida está a ser útil para a comunidade e que opinião tem dela as pessoas que a integram. Dai que na avaliação externa se possa recorrer a questionários e/ou entrevistas a efectuar na comunidade com este objectivo



- Brazel, Tom e Sparrow, JD (2004) *A criança e o Sono*. Editorial Presença: Lisboa
- Casa Pia de Lisboa (2000). *Manual de Gestão e Funcionamento dos lares*. Lisboa
- Cordeiro, Mário (2003). *Venha conhecer o Lobo Mau*. Ed. Publisher Equipa: Lisboa
- Cordeiro, Mário (2004). *Dos 0 aos 15 – Adolescentes e adolescências (vol I e II)*. Ed. Publisher Team: Lisboa
- Department of Health and Children (2003) National Standards for Foster Cares – Children's Homes Regulation, Republic of Ireland. Dublin
- Direcção Geral de Saúde (2002). *Manual de Boas Práticas em Saúde Oral para quem trabalha com crianças e jovens com necessidades de saúde especiais*. Divisão de saúde escolar. Lisboa.
- Gleitman, H. (1993). *Psicologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gomes-Pedro, JC et al. (2005). *Mais criança as necessidades irredutíveis*. Ed. ACSM Lisboa 2005
- Gonçalves, M. J. (1981). *A criança e a família: algumas reflexões sobre organização afectiva e cognitiva*. Psicologia. II 2/3, Lisboa.
- ISSO DIS 9001:2000. Sistema de Gestão de Qualidade.
- Ministério do trabalho y asuntos sociales, Federación de Asociaciones para la Prevención del Maltrato Infantil, Manual de Buena Práctica para la Atención Residencial a la Infancia y Adolescencia – Estándares de calidad para la atención a niños y adolescentes en dispositivos residenciales. Madrid
- Patterson, James G. (1998). *Conceitos Fundamentais de Benchmarking – Á Procura de um Melhor Caminho*. Lisboa. Edições Monitor.
- Pressley Ridge Training and Development (1996). *Staff Introductory Training Program*. Pressley Ridge Schools. Pittsburgh, PA
- Santa casa da Misericórdia de Lisboa, Manual de Procedimentos para a organização do processo individual da criança/jovem. Direcção de Educação Formação e Acção Social – Direcção de Acolhimento e desenvolvimento de infância e juventude. Lisboa
- Silva, A e Gomes Pedro, J.(2005) *Nutrição Pediátrica - Princípios Básicos*. Ed. ACSM: Lisboa
- Stationary office Government of Ireland (2003). *The childrens book of foster care*. Dublin
- The Stationery Office (2002). *Children's homes – National Minimum Standards – Children's Homes Regulation*, Department of Health. London.
- The Stationery Office (2002). *Residential Special Schools – National Minimum Standards – Inspection Regulation*, Department of Health. London.

### Legislação:

Constituição da Republica Portuguesa de 2 de Abril de 1976

Código Civil Português aprovado pelo Decreto Lei n.º 473 444 de 25 de Novembro de 1966;

Código Penal – Aprovado pelo Decreto Lei n.º 48/95 de 15 de Março

Decreto-Lei n.º 133-A/97, de 30 de Maio – Define o regime de licenciamento e de fiscalização dos estabelecimentos e serviços de apoio no âmbito da segurança social

### Outra legislação de referência

Lei de bases da Segurança Social - Lei 32/2002 de 20 de Dezembro

Decreto-Lei n.º 119/83, de 25 de Fevereiro – Estabelece o Estatuto das Instituições Particulares de Solidariedade Social

Decreto-Lei n.º 89/85, de 1 de Abril (DR n.º 76, I Série)

Decreto-Lei n.º 402/85, de 11 de Outubro (DR n.º 234, I Série)

Decreto-Lei n.º 29/86, de 19 de Fevereiro (DR n.º 41, I Série)

Despacho Normativo n.º 75/92, de 20 de Maio (DR n.º 41, I Série B)

Lei n.º 101/97, de 13 de Setembro (DR n.º 212, I Série A)

Decreto-Lei n.º 171/98, de 25 de Junho (DR n.º 144, I Série A)

Decreto-Lei n.º 316-A/2000, de 7 de Dezembro – Aprova os Estatutos do Instituto de Solidariedade e Segurança Social.

Portaria n.º 778/83, de 23 de Julho – Aprova o Regulamento de Registo das Instituições Particulares de Solidariedade Social do âmbito da Segurança Social.

Decreto-Lei n.º 78/89, de 3 de Março – Aprova o Plano de Contas das Instituições Particulares de Solidariedade Social.

Despacho Normativo n.º 75/92, de 23 de Abril – Estabelece as normas reguladoras de cooperação entre os centros regionais de segurança social e as Instituições Particulares de Solidariedade Social.

Portaria n.º 63/96 de 28 de Fevereiro – Aprova o regulamento de Registo das Associações Mutualistas e das Fundações de Segurança Social Complementar.

Contrato Colectivo de Trabalho (CCT) entre a União IPSS e a Federação Nacional dos Sindicatos da Educação (FNE) e outros – Boletim Trabalho Emprego (BTE) n.º 2, de 15 de Janeiro de 1999.

Despacho Normativo n.º 31/2000, de 31 de Julho – Altera a alínea b) do n.º 1 da norma XVI e adita a alínea j) ao n.º 1 da mesma norma das “Normas reguladoras da cooperação entre os centros regionais de segurança social e as instituições particulares de solidariedade social”, aprovadas pelo Despacho Normativo n.º 75/92, de 23 de abril.

Despacho Normativo n.º 3663/99 (2.ª série), de 23 de Fevereiro – Estabelece a colocação de livros de reclamações nos Lares com gestão directa dos CRSS.

Despacho Normativo n.º 8818/98 (2.ª série), de 26 de Maio – Estabelece o modelo de alvará de licenciamento e o modelo de autorização provisória de funcionamento.

Despacho Normativo n.º 52/98, de 3 de Agosto – Altera o prazo para entrega do plano de adequação.

Decreto-Lei n.º 268/99, de 15 de Julho – estabelece a obrigatoriedade de uso de livro de reclamações pelos estabelecimentos incluídos no âmbito de aplicação do Decreto-Lei n.º 133-A/97.

Decreto-Lei n.º 18/89 de 11/1 e D 52/SESS/90 de 27/6 - Centro de Actividades Ocupacionais

Portaria n.º 776/99 de 30 de Agosto - Centro de Apoio Sócio-Educativo

Lei n.º 38/2004 de 18 de Agosto - Leis de Bases da Reabilitação e Deficiência

### **Acessibilidades**

Existe ainda legislação específica aplicada, por exemplo, a instalações e equipamentos que, por ser muito específica, não é aqui referida ou apenas se referem os seus requisitos principais quando se abordam os assuntos respectivos, mencionando-se apenas, a título de exemplo, o RGEU e o Decreto-Lei n.º 123/97, de 22 de Maio.

### **Encargos familiares:**

Decreto Regulamentar n.º 14/81, de 7 de Abril (educação especial)

Decreto-Lei n.º 133-B/97, de 30 de Maio, com a redacção dada pelo Decreto-Lei n.º 341/99, de 25 de Agosto

Decreto Regulamentar n.º 24-A/97, de 30 de Maio, com a redacção dada pelo Decreto Regulamentar n.º 15/99, de 17 de Agosto

Decreto-Lei n.º 208/2001, de 27 de Julho (Complemento Extraordinário de Solidariedade)

Despacho n.º 10-I/SESS/2001 (Majoração do montante a partir do 3.º descendente)

Decreto-Lei n.º 250/2001, de 21 de Setembro

Decreto-Lei n.º 176/2003, de 2 de Agosto (Novo regime jurídico da protecção nos encargos familiares)



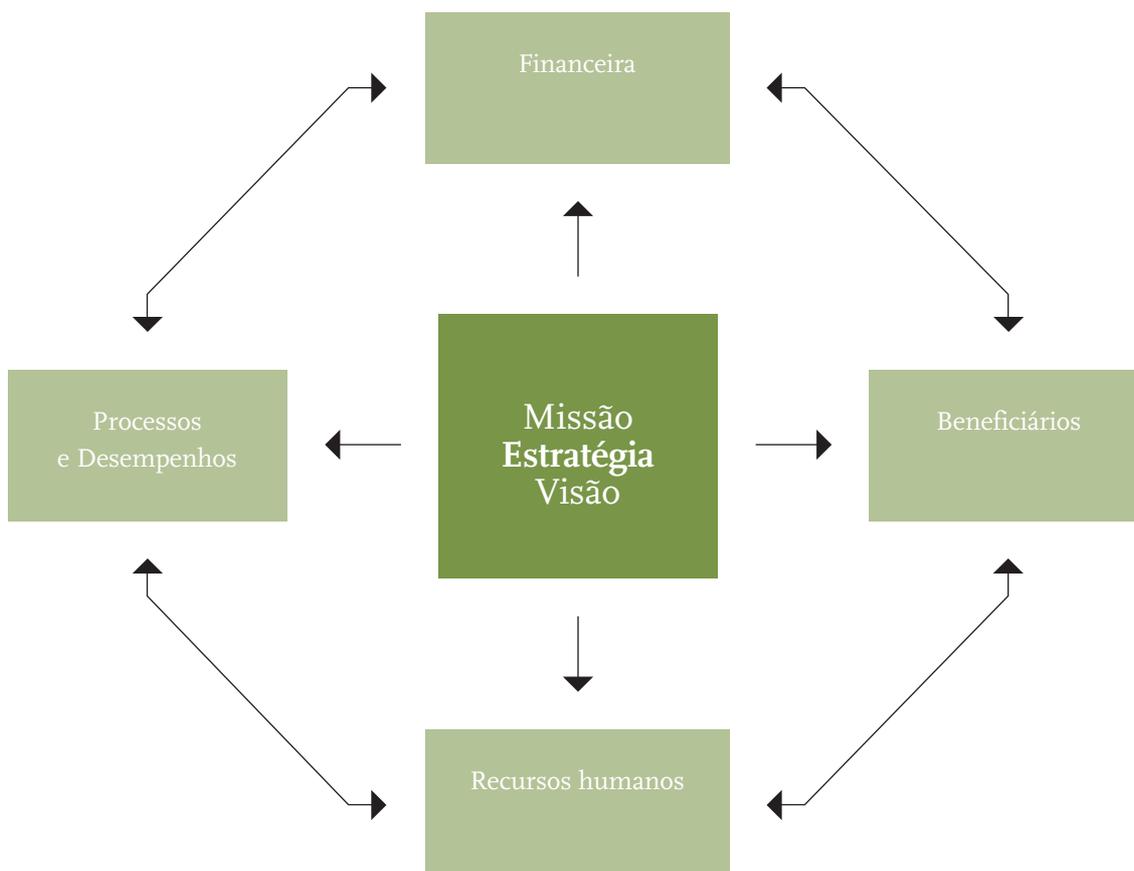
## O modelo de *balanced scorecard*

Este modelo pode ser útil para medir o grau de cumprimento da nossa missão. Trata-se de um conjunto de medidas quantificáveis, cuidadosamente seleccionadas, e que derivam da estratégia organizacional. É, pois, uma ferramenta para comunicar aos colaboradores – voluntários e remunerados – e aos agentes externos os resultados e indicadores de desempenho da estrutura residencial. É, então, um **sistema de medição, gestão estratégica e comunicação**.

Nessa medição, há que ter em conta várias dimensões dentro da organização (no nosso caso, da estrutura residencial). Os criadores do modelo *balanced scorecard* definiram **quatro dimensões a analisar. São elas:**

- dimensão cliente/beneficiário: refere-se as crianças e jovens, aqueles a quem estrutura residencial serve e cujas necessidades procura satisfazer;
- dimensão processos internos: refere-se à acção propriamente dita (neste caso, a prestação de cuidados), traduzida na execução do serviço para o qual a estrutura residencial foi criada. É o que nos aproxima do cumprimento da missão;
- dimensão recursos humanos: as estruturas residenciais dependem muito da capacidade, dedicação, motivação e competência dos seus colaboradores, remunerados e voluntários. Há três áreas particularmente importantes: competência dos colaboradores, circulação da informação necessária à tomada de decisões e o ambiente da estrutura residencial;
- dimensão financeira: nenhuma organização funciona sem recursos financeiros. São eles que possibilitam a acção, embora também a limitem. Uma boa gestão financeira é a que faz com que os recursos existentes sejam utilizados em benefício do maior número de crianças e jovens (residentes).

Graficamente, podemos traduzir o modelo de *balanced scorecard* da seguinte forma:



Tendo por base a missão da estrutura residencial, há que avaliar, dentro de cada uma destas dimensões, quais os factores que permitem perceber se estamos ou não a caminhar no sentido de alcançar a visão que nos propusemos e como podemos melhorar os resultados em cada dimensão. São os chamados **factores críticos de sucesso**.

Não basta, porém, identificar esses factores. Temos também que definir, para cada um deles, **medidas e indicadores** que permitam avaliar o grau de cumprimento dos objectivos, de forma quantitativa. Só depois de feita essa avaliação podemos definir um plano de acção e implementar medidas para atingir as nossas metas.



### Que medidas podemos adoptar nas quatro dimensões que definimos?

**Dimensão cliente/beneficiário.** A primeira questão é saber o que é que as crianças e jovens precisam e esperam de nós. As estruturas devem criar sistemas que permitam auscultar os residentes, como por exemplo uma comissão de residentes.

Os indicadores desta dimensão podem ser a satisfação das crianças e jovens com o tratamento físico e emocional que recebem, a atenção e o carinho dispensados, a dignidade humana do serviço, a educação e a formação contínuas, as actividades e responsabilidades que lhes são atribuídas, o estímulo intelectual, a higiene ou o convívio.

A forma mais adequada de obter informação fiável acerca destes aspectos é o inquérito de satisfação as crianças e jovens. É importante perceber quais as actividades que estes mais valorizam e criar formas inovadoras de lhas fornecer.

**Dimensão processos internos.** A qualidade do serviço prestado é um aspecto fulcral. Muito embora cada estrutura residencial seja única e tenha o seu conjunto de práticas e desempenhos, há que estabelecer padrões de comportamento que sejam os melhores e os mais adequados na prestação de cuidados. Para esta dimensão, é muito útil aplicar as medidas e objectivos incluídos neste manual de boas práticas.

Podemos e devemos medir o grau de inovação das respostas que damos as crianças e jovens. Até que ponto temos apostado em soluções inovadoras e positivas como o convívio **com outras estruturas de acolhimento, as parcerias com outras instituições congéneres ou com âmbito de intervenção diferente, a participação das nossas crianças e jovens em iniciativas da comunidade?**

Importa também reflectir sobre as parcerias que a estrutura residencial estabelece com a comunidade – acções de mecenato, angariação de fundos, parcerias com escolas e associações locais, **intercâmbio a nível de actividades ou programas culturais**, voluntariado e outras.

**Dimensão recursos humanos.** Devemos adoptar medidas que envolvam todos os membros da estrutura residencial, já que os recursos humanos são a base do serviço prestado. Tudo passa pela

qualidade humana dos colaboradores. As medidas a adoptar passam por respostas a questões como:

- Que formação estamos a proporcionar aos nossos colaboradores? Que competências ou comportamentos específicos esperamos deles em consequência dessa formação?
- Como recrutamos e seleccionamos os nossos colaboradores remunerados e voluntários? Que precauções estamos a tomar para evitar contratações negligentes e prevenir abusos e maus-tratos às crianças ou jovens?
- Que estratégia temos para manter na estrutura residencial os colaboradores mais bem qualificados?
- Até que ponto há comunicação dos objectivos, meios, restrições e resultados aos colaboradores?

À semelhança da perspectiva do beneficiário, também aqui poderão utilizar-se inquéritos de satisfação aos colaboradores, para além de indicadores objectivos, como as taxas de absentismo.

**Dimensão financeira.** Importa medir o equilíbrio entre eficácia do serviço prestado e eficiência de custos. Podem desenvolver-se indicadores de custo de serviço, de comparticipação do estado, de custos de funcionamento, entre outros. Por exemplo: que percentagem das receitas provém de acções de angariação de fundos? Qual a disponibilidade mensal de cash flow? Conseguimos manter um deficit zero no final do ano? Conseguimos que a variação entre as projecções orçamentais e a execução verificada seja igual ou menos que 15%?

# Estratégia

*Dimensões*

Beneficiário  
(residente)

Processo

R. Humanos

Financeira

*Factores Críticos  
de Sucesso*

Satisfação das  
necessidades

Parceria com  
a comunidade

Atitudes/  
Comportamentos

Custo de  
Financiamento

*Indicadores*

- Nível do serviço  
(pode-se criar  
uma escala de  
avaliação mensal  
a ser preenchida)

- Número de  
actividades  
realizadas a favor  
ou/com a  
comunidade

- Nível de  
conhecimentos
- % de absentismo
- Inquérito de  
satisfação

- Déficit zero anual
- Custos /Serviços

*Plano  
de Acção*

Responsabilização e Planos de Acção para atingir metas

Cada estrutura residencial deverá construir o seu *balanced scorecard* com o envolvimento da Direcção técnica, mas este é um trabalho que não deve esperar pela perfeição para ser implementado. O *balanced scorecard* é um instrumento que pode estar em permanente transformação, isto é, pode ser melhorado e alterado com o tempo, à medida que vamos tendo mais informação e aprendemos os processos.

Para cada medida definida no *balanced scorecard* deve haver objectivos quantificados. São estes objectivos que permitem efectuar uma avaliação do desempenho das instituições, nas suas diversas categorias, bem como o estabelecimento de planos de melhoria para o futuro.

Recordemos algumas vantagens da implementação do *balanced scorecard*:

- traduz a estratégia em objectivos e acções concretas;
- estabelece indicadores do cumprimento dos objectivos em todas as dimensões da estrutura residencial;
- proporciona uma visão sistematizada do desempenho;
- permite avaliar e actualizar a estratégia;
- facilita a comunicação de objectivos estratégicos aos colaboradores;
- fomenta uma cultura de aprendizagem e melhoria contínua;
- fomenta a atribuição de incentivos em função do desempenho individual e da contribuição de cada um para a obtenção de resultados.



# FICHA DE OCORRÊNCIA DE INCIDENTES . 2

**CATEGORIA DO INCIDENTE** Assinale todas as que se apliquem:

Data do incidente:

Hora:

Local:

Residente/colaborador

Apelido:

Nome:

## 1. Agressão Física para com:

Colaboradores

Residentes

Si Próprio

Propriedade (bens)

Dano estimado em: €

Outros (especifique):

## 2. Intervenção Física

Escolta

Contenção parcial

Contenção em crise

Duração: minutos

## 3. Ausência sem comunicação

Local desconhecido

Localizado, sem ter ainda regressado

Regresso à instituição

Duração da Ausência: minutos

## 4. Dano/violência no residente infligido por:

Acidente

Si próprio

Outro residente

Colaborador da residência

Outros (especifique):

## 5. Medicação

Ataque/dominação

Erro de medicação

Emergência por doença ou violência

Recusa na toma de medicação

## 6. Suicídio

Conceptualização verbal

Ameaça verbal

Tentativa ou gesto físico

## 7. Ingestão de Substâncias

Suspeita ou observada

Admitida pela residente

Medicação documentada

# FICHA DE OCORRÊNCIA DE INCIDENTES . CONTINUAÇÃO

## 8. Comportamentos Sociais Negativos

- Ameaça
- Contacto policial
- Ameaças Verbais
- Outros (especifique):

## 9. Abuso Sexual/comportamento impróprio para com:

- Residente
- Colaborador
- Outros (especifique):

## 10. Alegação de abusos para com:

- Colaboradores
- Residentes
- Membro da Família
- Outros (especifique):

## 11. Tipo de Alegação

- Físico
- Sexual
- Negligência
- Outros (especifique):

## 12. Ficha de ocorrência enviada:

- Não vai ser investigado
- Decisão de investigação pendente
- Vai ser investigado

## 13. Acções negativas por parte de colaboradores

- Verbal contra residente
- Física contra residentes
- Outros (especifique):

## 14. Colaboradores magoados:

- Durante o processo de contenção
- Infligido pelo Residente
- Outros (especifique):

## 15. Fonte da Informação

- Observada pelos colaboradores
- Residente
- Outros (especifique):

## Assinaturas

Colaborador	Director(a) Técnica	Residente	Outros:
ass:	ass:	ass:	ass:
data	data	data	data

# AVALIAÇÃO DE UMA OCORRÊNCIA

## ANTECEDENTES

Descreva os Antecedentes ou condições relevantes em que ocorreu o incidente


## COMPORTAMENTO

Descreva o comportamento do Residente, Colaboradores e outros


## COMPORTAMENTO

Descreva todas as intervenções imediatas e as suas consequências


## MEDIDAS TOMADAS OU A SEREM TOMADAS FACE AO OCORRIDO

Notificação Policial

Notificação Policial

Exame Médico

Comunicação Família/Pessoa de referência

Esta ficha foi preenchida por:

Função:

Informação recolhida ou presenciada por:

Caso seja um(a) colaborador(a) indique a função:

Observações:

# Manual de Boas Práticas

Um guia para o acolhimento residencial das crianças e jovens



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Social Europeu